



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

ANDRÉA SILVA DE MELO

AS “DONAS” DA FEIRA: vivências de boeiras do Ver-o-Peso em Belém/PA

BELÉM-PA
2026

ANDRÉA SILVA DE MELO

AS “DONAS” DA FEIRA: vivências de boeiras do Ver-o-Peso em Belém/PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia e Antropologia.

Linhas de Pesquisa: Ética, trabalho e sociabilidades e Gênero, geração e relações étnico-raciais

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Ribeiro de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Luísa Maria Silva Dantas

BELÉM-PA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M528d Melo, Andréa Silva de.
 As “donas” da feira : vivências de boeiras do Ver-o-Peso em
 Belém/PA / Andréa Silva de Melo. — 2026.
 189 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof^ª. Dra. Daniela Ribeiro de Oliveira
 Coorientação: Prof^ª. Dra. Luísa Maria Silva Dantas
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-
 Graduação em Sociologia e Antropologia, Belém, 2026.

 1. Informalidade. 2. Boeiras. 3. Ver-o-Peso. 4. Belém. 5.
 Amazônia. I. Título.

CDD 381.186098115

ANDRÉA SILVA DE MELO

AS “DONAS” DA FEIRA: vivências de boieiras do Ver-o-Peso em Belém/PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia e Antropologia.

Linhas de Pesquisa: Ética, trabalho e sociabilidades e Gênero, geração e relações étnico-raciais

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Ribeiro de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Luísa Maria Silva Dantas

Data da aprovação: 06 de março de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Ribeiro de Oliveira – Orientadora
PPGSA/FACS/UFPA

Profa. Dra. Luísa Maria Silva Dantas – Coorientadora
PPGSA/FACS/UFPA

Prof. Dr. Guillermo Stefano Rosa Gómez – Examinador Externo
PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Carlos Freire da Silva – Examinador Interno
PPGSA/FACS/UFPA

Profa. Dra. Patrícia da Silva Santos – Examinadora Interna Suplente
PPGSA/UFPA

Aos meus pais, pelo incentivo, força e
inspiração em acreditar que todos os sonhos
são possíveis de serem realizados.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos meus ancestrais, pelas bênçãos e forças para prosseguir no caminho que trilharam para mim, porque mesmo nos momentos mais difíceis, Eles sempre estiveram comigo, me guiando e me ensinando a sempre seguir em frente para realizar meus sonhos.

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Andréa de ontem e de hoje, pois não existem palavras que descrevam as emoções e momentos que eu vivi nesses tempos, principalmente em meio à pandemia da Covid-19 e depois do Acidente Vascular Cerebral (AVC) da minha mãe. Sou uma mulher negra que descobriu sua força e coragem, diante de uma trajetória de dor e aprendizado, mas que agora está pronta para qualquer batalha.

Aos meus pais, Ivan Melo e Mercês Silva, pelo incentivo de sempre nos estudos. Desde criança, eles me ensinaram a importância da educação como um instrumento de transformação de vidas. Sempre nós três até o fim!

À Dona Marta, que chegou em nossas vidas depois do AVC da mamãe para nos ajudar, e tem sido uma grande amiga em todos os momentos e situações, me ajudando também nas perguntas sobre a história da feira do Ver-o-Peso.

À minha psicóloga, Ana Paula Monteiro Leite, que me acompanha há anos e sempre me deu força em todas as decisões e situações, e à minha psiquiatra Ana Carolina Mendes que, em pouco tempo, também me ajudou a encarar meus problemas com otimismo e firmeza.

Às minhas amigas que a UFPA me deu, Vitória Esteves, Luiza Pessoa e Martha Jares, por todo o apoio, amizade e parceria no mundo acadêmico e profissional.

Ao meu grupinho de amigas que o Mestrado me deu, Bianca Tsubaki, Layse Costa, Letícia Cardoso, Manoela Karipuna, Victória Costa, Elisa Gonçalves e Artemisa Pimenta, por compartilharmos nossas dúvidas, medos, incertezas e alegrias que nossas pesquisas têm nos dado. À força feminina que nos une!

Às minhas amigas de longa data, Luanna Saraiva e Manuela Alves, pela paciência e companheirismo quando pedi que me acompanhassem no campo. Mesmo sem entender, elas seguraram minhas mãos e confiaram no meu trabalho e em mim, mais do que eu. Amo vocês!

Aos professores do PPGSA, por todo o ensinamento e aprendizado que eu vivi no Mestrado, foram dias de muita reflexão sobre a vida e a sociedade, e à UFPA, por ser essa grandiosidade de vivências e experiências que nos preparam para enfrentar o mundo.

À minha orientadora, Daniela Oliveira, e à minha coorientadora, Luísa Dantas, por todo o carinho, paciência e acolhimento dentro e fora da academia. Mulheres incríveis que eu admiro muito e agradeço a Deus e aos meus guias por terem escolhido vocês para me orientarem.

Às boieiras interlocutoras da pesquisa, que compartilharam comigo suas vivências e que me ensinaram a serem donas de suas próprias histórias.

Ao Ver-o-Peso, por ser esse encontro de saberes e sabores ancestrais e amazônicos que faz parte da minha vida e da história de cada belenense. Tenho orgulho de ser paraense que transborda no meu coração.

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas” (Audre Lorde, 1984).

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como objetivo conhecer as vivências de boeiras – que são mulheres que trabalham no setor alimentício e, predominantemente, pobres e negras – do Ver-o-Peso em Belém/PA diante do evento crítico da Covid-19 e do megaevento da COP 30, que foi realizada na capital em novembro de 2025. Foram realizadas entrevistas com doze trabalhadoras da feira do Ver-o-Peso, sendo uma do setor de polpas e sucos, uma do setor de refeição do calçadão da Castilhos França e dez boeiras, que são objeto do estudo e das quais cinco são donas de boxes e cinco são funcionárias de boxes no período compreendido de 2022 a 2024. Assim, buscamos, especificamente, mostrar que a pandemia desencadeou a interrupção das atividades laborativas e o fechamento do local, incidindo também sobre a atuação do Estado, por meio de políticas públicas de saúde e emprego, sobretudo durante o auge pandêmico. A adoção de estratégias de sobrevivência foi de suma importância para essas trabalhadoras, que são responsáveis por suas famílias e por seus locais de trabalho, como o trabalho escondido e a entrega de refeições por *delivery* e/ou aplicativos, que geraram estranhamento com o mundo digital e que a despeito dos auxílios fornecidos pelos governos municipal, estadual e federal, não foram capazes de suprir a renda familiar adquirida pelo trabalho constante e precarizado na feira. Com a notícia da escolha da cidade para ser a anfitriã da COP 30, a cidade de Belém passou por uma série de medidas preparativas como intervenções e reformas urbanas, principalmente na região central, onde está localizado o Ver-o-Peso, que consequentemente acarretaram no realojamento de vários setores e feirantes do lugar para um espaço provisório denominado de “Feira Provisória”, inclusive o setor das boeiras, causando conflitos e problemáticas, referentes ao novo local, à temperatura, modo de trabalho e sociabilidade. Apesar disso, as feirantes almejam um futuro melhor para a feira após a Cúpula do Clima que colocou a cidade em evidência internacional, mas também um futuro melhor para elas, como a conquista de seus boxes, trabalhar em outros lugares, obter a casa própria, descansar e ter mais tempo com suas famílias. Esse estudo socioantropológico é uma contribuição às pesquisas sobre comércio e feiras populares, abordando a questão de gênero e demais interseccionalidades que norteiam as vidas de boeiras no Ver-o-Peso, e adotou como perspectiva metodológica a análise qualitativa de inspiração etnográfica, utilizando roteiro semiestruturado, junto a feirantes do Ver-o-Peso e suas associações, aos órgãos de fiscalização e organização, além de outras fontes mobilizadas, como dados oficiais dos governos, das mídias jornalísticas e de institutos de pesquisa.

Palavras-chave: Informalidade; Boeiras; Ver-o-Peso; Belém; Amazônia.

ABSTRACT

This master's dissertation aims to know the experiences of women food workers – these are women who work in the food sector and are predominantly poor and black - at the Ver-o-Peso fair in Belém, Pará, in the face of the critical event of Covid-19 and the mega-event of COP 30, which was held in the capital in November 2025. Interviews were conducted with twelve women food workers at the Ver-o-Peso fair: one from the fruit and juice sector, one from the food sector on the Castilhos França promenade and ten female vendors (boieiras), who are the subject of the study. Of these, five of whom own stalls and five are stall employees, during the period from 2022 to 2024. Specifically, we seek to show that the pandemic triggered the interruption of activities and the closure of the venue, also impacting the government's actions through public health and employment policies, especially during the pandemic peak. The adoption of survival strategies was of paramount importance for these women workers, who are responsible for their families and their workplaces. Such strategies as working in secret and delivering meals via delivery services and/or apps generated a sense of estrangement from the digital world. Despite aid provided by municipal, state and federal governments, they were unable to provide the family income earned through constant and precarious work at the fair. With the news that the city had been chosen to host COP 30, the city of Belém underwent a series of preparatory measures, including urban interventions and reforms, particularly in the central region, where Ver-o-Peso is located. This consequently led to the relocation of several sectors and vendors to a temporary space called “Provisional Fair”, including the women food workers sector, causing conflicts and problems related to new location, temperature, work patterns and social interactions. Despite this, the women food workers aspire to a better future for the fair after the Climate Summit, which brought the city international attention, but also a better future for themselves, such as acquiring their own stalls working in the locations, owning their homes, resting and having more time with their families. This socio-anthropological study contributes to research on commerce and popular fairs, addressing gender issues and other intersectionalities that guide the lives of female vendors at Ver-o-Peso. The methodological approach adopted was qualitative analysis inspired by ethnography perspective, using a semi-structured interview guide, in collaboration with Ver-o-Peso women vendors and their associations, regulatory and organizational bodies and other sources, such as official government data, news media and research institutes.

Keywords: Informality; Women food workers; Ver-o-Peso; Belém; Amazon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ilustração sobre o Complexo do Ver-o-Peso baseada na cartografia do IBGE (2017) comparada com a imagem do local.....	20
Figura 2 – Observações/Anotações em guardanapos de papel.....	23
Figura 3 – Fotografia de pôster publicado pelo NUMA (Núcleo de Meio Ambiente/UFPA) da estação São Brás com a estrada de ferro Belém-Bragança.....	33
Figura 4 – Pintura de Theodoro Braga denominada “A fundação da cidade de N. Sra. De Belém do Pará”, 1908.....	39
Figura 5 – Mercado do Ver-o-Peso em 1875, por Felipe Fidanza (Coleção Gilberto Ferrez/Acervo do Instituto Moreira Salles).....	40
Figura 6 – Divisão dos bairros de Belém e a doca do Ver-o-Peso (século XVII e fim do século XVIII).....	41
Figura 7 – Antigo Boulevard da República, atual Boulevard Castilhos França, com vista dos armazéns externos da antiga Alfândega, localizados em frente ao antigo Convento dos Mercedários (Álbum Belém da Saudade, 1998).....	41
Figura 8 – Antigo Boulevard da República, atual Boulevard Castilhos França, ainda sem o Mercado de Ferro (final do século XIX e início do século XX) – Álbum Belém da Saudade, 1998.....	43
Figura 9 – Mercado de Ferro e Doca do Ver-o-Peso (Álbum de Belém, Pará, 15/11/1902).....	44
Figura 10 – Cartografia do Complexo do Ver-o-Peso.....	47
Figura 11 – Calçadão da avenida Boulevard Castilhos França em frente à feira do Ver-o-Peso.....	48
Figura 12 – A feira funcionando de manhã durante a chuva forte do inverno amazônico.	51
Figura 13 – Mercado de Ferro visto do setor de polpas e sucos do Ver-o-Peso.....	53
Figura 14 – Repórter com capa de chuva fazendo reportagem sobre o aniversário de Belém.....	54
Figura 15 – Entrega de casas e filas de inscrição para o Programa Sua Casa (Governo do Pará e COHAB).....	55
Figura 16 – Festejos do dia do aniversário de Belém.....	56
Figura 17 – Pessoas aglomeradas em filas para a distribuição das fatias de bolo do aniversário de Belém.....	57
Figura 18 – Festividades do aniversário de 396 anos do Ver-o-Peso.....	58
Figura 19 – Panfletos sobre a Carteira de Trabalho Digital e o Crédito Solidário do Banco do Povo de Belém.....	59
Figura 20 – Berlinda passando pelo Ver-o-Peso durante a Trasladação na noite de sábado que antecede o Círio.....	61
Figura 21 – Berlinda com a Santa passando pelo Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré..	62
Figura 22 – “Arrastão” do Círio realizado no sábado anterior à festividade religiosa do Círio.....	64

Figura 23 – Cerca que separa a Estação das Docas do Ver-o-Peso.....	87
Figura 24 – Apoio ajudando na organização das mesas e cadeiras no setor das boieiras..	89
Figura 25 – Cartilha sobre boas práticas de manipulação em serviços de alimentação elaborada pelo Departamento de Vigilância Sanitária (frente e verso).....	92
Figura 26 – Cartografia da localização do setor das boieiras na feira do Ver-o-Peso.....	100
Figura 27 – Açaí com peixe frito e os acompanhamentos: vinagrete, feijão e arroz.....	104
Figura 28 – As fotografias de Augusto Fidanza: “Vendedoras de frutas no Pará, a mulata e a afro-brasileira” (1869).....	105
Figura 29 – Mulher negra idosa retratada no documentário sobre o Ver-o-Peso.....	106
Figura 30 – A obra de Antonieta Santos Feio denominada de “Vendedora de Tacacá” (1937).....	107
Figura 31 – Imagem do jornal televisivo regional “O Liberal – 1ª edição” sobre a audiência de liberação de itens regionais nos espaços da COP 30.....	109
Figura 32 – Redes sociais no setor das boieiras (relações horizontais e/ou verticais de gerações e tradições familiares).....	113
Figura 33 – Movimentação interna no setor das boieiras com a apresentação de grupo musical de carimbó durante o horário do almoço em um dia de sábado.....	114
Figura 34 – Geladeira fechada e trancada com cadeado no setor das boieiras.....	115
Figura 35 – Vista para o setor das boieiras de dentro da feira do Ver-o-Peso.....	116
Figura 36 – Ambiente do setor das boieiras: ventiladores e mesas arrumadas.....	116
Figura 37 – Preparação de comidas e acompanhamentos nos boxes do setor das boieiras	117
Figura 38 – Funcionárias do setor das boieiras preparando os acompanhamentos antes do horário de almoço.....	117
Figura 39 – Parte interna do setor das boieiras (caixas de cerveja e boxes fechados).....	118
Figura 40 – Praça do Pelourinho no centro histórico de Belém no século XVIII.....	126
Figura 41 – Propaganda da COP 30 com o <i>slogan</i> “COP da Floresta” pelo Governo Estadual do Pará.....	150
Figura 42 – Área delimitada e denominada de “Polígono da COP 30”.....	151
Figura 43 – <i>Outdoor</i> de obras urbanas nas avenidas Boulevard Castilhos França e Generalíssimo Deodoro (bairro do Umarizal).....	152
Figura 44 – <i>Banner</i> do Governo do Estado do Pará e placas de interdição de obras no Ver-o-Peso.....	153
Figura 45 – Feira Provisória do Ver-o-Peso (entrada pela Boulevard Castilhos França)...	156
Figura 46 – Antes e depois (novas estruturas de boxes provisórios na Feira Provisória)..	157
Figura 47 – Entrada e parte de trás da Feira Provisória do Ver-o-Peso.....	158
Figura 48 – Parte de trás da Feira Provisória (perto do setor provisório da maniva).....	159
Figura 49 – Entrada do setor original das boieiras (plataforma) interditada para as obras no Ver-o-Peso.....	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Fases da pesquisa de campo.....	26
Tabela 2 – As atividades realizadas e os órgãos envolvidos.....	91
Tabela 3 – Ordem e numeração dos boxes distribuídos no setor das boeiras.....	102
Tabela 4 – Relação de trabalho das boeiras entrevistadas na pesquisa.....	111
Tabela 5 – Dados de boeiras entrevistadas que vivenciaram os tempos da pandemia da Covid-19.....	147
Tabela 6 – Ordem e numeração dos boxes distribuídos na Feira Provisória do Ver-o-Peso.....	157

LISTA DE SIGLAS

ADEPARÁ	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará
ADPF	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CNA	Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COHAB	Companhia de Habitação do Pará
COP 30	30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima
COPSAN	Coordenação de Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social
DEVISA	Departamento de Vigilância Sanitária
DFMP	Departamento de Feiras, Mercados e Portos
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DORT	Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho
FA	Feira do Artesanato
FAU ITEC	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
GATI	Grupo de Estudos e Pesquisas de Antropologias do Trabalho, Memórias, Cidades e Interseccionalidades
GEPT	Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INMET	Instituto Nacional de Meteorologia
IPCC	Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
JUCEPA	Junta Comercial do Estado do Pará
MDB	Movimento Democrático Brasileiro (partido)
MEI	Microempreendedor Individual
MPB	Música Popular Brasileira
NUMA	Núcleo de Meio Ambiente da UFPA
ObservaDHpa	Observatório Estadual de Direitos Humanos no Pará
OEI	Organização dos Estados Ibero-Americanos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OPAMET	Observatório Paraense do Mercado de Trabalho da Universidade Federal do Pará
PL	Partido Liberal
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPGSA	Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade

PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RMB	Região Metropolitana de Belém
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SECON	Secretaria Municipal de Economia (atualmente SEDCON – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico)
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESMA	Secretaria Municipal de Saúde
SETUR	Secretaria de Estado de Turismo do Pará
SEURB	Secretaria Municipal de Urbanismo
SRAG	Síndrome Respiratória Aguda Grave
SUS	Sistema Único de Saúde
TAP	Transportes Aéreos Portugueses
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNESCO	Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNFCCC	Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
O campo de pesquisa: dificuldades e obstáculos.....	19
Quando pesquisadora e pesquisa são afetadas pelo campo.....	22
Metodologia de pesquisa.....	24
CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO E A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES..	28
1.1 A categoria Amazônia construída através dos tempos: dos estereótipos generalizadores às particularidades existentes no território amazônico.....	29
1.2 As feiras livres como sinônimo de troca e expansão urbana na Amazônia Paraense.....	32
1.3 As feiras livres como lugar de representatividade cultural.....	33
1.4 As feiras livres e os atores sociais.....	35
1.5 “Um ponto de partida”: a história da cidade de Belém e do Ver-o-Peso.....	38
CAPÍTULO 2 – O COMPLEXO DO VER-O-PESO NA CONTEMPORANEIDADE.....	46
2.1 A experiência sensorial na feira: o lugar de cheiros, sons, saberes e sabores na região paraense.....	50
2.2 Os eventos acontecem aqui: as festividades e o Ver-o-Peso.....	53
2.2.1 O aniversário da cidade de Belém.....	54
2.2.2 O aniversário do Ver-o-Peso.....	57
2.2.3 Outras festividades: Círio de Nazaré e Arraial do Pavulagem.....	59
2.3 “Quem resolve tudo tá passando bem ali”: as secretarias, organizações e associações que compõem o Ver-o-Peso.....	64
2.3.1 Secretaria Municipal de Economia – SECON (atual SEDCON).....	65
2.3.2 Administradores.....	68
2.3.3 Institutos e Associações no Ver-o-Peso.....	70
2.4 A feira que nunca dorme: trajeto e dinâmica de trabalho do peixe e do açaí no Complexo do Ver-o-Peso.....	71
2.5 Circuito do comércio no Ver-o-Peso: a rede de fornecimento de alimentos na feira.....	74

2.6 “É a minha segunda casa!”: as relações sociais e de trabalho no Ver-o-Peso.....	75
2.6.1 A feira como lugar de pertencimento e afeto.....	77
2.6.2 O trabalho como sustento familiar: o viés econômico do Ver-o-Peso.....	78
2.6.3 A relação entre os feirantes e os fregueses.....	81
2.7 A feira e a mobilidade urbana.....	85
2.8 A segurança pública e a privada: a figura do “apoio” na proteção da feira.....	87
2.9 O trabalho na feira requer formação: o empreendedorismo, os cursos de manipulação de alimentos e de descartes de resíduos sólidos.....	89
2.9.1 Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).....	90
2.9.2 Oficinas sobre manipulação, higiene e descarte dos alimentos realizados pelo Poder Público.....	91

CAPÍTULO 3 – “AQUI TEM QUE SER MULHER FORTE”: AS RELAÇÕES DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES NO SETOR DAS BOIEIRAS DO VER-O-PESO.....

3.1 Violências, assédios e outras dificuldades em ser mulher na feira.....	97
3.2 O setor das boieiras: a tradição e a geração familiar na gastronomia amazônica paraense.....	100
3.2.1 A origem do nome e do setor na feira do Ver-o-Peso.....	101
3.2.2 Entre o passado e o presente: a relação da ancestralidade negra com a alimentação	104
3.2.3 As relações sociais e de trabalho: redes sociais e de pertencimento no setor das boieiras.....	110
3.2.4 Os concursos realizados e o reconhecimento da culinária paraense: a premiação de boieiras em eventos gastronômicos nacionais e internacionais.....	120
3.3 Mulheres negras e o trabalho informal: o conceito de “morenidade” na região amazônica.....	122
3.4 A chegada no setor e a rotina de trabalho das feirantes: a informalidade e o empreendedorismo no Ver-o-Peso.....	127
3.5 “É uma escola da vida”: vivências, sociabilidades e conflitos de donas e funcionárias boieiras do Ver-o-Peso.....	135
3.5.1 As donas de boxes no setor das boieiras.....	135
3.5.2 As funcionárias de boxes do setor das boieiras.....	136

CAPÍTULO 4 – AS INTERFERÊNCIAS E MUDANÇAS NO TRABALHO INFORMAL DO VER-O-PESO: A COVID-19 E A COP 30 EM BELÉM DO PARÁ.....	140
4.1 “Não teve trabalho, fechou”: A Covid-19 e as estratégias de sobrevivência de boieiras do Ver-o-Peso.....	141
4.2 Os auxílios recebidos pelas boieiras e cooperação entre as feirantes.....	145
4.3 “Pós-pandemia” e a Feira Provisória: a COP 30 em Belém e as reformas urbanas na feira do Ver-o-Peso.....	148
4.3.1 Os preparativos para a chegada da COP 30 na capital paraense.....	149
4.3.2 A Feira Provisória no Ver-o-Peso.....	155
4.4 O legado da COP 30: as expectativas de um futuro melhor para o Ver-o-Peso e para as feirantes.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS.....	169

INTRODUÇÃO

Entrei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará em meio à pandemia da Covid-19, o que me fez repensar sobre a minha existência e a sociedade em que vivemos, extremamente desigual e cruel com os mais necessitados que ainda lidam com as sérias consequências da herança colonial, racista e segregadora, que oprimem e vulnerabilizam determinados corpos em detrimento da proteção de outros. Assim, algo em mim despertou para todas essas questões junto com o medo e a angústia de não poder sair de casa, principalmente, no período de distanciamento/isolamento social.

Assim, um novo mundo se abriu para mim e foi o meu respiro e salvação em meio a tanta notícia triste em 2021, mas que também seria o começo de uma trajetória pessoal de autoconhecimento, respeito e empatia. Pude me identificar, me reconhecer e me entender, principalmente sobre as dificuldades e fragilidades que fazem parte da minha caminhada pessoal, além de ampliar meus conhecimentos sobre uma categoria que eu estudo desde a minha primeira graduação, em Direito: o trabalho.

Sob uma avalanche de notícias que a todo momento saíam sobre o número de contaminados e de óbitos pela doença, principalmente nos dois picos dos anos de 2020 e 2021, algo me chamou atenção: a classe trabalhadora que não pôde usufruir o isolamento social e, mais especificamente, a população negra que foi a mais afetada pela doença.

Nos empregos de carteira assinada e nos trabalhos não essenciais, que são categorias distintas, as atividades puderam ser exercidas na modalidade *home office* de acordo com as características próprias do trabalho e alcançaram somente determinada classe social privilegiada, geralmente de nível superior, demonstrando que a medida protetiva não estava disponível para todos e reforçando o que o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos (1979) apontou ainda na década de 1970, que a cidadania no Brasil atingia apenas os trabalhadores regulados.

Como consequência da crise sanitária, a informalidade aumentou nesse período em virtude da demissão em massa de trabalhos e empregos, além da falta de oportunidades em empregos formais. De acordo com o Relatório Especial¹ (2021) do Observatório Paraense do Mercado de Trabalho da Universidade Federal do Pará (OPAMET/UFPA), observou-se o aumento da taxa de informalidade durante o período da Covid-19 em 2020, chegando a 52,6%

¹ Para outros dados da pesquisa, acesse: <https://ascom.ufpa.br/links/outros/Relat%C3%B3rioEspecialOpamet.pdf>.

em setembro do mesmo ano. Além disso, o estado do Pará, no ano mencionado, alcançou a taxa de informalidade mais alta entre as regiões analisadas (Brasil, Região Norte e Estado do Pará), sendo mais da metade (52,61%) de pessoas trabalhando na informalidade.

Esses dados também se assemelharam na Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no quarto trimestre de 2024, em que o estado do Pará alcançou a maior taxa de informalidade² (57,6%) dentre as regiões Norte e Nordeste, que foram as maiores em taxa de informalidade, sendo que até o segundo trimestre de 2025³, o estado possuiu 2.120 mil pessoas ocupadas informalmente. Tanto os dados do relatório, como os dados da PNAD Contínua mostraram que a informalidade permanece como a principal ocupação dos paraenses.

No noticiário local, o Complexo do Ver-o-Peso foi mencionado pela Secretaria de Estado de Turismo (SETUR⁴, 2019), e também tradicionalmente considerado pelos paraenses, como a maior feira a céu aberto da América Latina, cujo está situado na Região Norte do Brasil e teve que paralisar as suas atividades durante a pandemia da Covid-19, deixando todos os feirantes às suas próprias sortes e tendo que adotar meios alternativos para sobreviver.

As feiras de Belém são um dos principais lugares que unem informalidade e população negra e, sendo assim, a feira do Ver-o-Peso foi escolhida como meu lugar de pesquisa, em que foquei nas feirantes mulheres, como forma de evidenciar as vivências de trabalhadoras ali presentes.

Inicialmente, escolhi um tema que interligasse a classe trabalhadora, racismo e pandemia da Covid-19 no Ver-o-Peso. Porém, identifiquei, junto com a minha orientadora Daniela Oliveira⁵ e a minha coorientadora Luísa Dantas⁶, que a classe trabalhadora é extensa, pois na feira existem vários tipos de trabalho e distribuídos por vários setores, então decidi especificar mais o alcance da pesquisa.

² “Entre as unidades da federação, a maior taxa de informalidade foi registrada no Pará (57,6%). Outros estados com taxas acima de 50% foram Maranhão (56,8%), Piauí (54,9%), Ceará (53,3%), Amazonas (52,1%), Bahia (51,2%) e Paraíba (50,1%)”. Para mais informações, acesse: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42707-em-2024-14-unidades-da-federacao-registram-a-menor-taxa-de-desocupacao-da-serie>.

³ Painei PNAD Contínua IBGE: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>.

⁴ “Comemoração ao 392º aniversário da feira do Ver-o-Peso”, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://setur.pa.gov.br/eventos/comemoracao-ao-392o-aniversario-da-feira-do-ver-o-peso>.

⁵ Pós-doutora (PPGSA/UFGA), doutora, mestra em Sociologia e graduada em Ciências Sociais pela UFSCar (SP). Professora e pesquisadora na Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (FACS/PPGSA/UFGA). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho (GEPT/UFGA).

⁶ Pós-doutora, doutora e mestra em Antropologia Social pela UFRGS. Bacharela e licenciada em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela UFPA. Professora adjunta e pesquisadora na Faculdade de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (FACS/PPGSA/UFGA). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas de Antropologias do Trabalho, Memórias, Cidades e Interseccionalidades (GATI/UFPA).

Foquei, inicialmente, no setor alimentício (das boieiras e de polpas e sucos), locais de destaque nos noticiários locais e que são preferidos pelos turistas, por conta da gastronomia e dos mais variados tipos de sucos regionais e que tiveram destaque durante a Covid-19, em virtude das dificuldades enfrentadas diante do pico da doença e do fechamento do local. Entretanto, com o andar do estudo, delimitei mais ainda o meu campo de pesquisa, ficando somente no setor das boieiras e nas vivências dessas feirantes.

Nesse setor, tem-se a predominância de mulheres pretas e pardas, de várias idades e gerações, donas e/ou funcionárias de boxes, cujas vivências se intercalam com a história do Ver-o-Peso e que sofreram mudanças e interrupções nos modos de vida e de trabalho, ocasionados pelo novo Coronavírus e perpetuando no “pós-pandemia” com os preparativos para a COP 30⁷, em que o setor foi remanejado para o estacionamento da feira, onde foi montado o espaço determinado como “Feira Provisória”, ocasionando outras problemáticas a serem enfrentadas pelas trabalhadoras.

O campo de pesquisa: dificuldades e obstáculos

Desde criança, o *Veropa*⁸ faz parte da minha vida, e como nasci e me criei na capital paraense, aprendi desde cedo a importância do lugar para a cidade. Na verdade, não existe Belém sem o Ver-o-Peso, pois um completa e caracteriza o outro. Do passado histórico de um local em que se pesava mercadorias, daí o nome específico, para o presente como um território diverso e plural de quem vivencia a cidade.

Porém, pude constatar que nem todo o meu conhecimento a respeito do lugar foi suficiente para adentrar com tranquilidade no campo, mesmo me debruçando em artigos, dissertações, teses e etnografias em feiras livres no geral e que embasaram minha pesquisa, identifiquei similitudes e elementos novos, resultando no que o antropólogo José Guilherme Magnani (2002) descreve como “olhar de perto e de dentro” na pesquisa, principalmente as particularidades que me causaram um certo “estranhamento” diante do que eu achava que conhecia sobre o Complexo.

Além disso, esse novo mundo do trabalho me apresentou conceitos e elementos diferentes do cotidiano empregatício formal, no qual eu já estava habituada no Direito do Trabalho. Os estudos no comércio popular (Telles, 2007; Vedana, 2013) me ajudaram a

⁷ 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima.

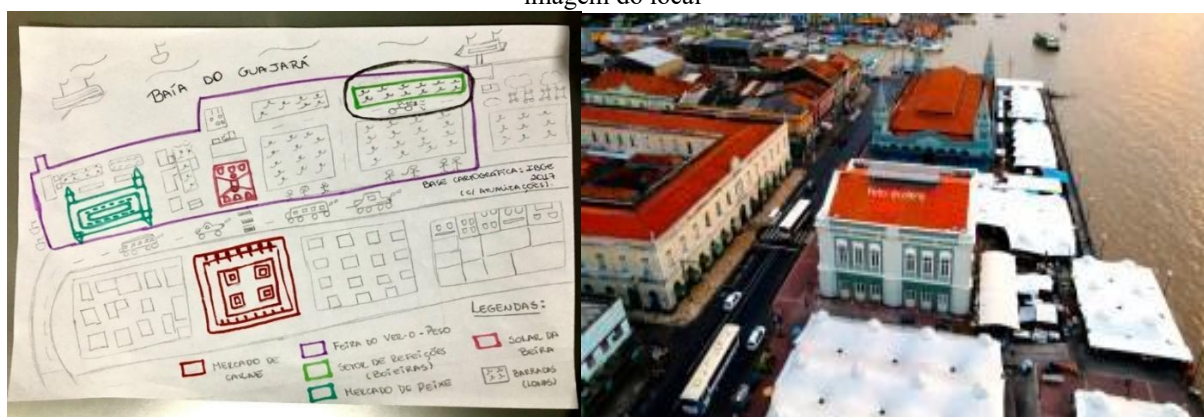
⁸ “*Veropa*” é a forma carinhosa com que os belenenses chamam o Ver-o-Peso.

repensar as relações de trabalho e de vínculo que são de uma outra ordem de preocupação e de observar as vivências e as relações de trabalho ali presentes.

A feira do Ver-o-Peso está localizada geograficamente dentro do Complexo, que leva o mesmo nome, e encontra-se na região central da cidade de Belém, ao lado do Mercado de Peixe e próximo ao Mercado de Carne. Estão inseridos na avenida principal de nome Boulevard Castilhos França⁹, por onde carros e ônibus trafegam cotidianamente e que, no passado, fora uma área de praia aterrada às margens da Baía do Guajará¹⁰.

O Mercado de Peixe teve suas estruturas pré-montadas vindas diretamente do continente europeu, durante o período “áureo” da *Belle Époque* que impulsionou o crescimento de Belém e a transformou na “metrópole da Amazônia”. Ao iniciar minha pesquisa, desenhei uma cartografia baseada na publicada pelo IBGE, em 2017, mas com os elementos novos que eu identifiquei durante a pesquisa no Complexo e na feira:

Figura 1 – Ilustração sobre o Complexo do Ver-o-Peso baseada na cartografia do IBGE (2017) comparada com a imagem do local



À esquerda, minha ilustração (2022) sobre o Complexo do Ver-o-Peso baseada na cartografia do IBGE (2017), em que acrescentei mais elementos do cotidiano, como o biquesom circulando no interior da feira do Ver-o-Peso, as pessoas andando pelo calçadão da Castilhos França, os ônibus trafegando pela mesma avenida e os barcos na Baía do Guajará. À direita, imagem parcial sobre o lugar (Coleny, 2020).

Diariamente, os feirantes e as feirantes saem cedo de seus lares, em que muitas vezes suas residências estão localizadas em regiões longínquas do centro da cidade, o que acarreta no cansativo deslocamento ainda na alvorada para a chegada no local de trabalho para preparar e organizar o espaço, seus produtos e alimentos.

⁹ Principal avenida que integra o Complexo do Ver-o-Peso, tombado pelo IPHAN, em 1977, que inclui o Mercado da Carne, a Praça do Relógio, a Doca, a Feira do Açaí, a Ladeira do Castelo e o Solar da Beira, a Estação das Docas e a Praça do Pescador.

¹⁰ Estuário formado pelo encontro da foz dos rios Guamá e Acará que banham os municípios paraenses de Belém e Barcarena, desaguardo no Oceano Atlântico.

O Ver-o-Peso se mantém como um lugar de resistência diante da segregação urbana, da desigualdade social e do capitalismo, diante do surgimento de “atacadões”¹¹, vindos de multinacionais que geram polêmicas em suas implementações e alterações no contexto urbano ao oferecerem um novo tipo de mercado e de trabalho.

Para as feirantes, especificamente, a informalidade surge em seus relatos, como início da vida laborativa, uma alternativa diante da ausência de oportunidade no trabalho formal ou como única/última alternativa de sobrevivência, mesmo que a formalidade não seja o objetivo almejado frente a outras formas de trabalho, mas é o que os sociólogos Vera Telles e Daniel Hirata (2007) chamam de “contornamento” diante das adversidades sociais. Por isso, conseguir o próprio box e administrar o próprio dinheiro é sinônimo de “vencer na vida”, apesar de declararem expressamente não desejarem esse mesmo destino para suas/seus filhas/os.

Dentre várias hipóteses que, primeiramente, pude identificar, estão as dificuldades de sobrevivência no labor da feira, em que destaco os estudos dos sociólogos Válber Pires (2014), Jacob Lima (2010) e Felipe Rangel (2019), que analisam diferentes tipos de trabalho, sendo no contexto de feira um exemplo desses tipos. Lima e Rangel discutem a percepção do empreendedorismo para os trabalhadores e como as práticas realizadas por eles vão se contrapondo relativamente ao que o neoliberalismo diz sobre a categoria empreendedorismo. Em contrapartida, Pires argumenta sobre a precariedade do trabalho informal no Brasil diante da falsa ideia do empreendedorismo implementada, que faz com que os feirantes não sejam considerados sujeitos plenos de direitos e sejam invisibilizados pelo Estado.

Soma-se a essas características, o componente racial, a baixa escolaridade e a renda mensal, as doenças relacionadas ao trabalho e a necessidade de assistência e saúde pública pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Todos esses elementos contribuíram para que entrassem nas estatísticas negativas da Covid-19 (óbitos e contaminados), além de outros fatores socioeconômicos que surgiram e compuseram a construção da pesquisa.

Ademais, esses elementos caracterizadores e a problemática do empreendedorismo não permeiam diretamente o pensamento das feirantes, assim como a palavra “informalidade” não apareceu em nenhuma fala durante as entrevistas realizadas ao longo da pesquisa de campo. Entretanto, outras frases surgem como sinônimos para explicar o fenômeno, como “nunca trabalhei de carteira assinada”, “ganho por diária”, “sou dona do meu próprio box” entre outras.

¹¹ Grandes estabelecimentos comerciais que vendem no atacado e no varejo, possuindo consumidores que são pessoas físicas (CPF) e jurídicas (CNPJ).

Os elementos usados pelas interlocutoras são imprescindíveis para a pesquisa, em que pude notar como as feirantes lidam com o cotidiano do trabalho que sofre interferências em todos os âmbitos e sentidos. Então, os dados foram produzidos e anotados em meu caderno de anotações e no diário de campo, para que, posteriormente, eu conseguisse reuni-los e identificá-los, unindo teoria e prática, apesar de que o campo também me surpreendeu com categorias novas ou únicas que constam na pesquisa.

Quando pesquisadora e pesquisa são afetadas pelo campo¹²

Ir ao campo no Ver-o-Peso não foi uma tarefa fácil e não teve um dia sequer que eu não tenha sentido inseguranças, medos e dúvidas sobre o que poderia acontecer ou como deveria agir. Por vir de outra área das Ciências Humanas, não tinha experiência em “entrevistar” pessoas. Entretanto, o que me deu fôlego e inspiração é estudar em uma universidade federal que está entre as melhores do país e que já foi reconhecida como a melhor da Região Norte, entre os anos de 2019 e 2023, principalmente em produções acadêmicas de alcance internacional. Assim, demonstra-se que há ciência sendo realizada, incentivada e produzida na região amazônica.

Além disso, a dificuldade também alcançou a obtenção de dados regionais durante o distanciamento/isolamento social da Covid-19 e durante os preparativos para a COP 30. Nos dois casos, a maioria foi obtida em matérias jornalísticas, como no primeiro *lockdown*¹³ decorrente da pandemia, em maio de 2020, quando as atividades da feira foram suspensas. Já na fase preparatória para a COP 30, nos anos de 2024 e 2025, muitos dados se encontravam inacessíveis e/ou de difícil acesso e não-públicos, inclusive sendo motivo de muitas reclamações gerais sobre a falta de transparência nos orçamentos públicos das obras e intervenções urbanas realizadas.

Dentre vários momentos inesquecíveis da pesquisa, lembro-me da minha entrada em campo, em que eu tive que mudar a minha vestimenta, pois calça jeans e tênis me afastava fisicamente de interlocutoras, então adotei vestimentas mais leves, confortáveis e usadas em feira, como calça *legging*, blusas sem manga e sandália, e foram itens que me aproximaram mais delas.

¹² O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

¹³ Tivemos dois *lockdowns* na cidade de Belém em virtude do aumento do número de casos confirmados pela Covid-19: o primeiro, em 07 de maio de 2020, por via do Decreto Estadual nº 729/2020 e o segundo, em 15 de março de 2021, por meio do Decreto Estadual nº 800/2020 (republicado).

paralisações. Apesar de tudo isso, continuei até o final em que ouvi de uma interlocutora: “agora que já conheces as pessoas aqui, é mais fácil fazer a tua pesquisa e conversar com elas!”.

Fui acompanhando o cotidiano da feira e pude compreender o que os antropólogos Gilberto Velho (1981) e Roberto Da Matta (1978) esclarecem sobre as diferentes vivências e identificações na pesquisa. E assim construí, com as feirantes, o que as antropólogas Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (2013) chamam de narrativas biográficas, interpeladas por esse lugar diariamente, incluindo as formas de sociabilidade no setor estudado (Simmel, 1983).

Dessa forma, compartilhamos medos, inseguranças e indagações, mas sempre respeitando o anonimato de cada uma, em que lhes dei os nomes de flores sensíveis, de uso gastronômico e que sobrevivem às mais diversas adversidades, como: Azaléia, Calêndula, Lavanda, Cravina, Violeta, Alecrim, Camélia, Girassol, Dália, Ipê e Gardênia.

No “pós-pandemia”, a sobrevivência deu espaço para o renascimento, esperança e ao “espírito empreendedor” que adentrou por completo em suas vidas, sobretudo nas donas de boxes que expandiram seus estabelecimentos para fora da feira, em outros bairros centrais da cidade. Ademais, a chegada da COP 30 desencadeou obras e reformas urbanas na cidade e no Ver-o-Peso, trazendo uma nova conjectura no trabalho e na vida das boieiras. Então, as acompanhei em outros lugares e em outros eventos na capital sobre a feira, que também me ajudaram e até responderam questionamentos e dúvidas que eu tinha e não tinham sido solucionados.

Metodologia de pesquisa

A primeira ida ao campo foi entre os meses de abril e julho de 2022, em que eu dei preferência à observação do campo, caminhadas pelos setores da feira e percebi olhares diferentes e até recusas de conversas. A dimensão de gênero é importante para as minhas reflexões, então, ao observar os setores da feira, fui atrás de um local com o predomínio de trabalho feminino, porém como não conseguia chegar nas boieiras, fui para o setor de polpas e sucos, que é um setor turístico com diferentes tipos de polpas regionais de frutas e bombons diversificados, e foi onde consegui conversar com minha primeira interlocutora (Azaléia), que me deu abertura, me contou um pouco de sua história, me mostrou como é o setor e, assim, adotei diferentes estratégias de abordagem às feirantes.

O antropólogo Clifford Geertz (2009) descreve que ao vivenciar de perto a pesquisa, deve-se de fato “estar lá” no campo. Desse modo, introduzi no estudo os dados e as vivências e narrativas de interlocutoras, que segundo a antropóloga brasileira Teresa Caldeira (1988), a ideia é dar representatividade às múltiplas vozes, dando espaço para todas e não somente por meio da presença única da observadora.

A segunda ida ao campo ocorreu em março de 2023, já com o campo delimitado e o tipo de pesquisa consolidado, pois antes seria uma etnografia, mas que depois se tornou uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica no setor das boeiras. Azaléia ajudou-me na aproximação com algumas feirantes e, assim, consegui entrar no setor das boeiras e ter proximidade com elas e aplicar um roteiro semiestruturado sobre o evento crítico (Das, 1995) da Covid-19 com duas boeiras e, posteriormente, descrição das entrevistas em cadernos de observações e de campo.

Ao adentrar no setor das boeiras, pude perceber e identificar as particularidades que o espaço possui ao longo de cinquenta e seis¹⁴ (56) boxes, tornando-o um ambiente de heranças, saberes gastronômicos e de sustento familiar que possui conflitos e obstáculos, que causaram mudanças estruturais, econômicas, sociais e trabalhistas na feira, atingindo principalmente as que vivem na informalidade e custeiam sozinhas seus próprios boxes.

E a última fase, nos meses de junho a agosto de 2024 de forma mais intensa, me gerou resultados surpreendentes que modificaram o andamento da pesquisa ao acompanhar as obras para a COP 30 na feira e realizar entrevistas junto a outras feirantes e ao representante da Secretaria Municipal de Economia (SECON)¹⁵. No total da pesquisa, foram realizadas entrevistas com doze trabalhadoras da feira do Ver-o-Peso, sendo uma do setor de polpas e sucos, uma do setor de refeição do calçadão da Castilhos França e dez boeiras, das quais cinco são donas de boxes e cinco são funcionárias de boxes.

¹⁴ Ao todo, são 56 boxes, pois algumas donas possuem dois boxes com o mesmo nome e número no setor.

¹⁵ Na época da pesquisa de campo (entre 2022 e 2024), a sigla da Secretaria Municipal de Economia era SECON. A partir da nova gestão municipal da cidade de Belém, em 2025, por meio da Lei Municipal nº 10.143, de 10 de fevereiro de 2025, a sigla da secretaria municipal foi renomeada para SEDCON (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico).

Tabela 1 – Fases da pesquisa de campo

1ª fase	Abril a Julho (2022)	Observação do campo e contato e entrevista com a principal interlocutora Azaléia do setor de Polpas e Sucos da feira do Ver-o-Peso.
2ª fase	Março (2023)	Conversas com duas boieiras do setor alimentício da feira do Ver-o-Peso.
3ª fase	Junho a Agosto (2024)	Acompanhamento das obras da COP 30 no Ver-o-Peso e entrevistas com outras boieiras e com o representante da SECON.

Fonte: Autora (2026)

Além dos dados levantados por meio de observações e entrevistas, mobilizei material de outras fontes, tais como: dados oficiais dos governos (Municipal, Estadual e Federal), das mídias jornalísticas, de institutos de pesquisas, oficinas fotográficas do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho (GEPT), peças teatrais, músicas, filmes e documentários sobre o Ver-o-Peso, eventos e concursos gastronômicos, apresentações de trabalho, artigos científicos, dissertações e teses sobre a feira e exposições culturais.

Observei e fui observada todas as vezes que estive lá, assim como senti os desafios em ser uma mulher pesquisadora diante de lugares ditos “perigosos de uma mulher estar”. Outro incômodo foi a temperatura, pois conviver com o calor excessivo foi se tornando mais agonizante durante toda a pesquisa e pude constatar que estamos vivendo uma crise climática sem precedentes e que torna o trabalho na feira ainda mais insalubre, perigoso e difícil.

Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa foi conhecer as vivências de boieiras do Ver-o-Peso em Belém/PA. Os objetivos específicos foram: a) investigar como as boieiras viveram ou se mantiveram durante o período de isolamento/distanciamento social da Covid-19; b) identificar as estratégias elaboradas pelas feirantes para o enfrentamento da Covid-19 e políticas públicas estaduais de amparo às feirantes; c) analisar as vivências de boieiras da feira do Ver-o-Peso; d) conhecer as formas de sociabilidade e pertencimento das feirantes ao Complexo do Ver-O-Peso; e e) analisar os conflitos gerados pelas mudanças laborais e estruturais com os preparativos do megaevento¹⁶ da COP 30.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro trata do surgimento e a importância das feiras livres, destacando as pluralidades e particularidades das feiras amazônicas e de Belém, assim como suas distinções diante de outras feiras no Brasil. No

¹⁶ “[...] uma constelação de eventos articulados, no centro do qual se situa o evento principal – um espetáculo, um ritual, uma catástrofe, um concurso, um drama e assim por diante” (Damo; Oliven, 2013, p. 10-11).

segundo capítulo, evidenciamos a construção histórica do Complexo do Ver-o-Peso e a sua importância contemporânea para a cidade de Belém.

No terceiro capítulo, estabelecemos uma discussão sobre as relações de gênero e interseccionalidades no setor das boieiras, que são mulheres negras que trabalham na comercialização de alimentos na feira do Ver-o-Peso, transformando-a em lugar de vivências de donas de boxes e funcionárias. Para encerrar, no quarto e último capítulo, discorri sobre a chegada da Covid-19 no Ver-o-Peso e a adoção de estratégias pelas feirantes, uso do *delivery* e o recebimento de auxílios e cestas básicas.

Ademais, analisei os preparativos para a COP 30, em que Belém foi escolhida para ser a cidade-anfitriã do megaevento que aconteceu em novembro de 2025, e que consequentemente ocasionou obras e reformas urbanas na cidade e na feira, que está incluída no denominado “Polígono da COP 30” (Bogéa, 2023), que são áreas priorizadas e utilizadas para o evento, alterando o cotidiano laboral das feirantes e geraram alguns conflitos, já que todos os feirantes foram transferidos para um lugar denominado de “Feira Provisória”, mas que também geraram expectativas de um futuro melhor para o Ver-o-Peso e para as trabalhadoras, sejam elas donas ou funcionárias de boxes do setor das boieiras.

CAPÍTULO 1 – O SURGIMENTO E A IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS LIVRES

“É dia de feira, quarta-feira, sexta-feira
Não importa a feira
É dia de feira, quem quiser pode chegar (2x)

Vem maluco, vem madame
Vem Maurício, vem atriz, pra comprar comigo (2x)

Tô vendendo ervas que curam e acalmam
Tô vendendo ervas que aliviam e temperam (2x)

Mas eu não sou autorizado
E quando o rapa chega
Eu quase sempre escapo
Quem me fornece é que ganha mais
A clientela é vasta, eu sei

Porque os remédios normais
Nem sempre amenizam a pressão
Amenizam a pressão (3x)

Porque os remédios normais não amenizam (pressão!)” (4x)
(A Feira, O Rappa)

Os pesquisadores Dalyson Souza *et al.* (2014) discorreram sobre a possibilidade de origem das feiras, remontando ao século IX do período medieval, em virtude do renascimento das atividades comerciais na Europa, pois, durante o sistema feudal, a economia era essencialmente agrícola e baseada no autoconsumo, sem produção em larga escala e era necessário suprir as necessidades alimentícias da população local. Situação essa que mudou com a chegada do desenvolvimento e crescimento das cidades europeias e com o surgimento do modo de produção capitalista, ocasionando o aumento do comércio e da expansão das feiras livres.

O antropólogo francês Marcel Mauss ([1925] 2015), ao descrever sobre os fenômenos de troca e de contrato nas sociedades consideradas primitivas, percebeu que o mercado é um fenômeno humano, não alheio a nenhuma sociedade conhecida, mas que possui regimes de troca diferentes em cada sociedade, e detalhou o mercado antes da instituição monetária, com o estabelecimento de troca de bens até o surgimento de outras formas mais modernas, como o contrato e a venda, de um lado, e a moeda oficial, de outro, assim como a moral e a economia regendo essas transações, que influenciam até hoje as sociedades contemporâneas.

Neste capítulo, será discutido o surgimento das feiras livres em Belém, suas semelhanças e diferenças, como alternativa de abastecimento e comercialização de mercadorias para as localidades e regiões mais longínquas das capitais amazônicas, sendo

elementos indispensáveis ao crescimento socioeconômico e à expansão urbana da capital paraense e de outras cidades amazônicas, como o Ver-o-Peso que é consolidado em torno de uma representatividade em diferentes dimensões.

1.1 A categoria Amazônia construída através dos tempos: dos estereótipos generalizadores às particularidades existentes no território amazônico

Os historiadores Aldrin Figueiredo, Rafael Chambouleyron e José Luis Alonso (2017), na apresentação do dossiê “Amazônia e história global”, destacaram que desde o século XVIII a região amazônica passou a ser identificada por vários conceitos relacionados ao natural: Floresta Amazônica, Selva Amazônica, Floresta Equatorial da Amazônia, Floresta Pluvial ou Hileia Amazônica. Assim, cientistas e colonizadores denominaram e centralizaram a região e a ideia de Amazônia a partir desses elementos, como Friedrich Alexander von Humboldt (1769-1659), Francisco de Orellana (1490-1550), Ignacio Accioli Cerqueira e Silva (1808-1865) e Friedrich Moritz Rugendas (1802-1858).

Entretanto, foi a partir do barão Frederico José de Santa Anna Nery (1848-1901), em sua publicação “O país das Amazonas” em 1885, que o conceito de Amazônia foi implementado de forma histórica, geográfica e cultural, por ser considerado um grande propagandista do Brasil e da Amazônia na Europa e foi referência de outros estudiosos que se sobressaíram ao representar esse território. Ao final da apresentação, os autores do dossiê defenderam a compreensão de uma Amazônia complexa e de múltiplas conexões, superando a denominação tradicional advinda da colonização e de ideias europeias centralizadas.

A dissertação de mestrado do professor e cientista social Romero Ximenes Ponte (2000, p. 5) demonstrou que o “mito das amazonas” foi primordial para o processo de definição do território que viria a se chamar Amazônia pelos olhares europeus. Dessa forma, a região amazônica sempre foi objeto de inúmeros adjetivos no senso comum: inferior, terra sem lei, atrasada, misteriosa, perigosa, “selvagem” e outros, por pessoas que vivem no Brasil e no mundo, colocando-a em um lugar de subalternidade, cuja necessidade de “salvá-la” é constante, ou habitando-a ou introduzindo ideias e conceitos generalizados e de fora do território. Assim, políticas públicas no passado foram implementadas sob essa perspectiva, em que a política de migração difundia a ideia de que a região era um grande vazio demográfico, uma terra sem homens que precisava ser povoada.

O gestor ambiental Gabriel Henrique Lui e a agrônoma Silvia Maria Guerra Molina (2009) afirmaram que o ponto de partida de ocupação na Amazônia deu-se no Forte do

Presépio, onde fundou-se a cidade de Belém, com o objetivo de garantir a posse do território, obter a mão de obra barata indígena e lucrar com o extrativismo vegetal com as chamadas “drogas do sertão”, que foram produtos e insumos extraídos da Floresta Amazônica. Os autores alegaram que, no ano de 1682, com a fundação da Companhia do Comércio do Maranhão ocorreu a introdução da agricultura e escravização e, a partir de meados do século XIX, deu-se a descoberta da economia da borracha em que implementaram a ideia de progresso e do fluxo de pessoas e dinheiro em duas cidades amazônicas, Belém e Manaus.

Os autores argumentaram que com a crise da borracha, que ocorreu devido à alta competitividade internacional e alta produção asiática, os impactos sociais foram mais significativos do que os ambientais, fazendo com que já no ano de 1964, os militares estabelecessem uma nova dimensão ideológica, com o objetivo de acelerar o desenvolvimento e a ocupação humana na região, introduzindo a chegada de nordestinos e sulistas e, assim, a pecuária foi se consolidando como uma das principais atividades econômicas, ocasionando desmatamentos e diminuição e extinção de espécies e da biodiversidade.

Modos de vidas, hábitos e vivências são reunidos em visões estereotipadas em novelas, filmes, notícias e outros, também dentro do território amazônico, como uma forma de adequação e aceitação às ideias hegemônicas e eurocêtricas. O trabalho do antropólogo Rafael Noleto (2018), sobre os concursos de “Miss” nas festas juninas em Belém/PA, é exemplo de crítica à maneira de como essa festividade é apresentada de forma estereotipada da “cultura amazônica”, ao produzir categorias sociais que sexualizam a raça e racializam o gênero na promoção de culturas populares na cidade.

O autor identificou a interferência do Poder Público municipal e estadual e de gestores culturais nos regulamentos dos concursos de quadrilha¹⁷ e na produção de identidades étnico-raciais amazônicas. As duas categorias criadas e pesquisadas, como “Miss Mulata” – que posteriormente fora extinta – e “Morena Cheirosa”, adjetivaram a construção e implementação da mulher amazônida cisgênero, negra de “pele mais clara”, sexualizada e que retrata o imaginário feminino construído e difundido em Belém, cujo apelido é chamado de “cidade-morena”. Assim, há a prevalência de um “contorno” da tradição e produção de sujeitos generificados, racializados e sexualizados nos concursos juninos por meio da performance dançada, estabelecendo uma relação metonímica com a cidade (p. 132).

O estudo dos pesquisadores Suellen Barroso e Jordeanes Araújo (2009), sobre a festa do boi-bumbá em Parintins/AM, é outro exemplo de visão uniforme sobre o significado de

¹⁷ É uma dança tradicional das festas juninas e se caracteriza por movimentos organizados, sincronizados e coordenados com a participação de casais de pessoas ou grupos de dança caracterizados com roupas caipiras.

“cultura regional”. Os autores analisaram a implementação de símbolos locais como uma forma reducionista da construção da identidade cultural amazônica. Na festa anual em questão, dois bois de cores diferentes, vermelho e azul (Garantido e Caprichoso), se apresentam como representação da cultura amazônica em sua totalidade, competindo em uma arena na cidade popularmente conhecida como “Bumbódromo” durante três dias e utilizando elementos regionais numerados, como a figura do “caboclo”, da “sinhazinha” da fazenda, do negro e do indígena, minimizando ou ignorando os mitos, contos e encantarias, responsáveis pela construção da identidade amazônica.

Esses autores mencionaram que esse festival ocasionou uma espécie de reduplicação simbólica da cultura, pelo qual uma manifestação cultural funciona como uma imagem totalizante, influenciando outras de menor envergadura e incitando a competição pelo consumo e produção cultural em massa, em que o capitalismo associa suas marcas à cultura popular, enfraquecendo a singularidade cultural existente em cada sociedade, povo, comunidade, etnia, diante da homogeneização cultural implementada por esse fenômeno (p. 60). Um exemplo disso é a marca de refrigerante Coca-Cola, que possui a coloração vermelha em seu rótulo como principal, mas que em Parintins adquire também a coloração azul para designar as cores dos bois, sendo a única cidade no mundo em que é permitida essa mudança.

Desse modo, o território amazônico ainda é representado, dentro e fora, e socialmente, de modo universal e generalizado, sendo associado a um lugar de “retirada” infinita de recursos naturais, unindo fauna e flora, e habitado somente por indígenas, mas sem levar em conta sua pluralidade e complexidade, que abarcam pessoas, seres e diferentes modos de vida que integram a região e que a transformam em uma explosão de culturas, conhecimentos, aprendizados, costumes e vivências plurais no Brasil.

Com a divulgação da cidade de Belém como anfitriã da COP 30, uma onda de preconceito e xenofobia assolou o país e perdurou até a finalização do evento. Além do discurso eurocêntrico de países do Norte Global de total desconhecimento da região amazônica, em que alegaram “medo” e preocupação” de participação no evento em suas notas oficiais, representantes de outros estados brasileiros, políticos e figuras públicas estamparam nas redes sociais e nos meios de comunicação em massa, discursos vazios, problemáticos e racistas disfarçados de “opinião popular” que, mais uma vez, evidenciaram o distanciamento da Região Norte do restante do Brasil e do Mundo e diante da ideia difundida de atraso territorial.

A própria capital paraense possui diferenciações históricas, sociais, culturais e econômicas, dentro de seu limite territorial, pelo qual surgiram ligações e intersecções

comerciais, como pelas feiras livres, que tiveram um papel fundamental no crescimento urbano, em que além de comercializarem variadas mercadorias, também foram responsáveis pelo transporte delas para regiões mais distantes, por meio de trens e outros meios de locomoção, que foram essenciais para a expansão urbana no estado.

1.2 As feiras livres como sinônimo de troca e expansão urbana na Amazônia Paraense

No contexto amazônico, as feiras emergiram no período “áureo” da exploração econômica da borracha (entre 1880 e 1910), em virtude da falta de abastecimento de gêneros alimentícios em lugares mais afastados da cidade (Medeiros, 2010), em que a circulação dos produtos era realizada pelos comerciantes ambulantes. Assim, as feiras populares se tornaram principais eixos de desenvolvimento urbano e fluvial amazônico e de crescimento demográfico na capital, de modo a sofrerem também interferências e encontros de diversidade múltipla (Lobato; Ravena-Cañete, 2015). O Ver-o-Peso e a feira do Guamá, para além de tantas outras feiras da cidade, são localizadas próximo aos rios, pois estes eram o principal caminho que interligava relações econômicas com as demais cidades e municípios vizinhos e com as tradições ribeirinhas, sendo assim até hoje.

Com o avanço da urbanização na cidade de Belém no século XX, formaram-se mercados particulares e feiras livres nas vias públicas, incentivados pelo Intendente Antônio Lemos e objetivando o abastecimento e a comercialização de produtos regionais para a população que crescia e se expandia além dos arredores dos bairros da Sé e da Campina (principais bairros existentes no Período Colonial belenense).

O geógrafo urbano Jorge Medeiros (2010) afirmou que as áreas relacionadas aos bairros de São Brás e do Marco foram primordiais ao crescimento da cidade na época, principalmente por se localizarem próximas à ferrovia Belém-Bragança, que interligava a capital a outras regiões paraenses. Com o avanço na ocupação dos terrenos urbanos nesses pontos das cidades paraenses, logo se tornariam locais estratégicos para a expansão econômica e social em toda a região.

Figura 3 – Fotografia de pôster publicado pelo NUMA (Núcleo de Meio Ambiente/UFPA) da estação São Brás com a estrada de ferro Belém-Bragança



Fonte: Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA (2011)

As feiras livres em Belém foram primordiais em uma época que ainda não tinham sido implementados os supermercados, então muitas pessoas encontravam nas feiras os ingredientes e as comidas específicas para o dia ou a semana. Assim, meu pai lembrou os tempos que ia ao Ver-o-Peso, ainda menino, comprar os ingredientes para o almoço, a mando de uma tia: “Ali pelos anos de 1955, a gente comprava ali nas barraquinhas, ali vendia tudo, arroz, feijão, carne seca, farinha, pirarucu, não tinha supermercado ainda, então era lá que comprava”.

1.3 As feiras livres como lugar de representatividade cultural

O conceito de cultura foi bastante central e se transformou ao longo das teorias antropológicas ocidentais, sobretudo estadunidenses¹⁸, que defendiam a influência da cultura na formação da personalidade¹⁹. Ao longo dos anos, outros autores modificaram a ideia de cultura como uma totalidade (Malinowski), sistema simbólico (Lévi-Strauss, Clifford Geertz), mudança ou transformação (Marshall Sahlins) ou invenção (Roy Wagner), demonstrando que cultura é um conceito em disputa e transformação.

¹⁸ Franz Boas, Clifford Geertz e Marshall Sahlins.

¹⁹ Franz Boas, Margaret Mead e Ruth Benedict.

Na contemporaneidade, a concepção de cultura foi tensionada enquanto constructo homogeneizador e produtor de diferenças e hierarquias. A antropóloga Lila Abu-Lughod ([1991] 2018) afirmou que a noção de cultura é um conceito eurocêntrico, sendo uma ferramenta para diferenciar o outro, gerando separação, diferenças, dominação e hierarquia. Como alternativa, ela defende uma forma de escrever “contra a cultura” e reformá-la, em que prevalece a própria visão e escrita do particular, assim evitando generalidades, homogeneidades e profissionalismos.

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha defendeu em sua obra “Cultura com Aspas” (2009), assim como Sahlins e outros autores, que a categoria cultura ainda é utilizada pelo senso comum, pelas políticas públicas e mobilizada por grupos historicamente marginalizados. Essas definições de cultura agregam outras particularidades, como linguagem, relações sociais, comerciais, religiosas, políticas e até alimentares, que formam a representatividade do lugar, como no caso, da “cultura paraense”, enquanto um conjunto dos símbolos, signos, crenças e práticas que conformam a dinâmica local de Belém.

As feiras livres na região amazônica possuem papel fundamental na construção e formação histórica, funcional, espacial, geográfica e social, sendo diferentes de outras feiras brasileiras (Medeiros, 2010), posto que não são apenas lugares de distribuição e vendas de mercadorias, mas onde as pessoas que circulam no local vivem o seu cotidiano e fazem parte do seu próprio modo de vida (Campelo, 2010).

Segundo a antropóloga Wilma Leitão (2013), o Ver-o-Peso se tornou mais do que um porto ou uma feira livre, em que se negociam toda espécie de produtos e onde estão inseridos sistemas tradicionais de trabalho não-monetários, mas que a sua maior riqueza está consolidada como um importante lugar de práticas culturais, em que o cotidiano regional e o imaginário amazônico se encontram e se perpetuam por meio das diversas atividades e costumes regionais, entorno do abastecimento cotidiano de produtos frescos oriundos de uma rede de comercialização que interliga a cidade e as ilhas, além de outras regiões, sendo elemento agregador de pertencimento e identificação.

A sociabilidade é uma característica preponderante nas feiras em Belém, pois as relações sociais que ilustram a forma social e simbólica da feira, provam que nem tudo é interesse relacionado ao ganho obtido, superando o utilitarismo das mercadorias, como argumentaram os pesquisadores Marina Castro e Fábio Castro (2016):

A feira é algo que ultrapassa o espaço físico do mercado. É o espaço de troca por excelência, o que é óbvio, mas que não dispensa compreender que se trata de trocas que não se fazem, exclusivamente, contra o dinheiro: quem vai à feira o faz para

trocar algo – dinheiro por mercadoria, mercadoria por mercadoria, serviço por mercadoria, serviço por dinheiro, serviço por serviço – o faz para trocar, para estabelecer uma relação cuja objetividade está na troca. Porém, o ato de trocar não pode ser reduzido à sua dimensão econômica. É mais que isso, porque envolve a dimensão da própria interação social: por meio dos objetos trocados (o dinheiro, a mercadoria, o serviço, etc.) ocorrem as permutas mais amplas da relação, do pertencimento comum e da comum identificação que constituem o ser social intersubjetivo.

Exemplos de processos e relações de sociabilidade apresentam similaridades com outras feiras livres da cidade. Trabalhos sobre a Feira do Guamá (Castro; Castro, 2016), a Feira da Farinha e a Feira do Porto da Palha (Lobato; Ravena-Cañete, 2015), o Mercado de São Brás (Silva, 2016), a Feira da 25 de setembro (Costa Júnior, 2019) e o Porto do Açaí no bairro do Jurunas (Borges; Rodrigues, 2015), evidenciam os tipos de relação entre pessoas envolvidas com o lugar (amizades, brincadeiras, conflitos, ajudas, relacionamentos amorosos, protestos, contratos e acordos verbais e outros) que transformam o local em algo muito além de um espaço de comercialização de produtos e mercadorias.

1.4 As feiras livres e os atores sociais

Além dos aspectos socioeconômicos e culturais, as feiras populares são um lugar de disputa territorial, espaços de poder, vivenciados por diferentes atores sociais. Esse campo de forças heterogêneo reúne diferentes grupos sociais inseridos em vários tipos de relações sociais, como, por exemplo, na feira e no Complexo do Ver-o-Peso: entre os feirantes, fornecedores, turistas e fregueses; entre os próprios trabalhadores; e entre estes e a figura do Estado, assim como com as demais pessoas que convivem nos locais (ambulantes, camelôs, trabalhadores de carteira assinada de lojas, policiais, vigias, etc.), que ora atuam coletivamente para a melhoria do ambiente laboral, ora se encontram em posições opostas em virtude dos interesses que os cercam.

O pesquisador José Maria Costa Júnior (2019, p. 325), ao fazer uma etnografia na feira da 25 de setembro, em Belém, identificou a importância das feiras livres para além do aspecto econômico, ou seja, elas também são espaços de estabelecimento de relações sociais e de ocupação dos espaços públicos e fuga de estratégias de padronização do Estado, tal como exposto pelo autor:

Para compreender a intensificação do surgimento de novos espaços de comércio popular em paralelo com a ocupação da cidade, é necessário considerar que os mesmos não são apenas lugares de abastecimento de gêneros de primeira necessidade, mas, sobretudo de trocas e relações comerciais que são constituídas por dimensões simbólicas e sociais e se estabelecem na apropriação coletiva e no uso

criativo e perene dos espaços públicos, escapando, diuturnamente, das investidas burocráticas de padronização e controle determinadas pelo Estado.

Castro e Castro (2016), ao realizarem uma etnografia na Feira do Guamá em Belém do Pará, identificaram as diversidades entre os sujeitos presentes e que se assemelhavam às de outras feiras da capital paraense. De acordo com os autores, os feirantes são distribuídos conforme suas especialidades: açougueiros, peixeiros, erveiros, verdureiros, etc. Já os fregueses se dividem em: habituais (mais conhecidos, de interação direta e que participam da vida na feira) e eventuais consumidores (são mais diretos e objetivos para a compra de determinada mercadoria).

Além dessas relações sociais entre feirantes e fregueses, as conexões e redes que permeiam as vendas são estabelecidas entre os próprios trabalhadores da feira. Os circuitos das mercadorias são dimensões importantes para a compreensão das vivências e dinâmicas entre o trabalho e a construção dos mercados populares, que serão aprofundados no capítulo 3. Por exemplo: o peixe chega na feira em um barco e é comprado pelo peixeiro que vende em seu setor, então, logo no primeiro raiar do dia, a boieira compra o peixe do vendedor e as verduras de outro feirante em outro setor e, assim, faz o prato regional em seu box e vende para a sua/seu freguesa/uês.

Ademais, as feiras livres possuem representação sinestésica muito forte, sendo a combinação de cheiros, sons, cores e sabores, divididos em vários setores, em que as mercadorias são comercializadas e compõem o aspecto regional do lugar a qual pertencem. Exemplo disso é o Ver-o-Peso, em que a diversidade de setores e sabores se faz presente, tornando-a uma feira livre referência no estado do Pará e na região amazônica.

Os pesquisadores Fábio Castro, Fábio Xavier e Marina Castro (2017, p. 370), ao estudarem sobre a dimensão estética da Feira do Guamá, identificaram que:

A relação existente entre pessoas na feira evidencia processo de construção de expressividade e colabora para os estilos e formas que caracterizam a própria prática social. Percebe-se o mundo da existência da arte, a condição dos sentimentos dos sujeitos observados na localidade. A essência do trabalho é desenvolvida fora da própria produção artística, aquela produzida por um artista, mas desenvolve-se na própria existência do ser em seu tempo.

Além de semelhanças, as feiras livres em Belém também possuem diferenças e peculiaridades. A dissertação de mestrado da pesquisadora e psicóloga Bianca Tsubaki (2024) mostrou as particularidades da Feira do Artesanato (FA), localizada na Praça da República, região central da cidade e próxima ao Ver-o-Peso. A autora evidenciou que a feira funciona somente aos domingos, com uma diversidade de produtos, porém, majoritariamente, realizada

de maneira artesanal, fazendo com que os trabalhadores a considerassem como um lugar de “diversão” ou “descanso”, diferente do dia a dia semanal em que exercem ofícios diferentes ou em outros lugares distantes da feira.

Essa combinação de relações e conexões sociais, econômicas e artísticas encontradas, contribuem para a construção e constituição das feiras em si, com sua linguagem e comunicação própria e transformando o ambiente laboral em um espaço de múltiplas interações e conflitos.

Assim, vários elementos agem em conjunto para complementar e descrever a feira: capitalistas, regionalistas, trocas, transformações de vidas, melhorias econômicas, sustento familiar, lugar de resistências e reivindicações de direitos e entre outros, além de ser como um segundo lar para os que delas vivem, dependem e/ou habitam.

Ao analisar esses processos multidimensionais que permeiam as feiras livres, o antropólogo Gustavo Lins Ribeiro (2010) defendeu uma outra forma de analisar a Globalização em países emergentes. O que seria uma “globalização econômica de baixo para cima” ou “globalização popular”, que se refere a um reposicionamento de atores importantes na cadeia do trabalho e comercialização de bens que fazem parte de fluxos migratórios. Ele afirmou que existe uma globalização econômica não hegemônica representada por mercados populares e fluxos de comércio, majoritariamente, realizados por pessoas do povo e não das elites.

A cientista política e pesquisadora Verónica Gago (2018, p. 25), após analisar o conjunto de políticas que alteraram o ambiente advindas de organizações financeiras internacionais, corporações e governos, ocasionadas pelo neoliberalismo “de cima para baixo”, argumentou que fizeram surgir outras dinâmicas com potencial de transformação, que ela entendeu por neoliberalismo “de baixo para cima”, caracterizado por:

Um conjunto de condições que se concretizam para além da vontade de um governo, de sua legitimidade ou não, mas que se transformam diante das condições sobre as quais opera uma rede de práticas e saberes que assume o cálculo como matriz subjetiva primordial, e funciona como motor de uma poderosa economia popular que mistura saberes comunitários de autogestão e intimidade com o saber-fazer na crise como tecnologia de uma autoempresarialidade de massas.

Entretanto, esses processos interrelacionais ocasionados pelas novas condições de análise de novos sentidos na globalização, podem ser evidenciados e identificados na economia informal das feiras e, consequentemente, pelos trabalhadores que dependem delas. Assim, diferentemente dos dois autores, no Ver-o-Peso há relações precárias, porém não

precarizadas. Com a chegada da Covid-19 em 2020, esses processos foram interrompidos e modificados, afetando os modos de vida e de trabalho da feira do Ver-o-Peso, como no caso das mulheres feirantes do setor alimentício das boeiras, que tiveram que se reinventar e adotar novas estratégias de venda e de sobrevivência durante o período de distanciamento/isolamento social da doença e que se perpetuaram, posteriormente, nos preparativos para a COP 30.

1.5 “Um ponto de partida”: a história da cidade de Belém e do Ver-o-Peso

Na Região Norte do país, no berço dessa “amazonidade plural”, especificamente no estado do Pará, a cidade de Belém é uma metrópole carregada de histórias e de revolução popular, como a Cabanagem²⁰. É banhada por rios e a sua fama internacional se deve à época “áurea” da economia da borracha, mas que se mantém em coexistência com a natureza, povos e culturas que transformam e fortalecem o território cotidianamente, por meio das danças, da gastronomia regional, das linguagens, das expressões de religiosidade e nas atividades econômicas resistentes, como as feiras livres.

O Complexo do Ver-o-Peso é um importante centro de abastecimento de hortifrutigranjeiros e pescados da região paraense, além de uma área que possui diferentes empreendimentos, assumindo um papel simbólico e representativo como um território heterogêneo, de troca de saberes e sabores, que une reciprocidade e práticas tradicionais que permeiam a vida do paraense. Esse intercâmbio regional e econômico consolida a feira como um dos cartões-postais mais importantes de Belém e traz consigo o que Weber (1987) classificou como a noção econômica de cidade, como um “local de mercado”, pois é aqui que se concentra boa parte da economia e do abastecimento de produtos que geram trocas entre as população urbana e não-urbana da região e de outros lugares.

Para falar sobre o Ver-o-Peso e demonstrar a sua importância para a cidade, só palavras e conceitos não bastam. Ele é um ícone essencial atrelado à própria história de Belém e da região amazônica paraense, alvo de luxo e admiração até fora do Brasil. Então, proponho fazermos uma “viagem no tempo” por meio de imagens e/ou gravuras do passado e do presente. Convido todas/todos as/os leitoras/leitores deste trabalho a fazerem essa excursão comigo.

²⁰ Revolta popular iniciada em 06 de janeiro de 1835, sendo considerada a única revolta popular brasileira em que os revoltosos assumiram o poder político e a gestão da antiga Província do Grão-Pará, que contemplava os estados do Pará, do Amazonas e partes do Amapá, de Roraima e do Maranhão.

Leitão (2013) argumenta que a história do Ver-o-Peso está relacionada às origens e consolidação da cidade de Belém do Grão-Pará, que foi fundada em 1616 pelo explorador e colonizador português, Francisco Caldeira Castelo Branco, com a construção de uma edificação militar, denominada de Forte do Presépio (hoje Forte do Castelo). O nome da cidade, denominada de Santa Maria de Belém do Grão-Pará pelos colonizadores portugueses, demonstrava a influência religiosa católica que se sobrepôs ao nome dado pelos habitantes indígenas Tupinambá, de “Mairí”, que significa ocupação.

Figura 4 – Pintura de Theodoro Braga denominada “A fundação da cidade de N. Sra. De Belém do Pará”, 1908



THEODORO BRAGA: *A fundação da cidade de N. Sra. de Belém do Pará*, 1908.
Óleo sobre tela, 226 x 510 cm.
Belém, Museu de Arte.

Fonte: Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA (2012)

O Ver-o-Peso surgiu em 1625, por solicitação da Câmara de Belém, e foi localizado em frente a uma praia que seria aterrada tempos depois. Foi construído às margens do igarapé²¹ Piri, que desaguava na Baía do Guajará e foi o principal ponto de chegada e saída de barcos que fomentavam a economia colonial. Localizado em frente à entrada da cidade, passou a ser denominado inicialmente de “Lugar de Ver-o-Peso”. Assim, transformou-se em importante entreposto fiscal e comercial, em uma época que os rios eram os principais meios

²¹ “Um igarapé é um curso d’água amazônico de primeira ou em terceira ordem, constituído por um braço longo de rio ou canal”. Disponível em: <https://ipam.org.br/glossario/igarape/>. Acesso em: 5 fev. 2026. Assim, a bacia amazônica é composta de vários igarapés, de pouca ou muita profundidade, temperatura baixa e cercada de matas.

de navegação e tornou-se um espaço significativo para a economia e composição local e da região amazônica.

Figura 5 – Mercado do Ver-o-Peso em 1875, por Felipe Fidanza (Coleção Gilberto Ferrez/Acervo do Instituto Moreira Salles)



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2024)

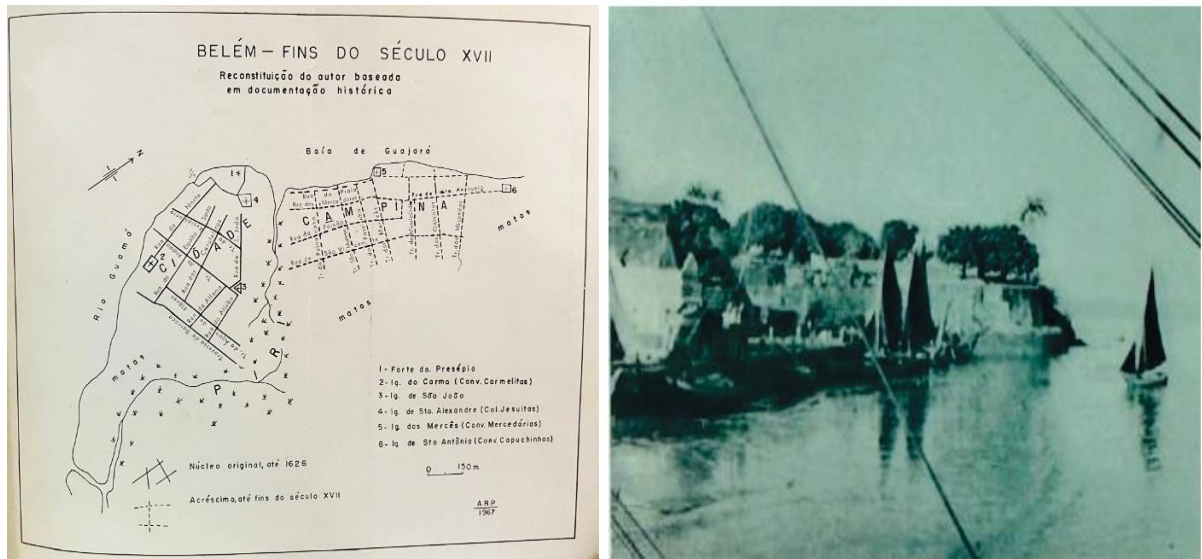
A partir do século XIX, a capital paraense passou por um processo de “modernização capitalista”, impulsionada pela economia da borracha que colocou a região na rota econômica mundial. O Intendente Antônio Lemos, que governava a cidade na época, se inspirava nos moldes europeus de “embelezamento urbanístico” e realizou mudanças significativas, como aterramento de rios, pavimentação e alargamento de ruas, construção de praças, serviços de eletricidade e de transporte público, e instalação de rede de esgoto.

Entretanto, a ideia de construir uma “Paris N’América” seguiu uma lógica higienista de administração municipal (Ponte, 2015), adotando uma série de medidas legais e administrativas para impor uma certa “limpeza urbana”, como a extinção de cortiços decorrente do Código de Posturas de 1880, implementando a proibição, inclusive, do ato de cuspir nas ruas, da “mendigagem” e do batuque de Carimbó²² no centro da cidade.

Assim, o Alagado do Piri de Jussara, que separava os dois assentamentos de Belém que existiam no século XVII, Cidade e Campina (Penteado, 1968), foi dividido em dois braços. De um lado, foi construída a Doca do Ver-o-Peso e, do outro, a Doca do Reduto, que se tornaram importantes portos de comercialização na época.

²² Dança e ritmo ancestral e amazônico do Estado do Pará caracterizado com movimentos giratórios ao som de palmas e tambores.

Figura 6 – Divisão dos bairros de Belém e a doca do Ver-o-Peso (século XVII e fim do século XVIII)



Fonte: Penteado (1968)

O primeiro povoamento na cidade de Belém desenvolveu-se pela predominância de inúmeros armazéns e galpões particulares das diversas fábricas e indústrias que já se alojavam ali, assim como os da Alfândega; já o segundo, fora aterrado e abrigou vilas operárias na década de 1920, e posteriormente foi transformado em canal, permanecendo até os dias de hoje.

Figura 7 – Antigo Boulevard da República, atual Boulevard Castilhos França, com vista dos armazéns externos da antiga Alfândega, localizados em frente ao antigo Convento dos Mercedários (Álbum Belém da Saudade, 1998)



Fonte: Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA (2014)

A Revolução Cabana impactou profundamente a capital e os municípios paraenses no período provinciano. Os embates ocorridos em ruas, vielas, quarteirões e esquinas deixaram a cidade totalmente destruída, principalmente a parte central, no entorno da Rua da Praia (em que se encontrava o porto) e da Cadeia (anteriormente chamada de Rua dos Mercadores), o que ensejou na implementação de obras públicas para a reconstrução de Belém. A professora e doutora em História Eliana Ramos Ferreira (2009, p. 2) afirmou que:

Assim, a recuperação física da cidade tornou-se uma das prioridades do governo. Recursos foram alocados “para melhoramento e aformoseamento das estradas”. Obras públicas, como a edificação e conserto das igrejas, da cadeia pública, construção de um novo prédio para abrigar a “Casa do Ver-o-Pezo”, limpeza de valas, plantio de árvores e manutenção de um Horto Botânico, entre outras obras, são implementadas refletindo a ação conjunta do governo e da Câmara Municipal no sentido de higienizar a cidade da presença dos cabanos, apagando os vestígios de sua permanência na cidade e no governo – além do soerguimento físico, era necessário construir uma memória sob a ótica do vencedor.

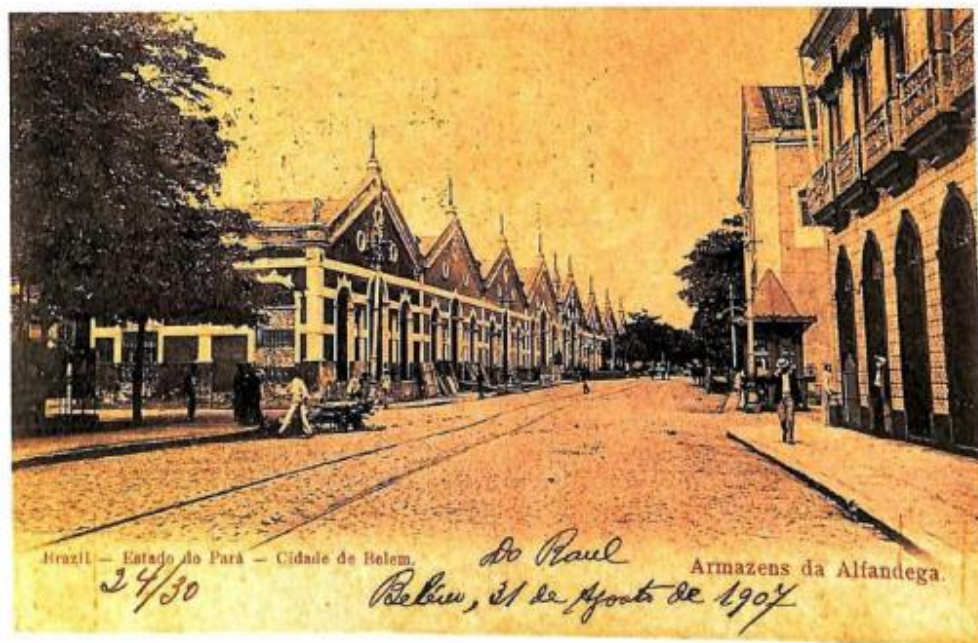
A construção de uma via larga, inicialmente nomeada de Rua Nova do Imperador, posteriormente de Boulevard da República (Nunes; Nunes; Eiró, 2021), e atualmente denominada de Boulevard Castilhos França, consolidou-se como a principal avenida do centro da cidade e do entorno do Ver-o-Peso. Inspirada nos moldes franceses dos *boulevares*, que sinalizaram um novo reordenamento urbano na cidade europeia, cuja doutora em história Márcia Nunes (2017, p. 5) mostrou que:

Em Paris, o boulevard vai se afastar do cais, desse comércio, criando uma sociabilidade dita civilizada, limpa, sem feiras, sem sujeira dos cais. No século XIX os ‘bouquinistes’ – pequenos livreiros inicialmente ambulantes, depois, fixos – fazem parte integrante da paisagem histórica dos quais ‘do Sena’.

A historiadora argumentou que diferentemente de Paris, em que os *boulevares* estavam relacionados ao luxo e requinte, no cais na Província do Grão-Pará tinham funções de comércio, negociação e pequenas feiras, porque a atividade comercial se dava no entorno do rio, tornando a área em uma delimitação de grande valorização.

A construção do Porto de Belém, aprovada pelo Conselho Municipal em 1897, foi realizada pelo engenheiro estadunidense Percival Farquhar durante a gestão de Lemos, em que a região de desembarque de mercadorias e acostamento de barcos passou por uma outra grande transformação. Foram criados novos traçados, calçamentos de vias públicas e instalação de paralelepípedos de granito como uma forma de atrair o capital estrangeiro por meio de investimentos na cidade (Nunes, 2017).

Figura 8 – Antigo Boulevard da República, atual Boulevard Castilhos França, ainda sem o Mercado de Ferro (final do século XIX e início do século XX) – Álbum Belém da Saudade, 1998



Fonte: Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA (2014)

A construção de prédios públicos e mercados na via também foram de grande importância. As antropólogas Amanda Seabra e Victória Costa (2021) afirmaram que o primeiro a ser edificado foi o Mercado Público (atual Mercado de Carne), inaugurado em 1860 e reinaugurado em 1908, seguindo padrões europeus arquitetônicos e de *art nouveau*. Diante da necessidade de construção de outro mercado, iniciou-se a montagem do Mercado de Ferro (ou Mercado de Peixe) em 1899 e sua inauguração em 01 de dezembro de 1901, conforme o relatório técnico para recebimento do mercado do Ver-o-Peso (Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA, 2015):

EDITAL – Concurrencia publica para contrucção e exploração de um curro e matadouro, dois mercados e duas avenidas.

De ordem do Sr, Intendente Municipal de Belém, faço publico que, a contar desta data, fica aberta a concurrencia para a construcção e exploração de um curro e matadouro, dois mercados e duas avenidas, de accordo com a lei nº 173, de 30 de dezembro ultimo.

A concurrencia será de pelo prazo de seis mezes, a contados desta data, devendo, portanto, terminar a 24 de julho do corrente anno, dia em que será encerrado o recebimento das propostas.

O contracto para execução da referida lei obedecerá às seguintes cláusulas:

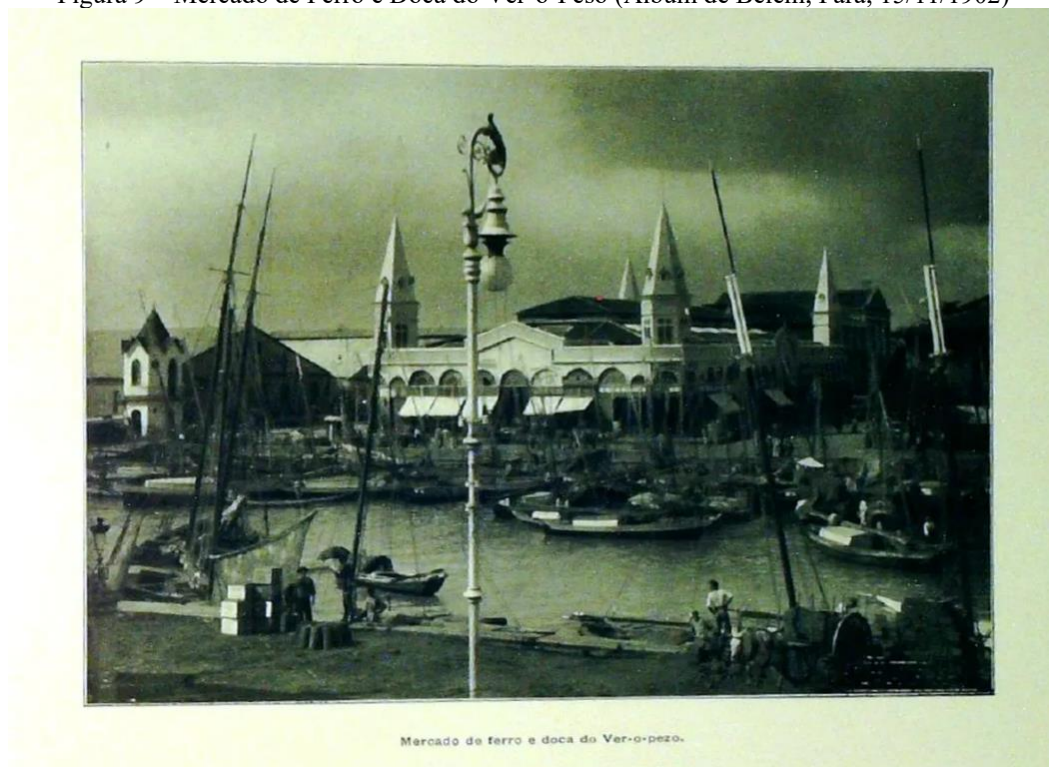
2ª Os mercados serão edificados: o 1º no centro de uma grande praça aberta pelo arrendamento na doca do Reducto, entre as ruas 28 de Setembro e Paes de Carvalho; o 2º no primeiro quarteirão do boulevard da Republica, com frentes para a doca do Ver-o-Peso e travessa Occidental do Mercado, utilizando-se toda a área devoluta ahi existente. O mercado do Reducto será destinado ao commercio de carnes verdes, pescado, caça, verduras fructas, e, em geral, gêneros alimenticios que devem ser

encontrados em estabelecimentos dessa ordem.; o do boulevard da Republica ao commercio de pescado, fructas, verduras, farinhas de mandioca e outros generos alimenticios.

3ª As avenidas serão construidas nas ruas para esse fim destinadas, de como a communicarem a praça da Republica com o littoral da cidade, banhado pela bahia de Guajará.

Dessa forma, com estruturas pré-montadas vindas da Europa, foi construído o imponente Mercado que se tornaria símbolo da atividade econômica que crescia e prosperava. O grande monumento à beira da Baía do Guajará que identifica e representa a cidade até hoje, presente em cartões-postais antigos e até fora do país, é indicador do auge do luxo e riqueza que a *Belle Époque* proporcionou na região amazônica paraense. Assim, ambos mercados (de Carne e de Peixe) fazem parte da grande área denominada de Complexo do Ver-o-Peso.

Figura 9 – Mercado de Ferro e Doca do Ver-o-Peso (Álbum de Belém, Pará, 15/11/1902)



Fonte: Laboratório Virtual – FAU ITEC UFPA (2015)

A importância do Ver-o-Peso é tamanha para a vida dos belenenses e dos paraenses em geral, que atravessa o tempo. No ano do aniversário de 400 anos da cidade de Belém, em 2015, ele ganhou o título de maior símbolo da capital por votação popular no “Projeto Belém 400 anos”, promovido pela TV Liberal (afiliada da Rede Globo no estado do Pará), ganhando com quase 85 mil votos (G1 PARÁ, 2015).

Esse fato reforça ainda mais o aspecto representativo e afetivo que permeia o local, o qual remonta às histórias de infância, reuniões familiares, compras, além da simbologia por

trás de várias denominações que os belenenses chamam a área central da capital: “Lá embaixo”, “Comércio”, “Veropa” e entre outros. Além disso, é um território importante para os feirantes que trabalham todo dia e que trazem consigo vivências e experiências atreladas ao Complexo.

CAPÍTULO 2 – O COMPLEXO DO VER-O-PESO NA CONTEMPORANEIDADE

“Na feira do ver o peso tem (tem)
Cheiro verde (tem)
Pimenta cheirosa (tem)
Limão e tomate

Na feira do ver o peso tem (tem)
Mamão e laranja (tem)
Bacuri, jenipapo (tem)
Banana e abacate

Quem quiser, tem castanha-do-pará
Cupuaçu e abacaxi da ilha do marajó
Tem biribá, embiá e murici
Macaxeira e mandioca pra tirar o tucupi

Na feira do ver o peso tem (tem)
Milho verde (tem)
Araçá e pupunha (tem)
Muito maracujá

Na feira do ver o peso tem (tem)
Sapotinha (tem)
Existe agora Belém
Minha Belém do Pará

Quem quiser, tem castanha-do-pará
Cupuaçu e abacaxi da ilha do marajó
Tem berimbá, embiá e muruçi
Macaxeira e mandioca pra tirar o tucupi”
(Feira do Ver o Peso, Pinduca)

Em 1977, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) realizou o processo de reconhecimento e tombamento do Complexo do Ver-o-Peso, que possui uma área de 25 mil metros quadrados que inclui o Boulevard Castilhos França, o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario²³, as praças do Relógio e Dom Pedro II, a Doca de Embarcações, a Feira do Açaí e a Ladeira do Castelo (IPHAN, 2014). Em 2020, foi realizada a revitalização do Solar da Beira, que no século XX abrigou a Recebedoria de Rendas, transformando-o em um espaço de exposições artísticas e culturais.

²³ Conjunto de casarões antigos e sobrados de conservação variada com lojas comerciais nos térreos. Elas fazem parte do patrimônio histórico e artístico da cidade de Belém.

Mais adiante no calçadão, passamos pela entrada do setor de refeições rápidas (salgados, sucos e café), dos setores que vendem charque, maniçoba, camarão, frutas e verduras até chegar no Solar da Beira. Ademais, todo o percurso foi embalado pelas músicas do famoso bikesom, que são, geralmente, homens que utilizam bicicletas para vender CDs e *pen drives* com vários ritmos musicais, em especial, os regionais.

Figura 11 – Calçadão da avenida Boulevard Castilhos França em frente à feira do Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2024)

O calçadão é um grande ponto de encontro de quem chega ao centro da cidade e onde serviços e eventos são realizados ou divulgados, como manifestações e atos públicos. Ademais, ocorre também oferta de serviços de telefonia móvel, consultas e planos odontológicos, venda de remédios “milagrosos”, circulação de vendedores ambulantes, “pedintes” e pessoas em situação de rua, tudo e todos observados pelos agentes da Secretaria Municipal de Economia (SECON) que detém a fiscalização e a organização do local.

O Decreto Municipal nº 26.579/1994 dispõe sobre o funcionamento de feiras livres no município de Belém e estabelece regras de organização, padronização, administração, permissão e formalização de feirantes, assim como multas e demais penalidades. O que

demonstra o caráter normativo estabelecido pelo Poder Público para garantir a organização das feiras livres e dos feirantes e fregueses que permeiam o local.

O Complexo do Ver-o-Peso já passou por várias restaurações desde o seu surgimento e as principais intervenções foram: a) em 1968, durante o governo de Alacid Nunes; b) em 1980, na gestão de Almir Gabriel, com a padronização das barracas, ampliação e reordenamento da feira, reconfiguração da Feira do Açaí e a desobstrução da Ladeira do Castelo²⁶; c) em 1999, na administração do prefeito Edmilson Rodrigues, com a contratação, por concurso público, de um projeto de reforma de toda a feira, que foi iniciada no mesmo ano e concluída em 2004, após passar por quatro etapas de construção (IPHAN, 2014).

Leitão (2013) argumentou que a grande reforma do Ver-o-Peso concluída em 2002 atribuiu à feira um aspecto mais organizado, por conta da estrutura de pavilhões especializados em produtos, sendo dividido do mais perecível ao mais durável (frutas e verduras, camarões secos e uma variedade de farinhas).

A pesquisadora Mayara Silva (2021), em sua dissertação de mestrado, esclareceu que na gestão do prefeito Zenaldo Coutinho (2013-2020), várias reuniões públicas ocorreram com a participação dos feirantes, para a discussão das demandas urgentes no Complexo, como restauração física do espaço, graves problemas de infiltração, má conservação de equipamentos, lonas com vazamentos, falta de abastecimento de água regular, entre outros.

Segundo a autora, em 2016, houve o anúncio de um projeto básico de reforma da feira pela Prefeitura de Belém, conjuntamente com a Secretaria Municipal de Economia (SECON) e a Secretaria Municipal de Urbanismo (SEURB), sob o cumprimento da contratação da DPJ Arquitetura e Engenharia Ltda., mas que somente após o encerramento da audiência promovida pelo Ministério Público Federal é que a Prefeitura se comprometeu em dar andamento ao projeto.

Todavia, em março de 2020, o projeto básico de reforma mencionado fora embargado pelo IPHAN por não obedecer ao projeto inicial e ao estabelecido nos acordos entre feirantes e Prefeitura. Como se pode ver, a feira do Ver-o-Peso foi objeto de projetos e passou por vários processos de reformas, com a finalidade de modernização, organização e embelezamento do lugar, muitos sem consultar os próprios feirantes, o que gerou ainda maiores problematizações.

Em 2023, conforme noticiaram os jornais locais e confirmado pelo *Instagram* do prefeito municipal na época, Edmilson Rodrigues (PSOL), um novo projeto de reforma foi

²⁶ Complemento que faz parte da estrutura do Forte do Castelo. Alguns historiadores defendem ser a primeira rua de Belém, outros acreditam que a primeira era a antiga Rua do Norte, atual Rua Siqueira Mendes.

formulado para o Ver-o-Peso, dentro dos planos para os 100 milhões emprestados pela Caixa Econômica Federal para obras na capital, visando a realização da COP 30 (Pimentel, 2023), em que a cidade de Belém foi escolhida como a anfitriã do evento em novembro de 2025. Assim, as obras no Complexo do Ver-o-Peso tiveram início em fevereiro de 2024 e com prazo final estipulado para o término em outubro de 2025.

Assim, o Ver-o-Peso é um território importante em todos os aspectos, sendo tema de peças teatrais (como o clássico espetáculo paraense “Verde Ver-o-Peso”), músicas regionais (como da cantora Dona Onete, “No meio do pitiú²⁷”, que conta a história amorosa envolvendo as aves garça e urubu, e a da banda Mosaico de Ravena, “Belém-Pará-Brasil”) e nacionais (como a da cantora Anitta, “No chão novinha”, gravada na feira e da cantora Joelma, “Voando pro Pará”), de fotografias (como dos fotógrafos paraenses Luiz Braga, que desde os anos de 1970 retrata a região amazônica, e Nay Jenkins, que mostra o cotidiano de feirantes com um olhar decolonial), histórias e imaginário cultural da feira e sendo palco de demais festividades paraenses, brasileiras e internacionais.

2.1 A experiência sensorial na feira: o lugar de cheiros, sons, saberes e sabores na região paraense

Agora eu te convido a fechar os olhos e imaginar que estás na feira do Ver-o-Peso. Ao chegar, já sentes o odor do pitiú de peixe fresco característico e sob o calor habitual da cidade, mas que o movimento intenso na feira, faz com que a sensação térmica seja maior. Ao passar pelo calçadão da Castilhos França, já observas o vai e vem de pessoas e ouve pessoas conversando, esperando ônibus nas paradas, pedindo licença para passar, junto com os vendedores ambulantes de castanha, *chopp*²⁸, água, lanches rápidos e outros que estão por ali e anunciam seus produtos sob a vigilância e fiscalização da SECON.

Além das palavras entoadas pelas falas, gritos e risadas, se ouve o ritmo musical que embala a feira, alguns conduzidos pelos bikesons ou vindo de boxes ou barracas existentes ali. São ritmos variados e alegres, os mais frequentes são os regionais e amazônicos, como tecnobrega²⁹, baile da saudade³⁰, marcantes³¹ e os de quadrilha no mês junino.

²⁷ Expressão amazônica relacionada ao odor forte deixado pelo peixe fresco no ambiente.

²⁸ É como é chamado o líquido de frutas congelado em uma sacolinha plástica em formato pequeno e retangular. Em outras regiões brasileiras, são também chamados de sacolé, geladinho, “din din” ou “chup chup”.

²⁹ Ritmo musical paraense.

³⁰ Ritmo musical paraense que remonta às músicas antigas das décadas de 60, 70 e 80.

³¹ Ritmo musical paraense que remonta às músicas antigas das décadas de 80, 90 e 2000.

Ao andar mais à frente, já começa a sentir um outro aroma diferente, com cheiros característicos da região, então estás passando pelo setor alimentício de lanches rápidos, como salgados e sucos, mas que também vendem almoço e o famoso prato regional “açai com camarão, peixe ou charque frito”. Mulheres e homens usam estratégias de chamamento de clientes com linguagens afetivas e amigáveis, como “bom dia freguesa, vai um peixinho frito com açai?”, “bom dia, nosso box é o melhor!”, “vamo lá, o cardápio é variado!”. Acredito que com essa recepção, tu sentes logo vontade de saborear, mas calma que ainda tem mais.

Ao adentrar pela feira e pelos setores, consegues observar frutas, verduras, legumes, hortaliças e iguarias que saltam aos olhos diante da variedade de tamanhos, cores e sabores, tornando o ambiente colorido, enérgico e palatável, em que podes até degustar se pedires aos feirantes.

Figura 12 – A feira funcionando de manhã durante a chuva forte do inverno amazônico



Fonte: Autora (2024)

Além disso, também são vistos animais vivos, cachaças de jambu, castanhas e logo chegamos em uma parte importante da feira, que fica na parte alta ou, como os feirantes chamam, na plataforma. Ali estão os setores específicos da maniçoba, artesanato e de sucos e polpas, mas na entrada da rampa, está o setor de minha pesquisa e que mantém um cheiro inconfundível de maniçoba e peixe frito, já avisando que a hora do almoço está perto: o setor das boeiras.

O movimento na feira é maior durante a manhã, desde o primeiro raiar do dia, em que todos os setores estão funcionando a todo o vapor e que os fregueses dizem que é o melhor horário para comprar no Ver-o-Peso e para almoçar, pois tudo chega bem fresquinho e novo.

O antropólogo Tiago Silva (2011, p. 30) descreveu o ambiente da feira pela manhã:

Pela manhã, a movimentação é grande no Ver-o-Peso, intensificando-se por volta das onze horas ao meio-dia, onde várias pessoas transitam pela feira. As vendas não se restringem às barracas e boxes, pois muitos feirantes itinerantes circulam por toda parte com os mais variados produtos. “Bicheiros” fazem o jogo do bicho; alguns saem oferecendo caranguejos vivos em paneiros ou caixas de geladeira, chamada por eles de “casco”; “sacoleiros” vendem sacolas para as pessoas carregarem suas compras; engraxates a procura de algum cliente; pessoas conduzindo bicicletas para vender o “completo”; camelôs oferecendo importados e pequenos produtos entre eles, pilhas, canetas e barbeadores. Também, alguns vendedores de frutas, verduras e temperos saem com seus “carros de mão” deslocando-se pelos bairros da redondeza como cidade velha e jurunas, parando em determinados períodos para vender seus produtos na feira. Todas essas pessoas estão trabalhando para conseguir sua renda diária.

Já na parte da tarde, muitos boxes e barracas da feira já estão fechados ou só vendendo as mercadorias que sobraram ou oferecendo petiscos para acompanhar a “cervejinha” do final da tarde. Também é a partir do entardecer que se pode ver mais pessoas em situação de rua e em prostituição, assim como o lugar se apresenta mais sóbrio e vazio, fazendo com que a segurança pessoal de quem transita por lá seja mais atenta e reforçada.

Além do cheiro da comida, podes também sentir o “cheiro da Amazônia”, por meio do setor das ervaíras, que também fica na parte interior da feira. É um setor turístico e bem conhecido pelos vidrinhos com ervas banhadas em óleos, colocadas em garrafadas e que acompanham essências purificadoras e florais, baseadas em conhecimentos ancestrais amazônicos e de saber tradicional. Lá tu podes, por exemplo, curar uma gripe, uma alergia, um “mau olhar” e até arranjar um novo amor ou conquistar um emprego.

Ainda na parte de trás da feira, te convido a subir a rampa e ir ao setor de polpas e sucos, lá também tem uma variedade de frutas regionais, transformadas em bebidas, biscoitos e bombons que atraem muitos turistas, depois de olhar o setor de artesanatos que fica ao lado. Na parte de cima (ou plataforma), podemos ver tanto a Baía do Guajará, como grande parte dos setores da feira, inclusive o Mercado de Ferro (de Peixe), enquanto te sentas em um banquinho e tomas um suco a ser escolhido diante de vários sabores amazônicos.

A vista para o rio se torna ainda mais radiante mesmo diante do sol ardente que transforma as águas diante dos nossos olhos em espelhos que refletem o brilho incandescente e nos fazem até esquecer, por um momento, do calor escaldante que o horário traz.

Figura 13 – Mercado de Ferro visto do setor de polpas e sucos do Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2022)

A feira do Ver-o-Peso possui nove setores divididos em: industrializados (confeções, importados e ferragens), hortifrutigranjeiros (frutas, legumes, maniva, raízes, tucupi), alimentação (refeição e lanches), mercearia (farinha, camarão seco), ervas medicinais, polpa de frutas, artesanato, plantas medicinais e aves vivas (Belém 360, 2025) e do lado da praça e do terminal de embarcação, tem o estacionamento para carros e motos.

Então, para não te cansar muito (ou te encorajar a desfrutar ainda mais essa experiência sensorial), te convido para continuar nessa caminhada descrita e conhecer o restante do Complexo do Ver-o-Peso que fica fora da feira, como os mercados (da Carne e do Peixe) e a Feira do Açaí. Te garanto que vais adorar!

2.2 Os eventos acontecem aqui: as festividades e o Ver-o-Peso

Vários eventos na cidade são festejados e realizados no Ver-o-Peso diante da representatividade e do simbolismo que o caracterizam. Ao serem anunciados, logo mobilizam um conglomerado de pessoas que comparecem em peso no lugar e ocupam grande parte dos noticiários locais que transmitem em *links* ao vivo, desde as primeiras horas da manhã até a noite, reportagens jornalísticas sobre o que acontece na feira e no Complexo.

2.2.1 O aniversário da cidade de Belém

Uma das datas mais importantes comemoradas é o aniversário de Belém, no começo do ano e celebrado no dia 12 de janeiro, em que são realizadas festividades, shows, atendimento ao público e o tradicional “parabéns” logo de manhã cedo, com o corte do bolo e a presença de figuras públicas, como prefeito, governador, repórteres televisivos e influencers que divulgam o evento e que geram bons vídeos e memes nas redes sociais.

Figura 14 – Repórter com capa de chuva fazendo reportagem sobre o aniversário de Belém



Fonte: Autora (2024)

Em 2024, a capital completou 408 anos e o dia amanheceu nublado, de modo que o toró³² já era esperado, mas assim que passou a chuva forte segui para a feira e acompanhei as ações e os festejos do dia. Nesse dia, a previsão era de chuva o dia todo, pois era tempo do chamado “inverno amazônico”, em que as chuvas são constantes. No Solar da Beira, muitas pessoas estavam aguardando a chuva passar, então fiquei por ali observando tudo que acontecia ao redor: pessoas se protegendo da chuva, feirantes que continuavam trabalhando, pessoas que acessavam ao banheiro pago e demonstrando que, em todo o tempo, a feira nunca para.

Chegando no estacionamento do *Veropa*, estava tendo uma ação do Governo Estadual com a entrega de casas do Programa Sua Casa, em parceria com a Companhia de Habitação

³² Nome amazônico dado à chuva forte ou pancadas de chuvas.

do Pará (COHAB), e quem era sorteado ia ao palco para se identificar. Vi filas enormes de pessoas se inscrevendo no programa, mesmo debaixo de muita chuva e sombrinhas, e ao redor, o aparato policial se fazia presente. No meio da celebração, pessoas que trabalham com políticos e com o Poder Público também estavam presentes, dando suporte e incentivo para a atividade pública.

Figura 15 – Entrega de casas e filas de inscrição para o Programa Sua Casa (Governo do Pará e COHAB)



Fonte: Autora (2024)

Em 2025, acompanhei os festejos no dia do aniversário de Belém, que completou 409 anos, respectivamente. Foi um ano específico, pois ocorreu após as eleições municipais em que o candidato Igor Normando (Movimento Democrático Brasileiro/MDB) ganhou o pleito e se tornou o novo prefeito da cidade (2025-2028). Nesse dia, logo pela manhã observei algo diferente: a Castilhos França estava interditada e muitas pessoas andavam e dançavam os ritmos regionais no meio da via. Ademais, o sol estava escaldante desde cedo, fazendo com que os famosos “parabéns” só fossem realizados após o meio-dia, com a presença do novo prefeito, mesmo com a previsão de chuva pela parte da tarde.

Figura 16 – Festejos do dia do aniversário de Belém



Fonte: Autora (2025)

Em frente ao Solar da Beira, pessoas se aglomeravam e faziam filas para pegar um pedaço do tradicional bolo de 12 metros de comprimento e que, neste ano, tinha o recheio de cupuaçu e castanha-do-pará e era coberto de *chantilly* com frutas cristalizadas, demonstrando que o ritual de comemoração também segue padrões culinários regionais. Enquanto bandas musicais cantavam, blogueiros e famosos na cidade faziam vídeos e fotos sobre o que acontecia no momento e o clima era de muita alegria e tranquilidade de um domingo.

Ao aproximar-se do meio-dia, uma movimentação começou, principalmente quando os presentes avistaram que o bolo já estava sendo cortado em vários pedaços e que as fatias estavam sendo colocadas em pratinhos com garfinhos, indicando que tudo seria servido separadamente e de forma higiênica, sendo alvo de reclamações de quem trouxe vasilhas, baldes e outros utensílios para pegarem as fatias por conta própria e levarem para suas casas.

Figura 17 – Pessoas aglomeradas em filas para a distribuição das fatias de bolo do aniversário de Belém



Fonte: Autora (2025)

Por fim, quando o prefeito e sua comitiva chegaram, começaram os discursos sobre a cidade e a realização da COP 30, que aconteceu em novembro de 2025, e os cânticos festivos de comemoração. Ao terminar os discursos, começaram a cortar o bolo, os ajudantes da Prefeitura logo começaram a entregar os pratinhos para quem estava na fila, sendo um de cada vez e, enquanto a atividade acontecia, logo percebemos que o calor estava mudando e as nuvens cinzas já se formavam no céu, avisando que a chuva já estava pronta para cair, mesmo com o aglomerado de pessoas nas filas ainda esperando a vez de pegar um pedaço do tão esperado bolo. Eu era uma dessas que estava na fila, e quando chegou a minha vez a chuva caiu, mas ainda deu para experimentar a fatia do bolo que estava deliciosa.

2.2.2 O aniversário do Ver-o-Peso

O aniversário do Ver-o-Peso também é um dia icônico na cidade. Estive presente na comemoração do aniversário de 396 anos da feira, em 27 de março de 2023, mas não pude ir no início da manhã, geralmente às 8 horas, em que ocorre o tradicional “parabéns” diante do imenso bolo produzido para a ocasião, porém consegui chegar a tempo de observar e participar das demais atividades realizadas em diversos locais da feira no dia. Ao chegar pela manhã, desci no estacionamento da feira, onde dava para ouvir um grupo musical tocando as músicas de carimbó para as pessoas que ali estavam e dançavam.

Figura 18 – Festividades do aniversário de 396 anos do Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2023)

Em seguida, continuei minha caminhada pelos setores da feira, procurando alguma programação do dia festivo e uma feirante me falou que no Solar da Beira estavam sendo realizadas ações sociais específicas promovidas pelo Poder Público para os feirantes e a sociedade em geral, como vacinação contra gripe (influenza) e Covid-19, emissão de Registro Geral (RG) e carteiras de trabalho (CTPS), orientações jurídicas e outros, então segui para lá. Pude notar que a maioria dos serviços eram incentivos para a entrada no mundo do trabalho e para os pequenos empreendimentos com a concessão de microcréditos, cuja alíquota era especial e com juros, conforme a Portaria Normativa nº 01, de 25 de fevereiro de 2014 (Prefeitura Municipal de Belém, 2022).

Figura 19 – Panfletos sobre a Carteira de Trabalho Digital e o Crédito Solidário do Banco do Povo de Belém



Fonte: Autora (2023)

Pela parte da tarde, duas oficinas foram realizadas e voltadas para os trabalhadores que manuseiam alimentos, em parceria da Prefeitura com a Vigilância Sanitária. Quando cheguei e me identifiquei, alguns olhares desconfiados acompanhados de perguntas específicas vieram de representantes do Poder Público, mas depois de algumas respostas, até me incentivaram a participar do sorteio do kit de beleza no final e sanaram algumas dúvidas que eu tinha sobre a fiscalização pelas entidades públicas e o trabalho realizado na feira.

2.2.3 Outras festividades: Círio de Nazaré e Arraial do Pavulagem

O Círio de Nazaré é considerado uma das maiores manifestações religiosas do país, realizado há mais de 200 anos na cidade de Belém e reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial pelo IPHAN e Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

A história do Círio começa nos anos de 1700, em que o caboclo Plácido encontrou uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré às margens de um riacho, onde atualmente se encontra a Basílica Santuário em homenagem à Santa (Círio de Nazaré, 2025). Ao levar para a sua casa, Plácido não a encontrou no outro dia e a achou de volta ao rio. O governador da Província ordenou que a imagem fosse deslocada para o Palácio do Governo e para a surpresa de todos, no dia seguinte ela não se encontrava no lugar, tendo voltado novamente para onde

foi achada, que virou uma ermida e posteriormente, a Basílica de Nazaré onde se mantém até os dias atuais (Alves, 2005).

Conhecido popularmente como o “Natal dos Paraenses”, o Círio acontece todos os anos desde o ano de 1793, sempre no segundo domingo de outubro (somente em 2020 foi suspenso por causa da pandemia) e reúne mais de um milhão de pessoas que acompanham ou pagam promessas ao longo de doze procissões que começam na sexta-feira e termina no domingo do evento, tendo a Boulevard Castilhos França e o Ver-o-Peso incluídos nos trajetos principais da berlinda.

No Ver-o-Peso, a religiosidade católica também é presente, junto com as demais, tanto que uma imagem da santa está localizada na entrada do Mercado de Peixe. Antes da festividade do Círio, ocorrem as visitas da imagem peregrina por vários lugares da cidade e assim, percorreu no Complexo, em locais como a Pedra do Peixe, o Mercado do Peixe, o interior da feira do Ver-o-Peso e setores, como das frutas e refeições, até chegar à beira da Baía do Guajará, onde foi realizada uma missa com permissionários³³, trabalhadores e demais presentes (Jornal Liberal 1ª edição, 2025).

Além disso, é nesse período que as vendas de maniva crua ou pré-cozida, pato, tucupi e jambu aumentam na feira, pois são ingredientes principais para compor o almoço do Círio. Então, nas semanas anteriores à celebração, os preços das iguarias aumentam em 100%, todo ano, fazendo com que a procura e a demanda sejam altas e uma época de grande faturamento para os trabalhadores do setor.

Uma das principais procissões é a Trasladação, que acontece na noite de sábado anterior ao Círio, em que a imagem da Santa sai do Colégio Gentil Bittencourt e segue as ruas do centro histórico até a Igreja da Sé, onde sai às 6 horas da manhã do domingo para o Círio, fazendo o percurso inverso até meados do meio-dia, que é o horário do tradicional almoço nas casas dos paraenses.

³³ De acordo com a Lei nº 8.987/95, permissionários são pessoas físicas ou jurídicas autorizadas pelo Poder Público para explorar ou utilizar espaços públicos, como feiras, mercados, praças, portos, entre outros. Em Belém, o cadastro e a regularização dessas pessoas são realizados pela SECON (atual SEDCON).

Figura 20 – Berlinda passando pelo Ver-o-Peso durante a Trasladação na noite de sábado que antecede o Círio



Fonte: G1 Pará (foto de Manoel Campos, 2024)

Enquanto algumas pessoas acompanham o cortejo religioso no domingo, outras assistem de locais estratégicos da cidade ou pelos televisores que estão ligados desde o amanhecer dominical que dá início à festividade. Ainda no Ver-o-Peso, durante a passagem da procissão, próximo à Pedra do Peixe, trabalhadores (peixeiros, barqueiros, balanceiros³⁴ e geleiros³⁵) realizam homenagens com fogos de artifício, acompanhadas de pedidos, agradecimentos, lágrimas e abraços.

Os antropólogos Licia Nascimento e Carmem Rodrigues (2012) e Luiz Silva (2020), em suas pesquisas, argumentaram que as homenagens terminam com uma grande festa no Mercado do Peixe e arredores, que remonta a meados dos anos de 1970, em que um balanceiro fez promessa à Santa de sempre realizar uma festa para homenageá-la. Com isso, a celebração dos trabalhadores se tornou uma expressão de práticas e sociabilidades no Ver-o-Peso que une todos os envolvidos e convidados.

³⁴ “[...] o balanceiro é quem pesa a produção para o dono da embarcação, algumas vezes indica compradores, tendo como lucro por este serviço de quatro a seis por cento do total da venda” (Nascimento; Rodrigues, 2012, p. 161).

³⁵ “[...] Na tripulação desses barcos, além do encarregado, há o “gelador” – pescador que se diferencia dos demais, pois tem a técnica de acondicionar os pescados nas urnas para garantir sua boa conservação e qualidade até a chegada da viagem – é ele quem tira o peixe da urna e joga para o convés da embarcação, onde outros pescadores vão enchendo as basquetas que são transportadas através de uma tábua usada como rampa para o escoamento do pescado desde o barco até a “Pedra”, onde se segue a comercialização por intermédio de um balanceiro” (Nascimento; Rodrigues, 2012, p. 160-161).

Já as casas paraenses são preparadas e ornamentadas para receber parentes e amigos que moram em outros bairros, cidades e até outros países para uma grande reunião, em que degustam e compartilham o tradicional almoço do Círio, que acontece logo após a chegada da Santa na Basílica que leva seu nome, como uma forma de confraternização de fé e cultura que vai além muito além da religiosidade.

Seabra e Costa (2021, p. 114) mencionaram os aspectos visuais e simbólicos do evento:

Belém recebe centenas de visitantes de todo o estado e do país e, durante este período, nota-se como se transforma, com várias paisagens religiosas. A imagem de Nossa Senhora de Nazaré, padroeira da cidade, toma não somente casas, como a maior parte dos prédios e estabelecimentos, assim como faixas e vários ornamentos que demonstram a devoção à Santa. Os aspectos visuais e simbólicos mais fortes, no entanto, ocorrem durante as procissões, em que as ruas ficam repletas de devotos e promesseiros, milhares de pessoas que se unem pela fé, puxando a corda e acompanhando a berlinda, onde está localizada a Santa, além da tradicional chuva de papel e fogos de artifício que sinalizam e celebram a passagem de Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 21 – Berlinda com a Santa passando pelo Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré



Fonte: Diário do Pará (foto de Wagner Almeida, 2024).

Além do aspecto religioso, o centro da cidade também é palco de manifestações culturais. A maioria das praças, cinemas e teatros se concentram na área central, como a Praça da República que é bastante movimentada aos domingos e o Theatro da Paz, herança da época da borracha e que recebe *shows*, concertos e peças teatrais durante o ano todo. Nessa área

delimitada, cortejos culturais acontecem, principalmente, entre os meses de junho/julho (Arrastão do Boi Azul) e no sábado anterior ao Círio e são liderados pelo Arraial do Pavulagem (Arrastão da Cobra Grande/Arrastão do Círio).

O Arraial do Pavulagem é um grupo de música regional paraense criado em 1987 e que em 2017 recebeu o título de Patrimônio Cultural de Belém, em 2020 recebeu a honraria de Patrimônio Cultural do Pará e em 2024 foi reconhecido como Manifestação Cultural Nacional pela sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores/PT, 2023-2026) do Projeto de Lei 4284/2019. Na Boulevard Castilhos França está localizado o Instituto Arraial do Pavulagem, uma organização não-governamental em que são realizados ensaios, atividades socioculturais, pesquisas e produções audiovisuais de valorização da cultura popular amazônica.

A figura central é o Boi Pavulagem que comanda o cortejo fluvial que começa na praça Princesa Isabel, juntamente com o Mastro de São João rumo à “escadinha” da Estação das Docas (Praça do Pescador), em que todos esses lugares estão localizados no centro da cidade. Ao chegar, é iniciado o cortejo terrestre como o seu “Batalhão da Estrela”, em que os participantes são divididos em setores coreografados e seguem até a Praça da República (ou outra praça escolhida), embalados pelos sons dançados pelos brincantes que se caracterizam com roupas brancas e com o famoso chapéu de fita coloridas.

Especialmente, no sábado anterior ao Círio, o cortejo cultural em homenagem à Santa só sai após a Romaria Fluvial realizada durante a manhã, cujo término acontece no cais da “escadinha” e segue o trajeto festivo até a Praça do Carmo, por conta da relação histórica do lugar com a festa religiosa, passando pela Castilhos França e pelo Ver-o-Peso, respectivamente.

Figura 22 – “Arrastão” do Círio realizado no sábado anterior à festividade religiosa do Círio



Fonte: Vinícius Leal/Agência Pará (foto de Bruno Cecim, 2023)

Assim, o Ver-o-Peso é um dos locais de grande representatividade da cidade e que simboliza o cenário amazônico que está inserido, tendo grande apreço e apelo popular. É por meio desse território que são realizados cotidianamente eventos, celebrações, manifestações, ações sociais, videocliques, programas televisivos, propagandas, músicas, poesias e outros, de forma que a feira se une à história e identidade da própria cidade, contada a partir de quem se reúne e vivencia esse lugar.

2.3 “Quem resolve tudo tá passando bem ali”: as secretarias, organizações e associações que compõem o Ver-o-Peso

Dentro desse território diverso de atores sociais que compõem o Complexo e a feira do Ver-o-Peso, é importante destacar que diante de disputas e conflitos complexos que atingem os feirantes, os agentes intermediários se concentram nas secretarias, representando o Poder Público, e nas organizações e associações que representam os trabalhadores da feira, objetivando um consenso ou diálogo na decisão de ações públicas no local.

2.3.1 Secretaria Municipal de Economia – SECON (atual SEDCON)

Em vários momentos durante a pesquisa, encontrei agentes da Secretaria Municipal de Economia caminhando pela feira, principalmente no calçadão da Castilhos França, e até ajudando a montar as mesas e colocar as cadeiras dos boxes que ali se encontravam. Eles surgem usando o uniforme que os identificam e eu pude notar a presença, predominantemente, na parte da manhã na feira do Ver-o-Peso.

Os agentes da SECON estão presentes diariamente na feira, fiscalizando e monitorando os boxes dos permissionários, como os feirantes regularizados são chamados, e as áreas em que estão localizados, caso contrário retiram do local e aplicam penalidades, além de solucionar possíveis problemas que possam aparecer e que tenham relação com a feira ou com os feirantes, portanto nem todos os feirantes têm relação direta ou amigável com essas pessoas.

Apesar da falta de proximidade, algumas interlocutoras boieiras relataram que a relação com eles no ambiente de trabalho é tranquila e sempre prezando pela harmonia e cooperação de todos, fazendo com que a conversa com eles seja realizada mais entre as donas de boxes do que entre as funcionárias:

A relação é boa, eles não implicam aqui porque eles me conhecem e quando tem alguma reclamação eu vou logo lá e brigo mesmo. Até brigo com o Prefeito, quando preciso. Todo mundo me conhece! (Calêndula, dona de box).

A minha relação é boa, eu acredito que a de todo mundo é igual, você tá entendendo? Eles sempre me trataram bem, em tudo que eu chego, em tudo que eu falo, eu sou bem atendida. É como eu tô te falando, aqui tu vê que todo mundo tem o seu box e tudo, eu não sei o que se passa na cabeça de cada um, entendeu? Então, o meu entrar e o meu sair, eu ajeito, eu arrumo e tudo, resolvo o que tiver, dou bom dia, boa tarde, até logo, é assim que eu sou. Eu acredito também que eles têm boas relações (Cravina, dona de box).

Entretanto, nem sempre a relação é amistosa e de cooperação, pois outras interlocutoras relataram alguns conflitos com a secretaria, seja por infrações de alguns boxes, seja por falta de diálogo com as/os feirantes, em que esses mencionaram a ausência de compreensão e resolução de conflitos:

Normalmente ela (SECON) tá bem presente, todos os dias ela tá na feira. Mas até então, o nosso box por ser tudo legalizado é tudo bem direitinho e que a gente normalmente tenta manter o que a Secon pede... Eu falo assim da nossa barraca, ela é muito boa. Tenho meus amigos da Secon, mas nada influi entre uma coisa e outra, então a nossa relação com a Secon é boa. Agora têm certas barracas que com relação à Secon já tem só problema, só problema, denúncia e, muitas das vezes, fecha box, fecha a barraca da pessoa porque não sabe tratar e não sabe obedecer. Aqui, a Secon,

querendo ou não, tu tens que obedecer ela pra tu poder manter o padrão na tua barraca, pra tu vender e fazer as tuas coisas (Dália, funcionária de box).

A gente já discutiu com eles, por causa de uma questão que eles falam que vão resolver e não conseguem resolver, tipo, aqui às vezes é muito apertado, é muito calor, aí eles não conseguem resolver algumas coisas, umas coisas simples às vezes eles não conseguem resolver (Gardênia, funcionária de box).

O geógrafo brasileiro Milton Santos ([1978] 2009), ao cunhar a “teoria dos dois circuitos da economia urbana” no período de modernização tecnológica nos anos de 1970, argumentou que uma das diferenças na economia urbana entre o circuito superior, que detém os grandes empreendimentos globais, e o circuito inferior, em que está concentrado o trabalho informal, é a falta de ajuda governamental, em que o Estado aparece como um elemento importante para difundir o modo capitalista de produção e também um duplo canal da taxação e da distribuição desigual de recursos.

Nesse sentido, o também geógrafo José dos Santos (2013, p. 48) argumentou em sua pesquisa sobre a Feira da Pedra, em São Bento (PB), que “o Estado vê o circuito inferior como um setor informal que precisa ser formalizado”. Assim, ao torná-los formais ou regularizados, torna os trabalhadores contribuintes da receita federal com o aumento da receita tributária no país.

Adquirir um box não é fácil e os feirantes precisam seguir um rígido processo de regularização para alcançarem o *status* de permissionários. O primeiro passo é a juntada de documentos que constam no site atual da SECON³⁶, que são necessários para o licenciamento de atividades em feiras e mercados da cidade. Após passar por várias etapas do processo, a/o dona/o torna-se permissionária/o e é necessário o pagamento anual de uma taxa de manutenção do box, podendo ser parcelada ou isenta para os que tiverem acima de 60 anos.

Essa taxa se caracteriza por ter um valor irrisório de R\$400,00 (ou R\$50,00 por mês) que, *a priori*, não pesa no custo diário do trabalho e no orçamento dos feirantes e é paga diretamente para a secretaria. Entretanto, a existência da taxa e da quantia paga não é de conhecimento de todas as boieiras, principalmente pelas funcionárias dos boxes que ou não conhecem ou não sabem o valor e nem quando é o pagamento, deixando isso a cargo das donas:

Pelo que eu sei até então, a gente não paga nada pra Secon. A Secon ela não é paga por nenhum barraqueiro. Pelo meu conhecimento da Secon, não teve. O que paga pelo que eu sei é uma vez no ano para a Prefeitura. Uma vez no ano, mas é uma taxa bem simbólica, entendeu? Mas é uma vez por ano. Você não paga energia, você não

³⁶ Para mais informações: <https://prefeitura.belem.pa.gov.br/servicos/orientacao-e-qualificacao-de-permissionarios/>.

paga água, não paga nada de gasto, entendeu? Você melhora o seu box do jeito que você quiser e isso só tem uma taxa, que é anual mesmo (Dália, funcionária de box).

Meu primeiro box eu dei entrada em um processo dentro da Secon e por uma briga que um permissionário teve com um cliente, ele tirou a vida de um cliente lá e a secretaria tomou as barracas dele e eu fui contemplada com um desses boxes. E de lá pra cá, com as reformas que foram mudando e a gente foi mudando de posição, uma barraca pra outra e onde eu estou até hoje. E sobre a taxa, é uma taxa mensal que, ou você paga por mês ou você paga com o seu carnê de uma vez, que eu acredito que dê 600 e pouco. É 50 e pouco por mês, dá 600 e alguma coisa. A maioria das pessoas pagam à vista, é só essa parte que a Prefeitura cobra, não sei se agora vai mudar, entendeu? (Violeta, dona de box).

Dentre as regras para a aquisição do box, está a proibição legal da venda ou aluguel dos permissionários para outras pessoas, pelo menos formalmente. Bianca Tsubaki (2024, p. 38) explicou que ao entrevistar um servidor da SECON sobre a Feira do Artesanato, ele respondeu que era difícil conseguir uma barraca de forma “voluntária”, pelo tempo de trabalho na feira e por estarem reservadas às (os) trabalhadoras (es) do Espaço da Palmeira³⁷.

A proibição de venda de box na feira do Ver-o-Peso se repete parcialmente, pois a dificuldade em adquiri-lo está no tempo de trabalho na feira, em que é comum vermos gerações familiares inteiras trabalhando ali por longos períodos de tempo:

Vender tá proibido de vender o box, porque até então não é teu, é da Prefeitura. Mas se você chegar na Secon e quiser passar o teu box pra outra pessoa, leva a outra pessoa e leva a documentação, daí em diante o box passa a ser da outra pessoa. Mas vender mesmo, você não pode, porque não é seu. No dia que tipo assim “ah a prefeitura quer tomar, quer pegar o teu box”, ela pode. Pode passar 10, 50 anos dentro do teu box, mas chegou um dia que a Prefeitura quer tirar o box de ti, ela vai tirar. Porque tu não é dono, quem é dona é a Prefeitura. Muitos aqui já foram da mãe, da vó, entendeu? Aí vai passando de pai pra filho e tudo mais (Dália, funcionária de box).

Apesar da relação que envolve a secretaria e os feirantes apresentarem problemas e conflitos, em que a imposição de regras pareça ter uma forma coercitiva, existe uma pessoa que realiza a mediação principal entre esses atores sociais. Essa pessoa ouve as reclamações e tenta dialogar ou solucionar, porém não é uma pessoa desinteressada das partes, mas sim um representante da própria secretaria, o que acaba fazendo com que todos sigam as ordens dela própria. Estamos falando da figura do Administrador.

³⁷ Espaço inaugurado em 2010 e criado para abrigar trabalhadores ambulantes e informais no centro comercial de Belém.

2.3.2 Administradores

Como mencionado, é por meio da SECON que a feira é fiscalizada, regularizada e organizada em seus ofícios, setores e feirantes. Assim, para se construir um ambiente sadio e harmônico, foi estabelecida a um grupo específico da secretaria a tarefa de mediar e articular junto aos feirantes, denominado de Administradores. Eles ficam localizados em um posto da secretaria no Mercado da Carne e são responsáveis por grande parte do Complexo.

Ao entrar no mercado, perguntei para umas pessoas que estavam por ali, quem era o responsável pela feira do Ver-o-Peso e me indicaram para falar com uma pessoa da equipe. Porém, ao encontrá-la, relatou-me que seu grupo era responsável somente pelo Mercado Bolonha (da Carne) e que a sua função era fiscalizar, resolver possíveis demandas e/ou problemas e que eles fazem parte do D.F.M.P. (Departamento de Feiras, Mercados e Portos) da secretaria municipal.

Ela continuou me dizendo que a feira do Ver-o-Peso, e, consequentemente, o setor das boieiras, era responsabilidade de outra equipe, mas que eu poderia ir à sala da secretaria que se encontrava no primeiro andar do mercado para tentar uma conversa. Ao não encontrar ninguém no local mencionado, desci e perguntei onde estaria a equipe na feira e ouvi como resposta no Solar da Beira, que estava passando por reformas, mas que existia uma sala específica na parte de cima em que realizam reuniões e era lá que eu iria encontrá-los.

Ao chegar no Solar, vi que a escada principal estava interditada e um segurança permitia a subida e a descida de pessoas. Me identifiquei, ele me disse para aguardar, e assim que fui autorizada, segui para a sala para conversar com o Administrador, que logo disse seu nome e lembrei que a boieira e funcionária de box Girassol, já tinha me falado sobre ele em nossas conversas:

A responsável pela a gente é a SECON, nosso administrador é da SECON. Qualquer bronca, qualquer coisa, é direto com a SECON. Tem um administrador que qualquer problema, ou briga ou problema em relação ao box, som, essas coisas ... é direto com ele. Ele tem a sala dele aí em cima do Mercado da Carne (Girassol, funcionária de box).

Ao começar com as perguntas³⁸ sobre o espaço e a função da SECON na feira, a resposta foi de que a responsabilidade era de organização da feira e mostrou-me uma tabela com a quantidade de feirantes, que são chamados de permissionários, cuja quantidade era de

³⁸ Entrevista realizada em 12/07/2024, durante as reformas do Ver-o-Peso, em que setores da feira estavam deslocados para a Feira Provisória, situada no estacionamento da feira.

1.200 (regularizados), mas que o total de trabalhadores na feira (incluindo os não regularizados), não soube responder.

Além disso, mostrou-me que os setores eram divididos em: raízes, artesanato, açai, industrializados, maniva, refeição (parte de cima e de baixo), polpa de fruta, fenagem, lanche, jardinagem e importados. Estavam todos escritos em um papel à mão com caneta azul, em cima de sua mesa. Precisamente na parte da alimentação, relatou-me que são 109 permissionários na parte de baixo e 54³⁹ permissionárias na parte das boeiras.

Sobre o processo de regularização, respondeu que para ter um box, primeiro vê se tem espaço e tendo, encaminha os documentos pessoais, cartão de saúde e certificado de manipulação de alimentos e dá entrada na SECON, na qual em 3 ou 4 meses concede a autorização. Falou que a taxa varia de box, sem valor específico, mas que é um valor mensal e pode pagar como quiser. No tocante à fiscalização dos boxes e imposição de multas, respondeu que os fiscais vão ao local e também há uma frequência diária feita uma vez ao dia (manhã ou tarde) em que os feirantes deveriam assinar.

Em relação à saúde e à questão dos alimentos, tudo fica a cargo da Vigilância Sanitária e alertou que depois de 15 dias de faltas corridas da/o feirante, e sem justificativa, há o processo legal de perda do box, além dos casos de falecimento ou abandono de barraca. No caso de falecimento, em específico, os parentes têm prioridade na barraca, caso contrário, retorna para a SECON.

Sobre os direitos dos feirantes, disse-me que os feirantes têm direito a 1 mês de férias e justificativa em caso de doença. Porém, um fato me intrigou, pois ao perguntar sobre a existência de legislações específicas sobre a feira, respondeu-me que estão estabelecidas em decreto, me indagando de qual especificamente eu estava falando, com uma certa desconfiança em minha pergunta.

Então, perguntei se as boeiras ou o setor de alimentos em geral tinham acesso a algum decreto específico sobre a organização do setor e ele disse que sim, mas quando eu perguntei se esses decretos eram públicos e se eu poderia ter acesso, ele recusou dizendo que eram decretos restritos à secretaria e aos feirantes, de modo que se eu quisesse era somente se um feirante quisesse me mostrar ou por algum advogado.

Durante a pandemia, o administrador argumentou que a atuação do órgão foi suspensa, assim como o pagamento da taxa pelos permissionários, mas que nessa época a SECON só realizava orientações, como a destinação do box que foi ampliada para 30 dias. Ao finalizar a

³⁹ Vide nota de rodapé 14.

entrevista, mencionei sobre a COP 30 e o remanejamento dos feirantes para a Feira Provisória, em que falou que o órgão foi responsável pelo remanejamento por causa das reformas realizadas na feira e que a entidade atua para a organização dela e para o bem de todos. No mais, encerrou dizendo que eu poderia ir ao prédio matriz da SECON para mais informações.

2.3.3 Institutos e Associações no Ver-o-Peso

Outro mecanismo de reivindicação na feira é por meio das associações no Ver-o-Peso. Elas nascem da união de feirantes de alguns setores ou de todos da feira e são responsáveis por mediar ou solucionar possíveis divergências que possam surgir, tanto entre eles, quanto contra o Estado, além de promoverem parcerias para cursos de capacitação com o Sebrae e o Poder Público.

O Instituto Ver-o-Peso é uma das associações que mais aparece nos meios televisivos e de publicidade, ao promover diversas ações sociais na feira em parceria com o Poder Público estadual e municipal e as divulga nas redes sociais, sendo um dos principais articuladores de direitos dos feirantes. Entretanto, nem todos os feirantes são associados ao Instituto, alguns nem o conhecem ou já ouviram falar, como as interlocutoras da pesquisa.

O setor das boeiras possui uma associação própria, mas que também não é conhecida por todas, logo a adesão ainda é baixa. A boieira e dona de box Lavanda, diz que o nome do setor veio da união de 15 boeiras, na qual ela faz parte desse grupo e cujo nome era “Ver-a-Boia”, mas que depois o nome foi modificado para “Associação das Boeiras do Ver-o-Peso”.

Já a outra dona de box e boieira Violeta, que alegou ser a presidente da associação, relatou que a principal reclamação é a falta de iniciativa na associação: “A nossa associação não funciona. É muito difícil, é muito difícil você trabalhar só, você quer participar, mas só quer tá sentada esperando, é muito difícil, entendeu?”.

Por outro lado, por ser a boieira e dona de box mais antiga do setor, Calêndula é sempre procurada para resolver problemas ou conflitos que surgem por ali, tornando-se popular, conhecida e respeitada por fregueses, feirantes e Poder Público. Ela sempre aparece nas matérias jornalísticas e de divulgação de ações públicas e é vinculada à Federação Nacional do Comércio que, por intermédio dela, amparou as feirantes mais necessitadas durante a pandemia da Covid-19 com a doação de cestas básicas.

2.4 A feira que nunca dorme: trajeto⁴⁰ e dinâmica de trabalho do peixe e do açaí no Complexo do Ver-o-Peso

Nas primeiras horas do dia, ainda na madrugada, podemos ver o vai e vem de pessoas na Pedra do Peixe e na Feira do Açaí, seja para comprar, revender ou negociar peixes e açaí para outros lugares, estados e até países. Além disso, outros vendedores também trabalham no local, como os de café, tapioca, sucos, completos (salgados + suco), *chopp* e outras comidas e bebidas que são vendidas ali.

A doutora em Sociologia e Direito Thayla Conceição (2019, p. 76) descreveu com precisão o trajeto e a dinâmica de trabalho que envolve o peixe e o açaí no Ver-o-Peso:

Os barcos das sumanas e dos sumanos⁴¹ vão chegando enquanto o céu ainda é de todo de breu. Estacionam no espaço ancestral amontoados, mas transbordando sabedoria, cada qual com suas cores e nomes de batismo – uma salada de floresta, madeira e vida. Uma cadeia de homens, mulheres e saberes faz com que o açaí deixe o porão, passe pelas cestas equilibradas uma em cima da outra nas cabeças que aguardam na frente dos barcos, e se agrupem ali pelas bordas do concreto, no cais, onde são organizadas para a venda. Outra cadeia, por sua vez, garante que os peixes desçam dos barcos por escorregadores montados com tábuas e, ali mesmo, os animais são limpos e organizados para seguir o destino alimentar. Uma poça de água de pitiú logo se forma molhando a dinâmica, e os trabalhadores a evitam com suas botas de plástico. A próxima maré da feira do peixe e do açaí é essa que se destina às barracas do Ver-o-peso, o veropa, posicionado logo ali do lado, e a tantos mercados pela cidade e fora dela que mal se pode contar.

A Feira do Açaí está localizada nas proximidades da Praça do Relógio, do Forte do Castelo (Complexo Feliz Lusitânia) e da Rua Siqueira Mendes. O movimento intenso acontece entre meia-noite até às 06 horas da manhã, em que embarcações de vários lugares (sejam das ilhas ao redor da cidade ou de municípios/estados próximos) chegam às margens da Baía do Guajará com toneladas do fruto (*in natura*) para serem comercializados na feira ou em outros lugares.

O antropólogo Josias Sales (2014, p. 71-72), em sua dissertação sobre a Feira, descreveu a movimentação e a comercialização do açaí no horário de pico:

Chegando à feira, durante o horário citado, logo avista-se a movimentação resultante da comercialização do principal produto daquele setor: o açaí *in natura*. O movimento frenético de compradores do Açaí *in natura* torna-se a marca daquela feira dentro de “outras feiras”. À primeira vista parece que não há uma organização cartesiana onde se compra/vende o produto, pois não há barracas fixas ou mesmo

⁴⁰ Para o antropólogo José Magnani (2002, p. 23), trajeto são fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade, onde se tem a diversidade do espaço urbano além do bairro, ligando, assim, equipamentos, pontos, manchas, complementares ou alternativos, levando de um ponto para outro.

⁴¹ Termo popular usado na Região Norte para chamar alguém (mulher ou homem) de muito próximo, amigo ou parente.

montadas. Todo o açaí *in natura* é vendido a céu aberto com o produto exposto em rasas cuja disposição é aparentemente irregular por todo o espaço que compõe o local de comercialização [...].

O açaí é mais do que uma fruta para o nortista, é um alimento necessário e nutritivo que garante a sobrevivência de muitas pessoas na região. É rico em proteínas e “sustância”, sendo comercializado até internacionalmente, fazendo com que os preços aumentem em determinadas épocas. Em 2015, o prato regional “açaí com peixe frito” foi eleito como símbolo dos 400 anos de Belém com mais de 30 mil votos em uma votação realizada pelo portal de notícias G1 e a afiliada da Rede Globo no estado, TV Liberal (G1 Pará, 2015).

Essa “dupla alimentar” que nutre o ser amazônida não seria completa se faltasse um ou outro, pois, além do açaí, o peixe também é um alimento essencial e é encontrado em fartura na região amazônica (com restrições legais no caso do período de defeso⁴²), sendo comercializado também em um espaço próprio e próximo à Feira do Açaí e dentro do Complexo do Ver-o-Peso, na área popularmente conhecida como Pedra do Peixe.

Os antropólogos Luiz de Jesus Silva e Carmem Izabel Rodrigues (2016, p. 582) descreveram sobre as diferentes versões da origem do nome “Pedra do Peixe”:

A denominação Pedra do Peixe, atribuída ao entreposto pesqueiro oficial da cidade, pode ter surgido em função da construção de seu cais com pedra cantaria⁴³, mas existem outras duas hipóteses para essa denominação. Uma de que seria originada da demarcação do local, ao lado da doca das embarcações, de “desembarcadouro da Ponta das Pedras, nos séculos XVII e XVIII” (Penteado, 1968, p. 215); a outra é advinda de citação popular, coletada através de entrevistas com pessoas que afirmaram ser o termo ‘Pedra’ originado da pedra do primeiro necrotério⁴⁴ da cidade colonial.

A madrugada também é o espaço temporal em que o labor ocorre, pois vendem por atacado aos comerciantes que revendem em horário comercial ou durante o dia, como os da própria feira do Ver-o-Peso, então a Pedra tem como término das atividades também às 06 horas da manhã. Pode-se ver trabalhadores trazendo o peixe, desembarcando e carregando os peixes, o balanceiro que pesa o que chega, cortando e tratando o peixe, cortando a posta⁴⁵ e revendendo.

⁴² Paralisação temporária de pesca para a reprodução e preservação dos peixes e demais espécies aquáticas. Nesse período, os pescadores artesanais recebem um auxílio previdenciário (Seguro-Defeso) pago pelo Governo Federal, equivalente a um salário-mínimo.

⁴³ Pedra cantaria é uma técnica de construção que utiliza pedras talhadas em formas prismáticas, umas sobre as outras, unidas com elementos colantes, visando a uma fortificação em monobloco (Silva; Rodrigues, 2016).

⁴⁴ O primeiro necrotério de Belém foi inaugurado em 1899, na gestão de Antônio Lemos, e localizava-se na Doca do Ver-o-Peso, na área hoje compreendida da Feira do Açaí.

⁴⁵ Corte do peixe inteiro em fatias grossas junto com a espinha.

De modo que também estão presentes fregueses, consumidores e compradores regionais e internacionais, demonstrando o processo de circulação do pescado que começa em lugares próximos ou distantes da capital, como Vigia, Marapanim, Bragança e demais cidades da região do Salgado⁴⁶.

Tanto a Feira do Açaí, como a Pedra do Peixe, são mais do que lugares de trabalho, apresentando redes sociais que unem todos os envolvidos em torno da cadeia econômica e de consumo. Ao terminar a rotina de trabalho em ambos os lugares, um novo turno começa, mas em outros lugares do Complexo do Ver-o-Peso, demonstrando que o ciclo não terminou.

Após às 6 horas da manhã, quando o horizonte visto da Baía muda de cor, o caos frenético muda de lugar. Ao sairmos da Feira do Açaí e da Pedra do Peixe, podemos nos deslocar para a Castilhos França, em direção à feira do Ver-o-Peso. Ao passar pelos dois mercados, já podemos ver feirantes chegando para mais uma rotina de trabalho, o que se estende até a feira do Ver-o-Peso, e ver a movimentação também nas paradas de ônibus e de carros e motos de aplicativos de mobilidade urbana.

Por volta das 7 horas ou 8 horas da manhã, já com os primeiros raios de sol, o ritmo da feira já tem uma “outra cara”, com intensa movimentação nos setores e nas lojas da avenida principal, até que a partir das 9 horas da manhã, começa o trabalho de muitas pessoas, algumas com o ritmo mais acelerado ao meio-dia, no caso das boeiras, em que muitos almoçam em seus boxes na feira. Faça chuva ou faça sol, os trabalhadores estão lá, chamando os clientes e oferecendo e vendendo suas mercadorias até o final da tarde em que só sobra algumas mercadorias ou chega o horário de encerramento do trabalho e do dia.

Além de donos/as de boxes, funcionários e fregueses, a feira também é frequentada por vendedores ambulantes que, enquanto os clientes estão nas mesas, passam oferecendo produtos e serviços, como chaveiros, cigarros, bombons, chapéus, caixinhas de som, relógios, planos de telefonia móvel, fios de cobre e até pessoas pedindo dinheiro ou comida. Eles se situam no calçadão ou em setores específicos da feira, como no setor alimentício e são os principais alvos de fiscalização e retenção de mercadorias pela SECON.

⁴⁶ “Conjunto de municípios do Nordeste do Pará que localizam-se no litoral paraense”. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/amazonia-regiao-salgado-paraense/>. Acesso em: 5 fev. 2026.

2.5 Circuito⁴⁷ do comércio no Ver-o-Peso: a rede de fornecimento de alimentos na feira

As relações estabelecidas nesse território dimensionam uma grande rede de comércio de mercadorias entre os próprios feirantes no Complexo. Ao perguntar sobre a origem do peixe, do frango, do açaí e das hortaliças em seus boxes, as interlocutoras boieiras disseram que, majoritariamente, compram peixes, carnes, camarões e outros produtos para o preparo dos pratos, dentro do Ver-o-Peso ou em outros setores da feira, o que ajuda na rapidez e na facilidade diante da rotina de trabalho intensa. Inclusive, essa é a vantagem que elas alegaram ao servir pratos bem fresquinhos e feitos “na hora”, então quando querem comprar, já vão em fornecedores específicos e já conhecidos.

Ademais, também me contaram que o armazenamento dos produtos é feito nos *freezers*, evitando que estraguem e cuja duração máxima é de 3 a 5 dias para o pescado. O conhecimento adquirido veio por meio de experiências no trato das comidas no setor e foi aprimorado por meio de cursos profissionalizantes e de qualificação.

Além da preocupação com os alimentos preparados, existe também a preocupação em fornecer comida sadia em um ambiente higienizado, apesar de vários problemas sanitários que a feira enfrenta. A seguir, os relatos de duas boieiras sobre o armazenamento e o cuidado com os alimentos:

O marido da minha patroa normalmente ele tem uma banca de frutas e verduras, às vezes a gente pega as verduras com ele e tudo mais, mas ela tem o fornecedor do próprio peixe, da carne e do camarão. Frango, ela já compra pronto no supermercado, vai comprando tudo no supermercado, tudo no Assaí. Aí então, temos nossos próprios fornecedores, tanto de peixe, (quanto) carne e camarão. Aí a gente pega, vem de lá só o filetado, a gente tem o freezer que é adequadamente só pra comida. De um lado, a gente coloca peixe, o outro a gente já divide colocando a carne, o frango e mantendo num saco, tudo ajeitadinho, tudo bem fechado pra quando a gente for querer pegar e usar, tá ali. Mas todo dia chega peixe pra gente, quando é tipo assim, aquele movimento bacana, grande, a gente já deixa o peixe já armazenado. Chega hoje, a gente deixa no freezer, vai deixando congelado pra no decorrer da semana a gente tira, lava, fileta, entendeu? Aí fica tudo muito bem guardado. Peixe, carne, frango, tudo ajeitadinho para não estragar (Dália, funcionária de box).

Lá atrás, quando a gente trabalhava com a comida em cima do balcão. A gente perdia muita coisa. Até porque a gente não sabia manipular os alimentos e tudo que é ali pra cima, a maioria das coisas a gente perdia. E depois que a gente começou a fazer a qualificação que a gente foi aprender. Tudo lá é produção. E a gente passa de um, por exemplo, ela vem e pergunta “Violeta, porque o teu charque dura tanto tempo?”, aí vou e ensino pra ela, ela vai e ensina pra ti e assim vai passando, entendeu? O peixe chegou hoje, eu vou tratar esse peixe hoje e amanhã chega peixe

⁴⁷ Para Magnani (2002, p. 23), “circuito é uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de um determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais [...]”.

novamente. Vou trabalhar com esse peixe sexta, sábado, domingo, segunda e terça, cinco dias eu vou trabalhar com esse peixe. E eu vou cortar ele agora e vou armazenar ele numa basqueta, eu ponho uma camada de peixe e uma de saco, uma de peixe e uma de saco, ele não gruda no gelo, entendeu? Quando eu for tirar, eu tiro um saco daquele, entendeu? É assim! (Violeta, dona de box).

Quando perguntei sobre o que faziam quando algo sobrava (e se sobrava algo no final do dia), elas foram unânimes em responder que geralmente não sobra, pois elas já sabem a quantidade certa que vão preparar e vender no dia (assim como sabem a quantidade exata para comprar). Porém, caso sobre, ou levam para casa, ou guardam o que não estraga, ou doam para pessoas em situação de rua nos arredores da feira. Tudo é bem pensado para uma boa refeição e para conseguir fregueses próprios, até internacionais.

2.6 “É a minha segunda casa!”: as relações sociais e de trabalho no Ver-o-Peso

Dizer que a feira nunca dorme não é exagero algum, pois desde o amanhecer até o anoitecer, alguma parte dela sempre está em movimento. Além da comercialização, não é incomum vermos trabalhadores conversando, rindo, cantando, bebendo com outros feirantes e até dormindo no local de trabalho, como uma forma de amenizar o custo e o tempo de locomoção ou proteger alguma mercadoria importante. O Ver-o-Peso se torna uma segunda casa, em que os feirantes passam mais tempo por lá e suas casas se tornam meros dormitórios.

Dessa forma, as pesquisadoras Rozane Triches, Luana Dal Agnol e Camila Rossi (2024, p. 485), no trabalho sobre as feiras livres da microrregião de Capanema (PR), argumentaram que:

Na feira ocorre mutualidade que provém das mais variadas interações existentes no ato da compra de determinado produto, definindo assim um modo peculiar de comercializar, atendendo não apenas ao consumidor, mas afunilando as relações entre feirante e freguês. A percepção da função econômica da feira movimenta-se pelas diversas áreas do conhecimento. No momento em que os feirantes não estão atendendo, foram observados alguns aspectos como estarem tomando chimarrão entre eles, conversando com seus colegas ou fregueses, uma roda de conversa ou até mesmo observando o movimento local. As feiras-livres analisadas caracterizam-se como lugar do encontro, do reencontro, lugar de conversa [...].

A primeira interlocutora que tive, a feirante Azaléia, disse que sempre saía tarde da localidade, pois, mesmo após o horário de trabalho, ela encontrava com amigos para beber e conversar, então às vezes rachava o valor do táxi ou uber, chegando bem tarde da noite em sua casa. Tanto que ela me mostrou o espaço dentro de seu box em que ela tomava banho com um balde grande com água e uma caneca, apenas vestida de uma camisola: “Nessa parte aqui ninguém olha, então é tranquilo”.

Esse sentimento de pertencimento e identificação com a feira também apareceu na fala da boieira Violeta:

O Ver-o-Peso é a minha segunda casa, né? É lá que eu trabalho, que eu trago o sustento pra minha casa, pra minha família, criei meus filhos. O Ver-o-Peso é a minha essência, eu não sei se eu vou ficar velhinha ali, mas eu sou apaixonada pelo Ver-o-Peso (Violeta, dona de box).

As relações de trocas estabelecidas entre os trabalhadores ao longo da feira indicam que estar na feira significa mais que local para aquisição de bens. Isso porque a antropóloga Marilu Campelo (2010) entendeu que, para além de comprar, as pessoas que circulam no local vivem o seu cotidiano e o lugar faz parte de suas vidas.

Triches, Dal Agnol e Rossi (2024, p. 486) mencionaram que além da sociabilidade que transformam as feiras livres em um lugar de rituais de encontros e confraternizações, também é um território em que “guardiões culturais” estão presentes:

Nas feiras-livres estão presentes os “guardiões culturais”, um termo ainda em adequação que descreve aqueles que mantêm as sementes (animais e vegetais) guardando ainda receitas e comportamentos típicos que diferenciam este espaço de comercialização, com encontro direto entre produtores e consumidores a partir de notáveis saberes que produzem diferentes sabores.

Em um dos dias calorosos de julho, cheguei no setor das boieiras bem cedo, sentei e pedi uma água e um suco e comecei a observação. Nesse horário, as feirantes ainda estavam preparando e cozinhando os pratos a serem comercializados no horário do almoço. Em um dos boxes, tinha uma grande caixa de som tocando músicas regionais em que muitas boieiras começaram a cantar e conversar enquanto exerciam suas funções.

De repente, o ritmo que começou a tocar foi o MPB (Música Popular Brasileira), então um funcionário homem de outro box gritou: “Ei, troca essa música aí, que é música de rico!”, e os outros funcionários de boxes próximos começaram a rir, então a funcionária do box em que estava a caixa de som logo trocou por músicas conhecidas e tocadas na feira, popularmente chamadas de “marcantes”. Esse fato retratou que tanto os feirantes, como os fregueses, em sua maioria, são de classe baixa ou trabalhadora, que são os que mais ouvem músicas regionais e o som permaneceu até ao meio-dia em que o fluxo da clientela aumentou.

Diante de um segundo lar que a feira representa, traz também uma segunda família, a transformando em um lugar de pertencimento e identidade, em que, às vezes, se torna principal diante do cotidiano de trabalho, compartilhando memórias, conquistas, derrotas,

conflitos e celebrações com as mesmas pessoas, junto às tarefas árduas do labor e por muitos períodos de tempo e gerações familiares.

2.6.1 A feira como lugar de pertencimento e afeto⁴⁸

Ao longo dos tempos, o Ver-o-Peso foi testemunha de várias transformações na cidade. Vivenciou doenças, riquezas, declínios econômicos, reformas e revitalizações na feira, e mesmo assim, se manteve firme e resistente como palco de identidade e representatividade amazônica. Apesar disso, eventos críticos (Das, 1992), como a Covid-19 e a chegada do megaevento da COP 30, interferiram no cotidiano do Ver-o-Peso e fizeram com que os feirantes sentissem fortemente os efeitos dos mesmos, inclusive por meio de memórias e lembranças que permeiam as falas das interlocutoras boieiras.

A pandemia atingiu fortemente a feira e os trabalhadores, que foram pegos de surpresa com o fechamento do local durante o pico da doença. Esse período de isolamento/distanciamento social interferiu no vínculo de sociabilidade (Simmel, 1983) e sofreu limitações em virtude da proliferação do vírus, ocasionando a adoção de medidas emergenciais para conter o avanço da doença e o aumento do número de contaminados e óbitos na capital, visto que o risco de morte afetou incisivamente as populações mais vulneráveis no país (Werneck, 2021).

A boieira Violeta lembrou com tristeza a perda de amigos feirantes do Ver-o-Peso que faleceram nesse período: “Ai, o piu-piu (apelido do feirante), a Márcia do Mercado de Carne que foi uma repercussão. Passou até a filha dela gritando dentro da UPA (Unidade de Pronto Atendimento), pedindo ajuda pro Governador, foi horrível! Teve outras pessoas que eu não lembro mais... Pessoas novas”.

Já durante os preparativos para a COP 30, aconteceu o remanejamento do setor das boieiras em virtude de obras e intervenções urbanas na região central cidadina, e consequentemente na feira do Ver-o-Peso. Diante disso, as trabalhadoras relataram a falta de diálogo entre Poder Público e feirantes sobre a mudança e ensejou reclamações, protestos e reivindicações coletivas por melhores condições de trabalho e houve até interdição parcial da Castilhos França, pois o novo lugar provisório apresentou sérios riscos à saúde e ao trabalho de todas que foram transferidas para lá.

⁴⁸ Para mim, nascida e criada em Belém do Pará, o Ver-o-Peso faz parte da minha história e eu não poderia ter escolhido um lugar de pesquisa melhor e que me remete à infância, principalmente aos finais de semana, durante os passeios matutinos em que meus pais me levavam para ir “*lá embaixo, ou no centro, ou no comércio*” e terminava com um delicioso almoço no *Veropa*.

A boieira Girassol relatou a sua indignação sobre a feira e sobre o novo local que não apresentava condições adequadas de trabalho, uma semana antes da mudança:

Já foi bom como eu falei, eu tenho amor no que faço e gosto do que faço. O que tá ruim é que o espaço em si está se deteriorando. A gente quer mudança, mas não desse jeito que eles querem. Querem tirar a gente daqui pra jogar pra um lugar que não tem estrutura pra receber a galera, entendeu? Aí é isso (Girassol, funcionária de box).

Apesar disso, em ambos os casos, o Ver-o-Peso é um local de afetividade por parte dos feirantes, sendo que é impossível ouvir das interlocutoras algo diferente do que sentem pelo Ver-o-Peso e das oportunidades e o reconhecimento das feirantes que a feira proporciona, mesmo diante da falta de políticas públicas eficazes que fazem a feira se encontrar abandonada ou malcuidada:

Ai eu gosto muito do Ver-o-Peso, acontece quase todo o dia de os fregueses falarem “égua, você atende muito bem, bora, vou arrumar um emprego assim, melhor pra ti”. Como eu falei, eu gosto, passe o tempo que passe, eu amo o Ver-o-Peso, infelizmente o nosso Ver-o-Peso tá essa porcaria, abandonado. Mas eu gosto do Ver-o-Peso, eu amo! (Girassol, funcionária de box).

Eu, às vezes tenho algumas dificuldades, mas eu acho legal trabalhar aqui, são umas pessoas, às vezes, a gente conhece pessoas, às vezes, vêm as pessoas de fora, eu conheci aqui no Ver-o-Peso, têm algumas coisas legais também que eu gosto de observar, tipo, algumas bebidas, algum alimento que é diferente, muitas coisas eu gosto de observar e acho muito legal. E aconselho também pra vir passear (Gardênia, funcionária de box).

Entretanto, esse mundo “familiar, mas não necessariamente conhecido” (Velho, 1981) que o Ver-o-Peso proporciona, não escapa do descaso público, pois ainda é um lugar considerado perigoso, insalubre e anti-higiênico para muitas pessoas, o que também influencia em como o trabalho e os feirantes são vistos, principalmente para as mulheres que trabalham ali e são vistas de modo pejorativo por feirantes e alguns clientes que estigmatizam e estereotipam o labor feminino em feiras e mercados. No entanto, os feirantes são a força que movimenta o Ver-o-Peso, que o modifica e o fortalece durante todos esses anos e é motivo de orgulho de todos que trabalham no lugar.

2.6.2 O trabalho como sustento familiar: o viés econômico do Ver-o-Peso

Entender tanto a feira como o Complexo, sob a perspectiva da comercialização, do local para ganhar a vida, do sustento das famílias, nos mobiliza a pensar que, para muitos

trabalhadores, o Ver-o-Peso é sinônimo de sustento e criação familiar e não é incomum ver gerações familiares trabalhando em boxes distribuídos nos setores que existem por ali.

Para entender essa dinâmica de trabalho na economia informal em feiras livres e mercados, Santos ([1979] 2004) predispõe que o circuito inferior engloba as atividades informais, com pouco investimento de capital, tecnologia rudimentar e baixa produtividade. Porém, a atividade comercial impulsiona a economia regional, a agricultura familiar e de subsistência, fazendo com que seja uma fonte de geração de renda em constante dinâmica para os trabalhadores não formais.

Dessa forma, devido o Ver-o-Peso possuir uma economia baseada no circuito inferior, constituído por atividades comerciais de pequena dimensão, as atividades realizadas favorecem as relações com a cidade ou com a região de origem, mas inseridas na informalidade e sem garantia e proteção de direitos trabalhistas e sociais, e/ou de grandes ganhos (Lisboa; Freitas; Freitas, 2020). Assim, faz com que a trajetória de trabalho dos feirantes sofra com mais percalços e obstáculos para conseguir uma melhoria de vida.

A “segunda casa” tão falada pelas interlocutoras para designar o Ver-o-Peso, visto que passam mais tempo na feira do que em suas residências, em que vão apenas para dormir e para ver a família, descreve a importância do lugar, sendo considerado até como “um pai e uma mãe”, como um ponto de partida e/ou fim da vida laborativa, além de transformação e mudança de vidas, como a realização de conseguir o próprio box e ter uma vida digna, como nos relatos a seguir:

Um ponto de partida. Porque daqui eu creio que há possibilidade de sair bastante coisas boas, entendeu? (Lavanda, dona de box).

É onde eu tenho uma renda que eu ganho muito bem, que eu consigo me manter, a minha casa, os meus filhos, ter uma vida razoável (Ipê, funcionária de box).

Apesar disso, o fato de a feira aparecer como sinônimo de lar evidencia, na prática, a dupla e a tripla jornada de trabalho que as feirantes possuem diariamente. Principalmente por existir uma jornada remunerada, por meio das diárias, e outra não remunerada, como o trabalho doméstico e de cuidado, já que a maioria é mãe solo. Alguns dizem que a terceira jornada se refere ao trabalho emocional, como o estresse, ansiedade e o *burnout*⁴⁹ diante das exaustivas horas de trabalho e a busca pela autonomia financeira.

⁴⁹ Síndrome ou distúrbio emocional crônico caracterizado por exaustão, estresse e esgotamento físico extremo, decorrente de jornada de trabalho, situação ou episódios de trabalho desgastantes. Em alguns casos, pode exigir tratamento médico, uso de medicações prescritas e afastamento do trabalho.

Sobre essas questões, duas boieiras responderam sobre o estresse diário na feira e o que fazem nos momentos de “lazer”, que evidenciaram que o descanso não chega e o trabalho não para, só toma outras dimensões:

A feira é, como eu falei, ela é maravilhosa. Tu passa o dia todinho trabalhando, tem dia que tu trabalha maravilhoso, que tu não tem um estresse, mas tem dia que tu te estressa, te estressa que tu pira, mas no final do dia, tu vai ver que é gratificante, porque tu vendeu bem, tu conseguiu pagar teu fornecedor e sobrou dinheiro pra levares pra tua casa... (Violeta, dona de box).

No meu dia de folga, eu desejo exclusivamente ficar em casa, até então, quando eu tava realmente bem solteira, eu só vivia em casa, aí a minha rotina sempre foi assim, trabalho, casa e nos meus dias de folga, eu ficava em casa, lavava a minha roupa e ficava em casa, o dia todo deitada e via televisão. Aí depois que eu arranjei alguém, aí as minhas folgas agora são dois dias, né? Aí um dia eu fico em casa e faço as coisas, lavo a minha roupa e no outro dia eu saio com o meu parceiro (Dália, funcionária de box).

Em nome da sobrevivência e do faturamento econômico, as boieiras impulsionam o setor alimentício para o alcance internacional às custas de sobrecargas físicas e distanciamento familiar. Até nas gerações familiares que trabalham na feira, encaram o trabalho como único e/ou principal modelo de sucesso pessoal, distante das proteções normativas e legais e retratando a desigualdade de gênero no país.

A pesquisa do economista Fabrício Rebello e dos engenheiros agrônomos Paola Santos e Marcos Santos (2021), sobre as percepções dos consumidores de Belém referente às questões socioculturais e econômicas na feira do Ver-o-Peso, identificou que os setores mais demandados pelos consumidores foram as barracas que comercializam hortifrutigranjeiros (55,64%), pela diversidade de produtos e por se encontrarem mais frescos, e as das boieiras (47,37%), pela tradição alimentar, interação social e musical e o atrativo da vista do setor em frente à Baía do Guajará.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE/PA), em 2019, as atividades econômicas do Complexo do Ver-o-Peso injetaram cerca de 1 milhão diariamente na economia paraense (Pimentel, 2019). Ainda segundo o levantamento, o estado do Pará esteve entre os maiores produtores de pescado e contribuiu com cerca de 20% na balança comercial do país e o açaí alcançou a média de 30 toneladas comercializadas do produto.

O estudo acima ainda cita outros produtos, como a farinha, que alcançou a média anual e aproximada em 100 toneladas/ano, as hortaliças em aproximadamente 30 toneladas mensalmente, os cereais, sendo cerca de duas toneladas por dia, vendas de bombons regionais e polpas dependendo da safra e a comercialização diária do tucupi e da maniva.

Ademais, as atividades comerciais e econômicas no Ver-o-Peso, também aproximam feirantes e consumidores (ou chamados de fregueses), fazendo com que relações sociais e de afetividade também surjam ao redor da mercantilização de tudo que é vendido.

2.6.3 A relação entre os feirantes e os fregueses

Os feirantes têm suas vidas entrelaçadas com a própria história do Ver-o-Peso. São homens, mulheres e LGBTQIAP+, pretos, pardos e brancos que compõem o pessoal da feira. Desde as pessoas mais antigas, que nos contam as transformações que a feira sofreu no decorrer dos anos, até os mais novos que chegam e logo têm de aprender o ritmo que só a feira tem. Com o tempo, vão elaborando suas próprias estratégias de comércio e venda no local.

Os feirantes são parte integrante do “pedaço” (Magnani, 2002) que a feira representa dentro do Complexo do Ver-o-Peso e mantêm relações diretas com os fregueses que frequentam a localidade. Trabalhando em lugares fixos, nos boxes, se diferenciam dos ambulantes e dos camelôs. Eles não são responsáveis apenas pela comercialização de bens e administração de sua própria banca (ou box como no Ver-o-Peso), mas detêm todo um conhecimento que perpassa a seara econômica e que influencia também nas negociações com os fornecedores e fregueses.

A antropóloga Viviane Vedana (2013, p. 45), ao realizar uma pesquisa comparativa em mercados de rua nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Paris, na França, afirmou que o comerciante da feira adquire múltiplas funções e que:

[...] sistematiza uma série de conhecimentos sobre economia, agricultura, alimentos, importações, etc., que extrapola muito o contexto circunscrito do mercado (ou, enfim, acabam engajando o próprio mercado de rua em uma dimensão mais ampla e global), colocando esse trabalhador em sintonia com os processos de globalização e transformações sociais, econômicas e urbanas, ainda que, em alguns casos, não se expressem nesses termos.

Andando pelos setores, parei no setor de polpas de frutas e sucos e o chamamento aos clientes logo começou: “Vamo lá moça, tomar um suco?”, “Bom dia morena, tem suco fresquinho!”, “Bom dia, patroa, aqui tem várias polpas e sucos geladinhos!”. Assim, percebi um certo “padrão” de linguagem para oferecer e vender mercadorias no Ver-o-Peso, manifestando sempre uma forma amigável e mais próxima ao conversar com os fregueses.

Por ser um ambiente de livre movimentação de pessoas e coisas, as mercadorias circuladas e comercializadas no local também fazem parte das relações sociais que ali se

estabelecem. O antropólogo Arjun Appadurai ([1986] 2008) mencionou que a mercadoria não é impessoal e não é deslocada das relações sociais, mostrando ter um elo contextual, causal e relacional, assim como a dádiva, fazendo o valor deste objeto ser produzido na circulação, nas relações sociais e culturais, tendo importância junto às pessoas. Neste caso, o que torna o Ver-o-Peso tão singular é justamente por ser um local que une pessoas e coisas, gerando relações sociais atreladas às mercadorias.

O pesquisador José Maria Costa Júnior (2015, p. 6), em seu estudo sobre a feira da 25 de setembro em Belém/PA, argumentou sobre a importância dos mercados populares e das feiras livres:

Os mercados populares e feiras livres, considerados dessa forma, são espaços plurais, marcados por alteridades, conflitos e resistências. Seu conhecimento além de ampliar a compreensão da cultura, da economia popular e das cidades na Amazônia, favorece sua valorização e o fortalecimento de sua legitimidade institucional, sempre tão questionada pelo Estado e por agentes do circuito superior da economia.

De acordo com a psicóloga e pesquisadora Leny Sato (2007), os feirantes exploram toda a composição da mercadoria, sejam as cores, formas, texturas, cujo resultado estético confere identidade e embelezamento da feira livre, contando com a apreciação de fregueses e feirantes, que transformam as bancas em verdadeiras vitrines. Todo esse processo é organizado com base em acordos e negociações, que estabelecem normas de cooperação e competitividade, além da execução de normas implícitas obedecidas e exercidas na feira.

O sociólogo Fabricio Maciel (2012) afirmou que os feirantes integram o que se denomina “nova classe trabalhadora” ou “batalhadora brasileira”, que se caracterizam pela intensificação da precariedade, da desqualificação e da informalidade. Dessa forma, estão divididos em “batalhadores empreendedores” ou não, cujas semelhanças são: origem familiar estruturada, disposição para o trabalho esforçado e honesto (dignidade) e disposições econômicas básicas para cálculo e administração primários. Entre os “batalhadores empreendedores”, que se caracterizam por gerenciar seus próprios negócios, os elementos diferenciais são: disposição e cálculo para autossuperação e disposição para chefia e liderança.

Viviane Vedana (2013, p. 61) explicou que a relação de trabalho na feira é uma relação entre mestre e aprendiz:

Como venho afirmando, essa aprendizagem depende da interação e da relação com o outro: seja com colegas que ensinam e aprendem num mesmo contexto, com os fornecedores de entrepostos fiscais onde compram seus produtos, seja com fregueses

e suas demandas não só relacionadas aos alimentos, mas aos laços sociais que se tecem na feira.

Assim como o jeito íntimo de conquistar fregueses, os feirantes também possuem uma relação próxima entre seus colegas de boxes próximos e pude identificar relações de amizade estabelecidas entre eles. As piadas, risadas, gracejos e até apostas no “jogo do bicho” (denominado de “Coruja/Corujinha”) e de quem chega mais cedo, demonstraram as formas de sociabilidade (Simmel, 1983) que os feirantes do Ver-o-Peso possuem.

Ainda segundo o sociólogo Georg Simmel (1983), a sociedade é formada pelas diversas maneiras de interação (interesse) entre indivíduos, se tornando uma unidade ou sociação e também afirmou que:

A sociação só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral de interação. A sociação é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados causalmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades.

Essas formas de sociabilidade vão além do espaço físico da feira, englobando também os ambientes virtuais na vida cotidiana dos feirantes e atingindo também os fregueses, evidenciando atos de fraternidade e amizade em relações de trocas mútuas que vão além do aspecto econômico e comercial.

Durante a entrevista com a primeira interlocutora do setor de polpas e sucos, pude observar os aspectos acima tratados: duas freguesas chegaram e a parabenizaram pelo noivado de seu filho, dizendo que viram as fotos pelas redes sociais. Após olharem novamente as fotos da noiva do filho, ela colocou as polpas em um saquinho e entregou para as moças, que retribuíram, pagando-a.

Nas conversas, as boieiras contaram que possuem uma clientela exclusiva e antiga, não tendo que chamar mais clientes para o box, sejam fregueses da cidade ou de outras partes do mundo, como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, como relatou a funcionária de box Dália, e até de estrangeiros, como mostrou-me disfarçadamente, Camélia, funcionária de outro box, apontando a presença de um turista estrangeiro em uma mesa e acompanhado de um segurança particular.

As demais boieiras também afirmaram que tiveram dificuldades com o idioma estrangeiro no começo, mas que depois conseguiram se comunicar, por meio de telefone

móvel e site de tradução online do *Google*, e que já deixavam as mesas dos boxes reservadas e arrumadas, quando os clientes as contactam para fazer a reserva.

Além disso, a popularidade é tanta que a dona de box Calêndula, falou que os anos de trabalho na feira, rendeu-lhe participações em concursos gastronômicos na cidade e pelo Brasil, alavancando ainda mais o reconhecimento por seu trabalho gastronômico:

Já participei de um monte de concurso, o “Estrela Azul⁵⁰” só minha filha e outras feirantes participam. Eu já fui para São Paulo, Santa Catarina... Já fui pra um [concurso] que tinham vários representantes e o nosso box foi o que acabou com a comida mais rápido. O Jacquin⁵¹ comeu lambendo os dedos! (Calêndula, dona de box).

Para os boxes que precisam atrair clientes novos, as funcionárias usam as táticas parecidas como os demais feirantes do Ver-o-Peso, chamando de modo alegre e íntimo, mostrando o cardápio, além de fazerem algumas gracinhas ou gracejos sobre as pessoas que andam pelo setor e oferecem os pratos como “os melhores do local e de qualidade”.

Apesar disso, nem todas as boieiras concordam com esse tipo de abordagem, pois acreditam que, em algumas vezes, pode parecer uma forma bastante invasiva e ressaltaram que a educação é fundamental na hora de contactar clientes:

A educação é o fundamental de tudo, é tu tratar bem. Sendo educado é tu tratar bem o teu cliente. Olha, eu abordo os meus clientes assim “Oi bom dia querido, vamos almoçar?”, aí, quer dizer, eu vou falar tudo que tem no cardápio, aí, quer dizer, só de tu já chegar e já dar um bom dia pra pessoa, ela já se alegra, porque tem gente “ai vem cá, vem cá, bora dançar, senta aqui, não sei o que”, não! Tem que ser, “bom dia meu amor”, porque todo mundo eu trato de amor, de anjo, tenho esse carinho pelos clientes mesmo que eu não conheça. Aí chamo eles “bora, venham almoçar, meu amor. A gente tem peixe com açaí, charque, frango...”, aí eu vou repetindo. Aí a pessoa lá normalmente pela educação vem e senta, conversa, aí eu ofereço, aí eu ofereço uma cerveja bem gelada e tudo mais, porque indo ali eu vou puxando uma conversa pra ter um vínculo com o cliente, aí eu tendo esse vínculo e ele me dando espaço, a gente vai e a gente conversa, a gente brinca, então todos até hoje que eu atendi, todos voltam, todos gostam muito de mim. Nunca tive um “ah, tem um que não goste”, não, várias pessoas gostam, mas sempre tem cliente meio chatinho, né? Que reclama que “aí, eu fui mal atendido”, mana reclama, porque acho que ele não sabe o que é uma atenção, um carinho em qualquer parte que ele vá, porque se vier no meu box, é bem tratado, é bem respeitado. Mana, tu sai daqui uma maravilha. Então, normalmente é assim que eu abordo os meus clientes “vamos almoçar meu amor, isso e aquilo outro”. E vou indo (Dália, funcionária de box).

Eu não gosto. Eu geralmente quando eu tô trabalhando lá, eu tô com a mão pra trás ou com o cardápio na mão e eu espero o cliente sentar. Eu não gosto, porque já aconteceu muita briga, inclusive eu tirei a minha filha da feira por causa disso. Porque se você tá vendo que tá perdendo cliente, você vai fazer o mesmo, né? E assim, você tá aqui, eu tô aqui com o cardápio te oferecendo, a outra pessoa vem e

⁵⁰ Festival paraense que premia os melhores restaurantes de comidas locais e regionais.

⁵¹ Chef de cozinha francês e jurado no reality show gastronômico “*Masterchef*”, veiculado pelo canal televisivo Band.

bota bem em cima, na tua cara. Eu acho muito complicado isso. Eu não acho legal (Violeta, dona de box).

Ademais, pude identificar que não é fácil estabelecer essa relação íntima nem com os fregueses e nem com as interlocutoras, propriamente, de modo que nem sempre eu conseguia alguma resposta direta delas. Não era sempre que elas respondiam com gentileza, mas entendendo que elas não iriam contar sobre suas vidas para uma pessoa desconhecida, como eu, então a única saída era conquistar a confiança delas.

Depois de inúmeras idas a campo e tentativas de aproximação, consegui chegar mais perto e pude entender e participar mais do cotidiano da feira, além de ser uma freguesa assídua do suco de graviola do box de Azaléia e do filé de peixe frito de dourada nos boxes de boeiras entrevistadas.

2.7 A feira e a mobilidade urbana

Diante do ritmo de trabalho exaustivo, os feirantes enfrentam inúmeros obstáculos que já começam ao chegar no ambiente de trabalho. A maioria dos trabalhadores é residente de bairros de periferia da cidade ou em municípios vizinhos à capital (Sousa *et al.*, 2017), mesmo diante de habitações existentes no comércio e no centro da cidade, fazendo com que essa área da metrópole, em que está localizado o Ver-o-Peso, seja habitado majoritariamente, pela classe média e alta que tem o melhor fornecimento de produtos e serviços, especulação imobiliária e investimento demasiado, além da mobilidade urbana pensada e desenvolvida para atender essa parte da população (Villaça, 2001; Barbosa *et al.*, 2024).

Assim, enfrentam uma dura jornada de locomoção ao ir e voltar de seus trabalhos e que geram altos custos na renda diária do trabalho na feira, evidenciando que a capital paraense é historicamente planejada e *gentrificada*⁵² para beneficiar uma parte privilegiada da população e não todos.

Além do fato que as interlocutoras residem, em sua maioria, em casas alugadas, elas contaram que já moraram em muitos bairros até se estabelecerem em definitivo com suas famílias. Nesse sentido, os bairros e/ou distritos da região metropolitana onde estão suas residências são: Terra Firme, Tapanã, Telégrafo, Guamá, Jurunas e até o distrito de Mosqueiro (situado na região metropolitana), demonstrando as dificuldades no acesso à

⁵² Gentrificação é o termo aportuguesado da palavra inglesa *gentrification* para designar os processos de transformação urbana e especulação imobiliária. Foi cunhado pela primeira vez, pela socióloga britânica Ruth Glass, em 1964, para descrever o processo de substituição de moradores da classe operária por moradores de classe média e alta nos bairros tradicionais em Londres, Inglaterra (IPHAN, 2014).

mobilidade urbana que é ineficiente e onerosa⁵³, visto que muitos ônibus deveriam ser impróprios de serem utilizados.

Dessa forma, a problemática em torno da mobilidade urbana também impacta a vida das trabalhadoras, fazendo com que elas utilizem diferentes meios de transportes (carro, moto, ônibus, van, bicicleta e até a pé), públicos e/ou privados (*Uber* e 99), para chegarem e/ou saírem da feira, o que torna ainda mais cansativo e maçante o labor cotidiano:

Bom, eu acordo às 5h30 da manhã, aí eu venho normalmente, eu venho de moto uber, todo o dia eu venho pra cá de moto uber. Eu chego aqui umas 7h/7h30, aí eu chego no meu local de trabalho. Aí na hora que eu volto, já volto de ônibus. Aí já não tem tanto trânsito, porque de manhã, tu vens em pé desde lá até aqui. Aí pra tu vir mais rápido, em vez de vir em pé, vir sentado, eu pego moto. Eu moro no Tapanã, numa casa alugada (Dália, funcionária de box).

Eu sou de Ponta de Pedras (PA), aí vim pra cá com 7 anos, tem 50 anos já aqui. Eu moro em São Francisco, na Ilha do Mosqueiro. Acho que o primeiro bairro que a gente morou, quando veio pra Belém, foi na Sacramenta, na passagem Lavapés. Tu sabes que quem mora de aluguel, conhece Belém sem querer, né? Foi Pratinha, Jurunas, Cremação, Icoaraci, Guamá, Mosqueiro, agora tô aqui no Umarizal, Telégrafo... Eu voltei pra Belém, né? De aluguel, porque depois que tu adquira a casa própria, que tu 86hei, né? Moro com meu esposo e minha filha. Acordo às 5 horas da manhã, aí deixo a filha na escola, aí pego a van e venho pra Belém. Eu venho de van. Só no final de semana que eu venho de carro, que vem meu esposo e minha filha, a gente vem de carro, mas na semana eu venho de van. Eu gasto 50 reais pra ir e voltar, todos os dias (Violeta, dona de box).

As reivindicações sobre a melhoria na frota de ônibus na região metropolitana de Belém evidenciam que muitos veículos se encontram antigos, deteriorados, quebrados, inseguros e insalubres, mas não é pauta recente, pois há décadas a população sofre com ausência de malha viária adequada e diante de preços elevados das passagens, fazendo do transporte alternativo a melhor escolha para se locomover.

Com os preparativos para o megaevento da COP 30 na cidade, obras públicas e intervenções urbanas foram realizadas, principalmente dentro da área específica do “Polígono da COP”, além do aumento de meios de transportes públicos, contemplando grande parte dos bairros centrais, visando facilitar o fluxo e a movimentação dos habitantes, mercadorias e turistas, principalmente durante a Conferência, excluindo, mais uma vez, quem mora longe e trabalha nesses espaços.

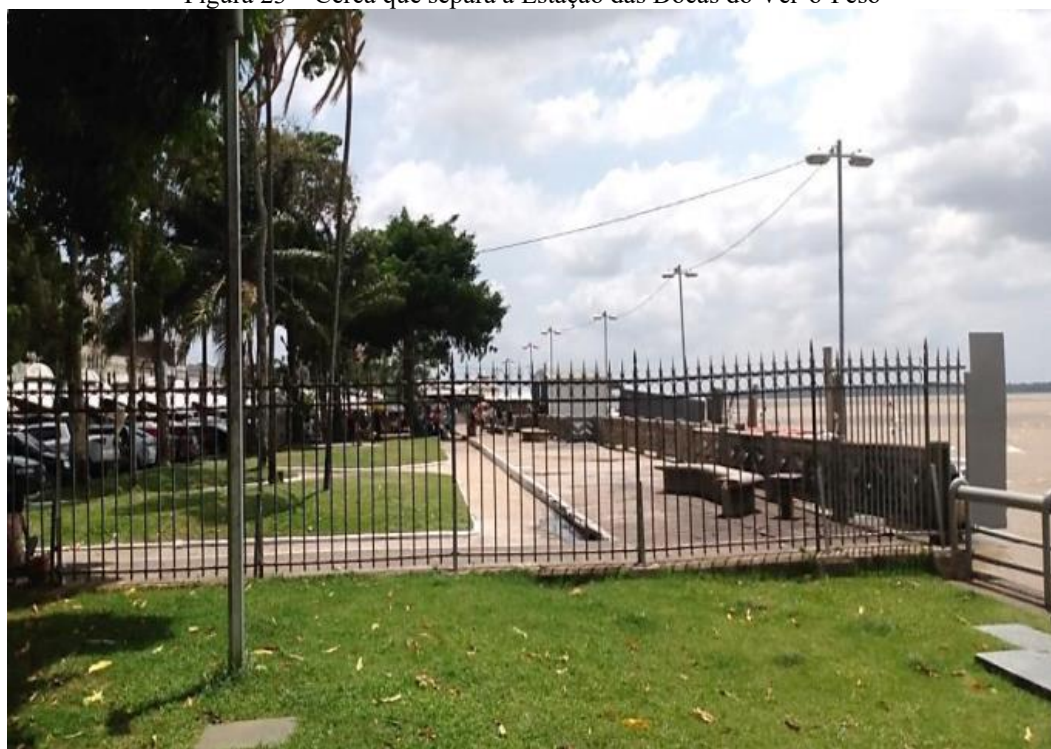
⁵³ A tarifa de ônibus em 2024 era R\$4,00 (quatro reais). A partir de abril de 2025, o valor passou a ser de R\$4,60 (quatro reais e sessenta centavos).

2.8 A segurança pública e a privada: a figura do “apoio” na proteção da feira

O estigma que o Ver-o-Peso carrega afasta algumas pessoas ou visitantes do lugar. Por possuir uma circulação constante de pessoas não é incomum ouvir histórias de que se trata de um lugar perigoso, assim como todo o centro histórico belenense, principalmente ao entardecer, em que muitos trabalhadores terminam seus horários de trabalho e fecham lojas e setores da feira, ficando a área deserta e sem monitoramento ou policiamento efetivo ou deixando somente algumas partes da feira, as mais turísticas, com efetivo policial.

O contraste é evidente quando se observa que ao lado do estacionamento da feira está a Estação das Docas, que é um ponto turístico com concentração de bares e restaurantes com preços mais elevados e com mais aparato policial. Os dois locais estão separados apenas por uma grade, que representa, na prática, a separação de corpos e existências nesse espaço, em que uns são mais “protegidos” do que outros.

Figura 23 – Cerca que separa a Estação das Docas do Ver-o-Peso



Fonte: Pinheiro e Rodrigues (2020)

Apesar das medidas públicas e operações policiais realizadas pelo Poder Público, diariamente, há relatos de furtos e roubos de objetos pessoais no local. Durante o dia, pude perceber que somente alguns setores da feira são monitorados, como na Castilhos França, no setor de artesanato e próximo ao Terminal Hidroviário, que fica próximo ao setor das boieiras, na plataforma. A precaução individual é tanta que a recomendação que sempre ouvi ao ir ao

centro (e também depois com a pesquisa), era de levar uma bolsa pequena, não mostrar o celular e não ir com relógios, cordões ou pulseiras, principalmente de ouro.

Então, perguntei às interlocutoras sobre esse estereótipo que é dado à feira, sendo percebida como um lugar de insegurança, devido à presença de pessoas em situação de rua ali próximo e usuários de entorpecentes, fazendo com que esse cenário produza nas pessoas uma representação social da insegurança diante de seus objetos pessoais ou diante de possíveis brigas entre pessoas alcoolizadas ou diante da ausência de segurança pública, povoando o senso comum dos que pensam que o lugar não é bom ou seguro, inclusive para as mulheres.

Elas me relataram que os feirantes pagam o “apoio”, que seriam pessoas (homens) que ficam de dia e de noite, dando suporte e vigiando a feira para o caso de surgir algum problema, como: roubos, brigas, conflitos e outros, que envolvam os próprios feirantes, utilizando inclusive a força física. Eles cobram um valor fixo de R\$40,00 ou R\$50,00 (quarenta ou cinquenta reais) por semana e protegem também os boxes e demais bens materiais da feira.

Apesar disso, nem sempre a proteção é eficiente, pois elas também relataram que algumas boeiras possuíam regalias e que mesmo diante da vigilância, continuava o roubo de utensílios no setor, fazendo-as colocarem cadeados nas geladeiras e decidirem trocar por uma segurança “mais legalizada”:

Apoio são os seguranças que normalmente as donas de barraca e todo mundo paga uma quantidade semanal pra eles ficarem tomando conta da barraca, não deixando roubar. “Ai, meu freezer é pra ligar tal hora amanhã”, eles ligam e têm aquelas responsabilidades enquanto a gente não tá aqui. Normalmente, a gente paga, só que de um tempo pra cá, teve muito roubo, então as donas das barracas estão mudando de segurança. Vão pra uma segurança mais legalizada, como vem a COP 30, né? Aliás, quando sair essa reforma aqui para uma mais legalizada, totalmente direita como diz o outro, mais profissional mesmo, entendeu? Aí é assim que a gente tá fazendo. Algumas barraqueiras, quando eles estão interessados, eles ajudam. Essa é a realidade mesmo, outras não. A questão da minha, eles não ajudam nem a abrir nem a fechar. Eu e a menina que abrimos e montamos a nossa barraca, porque a dona só paga eles mesmo pra reparar. Mas “ai, ajudar a abrir e fechar”, eles não ajudam não. As outras barracas eles abrem, eles fecham, eles ajudam a montar a mesa e é assim (Dália, funcionária de box).

A nossa segurança é um rapaz e ele põe quatro rapazes pra girar de dia e quatro durante à noite no nosso box, porque nós não temos segurança, não temos polícia militar, nós não temos guarda municipal ali, nada. Agora tem uma senhora que ela tem box lá, ela vende polpa, eu não sei como é, mas a viatura vive, os guardas, os policiais vivem 24 horas lá com ela, não sei por quê. E se acontecer alguma coisa ali na feira e você for chamar, eles não podem sair de perto dela, não sei o que é, mas acontece. Então pagamos, a maioria que eu acredito que é toda a feira paga 50 reais por semana. A gente pede pra desligarem o refrigerador, eles anotam. Pede pra ligar, eles anotam também e assim vai. Pede pra abrir, pra fechar (Violeta, dona de box).

Figura 24 – Apoio ajudando na organização das mesas e cadeiras no setor das boeiras



Fonte: Autora (2024)

O descaso governamental na feira do Ver-o-Peso e relatado pelas trabalhadoras vai de encontro ao símbolo que o mercado representa para a cidade e para a região, fazendo com que o abandono seja relatado corriqueiramente e com que todos os feirantes adotassem meios de se protegerem por si próprios, o que geram custos a mais pela segurança adquirida. Entretanto, com a chegada da COP 30, as feirantes esperaram medidas e ações mais efetivas na localidade e que correspondessem ao maior número possível de agentes de segurança e policiamento na área.

2.9 O trabalho na feira requer formação: o empreendedorismo, os cursos de manipulação de alimentos e de descartes de resíduos sólidos

As ações promovidas pelo Poder Público são por meio de atividades implementadas e promovidas pelas secretarias municipais e estaduais para incluir a feira e os feirantes nas políticas públicas realizadas. Dentre essas, estão as oficinas de manipulação de alimentos, em parceria com a Vigilância Sanitária e os cursos oferecidos pelo SEBRAE, cujo objetivo estratégico é transformar os feirantes em microempreendedores individuais (MEI)⁵⁴.

Exemplo disso são as inúmeras atividades promovidas pelo órgão mencionado, realizadas no Ver-o-Peso e disponibilizadas aos feirantes, inclusive com incentivos, cursos e

⁵⁴ É a pessoa que trabalha por conta própria e ao se regularizar como pequeno empresário, é criado um CNPJ e recebe benefícios previdenciários e sociais, desde que siga os requisitos, como não possuir sócio(a), não ser sócio titular de outra empresa, não possuir filial, possuir um empregado(a) e entre outros.

orientações, principalmente, sobre as “vantagens do empreendedorismo” e os trâmites para a formalização (G1 Pará, 2021).

Assim, ao regularizarem seus boxes, as permissionárias são unicamente responsáveis pelos custos, segurança particular, higienização e pelo seu próprio trabalho, em que o Poder Público, somente fica com a função de fiscalização e aplicação de penalidades, não exercendo, na prática, a responsabilidade de gerir e proteger a feira e os feirantes.

2.9.1 Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)

O SEBRAE é um ator importante na feira, que surge por meio da parceria com o Poder Público que incentiva os feirantes a serem microempreendedores e donos de seus próprios boxes, então o órgão é responsável pelos cursos profissionalizantes na feira. Entretanto, ao perguntar para as boeiras sobre a presença da entidade por lá, inicialmente, elas respondem que não a reconhecem ou que nunca ouviram falar.

Entretanto, após perguntar sobre cursos de idiomas e profissionalizantes por lá, a instituição aparece como incentivadora por algumas boeiras, mas as funcionárias relataram dificuldades em participar das atividades, seja pela oferta dos cursos dentro dos horários de trabalho, seja por falta de oportunidade e/ou outro motivo pessoal. Já entre as donas de box, as interlocutoras relataram que já participaram pelo menos uma vez e que conhecem o programa de capacitação, pois sempre arrumam tempo e se esforçam para participar, afirmando que a instituição está sempre disponível para as feirantes:

É raro, mas às vezes eles inventam esses cursos, mas o problema é que eles querem que a gente faça na hora que a gente tá trabalhando. Não tem como, é tudo mal organizado, mal planejado. Eu não posso sair daqui pra fazer um curso, ainda mais a gente que ganha por diária (Girassol, funcionária de box).

Eu já fiz vários cursos com o SEBRAE, não tenho o que me queixar. Porque funciona muito assim, você nunca arruma tempo pra fazer, o SEBRAE vai muito atrás, mas a pessoa não se interessa. Eu faço curso online com o SEBRAE. Eu venho na estrada fazendo curso, no ônibus, na van, eu venho respondendo. Não te custa nada tu fazer. É de graça. O SEBRAE já foi no Ver-o-Peso me dar consultoria, o Sebrae já veio aqui no meu estabelecimento me dar consultoria, mas a maioria das pessoas não arrumam tempo, não quer, mas reclamam “não vem nada aqui”, mas não procura, não faz um esforço, entendeu? Não faz esforço (Violeta, dona de box).

Assim, após participar dos cursos do SEBRAE e dos cursos de manipulação de alimentos, é fornecido o certificado de manipulação de alimentos para quem trabalha com alimentos de vários tipos, como as boeiras, e se mantém como uma forma de profissionalizar e regularizar o labor realizado na feira.

2.9.2 Oficinas sobre manipulação, higiene e descarte dos alimentos realizados pelo Poder Público

Em 2023, participei de duas oficinas realizadas no dia do aniversário do Ver-o-Peso. Uma denominada de “Oficina do uso e descarte dos alimentos: Comer é viver!” e a outra de “Capacitação em higiene pessoal e manipulação higiênica”, organizadas pela Secretaria Municipal de Saúde (SESMA), em conjunto com a Coordenação de Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional (COPSAN) e o Departamento de Vigilância Sanitária (DEVISA). No final das palestras, foi emitido um Certificado de Manipulação de Alimentos, principalmente às feirantes que trabalham com alimentos. Por último, ofertaram um curso sobre beleza feminina para as mulheres feirantes, com um sorteio de um kit de beleza.

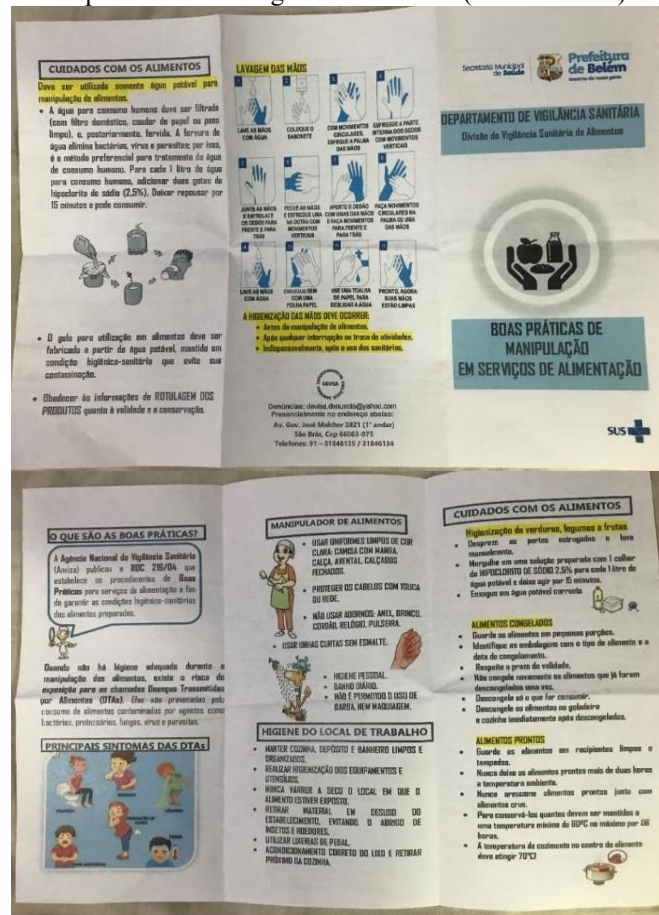
Tabela 2 – As atividades realizadas e os órgãos envolvidos

Instituição ofertante	Tema da oficina	Atividades
SESMA/COPSAN/DEVISA	“Oficina do uso e descarte dos alimentos: Comer é viver!”.	Representantes falaram sobre a função da Vigilância Sanitária (ANVISA) e apresentaram a cartilha de “Boas práticas de manipulação em serviços de alimentação” ⁵⁵ .
SESMA/DEVISA	“Capacitação em higiene pessoal e manipulação higiênica”.	Representantes explicaram que a fiscalização dos boxes, após a certificação, é realizada pela SESMA.

Fonte: Autora (2025)

⁵⁵ Cartilha sobre os cuidados com os alimentos e outras recomendações, como: a importância da boa higiene pessoal, como lavar as mãos e os alimentos corretamente, conservá-los em local adequado, alimentos que podem estragar na geladeira, o tempo que podem ficar congelados e a duração dos alimentos prontos para consumo.

Figura 25 – Cartilha sobre boas práticas de manipulação em serviços de alimentação elaborada pelo Departamento de Vigilância Sanitária (frente e verso)



Fonte: Autora (2023)

Pelo horário, comecei a entender o motivo de algumas boieiras falarem sobre a dificuldade em participar das oficinas e reparei que algumas iam somente para perguntar sobre o certificado e outras iam diretamente na sede da COPSAN buscar o certificado. O curso demorou para começar, tempo em que as pessoas foram chegando aos poucos e depois das 14 horas começou o evento. Nessa hora, o movimento na área das boieiras ainda não tinha encerrado e nem diminuído, tornando inviável a presença delas nas oficinas.

Um dado importante foi a explicação sobre a reciclagem do óleo de cozinha para fazer sabão e que esse trabalho era realizado com os feirantes que trabalham com alimentos. Mencionaram sobre a existência de uma empresa terceirizada na feira que recolhe esse óleo nos boxes. Lembrei-me da fala da boieira Lavanda, que é dona de box, sobre esse processo:

Aqui, a gente joga litros e litros de óleo, tinha um pessoal que tava recolhendo, pararam devido à dificuldade de vir, não ter também apoio. São muitos litros e litros de óleo, aí pergunta pra onde vai esse óleo? A maioria joga no rio, entendeu? A maioria, mas joga no lixo, é mais trabalho. O tanto de latinha que sai daqui (Lavanda, dona de box).

Depois continuaram falando sobre o armazenamento correto e o consumo de alimentos e descarte do lixo, momento em que mostraram uma imagem de um freezer sujo com peixe dentro de um box da feira. Em uma das conversas com Calêndula, ela contou que seu box é limpo, diferente dos demais: “[...] eles não vêm aqui porque sabem que eu sou enjoada e faço tudo certo. Eles vão mais lá embaixo, porque o povo é porco, tem comida estragada de dois ou três dias. Aqui é tudo limpo!”.

Ao final das oficinas, os representantes ressaltaram que as feirantes participantes das oficinas poderiam solicitar o certificado de manipulação de alimentos, no prédio da COPSAN, junto com os documentos (RG, CPF, comprovante de residência e do box) e, após a decorrência de um prazo específico, receberiam esse certificado e carteirinha para atuar e manipular alimentos.

O procedimento para a certificação do box era a junção do certificado de manipulação de alimentos e a carteira de saúde (posto saúde/SUS), e contaram que na pandemia a fiscalização se deu unicamente pela SESMA. Ressaltaram a importância do selo de inspeção federal (uma espécie de carimbo) e a existência de uma fiscalização por meio da Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ) sobre a higienização dos alimentos, demonstrando que havia participação ativa de vários órgãos envolvidos na feira.

Antes do sorteio do kit de beleza, me identifiquei e me aproximei de uma das representantes e perguntei sobre como tinha sido a fiscalização no período pandêmico. Ela respondeu que a renovação da autorização para manipular alimentos se deu somente para quem já tinha a carteirinha, mas que a fiscalização na feira foi suspensa nessa época, de modo que antes da suspensão dos trabalhos na feira, era realizada juntamente com a SEURB, uma vez por ano, mas que no pós-pandemia voltaria a ser semanal.

Apesar disso e de todo o discurso dos representantes dos órgãos envolvidos e das atividades demonstrando a atuação na feira, a boieira Violeta disse que a Vigilância Sanitária já foi mais atuante, conferindo os boxes e as vestimentas adequadas para manipular alimentos, situação que se encontra diferente nos dias de hoje:

Não vai. A Vigilância entrava na tua barraca e olhava tuas panelas, o teu freezer, tudinho. Hoje ela não vai mais lá. A Vigilância não vai. Se ela for, só de ela chegar na frente do box, ela já vê o que tá errado e o que não tá. [...] Eu acho que o certo era todo mundo ficar em pé lá, arrumadinho, com a touquinha no cabelo, com as unhas curtas, com uma blusinha, um avental. As mulheres, a maioria trabalham de shortinho, cabelo solto, unha postiça que eu, Violeta, eu escolheria um local pra mim comer, com certeza, não seria de pessoa com unha grande, nem de cabelo solto... [...] No passado, a gente tinha uma Vigilância Sanitária que fiscalizava isso direto na feira, hoje a Vigilância largou de mão (Violeta, dona de box).

Dessa forma, mesmo diante de tantos obstáculos vivenciados e da ausência de proteção diariamente na feira, os trabalhadores do Ver-o-Peso seguem em seus ofícios e suas histórias, com orgulho da feira e de suas origens, mesmo diante de conflitos e dificuldades. Dentre eles, destaco um setor que se tornou universo da pesquisa e que carrega vivências notadas de ancestralidades e resistências, principalmente por ser composto, majoritariamente, por mulheres negras que manuseiam alimentos que são essenciais para nutrir a população da cidade de Belém e que fazem parte da rica cultura gastronômica da região amazônica.

CAPÍTULO 3 – “AQUI TEM QUE SER MULHER FORTE”: AS RELAÇÕES DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES NO SETOR DAS BOIEIRAS DO VER-O-PESO

“Menina bonita do laço de fita
Vamo no Ver-o-Peso passear
Pra tomar um açaí
Pra tomar um tacacá!
Comprar cheiro verde pra temperar

Maniçoba tá cheirosa, não é prosa sou caboclo de lá
Vamo na banca da Dona Coló comprar as ervas
Os banhos de cheiro pra tudo ficar bem melhor

Sou veterano, sou quizumbreiro, sou urubu do Ver-o-Peso
Na banca da Beth, a cheirozinha
Tem piprioca, patichouli pra te perfumar
Tem peixe frito, tem tucupí, a tapioca está aqui!
Tu viu o paneiro de camarão? Pirarucu é bom demais,
Farinha d’água a gente faz uma farofa acebolada pra tirar gosto com uma gelada
Olhando as águas do guajará

Ver-o-Peso é bom demais
Vem curtir Ver-o-Peso você vai gostar
Símbolo do norte em Belém do Pará

Ver-o-Peso o point da moçada
Tem ribeirinho, feirante e também camelô
Fim de tarde olhando o pôr do sol que lindo
No horizonte passando um feliz pescador”
(Ver-o-Peso, Leno Rocha)

Ao caminhar entre os boxes da feira do Ver-o-Peso, a divisão sexual do trabalho é nítida entre os setores ali organizados e que contam como trabalhadores se dividem e laboram. A socióloga brasileira Helena Hirata e a socióloga francesa Danièle Kergoat (2007, p. 599) definiram o conceito de divisão sexual do trabalho como uma forma particular de dividir o trabalho baseado em “dois princípios organizadores”, a saber:

O princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuais que remetem ao destino natural da espécie.

Inicialmente, ao caminhar para os setores do início da pesquisa (polpas e sucos e alimentício), percorri várias partes do mercado e pude notar que cabem às mulheres algumas atividades e aos homens outras. Os setores das erveiras, das hortaliças, das boieiras e do artesanato exemplificam a minha percepção. Eles são, predominantemente, ocupados por

mulheres, ao passo que os setores da maniva, do Mercado do Peixe, do Mercado de Carne e na Feira do Açaí, a presença de homens é maior.

Ao perguntar sobre as diferenças de atividades exercidas por homens e mulheres na feira, a primeira interlocutora Azaléia respondeu: “É por causa do peso, lá é mais pesado, tem mais homem pra carregar. Antigamente, aqui no setor era só mulher, depois que veio homem trabalhar pra cá”. No setor de polpas de frutas e sucos onde ela trabalha, a presença majoritária de mulheres é visível e os homens presentes são maridos ou netos, evidenciando as relações e gerações familiares presentes nos boxes.

As pesquisadoras Maria Vanda dos Santos e Joelma Cristina dos Santos (2023, p. 29), no estudo sobre as mulheres da feira do sindicato de Ituiutaba (MG), afirmaram que:

Pensando a feira enquanto espaço de trabalho para as mulheres, percebe-se maior número delas ocupando esse espaço, visto que elas têm alcançado seu lugar nesse mercado que proporciona condições flexíveis para o uso do horário propiciando condições para o cumprimento de dupla ou tripla jornada, como feirante, esposa, mãe e dona de casa.

No setor das boeiras, as mulheres dividem o espaço com pessoas LGBTQIAPN+ que atuam, geralmente, como funcionários de boxes. Os homens presentes pelo setor são identificados como maridos, fornecedores (que aparecem transitoriamente) e/ou filhos e netos que carregam a tradição alimentar na feira.

Em um dia de pesquisa em que ainda estava tentando me aproximar das boeiras, fui atrás da indicação de uma delas para entrevistar, mas não a encontrei. Então, ao perguntar para as pessoas presentes, uma moça perguntou para um rapaz LGBTQIAPN+ próximo: “Quais as dificuldades de ser mulher na feira?”, e começou a filmar, aí ele respondeu: “Muitas, mana, eu sofro *bullying* aqui todo o dia!”, e todo mundo começou a rir, inclusive ele.

Apesar de não ser o foco da pesquisa e não ter me aprofundado nessa questão, perguntei para algumas interlocutoras quais eram as pessoas que trabalhavam no setor e a boeira Calêndula respondeu que: “Tem muita mulher trabalhando aqui na comida, mas não vejo muito homem não, só *gay* que trabalha aqui também”. O que me fez pensar em como eles são vistos na feira e são excluídos da dicotomia “homem e mulher” estabelecida nos setores. Ademais, indica como o labor é visto, conduzido e realizado nesse setor.

A historiadora norte-americana Joan Scott (1989, p. 21) afirmou que: “um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero”. Dessa forma, definiu a categoria gênero como:

[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

As mulheres da feira também enfrentam dificuldades particulares, seja dentro ou fora do espaço público e no setor das “boieiras”, especificamente, a tarefa de servir é a mais visível, desde o preparo dos pratos regionais até o atendimento dos fregueses, fazendo com que conflitos e obstáculos sejam revelados com a proximidade e a convivência com elas no setor.

São mulheres, majoritariamente pretas e pardas, de várias idades e gerações, donas e/ou funcionárias dos boxes que estão instalados no local e que sofreram mudanças e interrupções nos modos de vida e de trabalho, ocasionados pelo novo Coronavírus e perpetuando no “pós-pandemia”, com os preparativos para a chegada da COP 30 que desencadeou uma grande reforma em todo o mercado.

As trabalhadoras do Ver-o-Peso se veem diante de problemáticas que norteiam e interferem na vida, trabalho e família, fazendo com que seja importante discutir também outras interseccionalidades⁵⁶ presentes no mercado, que também é imbuído de conflitos e obstáculos, como: a chefia-solo de suas famílias, jornadas exaustivas de trabalho, disputas de clientela, violências, assédios, baixos salários, doenças relacionadas ao trabalho, infraestruturas inadequadas, ambientes insalubres, divergências com outros feirantes e com o Poder Público diante da fiscalização e da regularização dos boxes e o evento crítico (Das, 1995), causado pela Covid-19 e a chegada da COP 30.

3.1 Violências, assédios e outras dificuldades em ser mulher na feira

Diante dos percalços para trabalhar, outras problemáticas norteiam a vida das mulheres que atuam nas feiras, uma delas é o assédio, que aparece em primeiro plano nas falas das interlocutoras quando perguntei sobre “como era ser mulher na feira” e, posteriormente, se elas passaram por alguma situação que as fez pensar em não trabalhar mais na feira, as respostas logo apareceram e foram idênticas.

O Ver-o-Peso, que carrega o estigma de “não ser um lugar para mulher trabalhar”, faz com que as mulheres vistas em lugares públicos, como as feiras livres, sejam tidas como

⁵⁶ Interseccionalidade é um conceito da teoria crítica de raça criado por Kimberlé Crenshaw para analisar a estrutura que une o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado, e que atinge mulheres negras diante da sobreposição de gênero, raça e classe e da modernização colonial (Akotirene, 2019).

“mulheres fáceis”, de modo que qualquer homem poderia propor algo impróprio, em outras palavras, assediá-las. Em contrapartida, as mulheres feirantes lutam contra esse estereótipo todo dia e demonstram que estão lá para trabalhar e ganhar a vida e não se prostituir, e que exigem respeito no exercício do trabalho e fora dele.

Todas as interlocutoras da pesquisa relataram experiências de assédio, vividas ou presenciadas no ambiente de trabalho na feira. Algumas entenderam esse episódio ocorrido no ambiente do trabalho como algo corriqueiro, que não deve impactar suas vidas, mas outras interlocutoras relataram que nunca esqueceram as cenas e que até choraram. Entretanto, a necessidade de sustentar a família é o que as motivam a continuar nesse ambiente que, às vezes, pode ser desrespeitoso e/ou violento com elas.

Outros estudos destacam a ocorrência de práticas semelhantes contra as mulheres trabalhadoras em feiras, demonstrando que não se trata de um fenômeno particular no Ver-o-Peso. A antropóloga Maria Cardoso e o educador Luís Carlos Ferreira (2023, p. 4), na pesquisa sobre mulheres feirantes nordestinas, afirmaram que:

As mulheres feirantes possuem conquistas e lutas travadas entre ambientes domésticos e públicos, na medida que as relações de trabalho e os desafios vivenciados pelo corpo feminino podem se confundir. Situações de assédios, perseguições, feminicídios e violências sexuais e domésticas estão presentes na história delas, em suas vidas privada e pública. Entretanto, vale ressaltar que o território no qual perpassam todas essas violências também é o ambiente de trabalho exercido pela mulher feirante, havendo, nesse sentido, uma singularidade sobre como suas experiências são sentidas e vivenciadas, além da quebra de paradigma sobre a ocupação do território que, apesar de poder ser violento, também é a fonte de sustento para a feirante.

Cada uma das interlocutoras narrou suas experiências e suas estratégias de reação contra o assédio, que pode ser sexual ou moral. Nas respostas, foi unânime a ideia segundo a qual tem que ser “mulher forte” para trabalhar na feira, no sentido de aguentar tudo que pode aparecer e não se deixar levar. Além disso, suas falas apontam a adoção de mecanismos para desviar de convites inapropriados e olhares maliciosos, além de saber se impor aos clientes e aos representantes do Poder Público, não desejando o trabalho para suas filhas mulheres, como nos relatos a seguir:

Mana, pra tu ser mulher na feira, tu tem que ter um controle, porque mulher em si, como eu trabalho lá na frente com o público, tu leva cantada, tu leva desrespeito, como eu já levei, eu já levei na minha cara, um cara chegar comigo e eu ter atendido ele e tudo mais, quando foi no final do dia, ele chegar comigo e virar assim mesmo “bora sair? Eu te dou 500 reais” e mostrou o dinheiro e jogou assim, no meu braço. Aí eu disse “meu amor eu tô aqui pra trabalhar e não pra vender meu corpo, porque se eu tivesse pra vender meu corpo, eu estaria num puteiro, então você me respeite e pague sua conta, levante da mesa e vá embora”. Porque mana, pra ti ser mulher aqui,

tu tem que ter um, tipo assim, um controle muito grande, porque tem gente que vai te tratar como mulher mesmo e tem gente que vai querer te tratar com uma vagabunda, porque todo mundo que trabalha na feira, tem esses dois pensamentos, uma de trabalho, de mulher séria, mas também tem aquelas outras que desrespeitam a gente, que se o cara chegar e toma 50 reais, ela já tá saindo. Então, tu tem que te mostrar como tu é, não só pelo teu trabalho, mas pelo que tu é, pelo valor que tu tem. Porque aqui, mana, aqui na feira tu recebe muitas propostas indecentes, várias, então isso te deixa sem graça, te deixa desrespeitosa e tudo mais. Mas tu tem que ter aquele rebolado pra te controlar tudo, tudo mesmo, porque vai chegar cara te oferecendo dinheiro, vai chegar cara passando a mão em ti, que já aconteceu, então tudo tu tem que ter um controle (Dália, funcionária de box).

Vamos lá. Mulher na feira, é o tempo, é o assédio, é o desrespeito tanto até pelo fato de sermos mulheres e vendedoras, têm homens que não aceitam que mulheres tenham negócios, inclusive também na parte administrativa, já ouvi semanas atrás um homem gritando com uma senhora pelo fato também de ser mulher ou não dá ouvidos ao que a gente pede, tanto que a gente tá agora num impasse aqui no Ver-o-Peso, porque não há espaço pra gente trabalhar, ofereceram um espaço horrível pra gente trabalhar e a gente tá se adaptando. Aí quando tu vai falar como mulher e lá pede uma representação, a gente não tem, aí tem umas que gritam pra ver se são mais visadas, se chamam atenção, entendeu? (Lavanda, dona de box).

De acordo com uma pesquisa divulgada pela Prefeitura de Natal (RN) em 2020⁵⁷, sobre assédios sexuais em feiras livres nas cidades da região, o diagnóstico constatou que, das 1.146 mulheres entrevistadas nas feiras de Lagoa Seca, Cidade da Esperança, Alecrim e Parque dos Coqueiros, 37,09% já presenciaram algum tipo de assédio sexual em feiras livres de Natal, com 62,56% que não presenciaram e 0,35% que não souberam ou não quiseram responder.

Ainda no levantamento, as que sofreram assédio disseram que foi materializado em: “cantadas inconvenientes” (68,94%), “olhares inconvenientes” (66,82%), “encoxadas propositais” (23,53%), “toque em alguma parte do corpo” (23,29%), “sussurros indecorosos/indecêntes” (18,12%) e “gestos obscenos (tocar genitália/masturbação)” com 12,94%. Entretanto, em relação à denúncia dos casos de assédio, 96,81% das entrevistadas que confirmaram a situação, afirmaram que não denunciaram e apenas 03,19% chegaram a denunciar.

A 5ª edição do relatório “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, divulgada em março de 2025, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o instituto Datafolha e patrocínio da empresa de mobilidade urbana *Uber*, identificou que 31,4% das mulheres sofreram violências verbais, com a faixa etária entre 25 e 34 anos, sendo as mulheres negras as maiores vítimas (64%). Além disso, o estudo mostrou

⁵⁷ Para mais informações da pesquisa: <https://natal.rn.gov.br/news/post2/32600>.

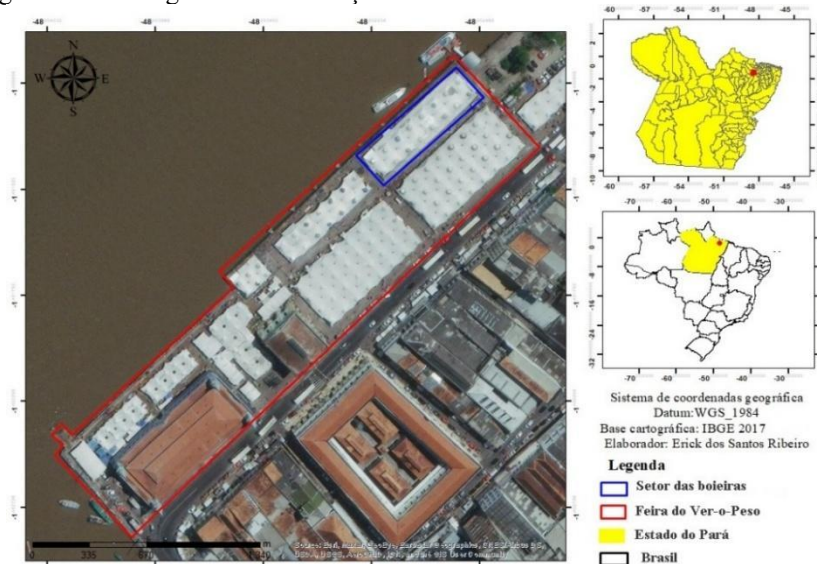
que 40,8% das brasileiras sofreram assédio andando nas ruas, mas que 47,4% não tomaram nenhuma medida para combater a violência sofrida (FBSP⁵⁸, 2025).

Todos esses dados de pesquisas alertam que as violências sofridas geram medo ou descrédito de que a denúncia seria investigada e estão presentes nas falas de grande parte das mulheres que trabalham e/ou transitam em espaços públicos nas cidades brasileiras, como ruas, feiras livres, transportes públicos e privados, escolas, universidades e outros locais, fazendo com que o direito à cidade, tão importante para os cidadãos, seja algo impossível para a população feminina, fazendo com que sejam vitimadas pela violência de gênero no país.

3.2 O setor das boeiras: a tradição e a geração familiar na gastronomia amazônica paraense

Um dos setores mais importantes e movimentados da feira é o setor alimentício e está dividido em duas partes: a parte da frente do mercado, que começa na Castilhos França e a parte de trás do Ver-o-Peso, subindo numa rampa e protagonizado por mulheres negras que possuem reconhecimento mundial e que dão nome ao setor das boeiras.

Figura 26 – Cartografia da localização do setor das boeiras na feira do Ver-o-Peso



Fonte: Rebello, Santos e Santos (2021)

A importância do setor das boeiras é tão grande que o reconhecimento também é regional e local, juntamente com todos os trabalhadores do Ver-o-Peso, já que foram

⁵⁸ Para mais informações sobre o relatório: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/relatorio-visivel-e-invisivel-5ed-2025.pdf?v=13-03>.

promulgadas, em 2018, duas Leis Municipais pela Prefeitura de Belém: a Lei nº 9.393, destinada às boeiras, e a Lei nº 9.395, atribuída aos feirantes do Ver-o-Peso, atribuindo a ambos o título de Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém.

3.2.1 A origem do nome e do setor na feira do Ver-o-Peso

Como já mencionado anteriormente, as boeiras possuem esse nome por serem, majoritariamente, mulheres negras (pretas e pardas) que vendem refeições e possuem um setor próprio na feira, que é tradicional e turístico. Essa tradição na gastronomia regional é transmitida às gerações de trabalhadoras do lugar.

A princípio, esse nome dado não foi de aceitação unânime entre as feirantes, tanto que há trabalhadoras que ainda não gostam e não usam. Quando perguntei a origem do termo boeira, as respostas mais genéricas foram relacionadas à comida, mas nem todas sabiam ao certo como esse nome nasceu, quem criou ou as nomeou assim.

Porém, Violeta, que é proprietária de um dos boxes mais populares no setor, contou a seguinte história sobre a origem do nome:

É como eu tô te falando, né? A cozinha pra mim foi uma necessidade. E trabalhando na cozinha, o saudoso Paulo Martins⁵⁹, que era o dono do restaurante “Lá em Casa”, fez um festival na feira com as boeiras, que era o “Festival da Cozinha Paraense”. E dentro dessa “Cozinha Paraense”, tinha um jantar das boeiras. Ele convidou umas boeiras da feira para participar. Na época foram 15, nós éramos 15. E ele trouxe 15 chefes de fora. Eu fazia um prato de comida, um prato que eu tô te falando, é um prato grande para muita gente. No caso, eu fiz paella (“paeja”), eu fiz três paellas gigantes e vinha um chefe para fazer o complemento daquela minha paella, entendeu? Cada boeira trabalhava com a paella, então o nome boeira, quem deu foi o Paulo Martins. Que era o jantar das boeiras. Eu te confesso que eu não gostava de quem me chamasse de boeira, me dava raiva. Aí depois o meu amigo disse: “por que tu não gosta? Tu sabes o que é boeira?” Aí eu respondi: “é a mulher do boi”, e ele falou: “Não. Boeira é uma mulher que faz boia (comida) boa. A tua boia é boa!” Aí eu disse: “é mesmo?”, ele disse “é”. Pronto, hoje somos conhecidas como as boeiras (Violeta, dona de box).

Segundo Rebello, Santos e Santos (2021), esse setor possui, por razões históricas, culturais e turísticas, a sua localização na porta de entrada da Amazônia. Além de ser um local que possui um preço variado na comercialização de comidas que o consolidou e o popularizou. O estudo realizado pelos autores, sobre o lugar, indicou que 66,3% dos

⁵⁹ Foi um importante *chef* de cozinha paraense, referência na gastronomia amazônica e idealizador do “Festival Ver-o-Peso da Cozinha Paraense”, que apresentou aos grandes *chefs* nacionais e internacionais, jornalistas e profissionais do setor de alimentação, as iguarias regionais e a potência da culinária paraense. Faleceu em 2010, aos 64 anos de idade.

frequentadores relataram já ter se alimentado em um box de boieira, cuja preferência são aqueles com vistas para a baía, sendo, então, os mais concorridos.

Esse espaço está localizado em frente ao rio ou, como elas chamam, “plataforma”, e possui uma das melhores paisagens do lugar, que é de frente para o rio, no qual dá para ver os barquinhos indo e vindo pelas águas e sentir o vento, mesmo nos dias mais quentes característicos da capital paraense. As comidas nesse setor são variadas e regionais, porém, os pratos são mais “sofisticados” e os preços mais elevados, diferentemente do restante da feira.

Como já mencionado, no geral, 56 boxes são distribuídos ao redor do espaço caracterizado, sendo que alguns seguem a ordem numérica crescente e estão no mesmo lado, porém outros possuem numerações diferentes para o mesmo box, mostrando o tamanho e a popularidade dele. Geralmente, levam os nomes de suas donas, mas também encontramos nomes de times de futebol e até de adjetivos pessoais e carinhosos.

Tabela 3 – Ordem e numeração dos boxes distribuídos no setor das boieiras

De costa para o rio	Lateral Porto	De frente para o rio	Corredor do meio
Box 01	Box 55	Box 52	Box 12
Box 05	Box 56	Box 47	Box 14
Box 06		Box 50/51	Box 16
Box 07		Box 49	Box 25
Box 13		Box 43	Box 30
Box 15		Box 42	Box 41
Box 21		Box 36	Box 44
Box 22		Box 35	Box 45/46
Box 23		Box 34	
Box 24		Box 33	
Box 29/31		Box 27	
Box 32		Box 26	
Box 37/38		Box 20	
Box 39		Box 19	
Box 40		Box 18	
Box 45/46		Box 17	

Box 48		Box 11	
Box 54		Box 09/10	
		Box 04	
		Box 03	
		Box 02	

Fonte: Autora (2024)

Além de ser um lugar bastante frequentado e movimentado diariamente, esse setor também apresenta suas próprias particularidades. Dentre as feirantes que ali trabalham, estão mulheres de várias idades e gerações, donas e/ou funcionárias dos boxes instalados no local, cujas vivências se intercalam com a história do Ver-o-Peso.

O cheiro de comida sendo preparada é característico nesse setor, principalmente na hora do almoço (a partir do meio-dia), que é o de maior movimentação. Contudo, o preparo das comidas e a organização das mesas e cadeiras acontecem bem mais cedo, para que ao meio-dia tudo esteja pronto para o recebimento dos fregueses. Durante a pesquisa, pude identificar a gama de elementos que transformam o setor das boieiras em um dos mais importantes e turísticos do Complexo do Ver-o-Peso.

Silva (2011, p. 29) descreveu o aroma característico e a diversidade de alimentos do setor na feira:

À medida que nos aproximamos das barracas de alimentação, um dos maiores setores da feira, é praticamente impossível não sentir os aromas da culinária paraense, expressa em seus pratos típicos. Diversos pratos típicos são servidos: peixe-frito com açaí, pato no tucupi, maniçoba, vatapá, caruru, tacacá; e refeições consumidas no dia a dia com mais frequência: sopa, caldo, carnes assada e cozida.

Figura 27 – Açaí com peixe frito e os acompanhamentos: vinagrete, feijão e arroz



Fonte: Autora (2024)

O prato mais pedido e vendido nos boxes, segundo as boieiras entrevistadas, é o filé de dourada (peixe frito) com açaí, que vem acompanhado de arroz, feijão, vinagrete, farofa e/ou macarrão. Inclusive, o “peixe frito com açaí” é o prato característico da cidade e consumido pelos belenenses e apresentado aos turistas e estrangeiros, sendo esperado pelas trabalhadoras que a COP 30 fizesse do Ver-o-Peso um dos pontos turísticos mais visitados e o prato, em questão, um dos mais apreciados por todos os visitantes e participantes do megaevento.

3.2.2 Entre o passado e o presente: a relação da ancestralidade negra com a alimentação

Como já mencionado, a cidade de Belém viveu tempos áureos com o ciclo da borracha, em que os moldes europeus eram os padrões impostos na época diante da ideia de uma capital progressista e moderna. Apesar disso, as mudanças e medidas impostas beneficiaram uma elite que usufruiu do poder e da elegância, em virtude da coerção e proibição de atitudes de outra classe mais vulnerabilizada, que foi silenciada e até criminalizada na cidade.

Augusto Fidanza foi um fotógrafo português, radicado no Brasil, que retratou os costumes e a sociedade belenense entre os séculos XIX e XX (1869-1902). Era um período em que o racismo científico era justificado e incorporado socialmente, implementando um conceito feminino de delicadeza e beleza que não atendia às mulheres das camadas mais baixas da região, sendo elas majoritariamente negras e pobres, vistas pelos estrangeiros como “exóticas” ou objeto de erotização.

Nesse sentido, a época influenciou o “olhar” nas pinturas e imagens que retrataram as mulheres que trabalhavam nas ruas, cuja maioria eram negras escravizadas ou libertas, como

vendedoras de comida, de banhos de cheiro, flores, tacacazeiras, inclusive em feiras e mercados, como no Ver-o-Peso, e laboravam como uma alternativa ao trabalho doméstico (Salles, 1971; Silva, 2007), mas que foram retratadas de modo sexualizado e até desumanizado, silenciando suas vivências e histórias pessoais.

Os historiadores Lourdes Galvão, Ana Paula Silva e João Antônio Lima (2024, p. 37) relataram como Fidanza retratava as mulheres negras da época em seus *cartes-de-visite*, elaborados em 1869:

Dito isso, nos cartões se encontram mulheres com trajes divergentes da estética europeia, possuindo objetos que, simbolicamente, remetiam aos supostos trabalhos e ocupação social encontrados na sociedade. Koutsoukos (2006) evidencia essas fotografias como exóticas pelo olhar estrangeiro e que retratam uma ideia em geral preconcebida, resultando em uma espécie de encenação do sujeito, em que o tecido da roupa, turbantes, roupas e adereços típicos de inspiração africana ou indígena estavam presentes. Apesar dessas características serem vistas pelo estrangeiro como “exóticas” de certo modo, representam em conjunto uma identidade dessas mulheres.

Figura 28 – As fotografias de Augusto Fidanza: “Vendedoras de frutas no Pará, a mulata e a afro-brasileira” (1869)

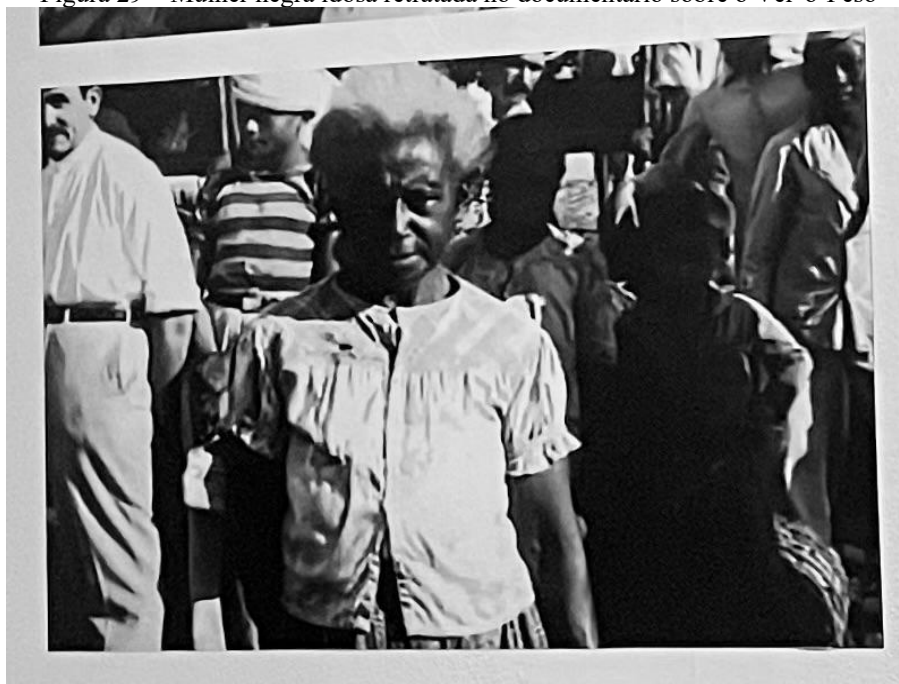


Fonte: Galvão, Silva e Lima (2024)

Essa visão eurocêntrica sobre a Amazônia e seus habitantes, principalmente sobre as mulheres negras nos espaços públicos, persiste até hoje, como ficou evidente em uma exposição que ocorreu na cidade de Belém, em janeiro de 2024. Intitulada como “Belém: um Ver-o-Peso de Memórias”, reuniu filmagens da feira desde os anos de 1930 até os dias atuais, com destaque para a coleção da *Ford Motor Company*, do Museu do Arquivo Nacional (de Washington, DC).

A filmagem não possuía som, mas somente imagens que retrataram o cotidiano na feira e dos trabalhadores. Entretanto, o que me chamou a atenção foi a imagem de uma mulher idosa, que foi a única mulher negra a ter destaque no documentário. O seu semblante parecia abatido e estava com os cabelos desgrenhados, mas que aparentemente sorriu com um ar de desconfiança, como na imagem a seguir:

Figura 29 – Mulher negra idosa retratada no documentário sobre o Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2024)

Apesar disso, nem todos os artistas retrataram as mulheres amazônidas em ambiente urbano de forma inferiorizada, mas também evidenciaram como símbolo que carrega ancestralidade, costumes e culturas. A obra “Vendedora de Tacacá”, de 1937, foi pintada pela artista plástica Antonieta Santos Feio, mulher paraense que estudou na Escola de Belas Artes de Florença e se tornou referência na contribuição ao Modernismo por seu realismo regionalista.

Figura 30 – A obra de Antonieta Santos Feio denominada de “Vendedora de Tacacá” (1937)



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Belém (Acervo de Obras, ©2025)

A relação das mulheres negras com a alimentação sempre foi forte e remonta ao período escravagista, mas que deixou um legado na cultura alimentar amazônica. Enquanto algumas mulheres negras eram destinadas às cozinhas das “Casas Grandes”, outras eram enviadas para o espaço público, onde eram responsáveis pela alimentação da população mais empobrecida e que transitava pela cidade.

A socióloga Taís de Sant’Anna Machado (2021) destacou que a cozinha é pensada como um lugar de territorialidade feminina e negra, em que também foi possível construir relações de sociabilidade e rompimentos das condições de vida, mesmo que a escravização as tenham forçado a ocupar esse lugar e que hoje ainda sentem os efeitos precários deste trabalho.

A autora também afirma que o ato de cozinhar se estabelece como uma contraposição, sendo agora visto como ascensão social e política das mulheres negras. No mundo capitalista atual, o ato de cozinhar se aliou ao aspecto econômico, mas não apagando a relação que existe com a comida, como a seguir:

Eu enxergo ela como saúde. Alimentar o próximo pra mim é saúde, entendeu? A cozinha... Com certeza, se eu não me alimentar, eu vou morrer de fome. Então, a comida pra mim é saúde. E assim, mulheres é comida, a minha família é tudo na comida, é na cozinha e todas gostam. Todas nós gostamos do que fazemos. (Violeta, dona de box).

Ah, pra falar a verdade é o que eu gosto de fazer é cozinhar, outras coisas não me dê que... Eu faço, porque tenho que fazer né? Porque é na minha casa, mas o que eu gosto mesmo é de cozinhar. Adoro cozinhar! (Alecrim, dona de box).

Não é à toa que o setor sempre aparece em evidência, quando se fala de comida amazônica, de modo que as boieiras estão presentes ou são convidadas a apresentar a culinária regional, sendo entrevistadas em matérias jornalísticas, programas culinários e até em concursos e competições gastronômicas, em que muitas alcançam os primeiros lugares. Dentre elas, pode-se destacar a boieira Calêndula e suas filhas Violeta e Alecrim, que se tornaram famosas e até fizeram parte da revista de bordo da companhia aérea portuguesa TAP (Transportes Aéreos Portugueses):

Eu fiz uma viagem de Portugal para Belém e tinha aquela revista TAP dentro do avião. Quando eu abri, vi nós boieiras dentro da revista, aí eu disse “Olha, as boieiras do Ver-o-Peso”. Então, eu liguei pra Dona Tânia quando a gente fez uma conexão, acho que foi em São Paulo e contei, aí ela disse “Ah, agora eu posso te chamar de boieira!” (risos). Eu disse “pode”, aí ela disse “Eu ia falar para vocês, só que tu tava viajando e eu tava esperando tu chegar”. Outras revistas de bordo por aí, a gente já saiu também... É muito bacana! (Violeta, dona de box).

Apesar da importância histórica dada à alimentação da Amazônia, não a livrou do preconceito e desconhecimento em torno da preparação das iguarias. No evento da ONU mais importante para a discussão sobre a emergência climática, durante as atividades preparatórias para a COP 30, ocorrida em Belém/PA, foi lançado um edital publicado pela Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), o qual estabelecia veto de alguns ingredientes amazônicos, utilizados no preparo das refeições e alimentos que seriam comercializados na cidade da COP, como o tucupi, a mandioca, o açaí e outros. O argumento era que tais produtos teriam alto índice de contaminação, o que poderia provocar intoxicação alimentar a quem estivesse dentro da *blue zone*⁶⁰ e/ou da *green zone* (Mota, 2025), estruturas do evento localizado no Parque da Cidade.

O fato apresentado gerou indignação em toda a população belenense. *Chefs* paraenses, políticos e entidades sociais manifestaram suas críticas por meio de matérias veiculadas

⁶⁰ A COP 30 apresentou zonas de conversas e negociações importantes: as oficiais *Blue Zone* (Zona Azul), que foi o espaço oficial e restrito aos negociadores e aos representantes dos países, onde os acordos e discussões foram realizados, e a *Green Zone* (Zona Verde), que foi um espaço aberto e acessível para que a sociedade em geral, ONGs, empresas e instituições apresentassem estudos, pesquisas, exposições, workshops e tudo relacionado às mudanças climáticas. A novidade, nesta edição, esteve na criação das zonas paralelas, como: as *Yellow Zones* (Zonas Amarelas), idealizadas por movimentos sociais e ambientais em áreas periféricas e de baixadas em Belém para levar os debates da Conferência para a sociedade civil; e a *Freezone* (Zona Livre), que foi um espaço reservado para apresentações culturais e shows musicais e outras zonas temáticas. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cop-30/zonas-da-cop-30-entenda-o-que-sao-e-como-participar-delas-no-evento-que-comeca-hoje-1.1047659>. Acesso em: 5 fev. 2026.

nacionalmente recordando que Belém já recebeu o título de cidade criativa da gastronomia pela UNESCO, em 2015, e foi premiada como única cidade brasileira a integrar as 10 maiores gastronomias do mundo, em 2025, pela revista internacional *Lonely Planet*⁶¹, ocupando o 7º lugar no ranking geral (G1 Pará, 2025).

Figura 31 – Imagem do jornal televisivo regional “O Liberal – 1ª edição” sobre a audiência de liberação de itens regionais nos espaços da COP 30



Fonte: Autora (2025)

Após a repercussão negativa, a OEI retirou a proibição de vendas nas áreas oficiais da Conferência, publicando uma errata e liberando três itens da culinária paraense: açaí, tucupi e maniçoba (G1 Pará, 2025), com algumas restrições aos produtos *in natura* que poderiam causar a “doença de Chagas⁶²”. Quanto ao edital, seguiu para a contratação de empresas para operação de restaurantes nos espaços oficiais do megaevento, valorizando os empreendimentos coletivos, cooperativas, associações e grupos vinculados à produção de alimentos sustentáveis.

Ainda em 2025, duas notícias enaltecem ainda mais a gastronomia amazônica protagonizada por mulheres negras: o reconhecimento internacional por meio da

⁶¹ “Revista internacional aponta Belém do Pará entre as dez melhores cidades gastronômicas do mundo”. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/04/19/revista-internacional-aponta-belem-do-para-entre-as-dez-melhores-cidades-gastronomicas-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2025.

⁶² Doença causada pelo parasita e protozoário *Trypanosoma cruzi*, que habita o inseto conhecido como “Barbeiro”. Um dos alimentos mais comuns que apresentam o inseto é o açaí, que se não for processado de forma higiênica e adequada, pode causar sintomas como náuseas, vômitos, diarreias e dores abdominais. Em alguns casos, pode ocasionar mortes.

Travel+Leisure, considerada como a maior revista americana de Turismo, que elegeu Belém como o “destino gastronômico mais dinâmico do Brasil” (Snyder⁶³, 2025) e o reconhecimento pelo IPHAN do ofício das Tacacazeiras na Região Norte como Patrimônio Cultural do Brasil, afirmando que elas mantêm viva a tradição alimentar e milenar no país (IPHAN⁶⁴, 2025).

Assim, mesmo em meio ao desconhecimento e ao preconceito diante da ideia de “exótico” e que “amedronta” as pessoas de fora da região paraense, a culinária regional é reconhecida e premiada ao redor do mundo. Ademais, é protegida pelas “guardiãs da cultura alimentar”, cuja maioria são mulheres negras, ainda que a característica da culinária seja de produtos domesticados majoritariamente por comunidades indígenas ou afro-indígenas, que carregam ancestralidade no preparo e na manipulação de alimentos tão essenciais para a nutrição brasileira, além de assumirem o protagonismo feminino na alimentação amazônica.

3.2.3 As relações sociais e de trabalho: redes sociais e de pertencimento no setor das boieiras

Nesta seção, discutirei as experiências de trabalho, uso do tempo livre, o sistema de remuneração das funcionárias, entre outros aspectos das relações de trabalho no âmbito deste setor da feira e comparar esses elementos entre as mulheres que são contratadas para os boxes e as proprietárias destes estabelecimentos alimentícios.

No setor das “boieiras”, pode-se identificar dois tipos de trabalhadoras nos variados boxes presentes. As que se posicionavam como as donas do box, geralmente têm seus nomes escritos nas placas indicativas e numeradas, adotando a função de gerenciamento e supervisão do manuseio, da confecção e do armazenamento das comidas. Além delas, existem também as/os funcionárias/os que trabalham nos boxes e dividem-se em variadas funções, como: atendimento, cozinha e servindo os pratos aos clientes.

O relacionamento oriundo do trabalho também se desdobra em amizades que nascem e são mantidas ali. É nesse ambiente que os ensinamentos são passados de donas para funcionárias, que também já foram funcionárias de outros feirantes no passado e transferem a experiência adquirida, como dicas de chamamento de clientes, vestimenta para trabalhar, como se comportar e a respeitar o ambiente de trabalho. Apesar dessa hierarquia laboral nos boxes, às vezes explícita, às vezes velada, o cotidiano no ambiente gera sentimentos de gratidão, ajuda, confiança, mas também, inimizade e até desprezo.

⁶³ “The Best Places to Eat in Brazil's Most Dynamic Food Destination”. Disponível em: <https://www.travelandleisure.com/belem-brazil-restaurants-chefs-11819558>. Acesso em: 26 nov. 2025.

⁶⁴ “Iphan reconhece Ofício das Tacacazeiras como Patrimônio Cultural do Brasil”. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-reconhece-oficio-das-tacacazeiras-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 26 nov. 2025.

Tabela 4 – Relação de trabalho das boeiras entrevistadas na pesquisa

Interlocutora	Idade*	Vínculo no box	Atividade realizada
Calêndula	74	Dona	MEI
Lavanda	37	Dona e patroa da Camélia	MEI
Cravina	65	Dona	MEI
Violeta (filha da Calêndula)	57	Dona	MEI
Alecrim (filha da Calêndula e irmã da Violeta)	56	Dona	MEI
Camélia	Não mencionou	Funcionária da Lavanda	Atendente/Contratante
Girassol	34	Funcionária	Atendente
Dália	41	Funcionária	Atendente/Cozinheira**
Ipê	31	Funcionária	Atendente/Entregadora de quentinhas***
Gardênia	21	Funcionária	Atendente

Fonte: Autora (2025)

Obs: *Idade na época da entrevista.

**Dália trabalhava em um box de boeira como atendente e no outro como cozinheira.

*** Quentinhas são as refeições colocadas em um recipiente de isopor ou de alumínio para entrega.

Há semelhanças e diferenças entre donas e funcionárias boeiras, como no quesito geracional e de assiduidade no trabalho. Dentre as semelhanças, está o fato de que tanto as funcionárias quanto as proprietárias, muitas têm a feira como o primeiro ou o único trabalho de suas vidas, afastando-as do trabalho de carteira assinada e, conseqüentemente, dos direitos sociais e trabalhistas. Entre as diferenças, destacam-se as expectativas por parte das donas, em que por serem mais velhas e experientes, elas esperam um comportamento padrão e habitual das funcionárias, cuja maioria são mulheres mais novas e iniciantes no labor.

Azaléia, 50 anos⁶⁵ de idade, dona de box no setor de polpas e sucos, já reclamava da falta de comprometimento e da dificuldade em conseguir uma funcionária para ajudar e trabalhar com ela:

Tive uma funcionária que não ficou porque ela sempre chegava atrasada. Eu achava ela muito folgada e fofqueira, só queria ficar no celular e os clientes ali passando. Às 8h da manhã o box já tem que estar funcionando, porque às 9h já tem clientes aparecendo, mas aí ela ainda queria sair mais cedo, às 3h da tarde, sendo que eu saio só no final da tarde. Às vezes, eu nem almoço, como um churrasquinho com umas

⁶⁵ Idade na época da entrevista.

amigas ou compro um PF (Prato Feito) de 15,00 reais e que ainda dava para dividir, então eu também dividia com ela, porque eu não comia tudo, mas mesmo assim, ela ainda reclamou (Azaléia, dona de box).

Ademais, as obrigações nas tarefas diárias nos boxes compreendem: abrir o box, arrumar o box e limpar as mesas e cadeiras, iniciar o preparo das comidas, chamamento de fregueses, atendimento dos pedidos de clientes, servir os pratos e levar a conta. Consequentemente, o respeito entre boieiras e clientes, principalmente na hora do pico de movimentação, é o desejo principal para a boa convivência e o andamento do setor:

[...] Quando um tá falando, eu espero ele terminar e eu passo isso pra quem trabalha comigo. Por favor, espere o outro falar, porque senão eu não iria gostar, todo mundo chamando e eu não iria sentar em nenhum (box), minha cabeça ia surtar, então não gosto. Eu falo “espera ela (funcionária de outro box) terminar, apresentar o cardápio dela e depois você vai e chama, pronto”, essa é a minha conduta aqui que eu mando e tento passar (Lavanda, dona de box).

É assim, você tá aqui, eu tô aqui com o cardápio te oferecendo, a outra pessoa vem e bota bem em cima, na tua cara. Eu acho muito complicado isso. Eu não acho legal. Eu acho que o certo era todo mundo ficar em pé lá, arrumadinho, com a touquinha no cabelo, com as unhas curtas, com uma blusinha, um avental (Violeta, dona de box).

Entretanto, uma situação ocorreu com a funcionária Dália, durante a pesquisa em que eu tinha seu número salvo em meu celular. A situação fez analisar o que se esconde por trás das falas empáticas das demais interlocutoras, principalmente sendo dona de box. Em uma manhã que não fui a campo, observei uns *stories* diferentes dela em meu *WhatsApp*, em que ela escreveu uma frase enigmática: “O ruim é que a pessoa te demite e diz que tu não serves para nada”. Decidi investigar e descobri que ela tinha sido demitida do box em que trabalhava.

Após alguns dias, eu a encontrei trabalhando em outro box. Ao conversarmos, ela disse que estava agora na função de cozinheira e que gostava, porque ela tinha muitas dores na coluna e não tinha que ir para a pista, que seria ficar na calçada da Castilhos França⁶⁶, na função de chamamento dos clientes. Ela complementou que o espaço atual em que estava era menor e facilitava a competição com funcionárias de outros boxes, mas que isso ela não gostava.

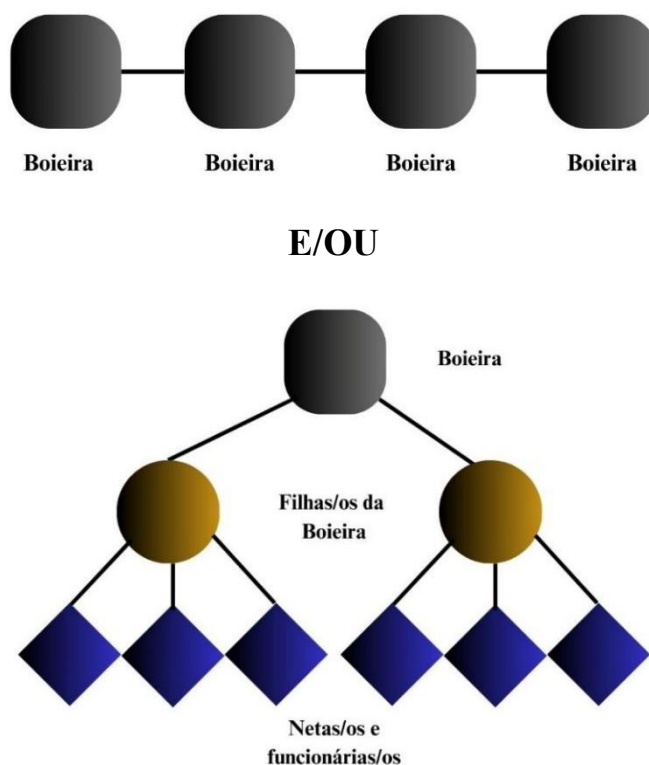
Essas relações sociais e trabalhistas são derivadas de redes sociais e de pertencimento que caracterizam-se como horizontais (entre boieiras) e/ou verticais (de gerações familiares dividindo o mesmo espaço físico, como filhas, netas e funcionárias/os), tornando o ambiente

⁶⁶ Nesse episódio em questão, o setor das boieiras tinha sido transferido temporariamente para a Feira Provisória, situada no estacionamento da feira, como uma forma de dar prosseguimento às obras no Ver-o-Peso para a COP 30.

diverso de heranças e transmissão de saberes gastronômicos e de sustento familiar que vai além do assalariamento e que transformou esse setor da feira, referência nacional e internacional na culinária amazônica.

Figura 32 – Redes sociais no setor das boieiras (relações horizontais e/ou verticais de gerações e tradições familiares)

BOXES DO SETOR ALIMENTÍCIO (BOIEIRAS)



Fonte: Autora (2022)

Diante do movimento diurno na feira do Ver-o-Peso, é importante notar a diferença durante a semana, principalmente nos setores distribuídos. Pude perceber e perguntar às interlocutoras como era a movimentação semanal. No começo da semana (segundas e terças-feiras) a frequência é mais baixa, fazendo com que alguns feirantes só trabalhassem pela tarde ou estivessem de folga. Com isso, é possível admirar a paisagem do rio com calma e quase silêncio, situação que muda totalmente aos finais de semana, quando o clima familiar e boêmio toma conta do lugar.

Enquanto as manhãs são reservadas para os almoços, os fins de tarde são destinados ao consumo de bebidas e “tira-gostos”, em que vários trabalhadores (da feira ou de outros lugares) param nos boxes para beber e/ou confraternizar com amigos, familiares ou amores. Além disso, em alguns dias da semana, pude presenciar grupos musicais ou regionais se

apresentando no lugar e soube que tinha um determinado box que realizava uma roda de samba no final de tarde, em dias específicos e que era divulgado anteriormente nas redes sociais.

Figura 33 – Movimentação interna no setor das boeiras com a apresentação de grupo musical de carimbó durante o horário do almoço em um dia de sábado



Fonte: Autora (2023/2024)

A sociabilidade no setor se assemelha às de outras feiras da cidade. Risadas, piadas e até palavras obscenas e machistas fazem parte do dia a dia por ali, como no episódio em que eu estava almoçando com uma amiga no setor e o dono de bikesom fez uma piada de mau gosto, relacionando mulheres à prostituição no local, o que gerou um clima de desconforto entre os presentes e, então, logo ele percebeu e se desculpou.

Outras questões também norteiam o lugar e geram desconforto e preocupação para quem depende do trabalho no setor. Problemas sanitários, infraestruturas inadequadas, temperaturas elevadas e insegurança local sempre foram questões que fizeram muitos consumidores deixarem de frequentar a feira:

Não que seja perigoso, mas porque é muita gente, né? Tem que ter cuidado, aí acaba espantando cliente (Calêndula, dona de box).

Antigamente, o ruim era tu botavas um cliente na mesa, pá e tinha aqueles ladrãozinho daqui do Ver-o-Peso, muitas das vezes saíam, roubavam, mas agora até que não muito, pra mim eu só vejo ponto positivo em trabalhar aqui (Dália, funcionária de box).

Figura 34 – Geladeira fechada e trancada com cadeado no setor das boeiras



Fonte: Pablo Henrique Martins Soares/Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho (GEPT, 2024)

Durante uma oficina fotográfica realizada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Trabalho (GEPT), percorremos alguns lugares da feira do Ver-o-Peso, observando a movimentação em cada parte dela. Como ainda não era meio-dia, notamos somente a movimentação das boeiras no setor, que estavam na fase preparatória dos alimentos, como cortar legumes e verduras, arrumar e limpar as mesas dos boxes, ligar os ventiladores próximos às mesas, conferir os materiais e ingredientes nos refrigeradores e anotar antecipadamente os pedidos das quentinhas, para depois entregá-las na feira.

Além disso, é um bom horário para as feirantes e suas/seus funcionárias/os conversarem, ouvirem música e compartilharem segredos e notícias, pois com o horário intenso do almoço, qualquer comunicação fora dos pedidos anotados é quase impossível, exceto nos intervalos ou no pagamento de contas realizado pelos clientes.

Figura 35 – Vista para o setor das boeiras de dentro da feira do Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2024)

Em meados do mês de junho de 2024, o verão amazônico já estava a todo o vapor e esse é um fator impactante no labor cotidiano. Esse período coloca a temperatura nas alturas, principalmente aliada ao fato de que estamos sentindo cada vez mais essa intensidade devido à emergência climática global. Então, o calor extremo era evidente e agonizante, para todos os trabalhadores na feira, visto que as chuvas já estavam bem escassas.

Apesar dos setores da feira possuírem lonas de proteção de sol e chuvas, toda essa estrutura transforma essa parte em uma grande estufa que causa desconforto e até problemas de saúde nas trabalhadoras, como gripes e garganta inflamada. Em contrapartida, para não perder clientes, as boeiras disponibilizam ventiladores que são ligados depois da arrumação das mesas pelas funcionárias, para tentar amenizar o ambiente durante as refeições, como uma alternativa de tornar o ambiente mais atraente e “confortável”, aproveitando que elas são isentas do pagamento de energia elétrica.

Figura 36 – Ambiente do setor das boeiras: ventiladores e mesas arrumadas



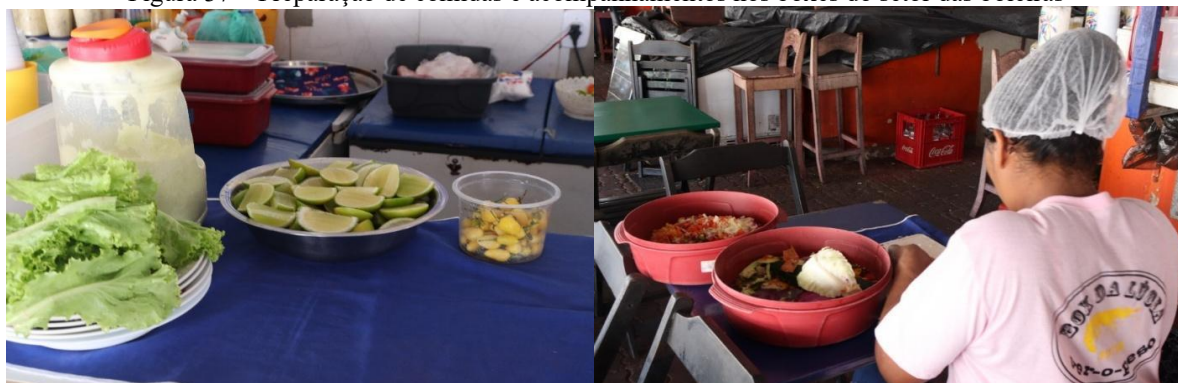
Fonte: Autora (2024)



Fonte: Pablo Soares/GEPT (2024)

Como as boieiras ainda estavam cortando os ingredientes das saladas e fritando os pedaços de filé de peixe, decidi tirar uma foto sobre esse processo de preparo e avistei uma funcionária de box concentrada no serviço de fazer as saladas e os acompanhamentos para os pratos, me aproximei e falei para ela que estávamos fazendo uma oficina de fotos e que gostaríamos de fotografar o que ela estava fazendo, ela aceitou desde que não aparecesse e assim o fizemos.

Figura 37 – Preparação de comidas e acompanhamentos nos boxes do setor das boieiras



Fonte: Autora (2024)

Nesse período de preparo, a feira possui uma outra dinâmica (“mais devagar”) e um outro significado que faz parte do ritual culinário: a arrumação da estrutura física do setor e das mesas dos boxes, a preparação de parte da comida, o que ajuda bastante as feirantes ao enfrentarem o ritmo intenso do horário do almoço e otimiza o tempo para a finalização dos pratos e servir para os clientes, cabendo só fritar a proteína e servir com o acompanhamento já pronto.

Figura 38 – Funcionárias do setor das boieiras preparando os acompanhamentos antes do horário de almoço



Fonte: Pablo/GEPT (2024)

O clima boêmio que surge aos finais de tarde, seja durante a semana ou nos finais de semana, demonstra que o que é servido não precisa de muita elaboração, pois os pratos mais

sofisticados dão lugar ao sabor de tira-gosto de iscas de camarão ou peixe, acompanhadas de cerveja, música *tecnobrega* e um belo pôr do sol em frente ao rio, o que ameniza um pouco o intenso calor amazônico. Apesar desse setor ainda ser frequentado nesse horário, a movimentação cai bastante, pois muitos boxes e outros setores da feira já começam a fechar a partir das 4h30 da tarde e todo o Ver-o-Peso começa a ficar silencioso e vazio, gerando cuidado e atenção aos pertences pessoais ao transitar pela feira.

Figura 39 – Parte interna do setor das boeiras (caixas de cerveja e boxes fechados)



Fonte: Autora (2024)

A maioria dos trabalhadores da região comercial de Belém, inclusive do Ver-o-Peso, são majoritariamente pessoas negras e/ou descendentes de indígenas, inseridos em relações de trabalho informais e com nível mais baixo de escolaridade e de renda mensal, o que mostra que esses dados espelham o contexto social brasileiro (Silva, 2007). Entre as interlocutoras que responderam à pergunta sobre escolaridade, quatro declararam ter o ensino médio completo, duas o ensino médio incompleto, uma tinha o fundamental incompleto e uma o ensino superior completo, como administradora.

As proprietárias contratam suas funcionárias para o trabalho nos boxes na modalidade de pagamento por diárias e os valores das remunerações, assim como as folgas, são previamente acordados oralmente entre elas, sem que haja nada por escrito, ou seja, qualquer tipo de contrato. A composição salarial é a soma da diária e um bônus equivalente a 10% do valor da conta do cliente por mesa atendida, que nem sempre é pago.

Assim, Girassol, funcionária de box, nos conta sobre sua remuneração e o que faz em suas folgas:

Eu ganho diária e 10% das mesas, ganho no dia. Se eu fizer um milhão hoje, ela me paga um milhão hoje. No meu lazer, eu saio com minha filha ou quando não, tiro um tempo pra mim, [pra] relaxar, tomar minha cervejinha. É isso (Girassol, funcionária de box).

As mulheres trabalham a maior parte do tempo em pé, seja circulando entre os espaços dos boxes, atendendo clientes, servindo ou tentando conquistar os clientes que também circulam entre as mesas até escolherem um box para consumir. Elas, que passam o dia num vai e vem entre mesas e balcão, e interação constante com os clientes, ao final do dia, quando encerra a jornada de trabalho, desejam descansar o corpo e a mente.

Por isso, o que mais ouvi das interlocutoras foi que, em seus dias de folga, elas preferem “ir para minha cama” ou “ficar em casa”. As funcionárias de boxes, Ipê e Dália, contaram como funcionam as folgas e diárias e o que fazem entre a jornada de trabalho exaustiva e o descanso em casa:

[...] ultimamente eu não tô nem orando, porque é tanto cansaço, eu só quero dormir. Na minha folga eu só quero dormir, eu só faço levantar de manhã e vir embora, tipo eu nem falo com Deus. Ganho diária todo dia no final do dia. Todos os dias a gente recebe, trabalhou, recebeu. Tenho folga só no domingo e no meio da semana, de segunda à quinta, eu posso escolher o dia da semana (Ipê, funcionária de box).

Ah no meu dia de folga, eu gosto de ir pra minha cama [risos], desejo exclusivamente ficar em casa, até então, quando eu tava realmente bem solteira, eu só vivia em casa. Aí a minha rotina sempre foi assim: trabalho, casa e, nos meus dias de folga, eu ficava em casa, lavava a minha roupa e ficava em casa o dia todo deitada e via televisão. Aí depois que eu arranjei alguém, aí as minhas folgas agora são dois né? Aí, como eu tenho dois dias de folga, a gente fica se revezando nisso. Sai, passeia e no outro dia só pra cuidar da casa. Aí um dia eu fico em casa e faço as coisas, lavo a minha roupa e no outro dia eu saio com o meu parceiro. Temos uma escala, a outra funcionária folga dois dias, eu folgo dois dias, a dona folga dois dias. Aí assim a gente vai levando (Dália, funcionária de box).

As proprietárias dos boxes, aparentemente, destacaram outras alternativas que não sejam ficar em “casa descansando”, mesmo cansadas, demonstraram tempo e disposição para realizar outras atividades no tempo livre. Revelaram uma programação que envolve, além disso, “comer fora”, “viajar”, “ir em igarapés”, ouvir “um louvor”, tempo para assistir “televisão”, filmes em *streamings* etc., como contaram Cravina e Violeta, proprietárias de boxes:

Honestamente, eu gosto mais é de ficar tranquila em casa, lendo a bíblia ou escutando louvor, entendeu? Não sou muito social, de tá recebendo, porque a gente já passa o dia todo aqui, minha filha, entendeu? A gente já quer chegar em casa, tomar aquele banhinho, ficar mais à vontade, é isso que eu quero (Cravina, dona de box).

Se eu tiver cansada, eu gosto de tomar um banho, deitar, botar as pernas pra cima e assistir *Netflix*. Quando eu não tô muito cansada, eu gosto de tomar um banho, esperar a noite e ir lá pra Picanha do Beto jantar a picanha dele que é tudo que eu gosto. É aqui na Municipalidade. Eu gosto muito de sair pra comer, eu e a gordinha, o meu marido acompanha a gente (Violeta, dona de box).

Percebe-se que para a maioria das funcionárias folga é sinônimo de descanso, em virtude da rotina de trabalho intenso, em que, às vezes, vão passear com suas famílias. As donas de boxes, porém, além do descanso, ainda possuem tempo para passeios em família e dedicam tempo para assistirem filmes em aplicativos de *streaming* (*Netflix*), pois possuem condições financeiras mais vantajosas para tanto.

3.2.4 Os concursos realizados e o reconhecimento da culinária paraense: a premiação de boeiras em eventos gastronômicos nacionais e internacionais

Além de possuírem um setor específico na feira, as boeiras também são reconhecidas pela gastronomia regional, seja nacional ou internacionalmente. Isso faz com que algumas participem de concursos de culinária promovidos pelo Poder Público, no aniversário do Ver-o-Peso ou da cidade, ou por organizações privadas, como o conhecido “Festival Ver-o-Peso da Cozinha Paraense”, que deu popularidade às boeiras, fazendo com que comesçassem a ganhar premiações, com pratos conhecidos e outros inovadores:

Quando vem o aniversário do Ver-o-Peso, aniversário de Belém, normalmente tem também. Eles fazem as pessoas fazerem, escolhem, né? Eles não obrigam, eles dão a opção se você quer ou não participar e as pessoas acabam participando. Como foi esse ano, quem ganhou foi a Milena. Ela fez um prato muito bacana, aí ela acabou ganhando. Aí ela ganhou o troféu daqui do Ver-o-Peso também de boeira. Aí assim a gente vai indo. A Dona Bete também já ganhou, que é aquela dali [apontou para a Bete], a dona Elisabete. Ela já ganhou também, ela ganhou um muito bom também que foi participar com outros profissionais também mais sérios, ela ganhou e teve destaque da comida dela ser a melhor entre tantas, aí pra ti ver que todo mundo julga “Aí o Ver-o-Peso não tem uma importância, não tem uma comida legal”, tem sim uma comida gostosa, bem tratada, tudo bem limpinho, tudo bem direitinho (Dália, funcionária de box).

A gente já participou de muitos eventos bonitos já, eu já viajei com 16 boeiras pra São Paulo, pra gente cozinhar na Morena Leite⁶⁷, assim, é bem bacana. No [evento] “Prazeres da Mesa”, em São Paulo, a gente foi daqui 17 boeiras, a Morena Leite fez uma mesa paraense lá. Eu entrei com a minha paella, que é a mariscada paraense, o Nazareno do Point [do Açaí] entrou com a isca de filhote com açaí, não lembro as outras meninas, só sei que a gente fez uma gororoba ali de comida paraense, que os gringos chegavam lá com uma cuia e tu botava, pescada, peixe, camarão, tu misturava e ele ainda ia lá com o Nazareno e botava açaí. Eles comiam aquilo tudo e voltavam de novo pedindo tudinho. E foi quando a gente encontrou o Jacquin e ele veio comer a nossa comida (Violeta, dona de box).

Dentre as boeiras mais famosas e antigas no setor, está Calêndula. A sua família já está na quarta geração de boeiras no Ver-o-Peso e seus familiares também se expandiram

⁶⁷ Chef de cozinha brasileira, conhecida e renomada internacionalmente por unir a cozinha saudável com técnicas francesas e ingredientes brasileiros. É uma das donas e sócias do grupo Capim Santo, que inclui o restaurante e o Instituto, que levam o nome de Capim Santo, com filial em São Paulo.

para outras feiras da capital. A sua família é a que aparece normalmente nas mídias e são referência na culinária paraense, tanto que o box de uma de suas filhas, a Violeta, ganhou o segundo lugar na categoria “comida regional”, na premiação denominada “Estrela Azul”, que premia os melhores restaurantes de culinária local. Na edição de 2024, participaram 30 restaurantes em diferentes categorias que ofereceram um menu completo, compreendendo entrada, prato principal e sobremesa, ao preço de R\$79,90 (setenta e nove reais e noventa centavos).

A história de sucesso familiar fez com que Violeta abrisse mais dois restaurantes fora da feira, uma filial na Praça Brasil e outra na rua Antônio Barreto, ambos no centro da cidade. Apesar disso, as boieiras da família contaram que nem sempre são vistas com admiração pelas outras na feira e a boieira nos contou dois episódios que geraram conflitos e problemas com as demais:

O último trabalho que eu fiz no Ver-o-Peso, eu gravei pro evento Fartura, eu e o chefe Anildo. A gente tava fazendo uma gravação pro Fartura e a gente começou a gravar era 7 horas da manhã e não tinha ninguém na feira. Quando elas [boieiras] chegaram, viram aquele monte de gente, aquele cenário todo, eu gravando com o chefe, elas jogavam mesa, elas batiam cadeira, elas jogavam grade, elas gritavam, simplesmente, pra atrapalhar. A outra foi com o Tiago Castanho, que a gente tava gravando o Baiúca e foi a mesma coisa. Nós começamos a gravar bem cedinho, porque ele já sabe de tudo e quando deu 10 horas que elas chegaram, foi aquela coisa. Ele falou “ei, Violeta, não deu em nada, nós já gravamos, vamo embora só comer” (Violeta, dona de box).

Em 31 de maio de 2025 foi anunciado pelo *Instagram* que o Festival Ver-o-Peso da Cozinha Paraense, idealizado pelo *chef* Paulo Martins, retornaria depois de alguns anos sem realização. As datas para o evento foram marcadas para o mês de setembro (nos dias 05 a 07 e 12 a 14) no shopping Bosque Grão-Pará, localizado na região metropolitana da cidade e próximo ao aeroporto, no bairro de Val-de-Cães, em comemoração à sua 15ª edição com o slogan “O maior festival gastronômico da Amazônia”. Agora liderado pelas filhas do *chef*, o evento contou com inúmeras atividades e programações, além da presença de boieiras do Ver-o-Peso que apresentaram o famoso “Jantar das Boieiras” para os chefes de cozinha regionais, nacionais e internacionais convidados.

3.3 Mulheres negras e o trabalho informal: o conceito de “morenidade” na região amazônica

A pesquisa “A inserção da população negra no mercado de trabalho”, realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE⁶⁸, 2024), revelou que 45,2% da população negra brasileira ocupada trabalhava informalmente. As mulheres negras no país representavam 45,6% das que trabalhavam sem carteira assinada e que não contribuíram com a Previdência Social. Além disso, mostrou que no estado do Pará, as mulheres negras correspondiam a 63,8% inseridas na informalidade, evidenciando que a porcentagem paraense está acima da média nacional.

As mulheres negras estão na base da pirâmide social brasileira, abaixo até dos homens negros e, por isso, apresentam particularidades que ultrapassam a categoria universal “mulher”, que desqualifica as dores, vivências e violências cometidas contra os corpos femininos negros (Crenshaw, 2004; Davis, 2016; Gonzalez, 1988; Bentes, 1993). Com isso, por sofrerem diretamente desigualdades, sentem que a dificuldade em conseguir um emprego formal e estável no país é ainda maior, fazendo com que o trabalho informal seja o principal destino de sobrevivência desde muito cedo.

Nesse sentido, a socióloga Edna Castro e a historiadora Rosa Acevedo (1998, p. 4), no artigo sobre o lugar da mulher e do negro no mercado de trabalho no Pará, argumentaram que:

As abordagens feministas, nos anos 70, viam a mulher como categoria social indiferenciada do ponto de vista da raça. Algumas correntes do movimento feminista, não consideraram relevantes nem mesmo as diferenças de classe. As reações de grupos de mulheres negras que não se viam incluídas nas formulações das feministas brancas, respondem positivamente pela incorporação da opressão de raça como questão “qualificada” no debate sobre a desigualdade. Responderíamos que essa problemática só pode ser resolvida através do reconhecimento de identidades sociais múltiplas que são impostas a todos nós pela ontologia de nossa existência.

No setor das boeiras, a maioria das mulheres são negras e mães solo, porém, durante as conversas com elas, a questão racial não pareceu ser uma preocupação central e explícita no cotidiano. Ao perguntar como se autodeclaravam, ouvi como resposta “morena” ou parda, às vezes, com um tom de resposta meio tímido ou envergonhado, com um certo receio e até demonstrando desconhecimento aprofundado sobre o tema. Assim, das oito boeiras que responderam sobre o assunto: quatro se autodeclararam pardas, uma se autodeclarou morena,

⁶⁸ Para mais informações sobre a pesquisa: <https://www.dieese.org.br/infografico/2024/conscienciaNegraInfo.pdf>.

duas se autodeclararam negras e uma não quis se autodeclarar, pois me respondeu que “é igual como qualquer outra”.

No contexto amazônico, temos como predominância nas discussões sobre raça a categoria “morenidade”, que se faz muito presente na Região Norte e deriva da ideologia do branqueamento, principalmente para as mulheres⁶⁹ e que esconde e nega a existência de uma negritude amazônica diversa e múltipla (Câmara, 2017; Conrado, 2022). Ser morena torna-se o padrão aceitável, de uma falsa ideia de identidade, tornando o corpo negro objeto de repulsa, autonegação e subordinação em classes mais exploradas (Amador de Deus, 2011; Gonzalez, 1988).

As antropólogas e pesquisadoras Tainara Pinheiro e Carmem Izabel Rodrigues (2021, p. 131) relataram a dificuldade para a negritude amazônica ser reconhecida como tal em âmbito nacional, inclusive pelos próprios movimentos negros no país:

Tal como em outros momentos da história, um olhar externo é imposto à nossa região como espaço distante, diferente, exótico, algo que não pode ser explicado ou compreendido por suas similaridades, mas apenas em sua diferença. Como um país de tamanho continental e absolutamente diverso no que tange a tradições culturais e expressões fenotípicas, o Brasil tem sua história oficial contada a partir do protagonismo dos eixos sul e sudeste, e esse movimento construiu uma história única e incompleta sobre a região e, por vezes, falaciosa.

Ainda segundo as autoras (2020), o Ver-o-Peso é um espaço de grande representatividade cultural, social e econômica na cidade de Belém, diariamente frequentado por grupos heterogêneos de pessoas, porém predominantemente visitado por pessoas negras. A cientista social Djamilla Alves Olivério (2012) afirmou que não é possível elencar as dimensões sociais dos batalhadores, como chamou os trabalhadores, sem inserir a questão racial como fruto de dominação ainda presente, cuja origem remonta ao período da escravização, tornando-se a população negra trabalhadora ainda vítima do racismo estrutural na sociedade.

Em novembro de 2025, durante o mês da consciência negra, o Supremo Tribunal Federal obteve a maioria dos votos para reconhecer o racismo estrutural no Brasil. A discussão da ação de Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) nº 973 argumenta que há violações sistêmicas decorrente da omissão estatal para os direitos da população negra no país, denominado de “estado de coisas institucional”, propondo que o

⁶⁹ Essa dificuldade na autodeclaração também ocupou meus pensamentos e minha própria vivência, em que eu como mulher negra, só fui me autodeclarar como tal em 2019, após um processo de imersão profunda em livros e leituras de pensadoras negras que demonstraram que eu não estava sozinha em minhas dores e particularidades. É um processo lento, árduo e, ainda, não o finalizei.

Poder Público adote políticas públicas de reparação e combate ao racismo. O julgamento segue sem data definida (Notícias STF, 2025).

A psicóloga e ativista brasileira Aparecida Bento (2002, p. 53-54), em sua tese sobre o pacto narcisístico da branquitude, argumentou que a inclusão do trabalhador negro na economia nacional somente deu-se a partir dos anos de 1930 com a diversificação da produção e a ampliação do parque industrial no país. Ainda assim, somente é dado ao trabalhador negro as funções e ofícios mais vulnerabilizados em contraponto aos postos de gerência e chefia.

A nova edição da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE (Agência de Notícias IBGE⁷⁰, 2025) mostrou que no país, no ano de 2024, a pobreza foi maior entre os trabalhadores sem carteira assinada (20,4%) e por conta própria (16%) e menor com a carteira assinada (6,7%). Quanto à questão racial, cerca de 25,8% das pessoas pretas e 29,8% das pessoas pardas estavam na pobreza, enquanto entre as pessoas brancas era de 15,1%. Conforme o estudo, esses dados evidenciaram a notícia de que o Brasil alcançou o segundo lugar em desigualdade entre os quarenta países selecionados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com o percentual de 16,7% de trabalhadores pobres, ficando atrás apenas da Costa Rica com 15,1%.

Essa exclusão social também aponta as dificuldades enfrentadas pela população negra diante da ausência de políticas públicas no país e da desigualdade social que exclui e segrega indivíduos, transformando labor em mecanismo de sobrevivência e de sustento familiar, diante de um modo de vida capitalista que usa esses corpos negros para “sustentar” a economia do país (Carneiro, 2005), cabendo a esses as tarefas mais difíceis, os salários mais baixos e precários e a retirada ou negação de direitos sociais e trabalhistas.

Como exemplo, temos o caso da Lei Complementar nº 150, de 2015, que dispõe sobre o contrato de trabalho doméstico, em que mesmo com o advento da lei, ainda não garantiu total proteção às trabalhadoras, posto que ainda há casos graves de trabalhos exaustivos e degradantes, além de cárcere privado de trabalhadoras domésticas negras no país.

A pesquisadora Gabrielle Silva e a antropóloga Luísa Dantas (2021) argumentaram, em estudo com empregadas domésticas e pandemia em Belém/PA, cuja maioria são mulheres negras, que no período da Covid-19 elas sofreram desgastes físico-mentais, em virtude da preocupação com a perda do emprego e da renda, exposição ao vírus durante a locomoção e

⁷⁰ Para mais informações: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45344-8-6-milhoes-de-pessoas-sairam-da-pobreza-entre-2023-e-2024>.

contrair a doença por meio dos patrões, não sendo concedida a elas, inicialmente, o privilégio de ficar em casa.

A população negra no Brasil, que preponderantemente constitui o grupo com relações de trabalho mais precárias, por vezes, degradantes, enfrenta desde a colonização (1500-1822) um grave processo de exclusão e opressão social, segundo dados da pesquisa do IBGE (1990), sobre categorias profissionais por base territorial e que se mantém até hoje na base da formação sociopolítica brasileira e reproduz os mais diversos processos de precarização da vida dessa população.

Na história do Pará, a presença negra é marcante, juntamente com a indígena, apesar da última prevalecer como aspecto estereotipado da região amazônica. O historiador e antropólogo Vicente Salles (1971) afirmou que a contribuição cultural negra foi diminuída e até negada no conjunto de valores constitutivos amazônicos e que por vários fatores político-sociais, como a mestiçagem, apresentou percentuais irrisórios onde já foi determinante, como ter sido a maior parte étnica da população belenense, em 1822.

Aos poucos, a “morenidade” foi sendo questionada e até recusada por alguns habitantes que moram na cidade, cujo slogan “Cidade Morena” foi usado excessivamente, mas que hoje é objeto de indagações mediante evidências históricas e autoafirmação da população belenense, como mostrou o Censo do IBGE (2010), em que a capital paraense contou com mais de 76% da população autodeclarada negra (pretos e pardos), evidenciando que Belém é uma cidade negra, apesar de todo o apagamento político e colocou o estado como o primeiro do país a se autodeclarar de pessoas negras habitantes (69,5% se autodeclararam pardas).

Esse novo marco histórico se mostra ainda mais comprovado, por meio da existência e do reconhecimento de pelourinhos na capital paraense no século XVIII (Andrade, 2022), como na praça que existia nos arredores do Ver-o-Peso e onde atualmente é localizado o Mercado de Carne. Assim que os escravizados saíam dos navios que aportavam na baía, eram examinados e comercializados e alguns seguiam para o interior do estado (Silva, 2020).

Figura 40 – Praça do Pelourinho no centro histórico de Belém no século XVIII



Fonte: Monteiro (2001, p. 55 *apud* Arruda, 2003, p. 67)

A finalidade da existência desses lugares, situados em portos e próximo a praças, era a punição e o comércio de escravizados que correspondia aos grandes lucros dos donos de terras, fazendo com que desembarcassem na área conhecida como “praia”, conforme também detalhou Salles (1971):

Mais tarde, em torno da doca do Ver-o-Pêso, vários estabelecimentos particulares se dedicaram à mercancia de escravos. Ali, em 1771, o governador Fernando da Costa de Ataíde Teive, mandando sanear o desaguadouro do Piri, determinou a construção de um lagamar, onde também haveria estância segura e independente da guarda dos escravos: é a atual Doca do Ver-o-Pêso.

Em contrapartida, o Ver-o-Peso se mantém resistente em sua história, mesmo quando não recebe a devida atenção governamental, pois antes mesmo de eu “descobrir” por meio de leituras aprofundadas que o lugar era ancestral, algo no ar já me indicava pelos elementos vistos e sentidos, mesmo ainda não sabendo a história real e verdadeira sobre a nossa cidade. Nesse sentido, Pinheiro e Rodrigues (2020) mencionaram que:

No Ver-o-Peso, identificamos tipificações marcadas por cor e raça, memória de um passado escravocrata e a presença de barracas que vendem produtos para religiões de matriz africana. Em todo complexo da feira, não vimos barraca da “morena” ou qualquer coisa do tipo. A única vez que mestiço aparece enquanto mediação é no nome do bombom da imagem que segue, que é coberto por chocolate e vendido com os mais variados recheios. Nesse caso, essa “mestiçagem” possui sentido de mistura de sabores que se complementam no produto.

Assim, também pude identificar em vários lugares a presença negra, seja na venda de animais para rituais religiosos, seja na venda de instrumentos e artefatos de religiões de matrizes africanas, em boxes no Mercado de Carne, que tem um ponto sagrado e que transforma aquele território em um lugar de resistência e ancestralidade em que eu pude sentir fortemente e nem mesmo as minhas palavras conseguiram traduzir esse processo.

3.4 A chegada no setor e a rotina de trabalho das feirantes: a informalidade e o empreendedorismo no Ver-o-Peso

A categoria “trabalho informal” foi utilizada pela primeira vez, em 1972, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), no relatório sobre as condições de trabalho no Quênia e para caracterizar as pessoas em relações de trabalho não regulamentadas. Desde então, o conceito foi utilizado para caracterizar o mercado de trabalho nos países em desenvolvimento (Nogueira; Carvalho, 2021). Ademais, esse termo foi designado para elencar as práticas cotidianas de trabalho, como de precarização, múltiplas formas de trabalho e heterogêneas e às margens da intervenção do Poder Público.

Estudos sobre a informalidade no Brasil mostram a dificuldade de se estabelecer um conceito único sobre o tema, visto suas diferentes abordagens, não cabendo generalizações. Várias explicações corroboram sobre a discussão do tema, desde a perda do emprego assalariado estável (Silva, 2002) até a possibilidade de ser “dono do próprio negócio” (Sena, 1999), ou mais precisamente, a polêmica em torno do surgimento da “figura do empreendedor”. A “modernização” que o capitalismo desenvolveu emergiu novos tipos de trabalho que recrutaram vários grupos sociais, principalmente os mais vulnerabilizados.

A pesquisa realizada pelo IBGE (2019), sobre as “Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil”, destacou que as pessoas pretas ou pardas representam a maior parte da força de trabalho no país (54,9%), formando cerca de 2/3 dos desocupados (64,2%) e dos subutilizados (66,1%), em 2018. As regiões Norte e Nordeste mostraram-se com os piores resultados relacionados ao trabalho informal de pessoas negras, sendo próximas de 60%, diferentemente das outras regiões, como Centro-Oeste (40,7%), Sudeste (39,1%) e Sul (34,1%).

A segunda edição da pesquisa (IBGE, 2022), após o período crítico da pandemia, mostrou que enquanto 32,7% das pessoas ocupadas brancas estavam em ocupações informais, o percentual entre as pessoas pretas foi de 43,4% e as pardas foi de 47%, em 2021, mantendo as regiões Norte e Nordeste com os percentuais mais elevados, novamente próximas a 60%,

ainda distintas das regiões Centro-Oeste (pretas 42,2% e pardas 40,6%), Sudeste (pretas 37,1% e pardas 37,7%) e Sul (pretas 28,7% e pardas 32,1%).

Segundo os dados do Observatório Estadual de Direitos Humanos no Pará (ObservaDHpa, 2025), que utiliza dados do IBGE e de outros institutos e órgãos de pesquisa brasileiros, a população negra no estado era de 6.467.067 pessoas, em 2022, representando o percentual de 79,6%, cuja taxa de informalidade entre as mulheres negras estava em 64,5%. Já os dados do Instituto Pólis (2022), utilizando dados do IBGE em três capitais brasileiras (Belém/PA, Recife/PE e São Paulo/SP), identificaram que parcela considerável da população belenense tem rendimento mensal de até 1 salário-mínimo e outra parcela importante que varia de 6% a 7% dos domicílios não possui rendimento algum.

Todos esses dados mostram que a situação social em que a população negra está inserida é associada à precariedade do trabalho e/ou à falta de oportunidades de trabalhos formais, fazendo da informalidade o único caminho de sobrevivência. Na PNAD Contínua Trimestral, o estado do Pará ficou com uma das maiores taxas de informalidade da população ocupada no 2º trimestre de 2021 (60,5%) como resultado negativo da pandemia (Agência de Notícias IBGE, 2021).

Ainda segundo dados da PNAD, a desocupação seguiu em alta pela Região Norte no primeiro trimestre de 2021 (14,8%), fazendo com que a taxa de informalidade alcançasse 55,6% na região, que junto com o Nordeste (53,3%), registrou taxas acima da média nacional (39,6%). Entre os pretos e pardos, a taxa de desocupação ficou acima da média nacional, possuindo 18,6% e 16,9% respectivamente, comparada com os brancos (11,9%) no primeiro trimestre de 2021 (Agência de Notícias IBGE, 2021).

Os antropólogos Carmem Izabel Rodrigues e Marcos Trindade Borges (2012) e a economista Ana Laura dos Santos Sena (1999) afirmaram que o trabalho informal em Belém absorve uma parcela significativa da população economicamente ativa. De forma que a cidade paraense se mantém no ranking de trabalho informal no país. Assim, esses trabalhadores geralmente estão localizados próximos às grandes vias e aos corredores de circulação da cidade, como em praças, feiras livres e mercados.

Segundo os economistas Leandro Duarte, Jader Cirino e Ana Beatriz Sette (2018, p. 44), na pesquisa sobre rendimentos no setor formal e informal em Belém, argumentaram que no ano do estudo o DIEESE/PA divulgou que mais de 400 mil pessoas trabalhavam no setor informal na Região Metropolitana de Belém (RMB), sendo 240 mil somente na capital, representando 59,9% do pessoal ocupado. Os autores destacaram também que o desemprego e

a falta de qualificação profissional (educação) são as principais causas do aumento da economia informal na cidade.

Dessa forma, Castro e Acevedo (1998, p. 14) alegaram que:

É importante situar a seletividade sexual e a seletividade racial em relação a setores. Mulheres e negros ingressam em número relativamente menor em setores organizados sob forma capitalista (médias e grandes empresas), enquanto refugiam-se no setor artesanal e da pequena indústria. Neste nível opera o padrão de escolaridade de forma menos excludente. Enquanto nas indústrias minero metalúrgicas as mulheres trabalhadoras são em número menor, em setores como têxtil e alimentação (castanha, palmito, pesca etc.) a participação feminina aumenta. O setor oleiro, no Pará, reservou um lugar de trabalho importante para mulheres e hoje ele tem menor expressão, sem vigor no conjunto da produção da indústria de construção civil, não tendo sido contemplada pela política de incentivos fiscais.

A pesquisadora Mayara Silva (2021, p. 91), em seu estudo junto às trabalhadoras informais da feira do Ver-o-Peso, identificou elementos que as levaram para essa situação:

[...] as vidas de nossas interlocutoras são marcadas por cruzamentos entre a falta de condições financeiras, instabilidade e desregulamentação do mercado de trabalho, ausência de oportunidades de ascensão, baixo nível de escolaridade, administração do lar, como “chefes de família” e dupla jornada de trabalho.

Como vimos, o setor das “boieiras” tem um fluxo constante de comidas e pessoas. Esse local é um dos mais importantes setores da feira e que gera renda para várias famílias que se encontram na informalidade, cujas lideranças são de mulheres pretas e pardas e suas vivências estão interligadas à história da feira, mas que foram negligenciadas pelo Estado durante a pandemia da Covid-19 e que foram remanejadas sem acordo prévio durante as obras da COP 30.

Nos variados trabalhos distribuídos em diversos setores do mercado, vimos feirantes exercendo inúmeras atividades, evidenciando a precariedade do trabalho realizado, ocasionado sobrecargas, acúmulo de funções e cargas horárias exaustivas. Diante do excesso de trabalho exercido, seja no espaço público, como a feira, ou no ambiente doméstico, em seus lares, tornam uma vida sem descanso para as mulheres feirantes, como relatou a funcionária Camélia: “Eu começo a trabalhar das 9 horas da manhã até às 11 horas da noite todos os dias. Aqui eu cozinho, administro o box e contrato as funcionárias”.

As boieiras, assim como muitas trabalhadoras do Ver-o-Peso, são as que sustentam sozinhas, ou em maior parte, suas famílias e colocam comidas em suas casas, fazendo com que a instituição familiar se torne tão importante que até suas/seus filhas/os as/os acompanhem durante o labor na feira, cabendo a elas também a tarefa do cuidado por estarem realizando a vigilância de seus filhos.

Segundo a nutricionista e especialista em Segurança Alimentar, Joise Maria Rego Santos (2005, p. 3), sobre as mulheres responsáveis pelo sustento familiar no país, afirmou que:

As regiões mais pobres do país (nordeste e norte) são as que têm maior proporção de famílias com chefia feminina e também são as regiões onde a mulher ganha menos e tem menor nível de escolaridade e onde a assistência à saúde é mais precária. Todos esses dados revelam a feminização e a negritude da pobreza e da fome. Dentro de um grupo de expropriados dos bens produzidos pela sociedade – entre eles a alimentação – há um sub-grupo de mulheres negras que estão em condições de vulnerabilidade social ainda maior. Essa situação se agrava ao levar em conta o crescente número de mulheres que são responsáveis pelo sustento da família. Estas famílias, por todos os fatores explanados acima, estão expostas a um risco maior de fome.

Ademais, Cardoso e Ferreira (2023, p. 5), na pesquisa sobre a invisibilidade da classe trabalhadora feminina nas feiras nordestinas em Baturité/CE, mencionaram que:

Vale ressaltar também a indagação de como as mulheres saem do espaço privado e começam a ocupar o espaço público. Essa conquista está ligada à busca por trabalho remunerado, direitos e reconhecimento enquanto cidadãs. A vista disso, os trabalhos das mulheres feirantes contradizem rótulos de mulheres submissas e senhoras do lar, na medida que o espaço público vem sendo conquistado cotidianamente por mulheres feirantes. O protagonismo feminino no trabalho revela mudanças sociais em relação à conquista do espaço público. Além disso, fazer a análise cotidiana da presença das mulheres na feira incorpora identificações e inter-relações no aspecto de cultura, economia e realidade social.

A dona de box Lavanda relata que tem um filho ainda pequeno e que ele estuda, mas que no ano de 2024 ela conseguiu uma creche para colocá-lo, cujo horário é das 7h às 17h. Entretanto, para quem é funcionária a situação é mais complicada, por não possuir condições financeiras de matricular seus filhos em creches ou escolas de tempo integral, fazendo com que levem seus filhos para a feira ou os deixem com algum parente, filha/o mais velha/o ou vizinha/o.

Assim, não é incomum vermos famílias inteiras trabalhando por ali. São gerações que levam a sabedoria alimentar, aliada à necessidade de sustento, para todas as partes do mundo. Mesmo assim, ainda faz parte dos sonhos de toda feirante que sua filha ou seu filho siga um rumo diferente ou ligado à educação, sendo “alguém na vida”, e esse desejo fica ainda mais forte em se tratando de filhas mulheres.

Nesse sentido, os antropólogos Mônica Conrado e Breno Alencar (2005, p. 8) afirmaram sobre a questão familiar na feira da Prainha, na cidade de Belém:

É surpreendente observar que muitos feirantes orientam suas vidas motivados por opiniões e condutas que expressam os seus objetivos em relação ao trabalho, como forma de garantir o futuro de seus filhos e netos para que estes não passem pelas mesmas dificuldades que enfrentam todos os dias. Alguns filhos e netos contribuem com a venda de mercadorias. Mas o que enche de orgulho os(as) feirantes é constatar que os seus meninos priorizam o estudo e dedicam-se a entrar em uma faculdade, um sonho que não tiveram a oportunidade de realizar.

A boieira Calêndula contou-me que em seu box trabalham somente pessoas de sua família: “Todos os dias pela manhã eu venho aqui e corto o peixe e vou embora, porque tenho problema no ouvido (tímpano) e não gosto de muito barulho. Aqui trabalha minha nora e minha neta. Ali no outro box tem a minha filha também. Quando minha nora chegou aqui, ela não sabia fritar um ovo e hoje ela sabe tudo”.

A invisibilidade das mulheres feirantes as coloca distante de direitos sociais e trabalhistas fundamentais, visto que, por estarem na informalidade, estão desamparadas legalmente. Em contrapartida, diante da falta de amparo estatal e normativo, elas conquistam o direito à cidade e a cidadania, por meio do trabalho, que transforma o ambiente e o torna singular e diferente de formalidades.

A pesquisa de Bianca Tsubaki (2024, p. 28) mostrou que a ocupação dos trabalhadores ambulantes artesãos, que eram alvos de estigmas e invisibilizações na área que compreende o Centro Comercial de Belém até a Praça da República, foi o resultado da organização coletiva dos feirantes para reivindicar o direito ao trabalho na cidade.

Rodrigues e Borges (2012, p. 16), ao pesquisarem a economia informal no bairro do Jurunas (Belém/PA), ressaltaram que:

A visibilidade dos trabalhadores informais, gritante em qualquer cidade do mundo, pode ser diretamente proporcional ao não reconhecimento de seus direitos legais como cidadãos. Mas pode também abrir espaços de contestação e afirmação desses direitos, possibilitando aos sujeitos lutar todos os dias, contra a ordem dominante que define o ordenamento territorial da cidade, percorrendo e/ou ocupando as vias públicas oferecendo produtos e serviços, estabelecendo seus espaços de trabalho por conta própria, instalando seus equipamentos nesses espaços, desenhando seus próprios movimentos na cartografia social e política da cidade.

Os trabalhadores informais são também analisados sob a ótica sociológica da “informalidade precária”, por exercerem um ofício desprotegido, que não possui renda fixa e é realizado em condições degradantes e de eficiência econômica reduzida e limitada, como os “camelôs” do comércio de Belém (Pires, 2014).

Assim, o sociólogo Válber de Almeida Pires (2014) também afirmou que, com o surgimento da Nova Informalidade – não como uma categoria analítica, mas em virtude de um processo de mudanças no trabalho –, novos aspectos foram inseridos, relacionados ao

sistema flexível e globalizado, diretamente relacionado ao desenvolvimento capitalista, surgindo, assim, novas configurações no setor informal. Assim, o trabalhador sem gerência é subordinado, muitas vezes, pela microeletrônica e passa a ter a responsabilidade sobre si mesmo e sobre o processo de trabalho (Ramalho; Santana, 2004).

O sociólogo Jacob Lima (2010, p. 171) discorreu que esse “novo capitalismo”, conhecido como capitalismo flexível, possui características que surgem como individualização, autonomia, autogestão, controle e solidariedade, aliados à precarização do trabalho:

O trabalhador, empresário e patrão de si mesmo, torna-se responsável por sua reprodução social, pagando sua conta, taxas e impostos para ter acesso a serviços sociais, sejam estatais, sejam privados. Para sobreviver no mercado, depende ainda da busca de formação e atualização contínua, adaptabilidade às novas tecnologias, capacidade de inovar e se mostrar atento às mudanças, enfim, tornar-se flexível, aberto aos novos desafios.

Nesse sentido, as sociólogas Daniela Oliveira, Aline Pires e Amanda Martins (2017), no artigo sobre o espaço e trabalho no setor de tecnologia de informação (TI), argumentaram que nesse novo processo de flexibilização trabalhista emergem novas formas de trabalho, como, por exemplo, as do ramo tecnológico (TI), realizadas em casa ou teletrabalho, e distantes da “empresa-cliente”, fazendo com que as fronteiras entre o trabalho e a vida sejam diminuídas e indistintas, tornando-se parte da própria vida do indivíduo, mascarando a realidade exploratória e precária e difundida em valores empresariais instáveis.

Nessa individualização do trabalho (Castells, 2002), o trabalhador é visto como uma “empresa de si mesmo”, na qual tem que se gerir e se custear individualmente, visto como um novo modelo de sucesso e riqueza, em que organiza o seu curto tempo e define seu caráter pessoal (Sennett, 2009). Esses aspectos não atingem somente o perfil do trabalhador, mas também em suas condições físicas, psicológicas, geográficas e culturais, causadas pelas mudanças no capitalismo como um todo.

Para reduzir a informalidade e o desemprego na cidade, foi criado o Fundo Municipal de Geração de Emprego e Renda “Ver-o-Sol⁷¹”, em 1998, durante a primeira gestão do prefeito na época, Edmilson Rodrigues (1997-2004). O programa consistia no financiamento de microcrédito para os cidadãos de baixa renda e profissionais de alguns segmentos, como

⁷¹ “A nova gestão de Edmilson Rodrigues [2021-2024] resgata o nome do órgão – que foi Banco do Povo, quando criado em 1997, e passou a ser conhecido como Fundo Ver-o-Sol – e também as funções estratégicas que transformaram a vida das pessoas que mais precisavam por meio de cursos de capacitação profissional e de crédito solidário (microcrédito), durante as primeiras gestões dele, de 1997 a 2004”. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/221676/banco-do-povo-de-belem-mudou-para-imovel-historico-na-avenida-nazare>. Acesso em: 12 dez. 2025.

feirantes, usuários do Bolsa-Família, ambulantes, artesãos, taxistas, egressos do sistema penal e quem buscava ter o próprio negócio com ajuda de avalistas e com capacitação, organização e fortalecimento de antigos e novos negócios (Nascimento; Silva; Medeiros, 2009).

A princípio, o que era uma política pública para acabar com a informalidade e garantir direitos e obter bons resultados, tornou-se a implementação de um modelo neoliberal de geração de trabalho e renda que não contemplou a todos, principalmente às trabalhadoras de feiras livres da cidade que representavam a maioria beneficiada (Brasil, 2007). Então, os anos passaram e novas políticas foram adotadas, surgindo a figura do empreendedorismo oposto ao trabalho informal, e estabelece uma lista das ocupações permitidas para a regularização e dispõe de novas concepções ao trabalho, garantindo benefícios sociais e previdenciários.

De acordo com a Lei Complementar nº 128/2008⁷² e demais alterações, estabeleceram-se novas condições especiais para os informais se tornarem “microempreendedores individuais”. Dentre os requisitos obrigatórios para a legalização estão: faturamento de até R\$81.000,00 ou até R\$251.600,00 (valores ajustados proporcionalmente ao tempo de registro) para o transportador autônomo de cargas; não ter ou abrir filial de outra empresa; não ser titular, sócio ou administrador de outra empresa; e contratar, no máximo, um empregado que receba o piso da categoria ou um salário-mínimo.

Em janeiro de 2025, a Junta Comercial do Estado do Pará (JUCEPA) registrou um aumento significativo de 68% (11.743 aberturas) no registro de MEIs e outras empresas em janeiro de 2025. A capital paraense liderou o ranking de novos negócios (2.975 empresas abertas), em que os segmentos mais registrados foram: vestuário, estética (cabeleireiro e manicure), promoção de vendas, lanchonetes, bares, restaurantes e serviços domésticos (Uchôa, 2025⁷³). A promessa inicial era que o megaevento da COP 30 trouxesse mais reconhecimento e aumentasse a renda para todos os trabalhadores envolvidos na cidade.

O geógrafo britânico David Harvey (1992) afirmou que o capital é um processo que mascara e fetichiza por meio da destruição criativa, que gera novos desejos e necessidades, explorando a capacidade do trabalho e do desejo individuais, transformando espaços e acelerando os modos de vida, porém produz superacumulações para as quais há poucas soluções possíveis, ocasionando instabilidades e desigualdades.

O filósofo alemão Karl Marx ([1867] 2011) já alertava para os efeitos nocivos do capitalismo, que se mantém como um sistema desigual de exploração, que fomenta violência,

⁷² Para mais informações: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm.

⁷³ Para mais informações: <https://agenciapara.com.br/noticia/64450/abertura-de-meis-cresce-no-para-impulsionada-pela-cop-30-em-belem>.

fome, extermínio, colonização e escravização da população nativa e negra pelo mundo, mas camuflado sob uma falsa promessa de liberdade individual e não coletiva e sob o aval do cristianismo. Consequentemente, no que Marx chama de “fetiche da mercadoria”, há a desvalorização do trabalho com a produção em larga escala, surgindo um “exército industrial de reserva” com menos dignidade, menos direitos e um grande apelo ao consumo desenfreado, em que a mercadoria cria a sua própria necessidade.

De outro modo, Durkheim ([1893] 2015) afirmou que o trabalho exerce uma função determinante na sociedade, de modo que a divisão do trabalho é a única fonte de solidariedade social. Essa solidariedade carrega funções a cada indivíduo no grupo em que está inserido e deve ter um cunho moral, e assim, quanto mais relações solidárias são estabelecidas, devem também ser determinadas pelos regramentos jurídicos que norteiam essas relações sociais, garantindo uma coesão social.

A solidariedade orgânica é a espécie que mais se encaixa na divisão do trabalho, pois representa um vínculo social positivo, de cooperação e de troca que une o indivíduo e a sociedade (Durkheim, [1893] 2015), na qual todos têm funções preestabelecidas e especializadas em virtude de um objetivo comum, caso contrário seria uma anomia. Porém, a anomia foi presença forte durante a pandemia, em que relações oriundas do trabalho se mantiveram desiguais e precárias, em que o capitalismo aumentou ainda mais o abismo social, atingindo a vida econômica e as relações sociais com impactos diretos na pirâmide social brasileira.

O que demonstra que a situação econômica é um fato que pesa na relação do trabalho, e não uma opção de trabalho, sendo presente até hoje, quando conseguem ser donas de seus próprios boxes. Essa situação contrasta com o discurso do empreendedorismo que mostra a imagem do novo trabalhador, capaz de ser flexível perante os obstáculos do mercado e sendo “empresário da sua força de trabalho”, para que ele utilize suas capacidades, mascarando um falso controle de si mesmo (Lima; Rangel, 2019).

Dessa forma, o Poder Público, que faz parte de uma ideologia dominante, se isenta de proteção aos trabalhadores informais, incentivando-os ao mundo empresarial, por meio de MEIs em que lidam sozinhos com todos os riscos da atividade laboral. Para a população negra que está inserida na informalidade, historicamente, está ocupando o ambiente urbano somente no trabalho subordinado, evidenciando que nem todos os trabalhadores terão as mesmas oportunidades e de ascensão social, como as boieiras do Ver-o-Peso.

3.5 “É uma escola da vida”: vivências, sociabilidades e conflitos de donas e funcionárias boeiras do Ver-o-Peso

A história da chegada à feira do Ver-o-Peso de cada uma das feirantes está relacionada às suas redes de relacionamento, sobretudo aquelas no campo da amizade com alguém que já trabalhava no espaço. Notei que na trajetória ocupacional dessas mulheres a feira é, geralmente, o primeiro trabalho delas, iniciando como funcionárias ou ajudantes de algum familiar ou conhecido proprietário até conseguirem os seus próprios boxes.

A seguir, destaco as narrativas de ingresso ao trabalho de interlocutoras boeiras do setor no Ver-o-Peso, em que cinco são donas de boxes e cinco são funcionárias:

3.5.1 As donas de boxes no setor das boeiras

Calêndula, mulher negra, 74 anos, viúva, uma das boeiras mais antigas e conhecida por todos, dona de box que leva o seu nome, trabalha na feira há 54 anos, sempre no ramo das comidas, contou como chegou no Ver-o-Peso:

Eu tinha 22 anos e comecei lá na Feira do Açaí. Depois de 1 ano e meio eu consegui ter meu box aqui. Antigamente, era tudo diferente, era bom de trabalhar, hoje tá tudo avacalhado. Aqui criei minha família e tive meu dinheiro, aqui é o sustento de muitas famílias, tem box que trabalha 5, 6 pessoas da família, aqui me deu tudo, mas nem todo mundo dá valor, tem gente mais nova que não dá valor a isso aqui (Calêndula, dona de box).

Violeta, que se autodeclara mulher negra, 57 anos, casada e sua família é famosa no setor das boeiras, é dona de box e uma das filhas de Calêndula; chegou na feira para ajudar a sua mãe e me contou vários momentos que passaram na feira, como a sua própria história:

Eu cheguei na feira com 19 anos pra ajudar a minha mãe. Eu fui mãe muito cedo e eu precisava ajudar no sustento da casa, mas eu não queria nada com comida, com cozinha. Queria só vender e ganhar dinheiro e vir embora. Só que quando eu adquiri meu box, eu fui observar que a alimentação era o que dava retorno mais rápido, né? E assim, na verdade, eu caí na cozinha por necessidade, porque a gente precisava pra sustentar a casa. E cozinhando e vendendo, e fazendo um peixe aqui, tu recebe um elogio, tu faz uma carne, aí vem outro cliente e elogia, aquilo tudo vai te levantando, levanta a tua moral, o teu astral, a tua vontade de fazer melhor, de fazer um prato melhor do que o do vizinho e daí foi acontecendo e hoje eu sou apaixonada pela cozinha, né? É da onde eu sobrevivo, que eu tiro o meu sustento, o meu e o da minha família e eu não consigo fazer outra coisa se não for na cozinha, cozinhar (Violeta, dona de box).

Alecrim, 56 anos, viúva, é dona de box e outra filha de Calêndula, conta que chegou na feira para trabalhar com a mãe: “Olha, eu cheguei aqui na feira pra trabalhar com a minha

mãe, eu tinha 14 anos, né? Trabalhei com ela, depois eu trabalhei com outras pessoas, até eu conseguir o meu box, entendeu? Sempre trabalhei com comida”.

Lavanda, que se autodeclara mulher negra, 37 anos, casada, é dona de box que também leva seu nome, contou que:

Eu trabalhava no comércio, trabalhava vendendo ervas numa casa de ervas muito conhecida aqui, no Ponto das Ervas. Ai eu comecei a vender sapato na feira, através disso eu consegui um box e comecei a cozinhar. Vendi sapato, vendi bolsa... Bolsa, sapato, essas coisas. Aqui comecei literalmente na parte do restaurante. Tinha uma amiga, aí eu comecei a vir oferecer produtos pra ela e acabei ficando pra esse lado (Lavanda, dona de box).

Cravina, 65 anos, divorciada, é dona de box que leva o seu nome, narrou a sua história de dificuldades:

A minha trajetória aqui na feira foi através de muita necessidade. Olha, eu já vendi mingau, eu já vendi churrasco, eu já trabalhei com roupa, ali no meio dos peixes. Eu chegava três horas manhã e eu com meu filho, a gente trabalhando até que, graças a Deus, através de muita ajuda eu consegui um box lá na Feira do Açaí. Da Feira do Açaí eu perdi tudo, quando teve um problema de uma eleição, aí. Essa pessoa entrou lá e jogou tudo no chão, quebrou, perdi tudo, mas graças a Deus que nesse período de tempo eu conheci um grande homem, que foi chamado de Senhor João Nobre, administrador da Secon. Ele teve misericórdia de mim, seguiu meu espaço, me jogou pra feira da farinha velha, depois me jogou lá pra Avenida Portugal e depois que eu subi aí, pra cima, na época do Edmilson que inaugurou lá em cima (Cravina, dona de box).

3.5.2 As funcionárias de boxes do setor das boieiras

Camélia, mulher negra, mãe solo de 4 filhos, trabalha no box há 5 anos e é pessoa de confiança da dona do box, tanto que explicou que ela mesma contrata as funcionárias, explica como funciona o trabalho e as regras de permanência, também disse que chegou na feira por meio de um conhecido. Ela comentou que não é fácil trabalhar na feira sendo mulher e mãe solo, encarando muitas dificuldades ao longo do dia.

Girassol, que se autodeclara mulher parda, 34 anos, solteira, é funcionária de box e relatou sobre a sua chegada na feira e a rotina de trabalho exaustiva:

Cheguei através de uma pessoa. Eu vinha só pra vender, como ela me ofereceu uma oportunidade para trabalhar e eu não estava trabalhando, eu fiquei aqui até hoje, mas não com ela, graças a Deus. Eu sou funcionária, eu atendo, bato conta e me viro nos 30. Eu pego 9 horas, mas geralmente eu chego aqui 8h10/8h15 pra mim organizar o espaço. De segunda à quinta, eu fico até 19h ou 20h. Sexta e sábado até 10h30/11h da noite e domingo 18h, ganho diária e 10% das mesas (Girassol, funcionária de box).

Dália, que se autodeclara mulher morena, 41 anos, união estável, é funcionária de box e falou sobre a sua própria história ao chegar no Ver-o-Peso:

Eu cheguei aqui com 16 anos, pelo intermédio da minha prima. Ela tem um primo que trabalha aqui, que é dono de barraca, que é o box do Loiro. Até então lá eu trabalhei por 8 anos, só com ele. Lá eu trabalhei com lanches, café, essas coisas assim. Também foi uma experiência boa, fui aprendendo várias coisas, fui passando a ter mais responsabilidade, coisas que eu não tinha, pra mim tava sendo ótimo, entendeu? De lá pra cá, fui aprendendo muitas coisas, porque o Ver-o-Peso é uma escola. Tem tanto do bom quanto do ruim, tu chegando aqui, vai escolher o lado que tu vai querer seguir. Eu, graças a Deus, segui o do bem, trabalhando e ganhando meu dinheiro honestamente, sem ter que tá mexendo com nada de ninguém. Porque aqui, mana... é como eu te falo, é uma escola! Vai ver de bom, de ruim, tem o lado fácil de tu ganhar dinheiro e o lado que é o certo, que é o trabalho, entendeu? Porque mana, aqui tem prostituição, tem tudo! Tudo o que tu pensar tu encontra no Ver-o-Peso, de tudo quanto é forma. Então, eu te digo, aqui é uma escola, uma escola da vida (Dália, funcionária de box).

Ipê, 31 anos, que se autodeclara parda, casada, é funcionária de box, contou que trabalhou em outro ramo antes de chegar na feira:

Foi assim, através de uma amiga minha, que eu trabalhava como promotor num supermercado, com abordagem de produtos de cabelo, shampoo, condicionador, várias coisas, hidratante... Aí acabou o meu contrato, porque a gente mora na mesma vila, ela mora em cima e eu moro embaixo e como ela já trabalha aqui na feira, do lado do mercado pra ali. Ela já me indicou já pra dona do box 49, aí eu fiquei trabalhando lá por 8 meses, aí na dona daqui eu tô desde fevereiro, eu tô 5/6 meses com ela, desde então eu vim trabalhar aqui na feira. Foi assim (Ipê, funcionária de box).

Gardênia, 21 anos, que se autodeclara parda, casada, natural do Acará, onde trabalhava em uma loja, comentou que chegou na feira quando veio para Belém:

Através de uma amiga que me chamou pra trabalhar com ela, aí ela falou que queria que eu tirasse uma diária pra ela, aí eu tirei, ela gostou do meu trabalho e eu continuei trabalhando com ela. Depois eu já fui pra outros boxes, aí ficaram me chamando assim, eu trabalhava fixo em um box, né? Agora, eu tô fixa só nesse aqui. Trabalho há quase dois anos aqui (Gardênia, funcionária de box).

Diante de vivências que as unem no mesmo território na feira, elas também relataram que nem sempre o clima é amistoso, pois também está munido de conflitos entre elas. O ritmo intenso de trabalho também causa desconfortos entre as próprias trabalhadoras. Competições, conflitos, concorrências e desafetos aparecem raramente de forma explícita ali, sendo acobertados e ocultados pelas lonas que também as dividem fisicamente.

Entre amizades sinceras e inimizades que existem no setor e em todo o Ver-o-Peso, as interlocutoras, a princípio, responderam de forma uníssona de que não existe amizade no local, apesar de umas serem mais seletivas e rígidas quanto à amizade do que outras e

contaram, posteriormente, sobre as relações amigáveis com as demais boieiras, em que compartilham suas vidas e torcem pelo sucesso umas das outras:

Inclusive eu tenho muito orgulho de algumas amigas que eu tenho lá, né? Mas a gente também tem uns desafetos, né? Em todo o lugar tem, mas os desafetos eu faço orar, se falar comigo, eu falo, eu trato do jeito que me tratam. Em amigas, eu tenho uma que chegou aqui trabalhando pra uma pessoa e hoje ela tem o box dela e com o box ela conseguiu estudar, se formou, já é doutora, ela é dentista, tá? E quando ela tá no consultório dela, ela é a Dra., ela é dentista e quando ela tá no box dela, ela é boieira. Ela cozinha, ela atende todo mundo e é bem legal. Tem a filha de outra boieira também, que trabalhou muito tempo com a mãe dela como boieira, ela é contadora, se formou em contadora. Eu tenho um amigo que trabalha lá na polpa de fruta também, ele trabalha com design, é formado. Tem uma outra que inclusive, foi a minha nora no passado e trabalhou comigo muito tempo na barraca, aprendeu e não conseguiu mais desenvolver nada, aí eu passei meu box pra ela. Ela também toma conta do box, é cozinheira e quando sai de lá vai pra faculdade que ela tá fazendo, ela quer ser delegada. Tá estudando, tá fazendo faculdade. Então, é assim, a gente tem muitos amigos ali, muitas pessoas queridas mesmo, inclusive tem a minha funcionária também, que tá fazendo Psicologia, a irmã dela também trabalhou comigo, ela tava fazendo Fisioterapia, continua estudando e, assim, eu digo que o Ver-o-Peso é uma porta, essa porta é aberta pra todos que querem, que sabem o que querem e pra onde vão seguir, porque você tem que chegar ali, ali é um local que você vai pegar em dinheiro todos os dias, você tem que saber o que vai fazer com ele, pra onde tu vais caminhar dali, entendeu? Briga com o vizinho, são coisas que desmotivam o teu trabalho (Violeta, dona de box).

Em contrapartida, mencionaram episódios difíceis entre elas no lugar, seja entre donas e funcionárias, donas e outras donas e até entre funcionárias, mas que com o tempo, os conflitos são até relativizados, pois o importante é saber lidar nessas situações:

Teve um tempo já, acredito que tem uns 3 anos, eu tive um problema com uma vizinha e parei de falar, como eu já falei, eu não brigo, eu simplesmente te dou o desprezo e não quero mais falar. Um dia eu fui chegar pra trabalhar, a minha barraca tava só enxofre, aí me contaram que era ela que tinha jogado, aí eu fui perguntar pra uma senhora “porque que ela jogou enxofre?”, aí ela me contou, né? Que tem uma parte na bíblia que fala disso, eu não lembro muito bem, mas eu sei que o enxofre que ela jogou lá era pro mal. Aí quando a mulher me falou isso, eu te confesso que eu chorei, eu fiquei com medo. Aí, fui no banheiro, lavei meu rosto, voltei, fechei meus olhos lá na frente da minha barraca e clamei a Deus e orei. Orei, orei muito e chamei o segurança. O segurança tirou a minha lona e levou lá pra Praça, jogou água, lavou, jogou água quente, sabão em pó, “qboa” (água sanitária). Esfregou aquilo tudinho, mas por muito tempo ficou o cheiro daquele enxofre e por isso, eu senti vontade de desistir, entendeu? Hoje, eu não falo, não consigo nem olhar pra ela. Ela já tentou, mas não passa mais (Violeta, dona de box).

Olha, eu vou te ser sincera, é assim, não existe amizade numa feira. Não existe. Porque, pela tua frente é uma coisa, por trás é outra, então tu tem que saber viver e sobreviver, entendeu? Na feira é assim, eu tô te falando a verdade. Porque tu tem, eu acho assim, que o sol brilha pra todo mundo, mas tem sempre aquele que acha que tu tá sendo melhor do que ele e já quer passar por cima de ti, mas não é assim, eu acho que a gente chega pra trabalhar, a gente dá o melhor da gente, entendeu? Mas amizade mesmo não se tem na feira (Alecrim, dona de box).

Ser uma mulher ativa, empreendedora, ter os melhores clientes, ser premiada, ser notada pelas mídias, enfim, ser vista diante de todos, é algo que desperta inúmeros e diversos sentimentos por parte de outras mulheres feirantes que sentem que não possuem o mesmo reconhecimento e acabam ficando “para trás”. Isso faz com que esse ambiente feroz de disputa seja consequência direta do neoliberalismo, que adentra além da esfera econômica e que transforma o indivíduo em um “sujeito-empresa” (Dardot; Laval, 2016), estimulando a competitividade e anulando qualquer sentimento ou ideal de solidariedade com quem está próximo, e tornando o outro um inimigo a ser vencido, que, no caso da feira, seriam as outras boeiras.

Verónica Gago (2018, p. 14-15), ao identificar a nova conjuntura implementada pelo “neoliberalismo de baixo para cima” na América Latina, afirmou que:

Nessas formas de fazer, o cálculo assume certa *monstruosidade* na medida em que a empresarialidade popular é obrigada a se responsabilizar por condições que não lhe são garantidas. Essa imperfeição acontece ao mesmo tempo como indeterminação e organiza uma certa ideia de liberdade, desafiando à sua maneira as formas tradicionais de obediência.

Dentre os exemplos identificados, percebemos a diferença atribuída às donas de box e às funcionárias, em que entre as primeiras, vemos histórias de ascensão social, com expansão do trabalho além das cercanias da feira, como, por exemplo, possuindo outras filiais de seus boxes na cidade e sendo divulgados por influenciadores digitais locais. Já para as funcionárias, o sonho de ter o seu próprio box e trabalhar por conta própria ainda é o principal caminho e motivador do labor diário no local.

Com a pandemia disseminada no início do ano de 2020, todas as expectativas de vida e de trabalho das boeiras foram interrompidas e a corrida pela sobrevivência se manteve constante, atingindo principalmente as funcionárias, que precisaram ainda mais de auxílios e ajudas vindos de donas de boxes.

Com o passar do tempo, nas obras pré-COP 30, o cenário do trabalho na feira foi transformado, novamente, fazendo com que a corrida agora fosse para evitar que as vendas caíssem diante de um novo lugar de trabalho, além de se manter debaixo de um teto alugado e perto da criação de seus filhos. Ademais, precisaram contornar todos os problemas sob os efeitos de um calor extremo na cidade, que atingiu o seu auge em 2024, causando doenças e mal-estar nas trabalhadoras feirantes, tudo isso prestes à realização do maior evento climático do planeta.

CAPÍTULO 4 – AS INTERFERÊNCIAS E MUDANÇAS NO TRABALHO INFORMAL DO VER-O-PESO: A COVID-19 E A COP 30 EM BELÉM DO PARÁ

“Um homem de rua na feira de Belém
Cheiro o cheiro verde, almoço de quem não tem
A mão invisível do mercado é de quem pede uns trocados
O corpo invisível ignorado da menina a preço barato

Qual o sentido do cheiro do invisível social?
Qual o peso, ver o peso, de uma marginal?

Mercado que vende tudo não vende justiça social
Procuró uma garrafada pra curar a banalidade do mal
Mercado que vende tudo não vende justiça social
Procuró uma garrafada pra curar a banalidade do mal

E o que você espera do mercado global?

Vende-se tudo no mercado do Pará
Comidas, curas, castanhas, seduções e blá-blá-blá
Os batedores de carteira também estão por lá
Um homem grande com o seu pitbull a amedrontar

Tudo é tão desigual, tudo é tão natural
Há quem compre, há quem venda ou se venda, tudo é tão banal

Mercado que vende tudo não vende justiça social
Procuró uma garrafada pra curar a banalidade do mal
Mercado que vende tudo não vende justiça social
Procuró uma garrafada pra curar a banalidade do mal

E o que você espera do mercado global?”
(Ver o Peso, Antídotos Sociológicos)

Talvez, se pudéssemos caracterizar o Ver-o-Peso diante da multilateralidade de pessoas, mercadorias, sons, vivências e gastronomia em uma palavra, seria “vivaz”. Ali, tudo está em constante movimento, pulsante e com a essência da cidade como um polo amazônico de sentidos e sensações em um organismo vivo que contribui para a identidade do país.

Entretanto, reformas, conflitos e mudanças que o local passou através dos anos, não foram capazes de impactar tão profundamente o trabalho e os trabalhadores da feira, como os acontecimentos ocorridos nos anos de 2020 (Covid-19) e de 2024/2025 (pré e COP 30), que alteraram não só o Complexo, mas também toda a área central e impulsionaram uma nova transformação urbana na capital.

4.1 “Não teve trabalho, fechou”: A Covid-19 e as estratégias de sobrevivência de boieiras do Ver-o-Peso

Imagine se toda a dinâmica da feira do Ver-o-Peso, com o barulho das músicas e das pessoas, movimentação frenética, trabalhadoras abordando fregueses para consumirem em seus boxes, vai e vem de pessoas e mercadorias, enfim, tudo isso simplesmente desaparecesse. Foi o que aconteceu no ano de 2020, após as primeiras notícias de contaminação humana por meio de um vírus mortal que fez as primeiras vítimas na cidade de Wuhan, na China, que se tornou o epicentro da doença e se alastrou com a rapidez de um foguete no mundo, causando medo e desespero pela incerteza da mortalidade diante de seu potencial destrutivo. Em pouco tempo, foi absurdamente capaz de ceifar vidas de muitas pessoas no planeta, inclusive de feirantes no Ver-o-Peso.

A princípio, os sintomas da doença são respiratórios e semelhantes aos de um resfriado ou gripe comuns: tosse, febre, dificuldade de respirar, dor de garganta, corpo e cabeça. Alguns casos poderiam evoluir para pneumonia, conjuntivite ou lesões cutâneas. Entretanto, os sintomas determinantes para a detecção da doença estavam na perda do olfato e do paladar, que se tornaram característicos, mas que mudaram conforme a mutação do vírus.

A crise sanitária decorrente do Coronavírus⁷⁴ (Covid-19), denominado tecnicamente de SARS-CoV-2, determinou o distanciamento ou isolamento social imediato como a forma mais eficaz de evitar a proliferação do vírus, porém tal medida não se estendeu a todos os indivíduos. Trabalhadores das mais diversas ocupações classificadas como serviços essenciais – motoristas de limpeza urbana, da saúde, do comércio alimentício, feiras e supermercados, entre outros – não foram incluídos na dinâmica do trabalho remoto.

No Pará, o Governo do Estado decretou o primeiro *lockdown* em maio de 2020, por meio do Decreto Estadual nº 729/2020, para conter a proliferação do vírus no estado, que causou 19.348 mortes na região paraense (dados obtidos até 30/12/2025), segundo dados da Secretaria de Saúde Pública do Estado⁷⁵, principalmente durante o pico da doença. Em Belém, foi emitido o Decreto nº 96.253/2020, sobre as medidas restritivas na cidade diante dos 55.832 casos que foram confirmados e 2.419 óbitos registrados em 2020, conforme a Prefeitura Municipal⁷⁶.

⁷⁴ “Coronavírus é uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus (Coe/Covid-19) foi descoberto em 31/12/19 após casos registrados na China”. Disponível em: <https://www.saude.pa.gov.br/rede-sespa/coronavirus/o-que-e-coronavirus/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

⁷⁵ Para mais informações: <https://www.covid-19.pa.gov.br/#/>.

⁷⁶ Painel Covid-19: <http://contratoemergencial.belem.pa.gov.br/painel-covid-19/>.

O debate gerado em torno da impossibilidade de isolamento/distanciamento social para todos os trabalhadores foi intenso e escancarou a conclusão de que os direitos sociais não são assegurados a todos, expondo a face mais cruel das desigualdades sociais existentes no país (Santos *et al.*, 2020). Exemplo disso, foram os trabalhadores informais, que arriscaram suas vidas e saúde para garantir o sustento familiar. Consequentemente, no primeiro semestre de 2020, uma testagem realizada pela Secretaria Municipal de Saúde junto aos trabalhadores da feira do Ver-o-Peso e do Comércio de rua de Belém, revelou um alto índice de contaminação entre eles, no percentual de 40% (UOL, 2020).

A lembrança desse evento crítico⁷⁷ (Das, 1995) que quebrou a rotina laboral, quando rememorado pelas trabalhadoras retoma o sentimento de tristeza vivido com o fechamento da feira, como relatado pela boieira Violeta:

Ai, foi complicado. Foi cruel aquilo. Foi como se tivessem tirado um filho do colo da mãe. Quando veio a ordem do Governador pedindo pra fechar o Ver-o-Peso, todo mundo recebeu a notícia: “Meu Deus!”. (Foi) como se tivesse perdido um ente querido. Porque é dali que tem gente que se sustenta, sobrevive, paga funcionário... Eu não pensava tanto em mim, mas eu pensava neles (Violeta, dona de box).

Entre as boieiras entrevistadas, no geral, oito feirantes afirmaram que se contaminaram com o vírus da Covid-19. Algumas relataram que sentiram sintomas leves e outras sentiram sintomas graves que recorreram à emergência hospitalar. Todas responderam que seguiram à risca as normas sanitárias sobre higiene, como lavar as mãos, usar álcool em gel, não saíram de casa e tomaram vacinas, quando essas foram distribuídas e fornecidas nos postos de saúde.

Os familiares próximos de parte das interlocutoras também pegaram o vírus, mas que assim como elas, eles curaram-se administrando remédios receitados tanto por médicos, quanto receitas caseiras obtidas no Ver-o-Peso, tais como: ervas medicinais e legumes e frutas para fazer sopas para hidratação e repor energia. Ademais, souberam de muitos feirantes que morreram na pandemia, majoritariamente, pessoas mais velhas e conhecidas na feira.

Cotidianamente, as feirantes alegaram que sofrem, frequentemente, de gripes e resfriados, tanto que possuem remédios prontos para serem usados na feira, como anti-inflamatórios, descongestionantes e analgésicos, em suas bolsas ou caixinhas. Na pesquisa sobre doenças ocupacionais biomecânicas em feirantes do Ver-o-Peso, Camila Brito *et al.* (2019) constataram que os 34 feirantes participantes do estudo sofreram sintomas de gripes

⁷⁷ Para a antropóloga Veena Das (1995), os eventos críticos são situações ocorridas, como guerras, catástrofes, massacres e outras interferências violentas, que causam sérias rupturas no cotidiano de pessoas ou grupos. Assim, as principais consequências são: o sofrimento extremo, a dor e o trauma existentes no modo de vida humana.

constantes, dores no corpo, arritmia aguda, hipertensão e pressão alta, além de trabalharem sob altas temperaturas e sujeiras abundantes.

Ademais, todos esses fatores relatados no estudo, desencadearam Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT) que interferiram no cotidiano laboral dos feirantes e que formaram fatores de risco para enfermidades. Em tempos de Covid-19, esses sintomas representaram fatores de risco para a proliferação e contaminação da doença nos trabalhadores.

O vírus transformou o cotidiano do comércio de rua belenense e fez com que vários setores adotassem estratégias para continuar produzindo e comercializando suas mercadorias. Assim, os trabalhadores do Ver-o-Peso sentiram os efeitos da pandemia em todos os aspectos, apresentando dificuldades de se manterem, desde a aquisição de materiais higiênicos (Nascimento *et al.*, 2020), até nas vendas e consumos no local. Consequentemente, tiveram que lidar com a queda das vendas em 70% durante o isolamento social (Castro, 2020).

O “empreendedorismo” imposto pelo Estado os colocou em uma categoria de “empreendedores por necessidade”, já que dependem do trabalho para sobreviver (Lima, 2010), e a pandemia impactou na geração de riquezas para o país e no sustento dos trabalhadores informais em Belém, cuja maioria são negros (Silva, 2007) e residem nos bairros de periferia da cidade (Sousa *et al.*, 2017), sendo vítimas da ausência e/ou ineficácia de políticas públicas, do racismo e da desigualdade social que transforma labor na feira em mecanismo de sobrevivência, principalmente durante o período crítico pandêmico.

A pandemia evidenciou a fragilidade da estrutura socioeconômica brasileira, e atingiu, sobretudo, os grupos mais vulneráveis, como a classe trabalhadora, pela ineficiência de políticas públicas ou pelo acesso restrito a serviços básicos de saúde ou pela concentração desse grupo ao trabalho em setores denominados informais.

O economista italiano Giovanni Arrighi (1997, p. 12) afirmou ser uma estratégia implementada de desenvolvimento semiperiférico, presente nos países da América Latina e do sul da Europa, e que consistiu em “preservar as extremas desigualdades de classe na distribuição de riqueza pessoal no interior do seu território e desempenhar funções subordinadas nos processos globais de acumulação de capital”.

Dentro da classe trabalhadora brasileira concentram-se principalmente a população negra, que compõe a maior parte da classe trabalhadora e representou o maior número em contaminados e óbitos, em virtude da ausência de políticas públicas para o enfrentamento da Covid-19, tal como apontam os dados da 11ª Nota Técnica do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), em 2020.

Segundo o Relatório Executivo da Universidade do Estado do Pará (UEPA), em 2020, sobre o mapeamento da Covid-19 em território paraense, a maior incidência de contaminação do vírus se deu entre as pessoas negras (pardas 68,4%) e pretas (15%). O estudo mostrou que a contaminação se deu entre pessoas com nível de escolaridade de ensino fundamental incompleto (44,0%), ensino médio (27,2%) e 21,7% declararam não ter estudado, pertencendo às classes C, D e E. Esses dados evidenciaram que o avanço da Covid-19 incidiu principalmente sobre os mais pobres, que não puderam ou tiveram maior dificuldade em serem deslocados para trabalhar em *home office*, cuja necessidade de assistência e saúde pública é maior.

Nascimento *et al.* (2020) relataram em sua pesquisa que a maior preocupação dos feirantes do Ver-o-Peso, desde o início da pandemia, foi quanto aos utensílios higiênicos e a falta de condições financeiras para adquirir esses materiais e garantir segurança e saúde no trabalho. Além da insegurança sobre a doença, os feirantes que sempre sofreram com doenças relacionadas ao ambiente laborativo tiveram dúvidas sobre a vulnerabilidade diante da Covid-19.

Durante o período mais grave da crise sanitária, identificamos um conjunto de matérias jornalísticas que destacaram estratégias praticadas pelos feirantes do Ver-o-Peso em busca de geração de renda. Eles buscaram comercializar seus produtos por meio de aplicativos (D’Almeida, 2020); registraram-se também o fortalecimento e crescimento de cooperativas e associações, como o “Feira Segura”, da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – Senar/CNA (Nascimento *et al.*, 2020) e os auxílios e ajudas estatais, como a entrega de cestas básicas durante a paralisação das atividades (Baía, 2020).

Alguns feirantes, sobretudo do setor alimentício, alegaram dificuldades em se adaptarem a essa nova realidade, com a impossibilidade de acesso aos aplicativos e a dificuldade financeira em custear a entrega de alimentos e o pagamento de *motoboys* e/ou demais entregadores de comida (Jornal Liberal 1ª ed., 2020).

As trabalhadoras boieiras que se recusaram a aderir a esse novo recurso tecnológico, revelaram que tiveram que trabalhar longe dos olhares da fiscalização que estava alertando e proibindo a comercialização no período do pico da doença. Porém, a necessidade do sustento foi maior e garantiu a renda familiar nessa época, como relatou Dália:

Pra você ter uma ideia, mais ou menos no tempo da Covid, do que a gente vendia e o que a gente vende hoje. No tempo da Covid, eu fazia 3, 4 quilos de guilhon, 5, 6 quilos de arroz, 4,5 pacotinhos de macarrão e mais do que eu acho que ela (dona) comprava 20, 30 quilos de peixe. É uma coisa que é muito grande, aí, tipo assim, uma fábrica pra ti levar pra cima e fazer. A gente vendia num único dia, então quer

dizer que muita gente saía da sua casa só pra vir comer no Ver-o-Peso e a gente comia em pé. Pra ti ter uma ideia no tempo da Covid como era no Ver-o-Peso. O pessoal vinha, eu tava lá em cima (na plataforma), aliás muitas das barracas fecharam. Acho que se tinha 3 ou 4 barracas vendendo era muito. Então, o box do flamengo foi um que ele vendeu muita comida e ganhou bem. No tempo da Covid ele ganhou, porque eu era cozinheira lá e fui eu que fazia e vendia. Então, vinha muita gente pra comer aqui. Comia em pé, não tinha mesa, a gente não queria colocar mesa, a gente só usava o balcão dos outros e tava ali. Todo mundo em pé comendo e tudo mais, pagava e ia embora. Foi uma maravilha e foi onde a gente mais ganhou dinheiro, por incrível que pareça (Dália, funcionária de box).

As feirantes do setor das boieiras tiveram que se adaptar a essa nova realidade em suas vidas e ofícios, trabalhando escondido ou ficando em casa recebendo auxílio, mas que, infelizmente, não as livrou da doença e de integrarem negativamente os altos índices de contaminados e óbitos na capital paraense. Mesmo após a Covid-19 “acabar”, relataram que o faturamento não foi o mesmo do período pré e pandêmico:

Ixi, a venda antes da pandemia era muito maior, muito melhor. Depois da pandemia, a venda decaiu muito, muito mesmo. Se antes, vamos supor, num dia tu vendia 2 mil, 3 mil, hoje em dia tu já vende mil, mil e quinhentos. Os dias que você vende mais que tu ganha mais dinheiro é no final de semana, aí tu já ganha. Nos outros decorrentes dos dias não, tu bates uma meta de 500, 600, 700 reais... Onde tu vendia mil e mil e pouco, hoje em dia a venda já caiu muito (Dália, funcionária de box).

Diante do fechamento da feira e da proibição do trabalho, as boieiras também recorreram para o recebimento de auxílios, sejam municipais, estaduais ou federais, assim como para os pedidos de empréstimos aos bancos para conseguirem colocar alimento dentro de casa, mas esses pedidos demoraram a cair nas contas bancárias, fazendo com que alternativas fossem pensadas e executadas para solucionar o problema.

Durante a pandemia do Coronavírus, o ritmo de funcionamento do setor e da feira em geral foi afetado drasticamente, fazendo com que o Ver-o-Peso se encontrasse em completo silêncio. Em contrapartida, quando o isolamento/distanciamento “afrouxou” com o decrescente indicador de contaminação e de óbitos, foram adotadas medidas higiênicas e sanitárias pelas feirantes e pelo Poder Público, inclusive no manejo, no fornecimento e na entrega de comidas prontas para os fregueses e frequentadores que podiam somente pedir e levar os pratos em quentinhas, mas não os consumir no local até a normalização e reabertura da feira.

4.2 Os auxílios recebidos pelas boieiras e cooperação entre as feirantes

Nesse período crítico, as funcionárias dos boxes foram as mais afetadas, necessitando de apoio para suas sobrevivências. Elas enfrentaram dificuldades, tanto para conseguir

solicitar, como para sobreviver com os recursos concedidos, decorrentes de auxílios disponibilizados tanto pelos Governos Federal, Estadual e Prefeitura Municipal, como Auxílio Emergencial⁷⁸, Renda Pará⁷⁹, Fundo Esperança⁸⁰, Bora Belém⁸¹ e outros que não supriram o rendimento obtido pelo trabalho realizado na feira.

A funcionária Camélia trouxe um relato interessante: “Eu tive que trabalhar na pandemia, mas quem recebeu o auxílio foi a dona do box que tem CNPJ⁸²”. Já a boieira Calêndula relatou que preferiu deixar para quem mais precisava, mas recorreu ao empréstimo junto ao banco: “Nenhum, nadinha, eu não recebi auxílio porque sou aposentada, só as meninas (funcionárias) que conseguiram auxílio emergencial. Eu não pedi, porque eu quis que deixasse pra quem mais precisa, sabe? Quem tava passando muita dificuldade. Aí eu pedi empréstimo e até hoje tô pagando, com juros altíssimos!”.

A pandemia da Covid-19 ocorreu em um momento de incerteza política, em que o país estava sendo governado pela extrema direita, cujo presidente na época, Jair Messias Bolsonaro, do Partido Liberal (PL/2019-2022), desacreditava sobre a doença, inclusive fazendo piadas jocosas sobre a falta de ar (um dos sintomas mais comuns), além de propagar *fake news* sobre a ineficácia das vacinas que estavam sendo enviadas para outros países do mundo, como alternativa mais eficaz no combate ao vírus.

Ademais, a demora na liberação dos auxílios, como o Emergencial, gerou dificuldades para os brasileiros sobreviverem diante do aumento da pobreza e da fome no país sob políticas neoliberais de um governo conservador. Um dos exemplos mais chocantes foram as reportagens nacionais de pessoas se alimentando de ossos e sopas aguadas, disputando enormes filas para reaproveitá-los durante dias e tentar burlar a fome em suas famílias.

Dada a burocracia e a morosidade para a efetivação dos auxílios, couberam às donas de box e demais feirantes se articularem individualmente para pedir empréstimos e/ou agirem coletivamente para garantir suporte aos trabalhadores mais necessitados, como o fornecimento de cestas básicas pelo Poder Público ou por instituições e associações, principalmente para as feirantes mães que sustentavam sozinhas suas casas:

⁷⁸ Instituído pela Lei nº 13.982/2020, foi um benefício financeiro federal criado para garantir renda mínima aos brasileiros vulnerabilizados pela pandemia da Covid-19, no valor de R\$600,00 mensais durante 3 meses, sendo prorrogado aos que não possuíam emprego formal. Posteriormente, foi substituído pela Lei nº 14.284/21, que mudou o nome para “Auxílio Brasil”.

⁷⁹ Instituído pela Lei nº 9.139/2020, é um programa estadual extraordinário criado em outubro de 2020, que transferiu recursos aos mais atingidos social e economicamente pela Covid-19.

⁸⁰ Instituído pela Lei nº 9.032/2020, é um programa estadual emergencial de financiamento aos pequenos e microempreendedores, bem como as cooperativas de trabalho afetadas pela Covid-19.

⁸¹ Instituído pela Lei nº 9.665/21, é um programa de renda que garantia um auxílio de até R\$450,00 a famílias em situação de vulnerabilidade social e que tiveram as condições financeiras agravadas pela Covid-19.

⁸² Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

Eu tinha uma funcionária que tinha 7 filhos. Era batalha. E o nosso desespero foi esse. Mas a minha mãe, como outras meninas conseguiram pedir ajuda, socorro, o Governador mandou umas cestas. (Violeta, dona de box).

Olha, o pessoal do Instituto Ver-o-Peso ainda deu cesta básica. A gente (donas) pegava, mas a gente não levava pra gente, a gente dava pra elas (funcionárias), entendeu? (Alecrim, dona de box).

Tabela 5 – Dados de boieiras entrevistadas que vivenciaram os tempos da pandemia da Covid-19

Nome	Dona ou Funcionária	Trabalhou na feira no início da Covid-19	Recebeu auxílio	Família recebeu auxílio	Pegou Covid-19	Familiar pegou a Covid-19	Estratégias de sobrevivência
Girassol	Funcionária	Não	Sim	Sem resposta	Sim	Sem resposta	Ganhou cesta básica da patroa
Dália	Funcionária	Sim (escondido)	Sim	Mãe	Não	Pai	Sobreviveu de auxílio
Lavanda	Dona	Não	Sim	Sem resposta	Sim	Sem resposta	Venda de salgados, pizza e torta
Cravina	Dona	Não	Não	Sem resposta	Sim	Sem resposta	Trabalhou com a Rommannel (joias)
Violeta	Dona	Não	Empréstimo (Banpará)	Não	Sim	Sim	Trabalhou com <i>delivery</i> de casa
Alecrim	Dona	Não	Não	Não	Sim	Não	Marido a sustentou
Ipê	Funcionária	Não trabalhava na feira	Sim	Sem resposta	Não	Mãe	Ficou em casa
Gardênia	Funcionária	Não trabalhava na feira	Sim	Sem resposta	Sim	Sem resposta	Ficou em casa

Fonte: Autora (2025)

Diante do afastamento físico da feira, algumas boieiras, sendo a maioria donas de boxes, continuaram trabalhando no ramo alimentício em outros lugares. Ademais, a pandemia fez transparecer um sentimento de generosidade e solidariedade entre elas, ainda que as mesmas afirmem não existir essa relação na feira cotidianamente. Na época mais triste e difícil já vivida pela humanidade, elas mostraram que juntas poderiam se ajudar e cooperar entre si.

Com o passar do tempo, enquanto fazia a pesquisa na feira, fui notando uma transformação no espaço. Diante de toda a dor e a tristeza que a pandemia deixou, não impediu que o Ver-o-Peso e os trabalhadores continuassem parados mesmo após esse período. Tudo o que foi vivido e sofrido foi se tornando apenas lembranças desagradáveis nas memórias dos trabalhadores e na história do Complexo.

A partir de 2023, um novo acontecimento atingiu a feira e os feirantes, colocando a pandemia num lugar bem distante e no passado. Dessa vez, o novo evento colocou-os em destaque no cenário nacional e internacional, de uma notoriedade jamais vista, gerando altas e positivas expectativas para a cidade. Foi dada então a largada para a COP 30 em Belém.

4.3 “Pós-pandemia” e a Feira Provisória: a COP 30 em Belém e as reformas urbanas na feira do Ver-o-Peso

Após os tempos difíceis que a Covid-19 causou nas trabalhadoras e trabalhadores do Ver-o-Peso, o ritmo da feira foi, aos poucos, sendo retomado e o trabalho exercido pelos feirantes normalizado. Entre lembranças e memórias desse período turbulento, prevaleceu o medo de uma outra pandemia e a saudade dos que se foram, sejam eles parentes, amigos ou outros feirantes. Porém, como a feira sempre está em movimento, não demorou muito para um megaevento aparecer e transformar, novamente, a rotina de todos ali: a reforma do Ver-o-Peso em decorrência da realização da COP 30 em Belém.

Antes de tudo, é importante falarmos sobre a importância do evento, que representa muito mais do que uma sigla ou um encontro de líderes sobre meio ambiente. A sigla em questão significa Conferência das Partes da ONU, que é uma reunião anual de países signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) para discutir e decidir por ações de contenção das mudanças climáticas no planeta. Dessas cúpulas anuais saem tratados e decisões que impactam territórios e pessoas, como o Acordo de Paris e a Agenda 21.

A primeira edição da reunião ocorreu em 1994 em Berlim, na Alemanha. O Brasil já foi anfitrião em outras conferências da ONU relacionadas ao meio ambiente, como na ECO 92 (denominada de Cúpula da Terra), realizada em 1992, no Rio de Janeiro e precursora da UNFCCC; a Rio +20, em 2012, também na capital carioca; e em 2025, com a COP 30 na cidade de Belém do Pará, situada na Região Norte do país. A eleição da cidade amazônica foi comemorada diante do protagonismo da Amazônia no debate global sobre as mudanças climáticas, sustentabilidade e meio ambiente.

Diante disso, a cidade de Belém foi declarada, simbólica e temporariamente, a capital federal durante todo o período de realização da COP 30, por meio da Lei nº 15.251/2025⁸³, fazendo com que todas as decisões dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário tivessem

⁸³ Para ler na íntegra: <https://in.gov.br/web/dou/-/lei-n-15.251-de-3-de-novembro-de-2025-666598905>.

em seus documentos o registro da capital paraense. A partir daí, a cidade viveu momentos transformadores que a colocaram no centro das conversas mundiais.

O evento chegou em meio a temperaturas cada vez mais elevadas na cidade. Na pesquisa do doutor Júlio Cezar Patrício, sobre análises de temperaturas máximas registradas na cidade, entre os anos de 1970 e 2023, constatou-se que o mês de novembro é o mais quente da capital pela ausência de chuvas, e concluiu que nos últimos cinquenta anos a temperatura máxima da cidade já subiu 1,9°C acima do limite estabelecido pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) das Nações Unidas, que é de 1,5°C (Pires, 2025).

O verão amazônico atinge o ápice no mês de julho, em que o ambiente fica seco e a sensação é de estar no deserto. Não é à toa que nessa época as doenças respiratórias, como gripes, síndrome respiratória aguda grave (SRAG) e Covid-19 aumentam na cidade, fazendo com que medidas de higiene e saúde sejam importantes, assim como o consumo de bastante água e frutas para evitar a desidratação e a insolação.

Já nos tempos do “inverno amazônico”, que acontece entre os meses de dezembro a maio, a preocupação continua, devido às pancadas de chuvas e subidas das marés. No ano da COP 30, as intervenções urbanas causaram e evidenciaram sérios problemas urbanos já comuns na cidade, como alagamentos decorrentes de chuvas intensas, trânsito caótico pelas mudanças de trajeto em vários pontos da cidade e a ausência de uma mobilidade urbana eficaz, fazendo com que as obras públicas afetassem ainda mais as situações já existentes. Além disso, o tempo percorrido para o trabalho se tornou maior, causando ainda mais enfermidades físicas e psicológicas, o que demandou ainda mais a necessidade da Cúpula na capital paraense.

4.3.1 Os preparativos para a chegada da COP 30 na capital paraense

Desde que Belém foi anunciada em 2023 como a anfitriã do megaevento que ocorreu em 2025 e, conseqüentemente, após a autorização de recursos e verbas federais para a realização de reformas e intervenções urbanas para a Conferência, foram adotadas estratégias municipais, estaduais e federais de melhorias na cidade, a fim de torná-la mais preparada e acessível a todos os participantes.

Mas o que seria um megaevento? Luiz Alberto Farias e Flavio Agnelli (2023), doutores em Comunicação, afirmaram que não há um conceito único sobre o termo “megaevento”, mas utilizando as obras esportivas realizadas no país durante a Copa do Mundo de 2014 como referências, foi possível elencar cinco fatores preponderantes para a

conceituação, como: impacto turístico, custos envolvidos (financeiros e sociais), transformação urbana (pré, durante e pós-evento), midiaticização e legado.

De acordo com a geógrafa e professora Olga Lúcia Freitas (2025), a COP 30 pode ser reconhecida como um megaevento, desde que adaptado o conceito ao objetivo do acontecimento (p. 28-29):

Desse modo, a COP pode ser considerada um megaevento em função de sua natureza midiática, em termos de exposição para o mundo, as milhares de pessoas que participam das atividades – sejam as oficiais sejam as paralelas –, a necessidade de infraestrutura de mobilidade, hospedagem, alimentação, segurança, centros de mídia, dentre tantos itens, que transformam esse evento em algo superlativo e, não menos importante, projetam para o mundo a cidade-anfitriã, não apenas nos cerca de 15 dias de sua realização, mas em todo processo de preparação.

Assim, começou uma forte publicidade no país e fora dele, divulgando a cidade em relação à sua cultura, culinária, dança, música, além da grandiosidade de sua fauna, flora e rios. Na cidade, *outdoors* lembraram-nos de que a cidade se preparava e aguardava o evento. No centro da capital, as placas em canteiros de obras tornaram-se corriqueiras e nas redes sociais do Poder Público a cidade foi representada como seria mostrada ao mundo globalmente. O *slogan* “COP da Floresta” chamou atenção para o principal sujeito desse evento: a Floresta Amazônica e o principal desafio a ser enfrentado, que é de protegê-la.

Figura 41 – Propaganda da COP 30 com o *slogan* “COP da Floresta” pelo Governo Estadual do Pará



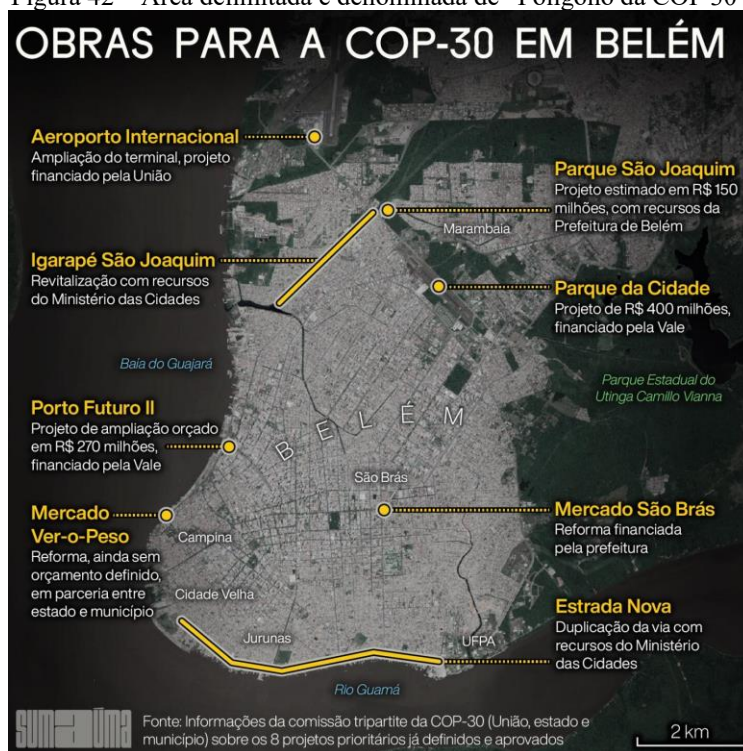
Fonte: *Instagram* do Governo do Pará (10/11/2024)

A Comissão Tripartite da COP 30, formada pela União, Estado do Pará e Município de Belém, montaram o que foi denominado de “Polígono da COP 30” (Bogéa, 2023), que é uma

área delimitada na qual concentram-se as obras e reformas urbanas em Belém. Os investimentos tiveram como foco principal, então, melhorias na região central de Belém. Tratou-se de parte da cidade considerada pela administração pública de importante valor histórico e de fácil acesso por vias públicas, com maior e melhor mobilidade, e fornecimento de produtos e serviços.

As avenidas e principais vias de bairros centrais e históricos de Belém, portanto, foram alvo das reformas, tais como: Umarizal, Cidade Velha, Marco, Campina, São Brás, Sacramenta, Guamá e Val-de-Cães, neste último toda a área do entorno do Aeroporto Internacional de Belém também foi modificada.

Figura 42 – Área delimitada e denominada de “Polígono da COP 30”



Fonte: Rodolfo Almeida/Revista Sumaúma (Taketa, 2023)

O Polígono, portanto, comportou áreas que compreenderam as Avenidas Júlio César, João Paulo II e Duque de Caxias, a Rua dos Mundurucus, o Complexo do Ver-o-Peso e a Avenida Pedro Álvares Cabral. Além disso, por fora foram incluídas as obras do *campus* da Universidade Federal do Pará, no bairro do Guamá. A criação desse Polígono suscitou inúmeras problemáticas, como tornar explícita, e de modo mais escandaloso, a desigualdade social que estrutura a cidade de Belém.

O caso mais evidente foi a retirada dos projetos que contemplavam as áreas mais afastadas, como as periféricas e de baixada, privilegiando as áreas consideradas mais “nobres”

e de especulação imobiliária (Taketa, 2023). Logo, a ideia de progresso e urbanização não chegou para todos e atendeu, como sempre, uma classe privilegiada e não a maioria da população que vive às margens e necessita do direito humano fundamental ainda carente na região, o de saneamento básico.

Então, a região central da cidade tornou-se um grande canteiro de obras, visando o deslocamento e acesso, mas também o embelezamento urbano e a proposta sustentável que permeia a Conferência. A pesquisadora Ana Beatriz Amaral de Castro e a promotora de justiça do estado do Pará Daniella Maria dos Santos Dias (2025) afirmaram que: “[...] os relatórios de planejamento urbano vinculados à COP 30 frequentemente destacam o potencial econômico das obras, como a revitalização de áreas estratégicas nos canais da Doca e Tamandaré, que são apresentadas como essenciais para atender às demandas de um evento internacional de grande porte”.

Figura 43 – *Outdoor* de obras urbanas nas avenidas Boulevard Castilhos França e Generalíssimo Deodoro (bairro do Umarizal)



Fonte: O Liberal (02/06/23)



Fonte: Autora (2025)

Durante o aniversário de Belém, que acompanhei em 2024, foi realizada a ação governamental de entrega de casas do Programa Sua Casa, em parceria com a Companhia de Habitação do Pará (COHAB), de auxílio na construção e reconstrução de imóveis para moradores de Belém. No meio da celebração foram entregues dois mil benefícios, inclusive para o programa “CredCidadão”⁸⁴, destinado aos pequenos produtores do estado e os do

⁸⁴ É um microcrédito estadual concedido a juros baixos, no máximo 1% ao mês, com possibilidade de renovação, para microempreendedores formais e informais, concedendo linhas de crédito de até 5 mil reais, em condições especiais, como forma de estimular a economia movimentada nos municípios paraenses.

programa de renda cidadã “Bora Belém”, que foi criado durante a pandemia e encerrado em abril de 2025, para famílias em vulnerabilidade social (Aguiar, 2024).

Em vários momentos do evento, foi destacada a importância de a cidade ter sido escolhida como a anfitriã da COP 30, sendo motivo principal nos discursos dos representantes de órgãos municipais e do Poder Público e nos *banners* ali montados. Em 2025, durante o aniversário da cidade, no mês de janeiro, pôde-se avistar placas indicando as obras realizadas e os lugares interditados da feira.

Figura 44 – *Banner* do Governo do Estado do Pará e placas de interdição de obras no Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2024/2025)

Esse processo de reordenação urbana evidenciou a exclusão e gentrificação por meio das reformas, tal qual ocorre em projetos urbanos desenvolvidos em cidades que se preparam para receber megaeventos (Matos; Marques, 2024). As consequências dessas transformações desiguais incidem na mobilidade urbana da população que vive às margens e/ou regiões ainda mais afastadas dos grandes centros, excluindo a população de baixa renda e trabalhadora ao acesso ao direito fundamental à cidade.

A socióloga Valéria Pilão (2016) afirmou que a realização de intervenções urbanas em contextos de megaeventos, como, por exemplo, a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), ambos realizados no Brasil, foi perceptível uma supervalorização da cultura que contribuiu para a espetacularização da cidade e os anseios de acumulação do capital, do que atender efetivamente às demandas da população (p. 143):

Portanto, sendo a cidade o espaço por excelência do capital, os investimentos realizados a partir das parcerias dão à cidade a forma e o conteúdo que o capital produtivo, improdutivo e especulativo precisa para se instalar e se desenvolver, bem

como contribui para esse processo de mercantilização da cultura, já que é também por meio dela que as cidades se destacam mundialmente.

Durante as reformas realizadas na feira e antes da COP 30, o Complexo do Ver-o-Peso passou por mudanças estruturais nas vias principais, nos arredores e em cada setor da feira, fazendo com que os feirantes tivessem que lidar também com “mudanças” nos locais de trabalho em todo o período de obras, gerando conflitos até de outros trabalhadores envolvidos, como os operários das obras por atraso nos pagamentos, em que realizaram até um protesto no Parque Linear da Avenida Tamandaré (Estado do Pará Online, 2025).

No caso dos feirantes, por mais que reconhecessem a importância que o evento e as mudanças positivas iriam trazer para a cidade, demonstraram insatisfação com a falta de diálogo com o Poder Público e relataram muitos transtornos no cotidiano laboral, ocasionando protestos, interdições de ruas principais e reclamações, principalmente diante do espaço provisório para onde foram levados.

Assim, as avenidas localizadas próximas à feira, como a Avenida Visconde de Souza Franco (que revitalizada se tornou a “Nova Doca”), a Rua Manoel Barata e outras vias foram interditadas, causando problemas para os que circulam por essas áreas e que passam por constantes e pesados trânsitos e impactaram também no trabalho realizado no Ver-o-Peso (Taketa, 2025).

Por outro lado, o Poder Público municipal procurou solucionar direta ou indiretamente os problemas decorrentes das obras em curso e aproveitou as intervenções urbanas realizadas para o evento para implantar políticas públicas também por meio da mobilidade urbana. A implementação da gratuidade no transporte público aos domingos e feriados e a circulação de novos ônibus chamados de “Geladões”, por serem refrigerados (O Liberal, 2025), foram medidas adotadas para amenizar o tempo causado pelo longo deslocamento dos usuários e a temperatura elevada na cidade.

Apesar disso, surgiram reclamações da população sobre o aumento da passagem de ônibus para o valor de R\$4,60, a distribuição de linhas e o tempo de espera e de percurso em pontos de ônibus deteriorados, fazendo com que passageiros fiquem sob o sol ou chuva, ou atrás de postes de iluminação para amenizar a temperatura sentida – além da qualidade dos ônibus, a dificuldade de acesso pelas pessoas com deficiência, a ausência de cobradores e a recusa de pagamento em dinheiro, situação em que aceitavam somente o cartão Passe Fácil (G1 Pará, 2025).

Outra medida dita sustentável foi a implementação de patinetes elétricos em parceria com a empresa privada JET Brasil, para facilitar a locomoção e o trânsito na cidade. Essa

medida também gerou polêmica, visto que não houve qualquer explicação para a população sobre as instruções de uso, as quantidades disponibilizadas dos aparelhos variavam conforme o bairro acessado (a maior concentração estava no centro da cidade), o acesso e o pagamento somente por aplicativo (QR Code), denúncias de acidentes, furtos de aparelhos, vendas deles ilegalmente e QR Codes falsos (G1 Pará, 2025), ensejaram mais fiscalização e ações educativas por parte dos órgãos públicos envolvidos e cuidado no manuseio e pagamento pelos usuários.

Finalmente, entre os dias 10 e 21 de novembro de 2025, ocorreu a 30ª Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas da ONU, sendo um evento crucial para a discussão sobre o futuro do planeta e a preservação da natureza e recursos naturais e contou com a participação de mais de 42 mil participantes e 195 países que aprovaram o “Pacote Belém”, cujo texto de consenso determinou a implementação de medidas urgentes para o meio ambiente, financiamento climático e sustentabilidade (GovBR, 2025).

4.3.2 A Feira Provisória no Ver-o-Peso

A reforma do Ver-o-Peso foi iniciada no mês de julho de 2024, mas o remanejamento de cada setor da feira e de seus feirantes ocorreu a partir do final do mês de junho do mesmo ano, de modo escalonado para não fechar todo o Complexo, pois alguns boxes ainda permaneceram nos setores originais.

A poucos dias para a realização da COP 30, em novembro de 2025, a Prefeitura Municipal iniciou operações de limpeza e reordenamento no calçadão da Boulevard Castilhos França para serviços de drenagem, iluminação, fluxo de pedestres e adequações em estruturas do mercado, fazendo com que muitos trabalhadores ambulantes fossem orientados a regularizarem suas atividades e se deslocassem para áreas autorizadas no centro comercial da cidade (G1 Pará, 2025). Apesar disso, muitos ambulantes alegaram que o Poder Público estava fazendo um tipo de “limpeza social” forçada do espaço para embelezar os pontos turísticos para o megaevento.

No estacionamento da feira do Ver-o-Peso foram montados vários boxes provisórios para abrigar os setores que foram remanejados, enquanto as reformas estruturais na feira eram realizadas e concluídas. Assim, o novo lugar foi denominado pelo Poder Público de “Feira Provisória”.

Figura 45 – Feira Provisória do Ver-o-Peso (entrada pela Boulevard Castilhos França)



Fonte: Autora (2024)

O estacionamento do Ver-o-Peso foi interditado para ser transformado no novo local de trabalho. Foram deslocados, inicialmente, os seguintes setores: de polpas e sucos, maniva e das boeiras. Estive na primeira etapa da mudança, ocorrida no segundo semestre de 2024 (final de junho até início de agosto) e observei que o novo espaço improvisado era bem menor que o de origem das boeiras, que logo se juntaram aos outros feirantes pedindo condições melhores no ambiente de trabalho, ocasionando um protesto em que interditaram, temporariamente, um dos trechos da Boulevard Castilhos França (G1 Pará, 2024).

Esse fato tornou-se um dos conflitos desencadeados contra a SECON, que foi a responsável pelo remanejamento de todos os feirantes, como disse a boeira Alecrim: “Foi a SECON, inclusive eles queriam trazer a gente na marra, a gente ainda fechou aqui, fez o protesto, tudinho [...]. Mas graças a Deus, a gente vai levando”.

Figura 46 – Antes e depois (novas estruturas de boxes provisórios na Feira Provisória)



Fonte: Autora (2024)

Registrei essas duas fotografias do espaço que demonstraram a montagem dos boxes provisórios das boieiras. O novo ambiente laboral era pequeno e não possuía vias livres para movimentação e nem circulação e ventilação, fazendo com que as mercadorias, os instrumentos de trabalho e pessoas estivessem conglomerados em um único local.

Ao adentrar no espaço, percebi que a ordem numérica dos boxes não seguia como no setor original (tabela 3), mas de uma forma desordenada e alguns sem autoria. Como ainda estava na fase de mudanças, também não possuíam placas de identificação. Além disso, poucas mesas, cadeiras e materiais encontravam-se na parte interna do espaço, assim como alguns bancos em que eram destinados, em sua maioria, às feirantes para facilitar o trabalho e descansar o corpo.

Tabela 6 – Ordem e numeração dos boxes distribuídos na Feira Provisória do Ver-o-Peso

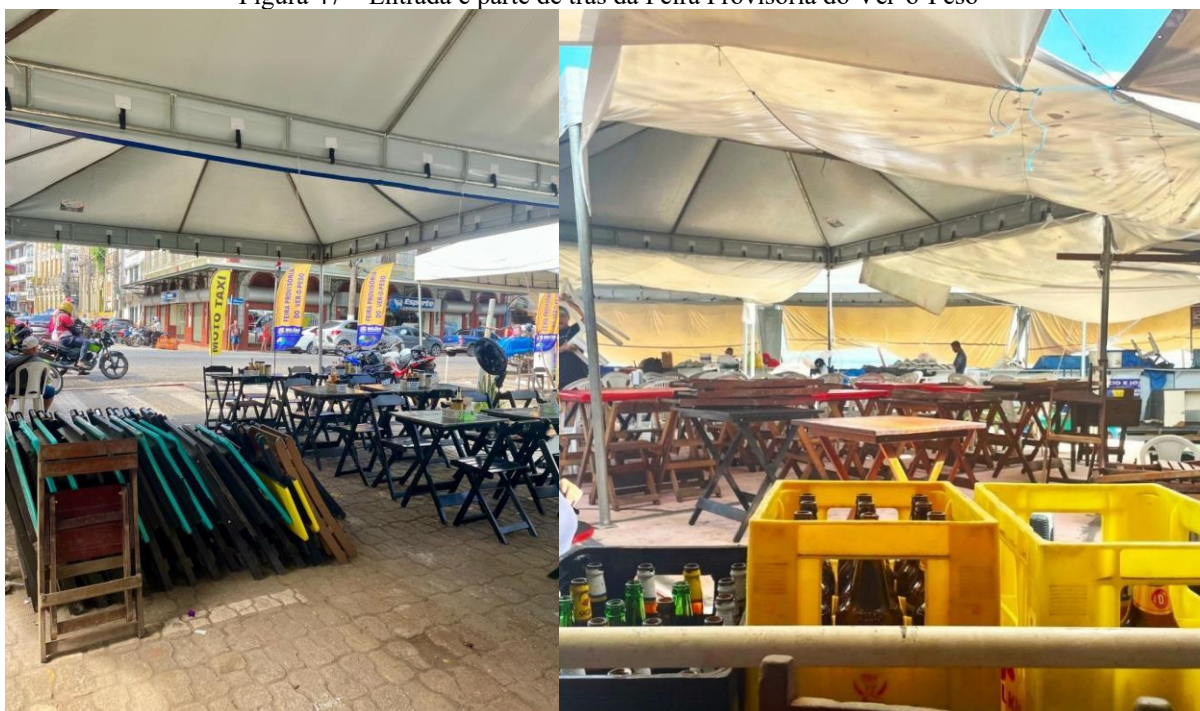
Entrada Estacionamento	Parte interna	Centro para dentro	Parte de trás
Box 21	Box 12	S/ Placa	Box 03
Box 22	Box 49		Box 19
Box 24	Box 41		Box 20
Box 37/38	Box 27		Box 26
Box 39	Box 09/10		Box 34
Box 40	Box 05		Box 35
Box 45/46	Box 14		Box 36
Box 48	Box 44		Box 42

Box 54	Box 18		Box 43
	Box 02		Box 50/51
			Box 52

Fonte: Autora (2024)

Entretanto, na entrada pela Castilhos França e na parte de trás da feira provisória, perto da praça do estacionamento, por conta dos espaços serem maiores, mesas e cadeiras de boxes foram posicionadas e cobertas por lonas que protegiam os clientes do calor e da chuva. Porém, as reivindicações eram de que as lonas apresentavam defeitos, principalmente diante das chuvas, pois não absorviam água e acabavam furadas ou escorrendo a água direto nas mesas e cadeiras dos clientes. Em um dia de pesquisa em que sentei para almoçar, uma lona encharcada de água que estava acima, rasgou e derrubou todo o líquido em cima de mim, mas continuei almoçando lá mesmo e esperei o calor secar naturalmente minha blusa.

Figura 47 – Entrada e parte de trás da Feira Provisória do Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2024)

Diante do recebimento da notícia de transferência para outro espaço, as boieiras já demonstraram suas insatisfações, exigindo condições melhores de trabalho desde o setor original. Isso refletiu na resposta dada por Girassol sobre o trabalho realizado na plataforma: “Já foi bom, como eu falei, eu tenho amor no que faço e gosto do que faço. O que tá ruim é que o espaço em si está se deteriorando, a gente quer mudança, mas não desse jeito que eles

querem. Querem tirar a gente daqui para jogar para um lugar que não tem estrutura para receber a galera, entendeu? Aí é isso”.

A boieira Alecrim relatou que a divisão do espaço provisório interferiu nas vendas e no trabalho de outras feirantes:

A gente que tá desse lado aqui, a gente não tá perdendo nada, a gente tá vendendo, mas triste é quem tá do lado de lá, que não tá vendendo nada, que tá tendo só prejuízo, entendeu? Porque, eles colocaram eles de frente com a maniva, é uma imundície, é caldeirão com fogo ligado lá, é muito quente, ninguém quer sentar, tu entendeu? Então, como eu falei pra minha filha, que a gente não tem que ver só o lado da gente, a gente tem que ver o lado das outras pessoas. Por mais que eles lá não vejam o da gente, mas a gente tem que ter aquela consciência, entendeu? Então, pra gente aqui não tá sendo difícil, mas pra eles lá, tá sendo difícil. Tá difícil pra lá (Alecrim, dona de box).

Figura 48 – Parte de trás da Feira Provisória (perto do setor provisório da maniva)



Fonte: Autora (2024)

Pude perceber muitas mudanças no cotidiano das feirantes na ida para o setor provisório. Nas conversas, elas relataram sofrer muito *stress* em decorrência da necessidade de adaptação à nova rotina, que envolveu disputas comerciais entre as donas de box em busca de fregueses que transitam pelo calçadão da Castilhos França, e também uma competição entre as próprias trabalhadoras dos boxes, além de diferença no movimento de fregueses e disputa de espaço com os ambulantes e receio das pessoas em situação de rua:

[...] Aqui embaixo (feira provisória) tá bem melhor. A questão é a diferença, é o movimento e a tua venda. Porque a venda lá de cima é muito boa, porque: “o cara quer sentar, quer ter vista pro mar e tudo mais” e aqui não tem vista pro mar, né? Então, aqui o movimento é bem fraquinho. Mas, aqui tu tem que se virar. Algumas (funcionárias) tem respeito quando tu tá falando com o cliente, outras não. Te desrespeitam e vão lá em cima de ti e também vendem, então tu tem que ter um jogo de cintura pra ti poder vender aqui embaixo. Aí aqui embaixo tá sendo um pouquinho complicado (Dália, funcionária de box).

Nos dias de entrevistas com interlocutoras no novo espaço, pude perceber que a temperatura estava bem elevada e me causava uma sensação de desconforto. Em um dia de pesquisa na feira, em determinado momento, comecei a sentir uma tontura forte, uma vertigem, em que parecia que minha cabeça estava sendo pressionada, então tomei logo um suco e uma água, depois fui me alimentar. Aproveitei o que senti e perguntei sobre o trabalho realizado em altas temperaturas e as possíveis doenças gripais típicas do período amazônico.

O calor e a chuva geram preocupação para as feirantes no espaço provisório. Enquanto as chuvas causam rompimento de lonas e goteiras, durante os dias solares, as temperaturas elevadas tornam o trabalho mais insalubre e agonizante. Isso demonstra que a cada dia que passa, a crise climática se alastra intensamente em todo o planeta, atingindo principalmente os que trabalham em espaços públicos, como as feirantes.

Segundo um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) publicado em 2024, o estresse térmico afeta um número crescente de trabalhadores no mundo todo. O calor aparece como um elemento perigoso para a saúde e a vida de trabalhadores, de modo que em regiões que não estavam habituadas ao calor extremo enfrentarão riscos maiores, enquanto os trabalhadores de regiões já quentes, enfrentarão condições cada vez mais perigosas, como as Américas, que registraram aumento mais rápido na proporção de lesões ocupacionais com um aumento de 33,3% e diante o calor excessivo em 6,7% (OIT, 2024).

A soma de todos esses fatores reverberou em um ambiente de trabalho degradante à saúde das trabalhadoras, afetando o físico e o psicológico, como ansiedade, pressão alta, cansaço extremo, cardiopatia e outras doenças, fazendo com que as trabalhadoras exercessem suas atividades de forma alternada, principalmente diante da emergência climática mundial, como relataram Violeta e Gardênia:

Mas ali a feira, ela é muito quente, ela é um espaço muito pequeno pra gente trabalhar. Dentro da barraca, a gente gira de um lado e gira do outro, não consegue andar nela. Porque a gente precisa ter um freezer e um fogão lá dentro. Na verdade, a gente precisa ter 2 freezer e 1 fogão e isso não te dá condições de tu girar ali dentro, de tu andar e por conta disso tu arruma doença, tu arruma dores no joelho, no braço, na perna, na cabeça, em todos os cantos do teu corpo, tu adocece. Não só eu, muitas amigas minhas já adoeceram, eu tenho amigas jovens que precisaram sair da feira, por conta de doença na feira. Por conta da quentura, a minha mãe, por exemplo, ela consegue ficar até as 11 horas, ela não consegue passar das 11 ali, por causa da quentura. Ela, da idade que ela tem, quer tomar conta das coisas dela e não pode, por causa da quentura. Como a gente tá na Feira Provisória, já teve o primeiro alagamento, né? Foi no fundo lá e dentro da barraca, foi no primeiro temporal, a gente se mudou em uma semana, com 8 dias, caiu o temporal e na feira mesmo, quando a gente tá lá em cima, a gente não se molha, porque a Prefeitura põe uma lona oval assim, né? Aquela parte, aquela lua que fica, aquilo ali a gente que faz pra fora, se não a gente pega sol e chuva, entendeu? Tudo é o feirante que faz (Violeta, dona de box).

Sim, muitas vezes, muito gripada, dor de garganta, já fiquei mais de uma semana sem trabalhar por isso. Muito quente mesmo. Aí eu já compro remédio pra ver se eu melhora mais pra poder voltar, porque é muito calor, muito mesmo. Na hora da chuva, molhava muito lá, quando vinha a chuva aí invadia tudinho e a gente tinha que tirar os clientes, às vezes eles tavam almoçando, aí a gente tinha que tirar nas pressas pra não molhar o cliente (Gardênia, funcionária de box).

Enquanto isso, o setor original das boieiras ficou interditado, em que só poderiam passar os trabalhadores de empresas terceirizadas que realizaram as obras no Ver-o-Peso. Para saber como estava ficando o local, só acompanhando as redes sociais da Prefeitura de Belém ou as notícias dos jornais locais. Ademais, a promessa do Poder Público sobre o retorno ao espaço antigo revitalizado seria próximo aos festejos do Círio de Nazaré em 2024 (no caso, segundo domingo de outubro), como contaram as feirantes ainda incertas sobre o retorno para o setor original:

Olha, eles dizem que é 3 meses, depois dizem que é 6 meses, depois dizem que é 8 meses, ninguém sabe ao certo... Mas a gente tá rezando que seja antes do Círio (Alecrim, dona de box).

Tudo foi negociado, colocaram um pouco e não veio tudo o que prometeram, mas a gente tá tentando se adaptar, ainda esperando, tem poucas semanas que a gente tá aqui (no setor provisório) e tá tentando ver como é que vai e se vai ficar do jeito que a gente quer, até porque a gente quer que saia a obra, né? Se for o tempo que eles determinaram lá 6 meses, 8 meses, a gente espera (Lavanda, dona de box).

Figura 49 – Entrada do setor original das boieiras (plataforma) interditada para as obras no Ver-o-Peso



Fonte: Autora (2024)

Conforme divulgado no *Instagram* do Secretário de Urbanismo da época, Lélío Costa, o retorno dos feirantes do setor de refeições foi realizado dentro do prazo, já assumindo seus

boxes e exercendo o labor no local. Entretanto, não foi a realidade de todos os feirantes, pois mesmo com as obras em andamento e diante da nova gestão municipal, em 2025, outros setores da feira ainda não tinham sido concluídos e os prazos de entrega não cumpridos e adiados para o mês de setembro do mesmo ano, como os dois mercados (Peixe e Carne) e para próximo à COP 30, a estrutura completa do Ver-o-Peso (Passos; Neves, 2025). Entretanto, até o início do ano de 2026, a reforma integral do Complexo ainda não tinha sido concluída, mas encontrando-se na etapa final.

4.4 O legado da COP 30: as expectativas de um futuro melhor para o Ver-o-Peso e para as feirantes

Segundo Freitas (2025), o principal meio de convencimento para a realização de megaeventos são os legados, que incidem nas oportunidades dadas às cidades por meio do investimento público e privado para a implementação de obras e intervenções urbanas. Os legados, por sua vez, são os efeitos duradouros que o megaevento deixou e a resolução de inúmeros problemas sócio-urbanos que anteriormente não foram solucionados.

Um desses efeitos positivos que a COP 30 proporcionou foi tornar os mercados do Ver-o-Peso e de São Brás, assim como a Estação das Docas, em grandes laboratórios vivos durante a Cúpula Climática, decorrentes da metodologia denominada de Lixo Zero (GovBR, 2025). O projeto consistiu na destinação correta dos resíduos produzidos, capacitando o turismo e a economia local baseada na sustentabilidade.

Apesar da problemática envolvendo o espaço provisório na feira, as boieiras almejavam um futuro melhor no “pós COP”, dada à visibilidade causada pelo evento, tanto para a feira, como para todos os trabalhadores do Ver-o-Peso. Inclusive, durante as programações da Conferência, alguns boxes estiveram presentes em alguns *stands* comercializando seus pratos, como no Parque da Cidade, que foi o lugar escolhido para sediar o evento.

Ademais, as boieiras esperam melhorias no espaço da feira, na infraestrutura, no tratamento adequado a elas e nas atividades que exercem, acreditando e confiando no reconhecimento internacional da cidade pelo mundo:

O que que eu espero? COP 30 é o significado de sustentabilidade, né? E o Ver-o-Peso não tem nada de sustentável. Os dejetos de peixe não são aproveitados, o óleo que poderia ser reciclado, não é, o material que não é separado na reciclagem, entendeu? Muita coisa poderia ser já dividida, até ter contêineres justamente pra isso, com cores, com indicação e tudo isso e nunca teve, eu acho um absurdo. Uma

feira desse porte, desse tamanho que não tem essa reciclagem adequada. Se tivesse, ia ter outros trabalhos, ia ter outros fundamentos. Em qualquer lugar que tu vá, assim, tem outras feiras que eu já conheci devido fazer esses projetos com as boeiras, a gente foi em Santa Catarina, teve uma ação das boeiras do Ver-o-Peso com o Pará, né? Que a gente tem a Feira do Açaí. Lá, eles pegam todos, tudo que é resto de peixe e vendem pra fazer ração, vendem pra fora e o dinheiro volta pra benefício da cidade e dos feirantes também que trabalham nesse projeto. Aqui, a gente joga litros e litros de óleo, tinha um pessoal que tava recolhendo, pararam devido à dificuldade de vir, não ter também apoio. São muitos litros e litros de óleo, aí pergunta pra onde vai esse óleo? (Lavanda, dona de box).

Olha, eu espero tudo, né? Que seja um sucesso, que o Ver-o-Peso seja visto e olhado como uma coisa boa, porque muita gente fala mal do Ver-o-Peso, né? Assim, como fala mal do Ver-o-Peso, fala mal das mulheres do Ver-o-Peso, tu entendeu? Que as mulheres são isso, porque não prestam, porque aquilo, falam mal do Ver-o-Peso. Então, eu espero que com a COP, muita gente abra a mente, a cabeça, que pense uma coisa mais... Porque aqui tem muita mãe de família, muita mulher trabalhadora, guerreira, entendeu? Então, eu espero que a COP venha pra florescer o Ver-o-Peso. Melhor do que já é. (Alecrim, dona de box).

Além disso, a expectativa não é somente para o Ver-o-Peso após o evento ambiental, mas também para elas próprias. Ao perguntá-las sobre o futuro, muitas ficaram sem saber o que responder, demonstrando que o futuro é algo impensável diante da realidade de muita labuta e sustento de suas famílias, e que nem pensam em poupança, somente na aposentadoria que significa o fim do trabalho no local.

Porém, as boeiras que responderam, sejam funcionárias ou donas de box, almejam uma realidade diferente do labor na feira, seja alcançando o posto de donas de box, trabalhando em outros lugares ou outras profissões ou conquistando a casa própria ou o merecido descanso, indo para o interior do estado para ter mais tempo com a família e, é claro, ser feliz:

Ai, eu me imagino dentro de um estabelecimento bem grande, de um box 49, do Ver-o-Peso pro centro, pra um bairro nobre, mas que seja um estabelecimento bem grande, bem famoso, aonde todos conhecem, tanto dentro, como fora do nosso Estado, fora do Brasil que eu já sou um pouco conhecida fora do Brasil e assim que eu me imagino. Tu tens sonhos e eu tenho sonhos muitos altos e os meus sonhos é isso aí, é viajar, mostrar o meu trabalho, é crescer profissionalmente. Eu tenho sonho de ser uma grande empresária, empresária pra mim é lutar todos os dias e aprender todos os dias, porque não é fácil tu ter um CNPJ não. Tem que estudar muito ele, é muito complicado (Violeta, dona de box).

Eu quero ter a minha casa, meu sonho é sair do aluguel. Ir pra minha casa... Ter a minha casa, ter meu carro, a minha moto e ser feliz (Ipê, funcionária de box).

Enquanto o tempo corre e as expectativas aumentam, novos liames são esperados para a capital que foi impulsionada pela COP 30. A cidade que viveu tempos difíceis na pandemia da Covid-19 se reergueu e conquistou destaque e reconhecimento global. No Ver-o-Peso,

lugar de resistência, ancestralidade e labor, mudanças urbanas sempre aconteceram e fizeram parte do cotidiano de todos que o vivenciam.

Entretanto, o legado esperado da última reforma que está a findar, representa a finalização de décadas de abandono e descaso que interferiu drasticamente no trabalho exercido na feira, abalando inclusive setores movidos por mulheres, como o das boieiras, que reivindicam respeito e direito de participar e contribuir na cidade, sem sofrerem assédios, violências ou desrespeito.

Dessa forma, o pesquisador Gustavo Cantanhêde dos Reis asseverou em seu artigo sobre a informalidade dos vendedores ambulantes e o espaço público no Distrito Federal (2022, p. 159):

Por fim, cabe perguntar: de quem são as ruas? As ruas são espaços de luta e laboratórios de possibilidades. São zonas de combate físico e palanque de disputas ideológicas. São território da resistência, da cultura, da construção de relações sociais e solidárias. Assistem a cenas cruéis e testemunham, entre gritos e silêncio, transformações maquiadas de modernização e progresso. Alimentam populações, circulam produtos e sustentam famílias. São lugar do informal, local do ilícito e área do ilegal, mas também são palco de greves, do trabalho do povo e da reivindicação cotidiana de direitos.

Assim, a pesquisa encerrou-se em 2025 e agora um novo capítulo está sendo escrito e novas histórias futuramente serão contadas e vivenciadas na feira, principalmente pelas vozes de mulheres que trabalham arduamente nos vários setores e sustentam sozinhas suas famílias, esperando que, daqui em diante, o protagonismo seja todo delas e que sejam donas de suas próprias histórias, ressignificando o grande território de saberes e sabores que é a feira. A encantadora viagem pelo Ver-o-Peso, por enquanto, acaba por aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a viagem pelo Complexo do Ver-o-Peso e pela história da cidade de Belém, trouxemos importantes dados socioeconômicos, culturais e regionais sobre a Amazônia, que não é única e singular como mostrada nacional e internacionalmente. As Amazônias são pluralidades de povos, fauna, flores e vivências que representam e transformam esse território, urbano e não-urbano. Dentre essa diversidade de vidas, podemos identificar a vida belenense que carrega consigo histórias de uma época de luxo e riqueza, mas que escondeu práticas excludentes e higienistas que afastaram (e ainda afastam) as camadas mais vulneráveis da cidade.

Belém, chamada pelos belenenses de “cidade morena”, por muitos anos apagou a existência da população negra, em virtude do “embranquecimento” camuflado de política pública no país. Ademais, os “ares europeus” também serviram de influência no comportamento da elite paraense, que lucrava em torno da economia da borracha e gastava exorbitantemente em lazer e futilidades, em que se comentava que até os vestidos das mulheres ricas eram levados em navios para serem lavados e voltarem para a capital com o cheiro da Europa.

Em contrapartida, a população negra escravizada e ex-escravizada tentava sobreviver, nas fazendas ou nas cidades, como na capital, em que as mulheres negras se encontravam próximas às feiras livres, sendo tacacazeiras, quituteiras e lavadeiras, estando à mercê de todo tipo de violência, abuso e assédio para poder conseguir alimentar e proteger suas famílias. Assim, o Ver-o-Peso se tornou palco de sobrevivência, em que o passado de ter sido pelourinho, em que puniam e comercializavam escravizados, se tornou, no presente, lugar de sustento e resistência para a classe trabalhadora negra paraense.

O Complexo do Ver-o-Peso pulsa vida diariamente, em que os feirantes começam a laborar ainda de madrugada em diferentes setores até a chegada dos fregueses após o raiar do sol. Esse território abriga conhecimentos ancestrais envolvidos em cores, sons e sabores que regem o “ser amazônida”, tornando-o lugar de representatividade. Na feira, especificamente, vários setores são divididos e suas mercadorias ofertadas, que vão desde verduras, legumes, frutas até o peixe, a carne e o açaí, que são produtos indispensáveis na alimentação e na cozinha paraense.

Além disso, comerciantes de outras regiões e cidades atracam seus barcos lá para comercializar suas mercadorias, criando-se uma rede de fornecimento e circulação de

alimentos para os que trabalham com alimentos, como o das boieiras e o de polpas e sucos, que prevalece a ideia de tudo ser “bem fresquinho” e pronto para consumo.

No setor das boieiras, universo desta pesquisa, as protagonistas são as mulheres, em que a maioria são negras (pretas e pardas), mães solo e que tiram a renda familiar do trabalho exercido na feira. São as responsáveis pelos pratos culinários regionais que agregam clientes, turistas e chefes de cozinha de dentro e fora do estado e do país. Muitas delas participam de concursos gastronômicos em que ganham reconhecimento nacional e a chance de se aperfeiçoarem por meio de cursos realizados em parceria com institutos, como o Sebrae, e veem suas vidas mudarem radicalmente, principalmente por estarem distantes das proteções legais e retratam, na prática, a desigualdade de gênero no país.

As boieiras são divididas em donas e funcionárias de boxes, cuja chegada na feira acontece por intermédio de alguém conhecido, seja familiar ou amiga (o), e é relato comum de todas e que com o tempo conseguiram alugar suas casas, comprar itens pessoais e abrir restaurantes fora da feira. Apesar disso, a distância que as separa está relacionada ao sonho de serem “donas de seus próprios negócios”, em que somente as donas conquistaram o *status* de empreendedoras, sendo ainda objetivo a ser alcançado para as funcionárias.

Em meio ao convívio diário na feira, surgem conflitos e inimizades, mas que são ofuscados pela luta coletiva por direitos diante dos descasos ou negociações frustradas com o Poder Público e com outros que as impedem de fazer seus trabalhos, como violências, abusos e assédios, que são resolvidos ou deixados de lado pelo objetivo maior de sustento na feira e ressignificar a ideia de que lá “não é lugar para mulher”.

Diante de tanta luta enfrentada, as boieiras ainda tiveram que lidar com o momento drástico causado pela pandemia da Covid-19, que ceifou a vida de muitas pessoas no mundo e na feira. No Complexo do Ver-o-Peso, muitos feirantes perderam a vida e são lembrados com tristeza por elas, que estão no local desde muito novas e que têm a feira como uma “segunda casa” e também como “pai e mãe”, em que aprendem todo o necessário para a vida.

No meio de tantas mortes e adoecimentos, as boieiras tiveram que se reinventar e criar estratégias de sobrevivência no meio pandêmico, principalmente diante do pico da doença em que a feira fechou. Auxílios governamentais, cestas básicas, *delivery*, vendas de outros itens foram mecanismos de quem criou alternativas para continuar trabalhando, já que vivem na informalidade e não são detentoras de direitos básicos e fundamentais, sociais e trabalhistas.

Depois do período pandêmico e das lembranças tristes que permeiam as memórias de todos os trabalhadores, as boieiras se viram diante de um novo acontecimento. Dessa vez, o Ver-o-Peso fez parte de um megaevento global que discutiu questões climáticas e que foi

realizado, em novembro de 2025, na capital anfitriã belenense. Então, foi criada e delimitada uma área específica na cidade, denominada de “Polígono da COP 30”, compreendendo algumas regiões que foram reformadas ou realizadas intervenções urbanas, dentre elas, está o centro histórico da cidade em que se encontra o Ver-o-Peso.

Com as obras na feira iniciadas, as boieiras tiveram que ir para um outro lugar, reformado para abrigar alguns setores da feira que estavam em reforma e denominado de “Feira Provisória”, localizado no antigo estacionamento da feira em que foram montados boxes provisórios para os feirantes trabalharem. O espaço, diferentemente do original, apresentou problemas no tamanho e nas lonas para cobrir os boxes do sol e da chuva, e era menor, o que causava desconforto diário e térmico, por conta das altas temperaturas do clima e do ambiente laboral ao cozinhar os alimentos, o que agravou os problemas de saúde das mulheres do setor.

Mesmo diante de tantos problemas que a vida e o trabalho na feira causam cotidianamente, elas nunca perderam a esperança de um futuro melhor para o lugar e para as suas vidas. De modo que as expectativas sobre a Conferência Climática foram, desde o início, as melhores, visto que o evento impulsionou a cidade e o Ver-o-Peso para o mundo. Ademais, elas possuem expectativas sobre seus próprios futuros, em que mesmo diante de dúvidas ou risadas sobre o tema em questão, elas se dividem em realização profissional, escolar, empresarial, familiar e lazer, além do tão esperado descanso depois de uma vida toda dedicada ao labor excessivo.

Durante “as idas e vindas” no percurso da pesquisa, pude adentrar em um mundo novo que fortaleceu ainda mais o meu orgulho pela minha terra, apesar de todos os problemas e desigualdades que enfrentamos diariamente por sermos nortistas e, muitas vezes, não vistos como brasileiros. Porém, somos nós que nascemos e nos criamos aqui, que possuímos a chave da mudança e tendo, em nossos sangues e almas, o espírito da Cabanagem sempre presente. Diante do meu senso comum que a feira representava desde a minha infância, foram as particularidades que deram o tom especial na pesquisa e na descoberta desse importante lugar histórico e vibrante em Belém.

A cidade, em que a maioria trabalhadora se encontra na informalidade, mostrou que além de números, o suor e a vontade de vencer permeiam os pensamentos de inúmeras pessoas diariamente, que ocupam a cidade por meio do trabalho, acumulando funções e horas ininterruptas, levando consigo gerações familiares para ganhar e conquistar o “pão de cada dia”. Com isso, em cada canto da cidade, podemos ver carrinhos de lanche, ambulantes, vendedores de “completo”, artesãos e feirantes, ofertando e comercializando os mais variados

produtos e serviços como uma forma de driblar o desemprego formal, a fome e a pobreza ainda existentes e alarmantes no país.

Esta dissertação foi fundamentada na luta de boieiras do Ver-o-Peso, nas pluralidades de vivências de mulheres fortes e determinadas, que enfrentam obstáculos, ausência de direitos e amparo governamental, mas que vencem cada obstáculo por suas vidas e famílias, apresentando histórias de sucesso e sonhos ainda não realizados em narrativas biográficas (Eckert; Rocha, 2013) e fotografias, lembranças e fatos presenciados no Ver-o-Peso.

Esta pesquisa é uma contribuição aos estudos sobre comércio e feiras populares, abordando a questão de gênero e demais interseccionalidades que norteiam a vida de boieiras no Ver-o-Peso. Espero que, assim como eu, outras/os pesquisadoras/es tenham a coragem e a ousadia de mergulhar no grandioso mundo do “Veropa”, pois é um lugar em constante cinesia, que representa o ser amazônida em sua plenitude, trazendo suas raízes no cotidiano em que pulsa em movimento incessante e inacabado, mostrando que onde uma pesquisa se encerra, inúmeras outras começam.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura [1991]. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, v. 5, n. 8, p. 193-226, jan./jun. 2018.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. 8,6 milhões de pessoas saíram da pobreza entre 2023 e 2024. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 3 dez. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/45344-8-6-milhoes-de-pessoas-sairam-da-pobreza-entre-2023-e-2024>. Acesso em: 3 dez. 2025.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. Em 2024, 14 unidades da federação registram a menor taxa de desocupação da série. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 14 fev. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/42707-em-2024-14-unidades-da-federacao-registram-a-menor-taxa-de-desocupacao-da-serie>. Acesso em: 29 ago. 2025.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. Norte e Nordeste puxam desocupação recorde no primeiro trimestre no país. Estatísticas Sociais. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30785-norte-e-nordeste-puxam-desocupacao-recorde-no-primeiro-trimestre-no-pais>. Acesso em: 4 ago. 2021.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. PNAD Contínua Trimestral: desocupação recua em quatro das 27 UFs no 2º trimestre de 2021. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/31486-pnad-continua-trimestral-desocupacao-recua-em-quatro-das-27-ufs-no-2-trimestre-de-2021>. Acesso em: 4 ago. 2021.

AGUIAR, Kátia (COHAB). Governo do Estado entrega 2.000 benefícios de ‘Sua Casa’ para moradores de Belém. **Agência Pará**, 12 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/50649/governo-do-estado-entrega-2.000-beneficios-do-sua-casa-para-moradores-de-belem>. Acesso em: 5 set. 2025.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. (Coleção Feminismos Plurais).

ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados**, São Paulo, 19 (54), 2005, p. 315-332. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/3RfDRDLhw3PkzCXn668HLTH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2025.

AMADOR DE DEUS, Zélia. O corpo negro como marca identitária na diáspora africana. In: CONLAB – CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, XI, Diversidades e Desigualdades, 07 a 10 de agosto de 2011, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, BA: UFBA, 2011. Disponível em: https://fenomenologiadasolidariedade.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/11/1308245884_arquivo_corpocomomarcaidentitariaartigooversaofinal-zelia.pdf. Acesso em: 29 maio 2024.

ANDRADE, Francisco. De símbolos da opressão a padrões de liberdade: a preservação de pelourinhos coloniais e o apagamento da memória da escravidão (sécs. XVI-XX). **Revista de História**, São Paulo, n. 181, p. 1-37, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/188402/184334>. Acesso em: 27 maio 2024.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008 [1986]. Introdução.

ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1997. (Prefácio de Fernando Haddad, p. 7-16).

ARRUDA, Euler Santos. **Porto de Belém do Pará**: Origens, Concessão e Contemporaneidade. 2003. 237 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://fauufpa.org/wp-content/uploads/2016/01/eulersantosarruda.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

BAÍA, Dayane. Trabalhadores informais e instituições recebem mais de 2 mil cestas de alimentos. **Agência Pará**, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/18844/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BARBOSA, Christiane Lima; OLIVEIRA, Rebekah Vitória Pinto de; FERREIRA, Regina Célia Brabo; NEVES, Patrícia Bittencourt Tavares das; PINHO, Fernando Augusto Souza. A circulação de pessoas à luz do transporte público coletivo e os seus desafios para a COP 30 em Belém-PA. In: LEAN SIX SIGMA CONGRESS, XII; CONGRESSO EM EXCELÊNCIA DE SERVIÇOS REGULADOS, I, 31 de out. a 01 de nov. 2024, Niterói, Rio de Janeiro (RJ), Centro de Inovação. **Anais [...]**. Recife: Even3, 2024. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/leansixsigmacongress2024/1003538-a-circulacao-de-pessoas-a-luz-do-transporte-publico-coletivo-e-os-seus-desafios-para-a-cop-30-em-belem-pa/>. Acesso em: 22 maio 2025.

BARROSO, Suellen Andrade; ARAÚJO, Jordeanes do N. Entre símbolos e imagens: por uma crítica à noção de “cultura amazônica”. **Revista EDUCamazônia – Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA, ano 2, vol. 2, n. 2, jul-dez, p. 54-66, 2009. ISSN 1983-3423. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4000371>. Acesso em: 7 out. 2025.

BELÉM. **Decreto Municipal nº 26.579, de 14 de abril de 1994**. Dispõe sobre o funcionamento de feiras livres no Município de Belém. Belém: Prefeitura, [1994]. Disponível em:

http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/Sistema/view_lei.php?lei=26579&ano=1994&tipo=2#:~:text=Decreto%20Municipal%20N.%C2%BA%2026579,Bel%C3%A9m%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAsncias. Acesso em: 7 abr. 2022.

BELÉM. **Decreto Municipal nº 96.253, de 06 de maio de 2020**. Dispõe sobre a suspensão total de atividades não essenciais (lockdown) no âmbito do Município de Belém, visando a contenção do avanço descontrolado da pandemia do coronavírus COVID-19 e dá outras providências [2020]. Disponível em: <http://contratoemergencial.belem.pa.gov.br/wp->

content/uploads/2020/06/contratoemergencial.belem.pa.gov.br-decreto-no-96.230-seurb.pdf. Acesso em: 3 jan. 2026.

BELÉM. Lei nº 9.393, de 31 de julho de 2018. Reconhece como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém, as Boieiras do Ver-o-Peso (vendedoras de refeição do Mercado Ver-o-Peso). Belém: Prefeitura, [2018]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/lei-ordinaria/2018/940/9393/lei-ordinaria-n-9393-2018-reconhece-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-municipio-de-belem-as-boieiras-do-ver-o-peso-vendedoras-de-refeicao-do-mercado-ver-o-peso-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 7 abr. 2022.

BELÉM. Lei nº 9.395, de 31 de julho de 2018. Reconhece como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Município de Belém, os feirantes do Ver-o-Peso. Belém: Prefeitura, [2018]. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pa/b/belem/lei-ordinaria/2018/940/9395/lei-ordinaria-n-9395-2018-reconhece-como-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-do-municipio-de-belem-os-feirantes-do-ver-o-peso-e-da-outras-providencias?r=p>. Acesso em: 7 abr. 2022.

BELÉM. Lei nº 9.665, de 11 de janeiro de 2021. Institui o Programa de renda cidadã “Bora Belém” para enfrentamento da pobreza, extrema pobreza e altera dispositivos da Lei nº 9.491, de 16 de julho de 2019, e dá outras providências [2021]. Belém: Prefeitura, [2021]. Disponível em: <https://cmb.pa.gov.br/wp-content/uploads/2022/04/9665.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BELÉM 360. Complexo do Ver-o-Peso. Belém 360, 2025. Disponível em: <https://360.belem.pa.gov.br/equipamentos/ver-o-peso/>. Acesso em: 19 ago. 2025.

BENTES, Raimunda Nilma de Melo. Negritando. Belém: Graphitte, 1993.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Pactos Narcisísticos no Racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 169 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOGÉA, Hiroshi. As mudanças anunciadas para Belém como sede da COP 30. **Hiroshi Bogéa Online**, 26 maio 2023. Disponível em: <https://www.hiroshibogea.com.br/as-mudancas-anunciadas-para-belem-como-sede-da-cop-30/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BORGES, Marcos Trindade; RODRIGUES, Carmem Izabel. Relações e práticas comerciais no Porto do Açaí, Jurunas, Belém-PA. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, V; REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO NORTE E NORDESTE, XIV, Universidade Federal do Alagoas (UFAL)/Centro Universitário Tiradentes (UNIT), 2015. **Anais** [...]. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Marcos%20Trindade%20Borges%20-%201020496%20-%203732%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 12 out. 2025.

BRASIL. Lei Complementar nº 128, de 19 de dezembro de 2008. Altera a Lei Complementar no 123, de 14 de dezembro de 2006, altera as Leis nos 8.212, de 24 de julho de 1991, 8.213, de 24 de julho de 1991, 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, 8.029, de 12 de abril de 1990, e dá outras providências. Brasília: [2008]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm. Acesso em: 8 dez. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.982, de 2 de abril de 2020.** Altera a Lei nº 8.712, de 7 de dezembro de 1993, para dispor sobre parâmetros adicionais de caracterização da situação de vulnerabilidade social para fins de elegibilidade ao benefício de prestação continuada (BPC), e estabelece medidas excepcionais de proteção social a serem adotadas durante o período de enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19) responsável pelo surto de 2019, a que se refere a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Brasília: [2020]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113982.htm. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.284, de 29 de dezembro de 2021.** Institui o Programa Auxílio Brasil e o Programa Alimenta Brasil; define metas para taxas de pobreza; altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993; revoga a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, e dispositivos das Leis nºs 10.696, de 2 de julho de 2003, 12.512, de 14 de outubro de 2011, e 12.722, de 3 de outubro de 2012; e dá outras providências. Brasília: [2021]. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.284-de-29-de-dezembro-de-2021-370918498>. Acesso em: 12 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 15.251, de 03 de novembro de 2025.** Dispõe sobre a transferência simbólica da capital da República Federativa do Brasil para a cidade de Belém, no Estado do Pará, durante a 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30), a ser realizada no período de 11 a 21 de novembro de 2025. Brasília: [2025]. Disponível em: <https://in.gov.br/web/dou/-/lei-n-15.251-de-3-de-novembro-de-2025-666598905>. Acesso em: 4 jan. 2026.

BRASIL, Walena. **Mulheres, desenvolvimento local e sucesso:** as feirantes de Belém (PA) e as políticas públicas de geração de renda. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/items/57ab4334-231a-4cd8-a5ae-3e87611b4ff5>. Acesso em: 16 dez. 2025.

BRITO, Camila Malena Meiguins; NASCIMENTO, Wendy Victória Silva do; COUTO, Mayra Hermínia Simões Hamad Farias do; LAMEIRA, Sandra Maria de Araújo. As doenças ocupacionais em feirantes do Ver-o-Peso. In: COLÓQUIO ORGANIZAÇÕES, DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE – CODS 2019, X, 11 a 13 nov. 2019, Belém, PA. **Anais** [...]. Belém: UNAMA, 2019. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/coloquio/article/view/1810>. Acesso em: 20 out. 2021.

CALDEIRA, Teresa Pires. A presença do autor e a pós-modernidade na antropologia. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, p. 133-157, 1988. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-21/#gsc.tab=0>. Acesso em: 29 ago. 2025.

CÂMARA, Flávia Danielle da Silva. **Mulheres negras amazônidas frente à cidade morena:** o lugar da psicologia, os territórios de resistência. 2017. 215 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <https://ppgp.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/Turma%202015/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Flavia%20C%C3%A2mara%202017.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

CAMPELO, Marilu Márcia. Conflito e Espacialidades de um Mercado Paraense. *In*: LEITÃO, Wilma Marques (org.). **Ver-O-Peso: Estudos Antropológicos no Mercado de Belém**. Belém: NAEA, 2010.

CARDOSO, Maria Vitória Silva; FERREIRA, Luís Carlos. A mulher feirante e as invisibilidades da classe trabalhadora feminina: desafios interdisciplinares. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v. 9, n. 2, jul/dez., 2023, ISSN eletrônico: 2447-6498. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/22892/12287>. Acesso em: 7 set. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. p. 75. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. vol. I. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Cap. 4.

CASTRO, Ana Beatriz Amaral de; DIAS, Daniella Maria dos Santos. Belém, COP 30 e o direito à cidade: megaeventos, gentrificação e exclusão socioespacial. **Revista Aracê**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 2, p. 9062-9079, 2025.

CASTRO, Edna; ACEVEDO, Rosa. O lugar da mulher e do negro no mercado de trabalho no Pará. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 1, n. 2, p. 1-21, 1998. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/9/10>. Acesso em: 14 dez. 2025.

CASTRO, Fábio Fonseca de; XAVIER, Fábio Rodrigo de Moraes; CASTRO, Marina Ramos Neves de. A dimensão estética da feira do Guamá, Belém – PA. **VIS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB**, Brasília, v. 16, n. 2, julho-dezembro, 2017.

CASTRO, Marina Ramos Neves de; CASTRO, Fábio Fonseca de. Feira, forma, dom: Assimetrias da sociação numa feira de Belém. **Cuadernos de Antropologia Social**, n. 44, p. 101-113, 2016.

CASTRO, Rodrigo. Início de lockdown no Pará é marcado por aglomerações em tradicional feira livre do estado. **O Globo Época**, 10 maio 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/inicio-de-lockdown-no-para-marcado-por-aglomeracoes-em-tradicional-feira-livre-do-estado-24417835>. Acesso em: 3 jan. 2026.

CÍRIO DE NAZARÉ. O que é o Círio? **Círio de Nazaré**, 2025. Disponível em: <https://www.ciriodenazare.com.br/cirio/o-que-e-o-cirio>. Acesso em: 20 ago. 2025.

COLENY, Fabrício. 27 de março: 394 anos do Complexo Ver-o-Peso. **Aldeia Amazônica**, 2020. Disponível em: <https://aldeiaamazonia.com/noticias/27-de-marco-394-anos-do-complexo-ver-o-peso/>. Acesso em: 16 ago. 2025.

CONCEIÇÃO, Thayla Fernandes da. A Feira do Peixe, a Feira do Açaí. **Revista Científica Foz**, v. 2, n. 1, p. 73-85, jul. 2019.

CONRADO, Mônica. Segunda geração de brasileiros em Paramaribo e jovens brasileiros em mobilidade: uma etnografia. In: CONRADO, Mônica; BARROS, Thiane Neves; ESTEVES, Lorena (org.). **Amazônia Negra: imagens, narrativas e saberes em diálogo** (e-book). Castanhal: Monteiro Editora; Belém: NOSMULHERES, 2022. 120 p. Disponível em: <https://www.ppgcom.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/474-lancamento-ebook-amazonia-negra-imagens-narrativas-e-saberes-em-dialogo>. Acesso em: 12 out. 2024.

CONRADO, Mônica; ALENCAR, Breno Rodrigo de Oliveira. Família de Feirante, Feirante também é: Mães, Pais, Filhos(as) e Netos(as) da Feira da Prainha de Belém do Pará. In: ENCONTRO DA HISTÓRIA ORAL DO NORDESTE, V, 2005. **Anais** [...]. Disponível em: https://www.academia.edu/40512609/Fam%C3%ADlia_de_Feirante_Feirante_tamb%C3%A9m_%C3%A9_M%C3%A3es_Pais_Filhos_as_e_Netos_as_da_Feira_da_Prainha_de_Bel%C3%A9m_do_Par%C3%A1. Acesso em: 9 set. 2025.

COSTA JÚNIOR, José Maria Ferreira. Crédito e reciprocidade na feira da 25 de Setembro em Belém/PA: construindo um olhar antropológico sobre o campo de pesquisa. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, V; REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO NORTE E NORDESTE, XIV, Universidade Federal do Alagoas (UFAL)/Centro Universitário Tiradentes (UNIT), 2015. **Anais** [...]. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt28_e.php#gt. Acesso em: 3 abr. 2022.

COSTA JÚNIOR, José Maria Ferreira. Mercadores de obrigações: comércio, dádivas e reciprocidade na troca de valores na feira da 25 de Setembro em Belém/PA. In: BERNARDELLI, Luan Vinícius (org.). **A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Painel 1. Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem. 2004. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009. 432 p.

D'ALMEIDA, Denilson. Aglomeração de feirantes e consumidores no Ver-o-Peso não para. **Diário do Pará**, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://www.diarioonline.com.br/noticias/para/582070/aglomeracao-de-feirantes-e-consumidores-no-ver-o-peso-nao-para>. Acesso em: 14 dez. 2020.

DA MATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, Brasil, n. 27, mai., 1978.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. Apresentação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 40, p. 9-15, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Nx8fVxD6mTdJv3jTR8fHP8N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 maio 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAS, Veena. **Critical Events**: An Anthropological Perspective on Contemporary India. New Delhi: Oxford University Express, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIÁRIO DO PARÁ. Círio 2024: que horas começa, trajeto e história da grande procissão deste domingo (13). Fotografia de Wagner Almeida. **Diário do Pará**, 12 out. 2024. Disponível em: <https://diariodopara.com.br/cirio-de-nazare/cirio-2024-que-horas-comeca-trajeto-e-historia-da-grande-procissao-deste-domingo-13/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

DIEESE. **A inserção da população negra no mercado de trabalho**. São Paulo: DIEESE, 2024. 6 p. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2024/conscienciaNegraInfo.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2025.

DUARTE, Leandro Batista; CIRINO, Jader Fernandes; SETTE, Ana Beatriz Pereira. Informalidade e diferenciação de rendimento entre os setores formal e informal para a região metropolitana de Belém. **Revista de Estudos Sociais (RES)**, Faculdade de Economia: UFMT, Cuiabá – MT, v. 20, n. 40, p. 42-59, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/5387>. Acesso em: 12 dez. 2025.

DURKHEIM, Émile. A função da divisão do trabalho. In: DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. [1893] São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 13-37.

DURKHEIM, Émile. Solidariedade Orgânica. In: DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2015. p. 85-109.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. 1. ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Mercado Ver-o-Peso (Felipe Augusto Fidanza, 1875). **Itaú Cultural**, 4 dez. 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/97005-mercado-ver-o-peso>. Acesso em: 9 set. 2025.

ESTADO DO PARÁ ONLINE. Protesto na Avenida Tamandaré: trabalhadores bloqueiam via por atraso de pagamentos em obra da COP30. **Estado do Pará Online**, 17 out. 2025. Disponível em: <https://estadodoparaonline.com/protesto-na-avenida-tamandare-trabalhadores-bloqueiam-via-por-atraso-de-pagamentos-em-obra-da-cop30/>. Acesso em: 4 jan. 2026.

FARIAS, Luiz Alberto de; AGNELLI, Flavio. Porque um evento é Mega: a falta de consenso acerca do significado de “eventos” e “megaeventos esportivos”. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 1-10, jan-dez. 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/42788/28098>. Acesso em: 4 jan. 2026.

FEIRANTES do Ver-o-Peso utilizam o delivery para continuar as vendas durante pandemia. **Jornal Liberal 1ª ed.** Belém: TV Liberal, 17 jun. 2020. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8632692/>. Acesso em: 21 out. 2021.

FERREIRA, Eliana Ramos. Cidade de malvadezas ou de matar “bicudos”? Belém entre a Cabanagem e a Belle Époque. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXV, 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. ANPUH: 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_d1f66388657fdff1c41c926647a03eeb.pdf. Acesso em: 26 nov. 2025.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; CHAMBOULEYRON, Rafael; ALONSO, José Luis Ruiz-Peinado. Apresentação. Dossiê Amazônia e história global. **Revista Tempo**, vol. 23, n. 3, p. 504-505, set./dez., 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/128378581/Amaz%C3%B4nia_e_hist%C3%B3ria_global_Apresenta%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 14 ago. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil**. 5ª edição – 2005. Março de 2025. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2025/03/relatorio-visivel-e-invisivel-5ed-2025.pdf?v=13-03>. Acesso em: 5 fev. 2026.

FREITAS, Olga Lúcia Castreghini de. A COP 30 COMO MEGAEVENTO: recorrências nas práticas de intervenção urbana. In: FREITAS, Olga Lúcia Castreghini de; SANTOS, Tiago Veloso dos (org.). **A COP 30 como megaevento: repercussões espaciais em uma metrópole amazônica** [livro eletrônico]. Belém/PA: Amazônia Bookshelf, 2025. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.sp.gov.br/wp-content/uploads/sites/7/tainacan-items/277037/361019/07.05-22.06.04.01.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2026.

G1 PARÁ. Açaí, tucupi e maniçoba são liberados para venda nas áreas oficiais da COP 30, em Belém. **G1 Pará**, 16 ago. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/08/16/acai-tucupi-e-manicoba-sao-liberados-para-comercializacao-nas-areas-oficiais-da-cop-30-em-belem.ghtml>. Acesso em: 7 set. 2025.

G1 PARÁ. Calçadão do Ver-o-Peso reabre após reordenamento na área central de Belém. **G1 Pará**, 2 nov. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/11/02/calcao-do-ver-o-peso-e-reaberto-apos-reordenamento-na-area-central-de-belem.ghtml>. Acesso em: 4 jan. 2026.

G1 PARÁ. Círio 2024: Reveja a transmissão da Trasladação, a 2ª maior procissão da Festa de Nazaré. Fotografia de Manoel Campos. **G1 Pará**, 14 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/noticia/2024/10/14/cirio-2024-reveja-a-transmissao-da-traslacao-a-2a-maior-procissao-da-festa-de-nazare.ghtml>. Acesso em: 20 ago. 2025.

G1 PARÁ. Empresa de patinetes elétricos investiga tentativa de golpe com QR Codes falsos em Belém. **G1 Pará**, 19 ago. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/08/19/empresa-de-patinetes-eletricos-investiga-tentativa-de-golpe-com-qr-codes-falsos-em-belem.ghtml>. Acesso em: 4 jan. 2026.

G1 PARÁ. Feirantes reclamam de falta de lonas e outros problemas do espaço provisório no Ver-o-Peso, em Belém. **G1 Pará**, 25 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2024/06/25/feirantes-reclamam-de-falta-de-lonas-e-outros-problemas-do-espaco-provisorio-no-ver-o-peso-em-belem.ghtml>. Acesso em: 4 jan. 2026.

G1 PARÁ. ‘Geladão’: Setransbel orienta o uso de cartões Passe Fácil em vez de dinheiro em espécie nos ônibus. **G1 Pará**, 7 maio 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/05/07/geladao-setransbel-orienta-uso-de-cartoes-passe-facil-em-vez-de-dinheiro-em-especie-nos-onibus.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2025.

G1 PARÁ. Peixe frito com açaí é eleito prato símbolo de Belém em votação no G1. **G1 Pará**, 9 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/belem-400-anos/noticia/2015/12/peixe-frito-com-acai-e-eleito-prato-simbolo-de-belem-em-votacao-no-g1.html>. Acesso em: 22 ago. 2025.

G1 PARÁ. Revista internacional aponta Belém do Pará entre as dez melhores cidades gastronômicas do mundo. **G1 Pará**, 19 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/04/19/revista-internacional-aponta-belem-do-para-entre-as-dez-melhores-cidades-gastronomicas-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 26 nov. 2025.

G1 PARÁ. Ver-o-Peso é eleito símbolo dos 400 anos de Belém. **G1 Pará**, 23 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/belem-400-anos/noticia/2015/12/ver-o-peso-e-eleito-simbolo-dos-400-anos-de-belem.html>. Acesso em: 7 abr. 2022.

G1 PARÁ. Ver-o-Peso recebe Unidade Móvel do Sebrae. **G1 Pará**, 20 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/especial-publicitario/sebrae-para/compre-do-pequeno-amazonia-market/noticia/2021/08/20/ver-o-peso-recebe-unidade-movel-do-sebrae.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2022.

GAGO, Verónica. **A razão neoliberal**: economias barrocas e pragmática popular. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2018. 372 p.

GALVÃO, Lourdes Maria Santana; SILVA, Ana Paula Bastos da; LIMA, João Antônio Fonseca Lacerda. As representações raciais das mulheres paraenses através dos cartes-de-visite de Augusto Fidanza de 1869. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 26, p. 31-44, jul./dez., 2024. SEÇÃO A: Cultura e Resistência na construção da equidade de gênero. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18542/rcga.v0i26.18162>. Acesso em: 25 ago. 2025.

GEERTZ, Clifford. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. *In*: GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, 92/93, p. 69-81, jan-jun 1988.

GOVBR. Belém rumo ao Lixo Zero: Mercados Ver-o-Peso e São Brás viram modelos de sustentabilidade para a COP 30. Ministério do Turismo (Sustentabilidade na COP). **Gov**, 4 nov. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/belem-rumo->

ao-lixo-zero-mercados-ver-o-peso-e-sao-bras-viram-modelos-de-sustentabilidade-para-a-cop-30. Acesso em: 5 jan. 2026.

GOVBR. COP 30 é encerrada com o Pacote de Belém aprovado por 195 países. Secretaria de Comunicação Social (Meio Ambiente). **Gov**, 23 nov. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/11/cop30-e-encerrada-com-o-pacote-de-belem-aprovado-por-195-paises>. Acesso em: 4 jan. 2026.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Monitoramento COVID-19 (Secretaria de Saúde). **SESPA**, 30 dez. 2025. Disponível em: <https://www.covid-19.pa.gov.br/#/>. Acesso em: 3 jan. 2026.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. Parte IV, cap. 23.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IBGE. **Mapa da Distribuição Espacial da População Segundo Cor ou Raça – Pretos e Pardos – 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. 1 p. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/sociedade_e_economia/mapas_murais/brasil_pretos_pardos_2010.pdf. Acesso em: 4 ago. 2021.

IBGE. PAINEL PNAD CONTÍNUA. **Mercado de Trabalho**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://painel.ibge.gov.br/pnadc/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

IBGE. **Pesquisa Categorias profissionais**: data-base e base territorial. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. 617 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=284731>. Acesso em: 14 dez. 2020.

IBGE. Pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica**. Rio de Janeiro, n. 41, 2019. 12 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

IBGE. Pesquisa Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. **Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica**. Rio de Janeiro, n. 48, 2022, 2ª ed. 16 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 7 set. 2025.

IMAGEM peregrina de Nossa Senhora de Nazaré visita o Ver-o-Peso, em Belém. **Jornal Liberal 1ª ed.** Belém: TV Liberal, 9 out. 2025. Programa de TV. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/videos-jornal-liberal-1-edicao/video/imagem-peregrina-de-nossa-senhora-de-nazare-visita-o-ver-o-peso-em-belem-14000411.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2025.

INSTITUTO PÓLIS. Racismo ambiental e justiça socioambiental nas cidades. **Instituto Pólis**, jul. 2022. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/racismo-ambiental/>. Acesso em: 7 set. 2025.

IPHAN. Dicionário do Patrimônio Cultural. Gentrificação. Verbete Emanuel Oliveira Braga. **Portal Iphan**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/78/gentrificacao#:~:text=O%20voc%C3%A1bulo%20%E2%80%9Cgentrifica%C3%A7%C3%A3o%E2%80%9D%20%C3%A9%20um,espacial%20da%20cidade%20de%20Londres>. Acesso em: 4 fev. 2026.

IPHAN. Iphan reconhece Ofício das Tacacazeiras como Patrimônio Cultural do Brasil. **Portal Iphan**, 26 nov. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/iphan-reconhece-oficio-das-tacacazeiras-como-patrimonio-cultural-do-brasil>. Acesso em: 26 nov. 2025.

IPHAN. Revitalização da Feira do Ver-o-Peso: Projeto Básico. **Portal Iphan**, 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/1_%20Ver-o-Peso%20-%20APRESENTA%C3%87%C3%83O%20R01.pdf. Acesso em: 7 abr. 2022.

IPHAN. Ver-o-Peso (PA). **Portal Iphan**, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/828>. Acesso em: 30 out. 2021.

LABORATÓRIO VIRTUAL. Belém da Saudade do UFPA 2.0. **FAU ITEC UFPA**, 13 jun. 2014. Disponível em: <https://fauufpa.org/2014/06/13/do-ufpa-2-0-7/>. Acesso em: 9 set. 2025.

LABORATÓRIO VIRTUAL. Estação Ferroviária de São Brás. **FAU ITEC UFPA**, 29 set. 2011. Disponível em: <https://fauufpa.org/2011/09/29/estacao-ferroviaria-de-sao-bras/>. Acesso em: 9 set. 2025.

LABORATÓRIO VIRTUAL. Relatório que avalizou o recebimento do Mercado do Ver-o-Peso por Antonio Lemos em 1901. **FAU ITEC UFPA**, 12 maio 2015. Disponível em: <https://fauufpa.org/2015/05/12/relatorio-que-avalizou-o-recebimento-do-mercado-do-ver-o-peso-por-lemos/>. Acesso em: 9 set. 2025.

LABORATÓRIO VIRTUAL. O Ver-o-Peso em exclusivo Theodoro Braga de 1910. **FAU ITEC UFPA**, 25 abr. 2012. Disponível em: <https://fauufpa.org/2012/04/25/um-exclusivo-theodoro-braga-de-1910/>. Acesso em: 9 set. 2025.

LEAL, Vinícius (IDEFLOR-BIO). “Arrastão do Círio” do Arraial do Pavulagem celebra a fé e a cultura popular. Fotografia de Bruno Cecim. **Agência Pará**, 7 out. 2023. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/48046/arrastao-do-cirio-do-arraial-do-pavulagem-celebra-a-fe-e-a-cultura-popular>. Acesso em: 20 ago. 2025.

LEITÃO, Wilma Marques. Ver-o-Peso: um mercado de coisas boas e belas. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O COMÉRCIO E CIDADE*, IV, 26 a 28 mar. 2013, Uberlândia. **Anais** [...]. Disponível em: http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/019-wilma.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.

LIMA, Jacob. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 158-198, set./dez. 2010.

LIMA, Jacob; RANGEL, Felipe. Dimensões da nova informalidade no Brasil: considerações sobre o trabalho em pólos industriais e no comércio popular. *In: RODRIGUES, Iram Jácome*

(org.). **Trabalho e ação coletiva no Brasil: contradições, impasses, perspectivas** (1978-2018). São Paulo: Annablume, 2019. p. 15-40.

LIMA, Maria Dorotéia de. **Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará**. 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. p. 25.

LISBOA, Gleyce Tamirys Chagas; FREITAS, Nívia Magalhães da Silva; FREITAS, Nádia Magalhães da Silva. **Feira do Ver-o-Peso: um espaço não formal e interdisciplinar de educação**. Guia Didático. Belém: 2020. 35 p. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/566205/2/GUIA%20DIDATICO%20INTERATIVO%20-%20Feira%20do%20Ver-o-Peso%20-%20um%20espa%C3%A7o%20n%C3%A3o%20formal%20e%20interdisciplinar%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2025.

LOBATO, Flavio Henrique Souza; RAVENA-CANETE, Voyner. Farinha de Feira: memórias e identidades de vendedores em feiras do bairro do Guamá, Belém (PA). **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 242-271, jan./jun. 2015.

LUI, Gabriel Henrique; MOLINA, Silvia Maria Guerra. Ocupação humana e transformação das paisagens na Amazônia Brasileira. **Amazônica: Revista de Antropologia (Online)**, v. 1, p. 200-228, 2009.

MACHADO, Taís de Sant' Anna. **“Um pé na cozinha”**: uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil. 2021. 305 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. p. 221-222.

MACIEL, Fabrício (col.). Batalhadores Feirantes: O Ver-o-Peso de Belém e a Feira de Caruaru. In: SOUZA, Jessé (org.). **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. v. 1, p. 149-172, cap. 5.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista ANPOCS**. v. 17, n. 49, junho, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2026.

MARX, Karl. A assim chamada acumulação primitiva. In: MARX, Karl. **O Capital, Livro I**. [1867]. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 785-833.

MATOS, Glauber Lima; MARQUES, Sarah Rassy. COP 30 e os impactos para a mobilidade urbana de Belém/PA. In: DIÁLOGOS URBANOS – DIURB, V, 06 a 08 de maio de 2024, Universidade da Amazônia (UNAMA), Belém/PA. **Anais [...]**. Belém: Unama, 2024, Disponível em: https://www.sisgeenco.com.br/anais/diurb/2024/arquivos/GT_PPT_3_24_70_20240530191709.pdf. Acesso em: 22 maio 2025.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2015 [1925]. p. 183-314.

MEDEIROS, Jorge França da Silva. **As feiras livres em Belém (PA):** possibilidades e perspectivas de (re)apropriação do Território na/da cidade. 2010.

MOTA, Gabriel da. Zonas da COP 30: entenda o que são e como participar delas no evento que começa hoje. **O Liberal**, 10 nov. 2025. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cop-30/zonas-da-cop-30-entenda-o-que-sao-e-como-participar-delas-no-evento-que-comeca-hoje-1.1047659>. Acesso em: 5 fev. 2026.

NASCIMENTO, Ivanna da Silva; SILVA, Tatianne Vital de França e; MEDEIROS, Thaize de Sousa. Uma discussão acerca do trabalho informal no Centro Comercial de Belém - PA. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, IV, 25 a 28 de ago. de 2009, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís/MA. Neoliberalismo e lutas sociais: perspectivas para as políticas públicas. **Anais [...]**. São Luís - MA: UFMA, 2009. p. 1-8.

NASCIMENTO, Licia Tatiana Azevedo do; RODRIGUES, Carmem Izabel. Sociabilidades no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso: das práticas cotidianas à Festa de Nossa Senhora de Nazaré. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, v. 8, n. 16, p. 155-174, 20 jan. 2012. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/697>. Acesso em: 18 out 2025.

NASCIMENTO, Rebecca do; ELMESCANY, Raquel Serruya; RIBEIRO, Krishina Day; VIDAL, Josep Pont. Feiras livres em tempo de pandemia: um estudo de caso do município de Belém-PA. **Paper do NAEA**, Belém, vol. 29, n. 1, 2020 (Dossiê Crise e Pandemia). Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/9324/6455>. Acesso em: 19 out. 2021.

NOGUEIRA, Mauro Oddo; CARVALHO, Sandro Sacchet de. Trabalho precário e informalidade: desprecariando suas relações conceituais e esquemas analíticos. **Texto para discussão**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Rio de Janeiro, n. 2707, dez. 2021. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/211210_td_2707_web.pdf. Acesso em: 2 dez. 2025.

NOLETO, Rafael da Silva. Cor de jambo e outros matizes amazônicos: sobre a abolição da mulata e o advento da morena cheirosa nas festas juninas de Belém. **MANA**, 24 (2), p. 132-173, ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/CctJcnSk9dMYch4RRTStRTs/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

NOTÍCIAS STF. STF tem oito votos para reconhecer violações graves a direitos da população negra. **Notícias STF**, 27 nov. 2025. Disponível em: <https://noticias.stf.jus.br/postsnoticias/maioria-do-plenario-reconhece-violacoes-graves-a-preceitos-fundamentais-da-populacao-negra/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves. Boulevard da República: espaço republicano construído na Baía do Guajará (Belém, PA). **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais – RBHCS**, vol. 9, n. 18, p. 72-91, julho-dezembro, 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10749/pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.

NUNES, Mateus Carvalho; NUNES, Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves; EIRÓ, Jorge. A construção imagética de uma Belém idílica: trans-historicidade e movimento das imagens nas apólices da Port of Pará. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, vol. 29, p. 1-37, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02672021v29e48>. Acesso em: 6 fev. 2026.

OBSERVATÓRIO ESTADUAL DE DIREITOS HUMANOS NO PARÁ – observaDHpa. População negra. **observaDHpa**, 5 jun. 2025 (atual. 16 jul. 2025). Disponível em: <https://www.observapa.org/post/popula%C3%A7%C3%A3o-negra>. Acesso em: 7 set. 2025.

O LIBERAL. Belém promete reformas e investimentos pensando na COP 30. **O Liberal**, 2 jun. 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cop-30/belem-promete-reformas-e-investimentos-pensando-na-cop-30-1.689054>. Acesso em: 10 set. 2025.

O LIBERAL. Ônibus de Belém terão passagem gratuita a partir deste domingo (13). **O Liberal**, 12 abr. 2025. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/onibus-de-belem-terao-passagem-gratuita-a-partir-deste-domingo-13-4-1.945136>. Acesso em: 21 maio 2025.

OLIVEIRA, Daniela Ribeiro de; PIRES, Aline Suelen; MARTINS, Amanda Coelho. Fronteiras indistintas: espaço e tempo no trabalho de tecnologia da informação. **Revista de Ciências Sociais (Política e Trabalho)**, n. 46, p. 159-180, janeiro/junho de 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/115176514/FRONTEIRAS_INDISTINTAS_espa%C3%A7o_e_tempo_no_trabalho_de_tecnologia_da_informa%C3%A7%C3%A3o_TI_email_work_card=view-paper. Acesso em: 16 dez. 2025.

OLIVÉRIO, Djamilla Alves (col.). Batalhadores e Racismo. In: SOUZA, Jessé (org.). **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. v. 1, p. 173-196, cap. 6.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Estresse térmico afeta um número crescente de trabalhadores em todo o mundo, alerta OIT. **OIT**, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/news/estresse-termico-afeta-um-numero-crescente-de-trabalhadores-em-todo-o-mundo>. Acesso em: 6 set. 2025.

PARÁ (Estado). **Decreto Estadual nº 729, de 05 de maio de 2020**. Dispõe sobre a suspensão total de atividades não essenciais (*lockdown*), no âmbito dos Municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Castanhal, Santa Isabel do Pará, Santa Bárbara do Pará, Breves, Vigia e Santo Antônio do Tauá visando a contenção do avanço descontrolado da pandemia do corona vírus COVID-19. Belém, PA: Diário Oficial do Estado, 2020. Disponível em: <https://www.semas.pa.gov.br/legislacao/normas/view/4142>. Acesso em: 10 ago. 2023.

PARÁ (Estado). **Decreto Estadual nº 800, de 31 de maio de 2020**. Institui o projeto RETOMAPARÁ, dispondo sobre a retomada econômica e social segura, no âmbito do Estado do Pará, por meio da aplicação de medidas de distanciamento controlado e protocolos

específicos para reabertura gradual e funcionamento de segmentos e atividades econômicas e sociais, e revoga o Decreto Estadual nº 729, de 05 de maio de 2020, e o Decreto Estadual nº 777, de 23 de maio de 2020 (republicado). Disponível em: https://www.semas.pa.gov.br/legislacao/files/pdf/6558_compilada.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

PARÁ (Estado). **Lei 9.032, de 20 de março de 2020**. Fica criado o Fundo Esperança, destinado a dar apoio emergencial aos pequenos e microempreendedores, no âmbito do Estado do Pará. Belém: 2020. Disponível em: https://www.seap.pa.gov.br/sites/default/files/01_-_fundo_esperaca.pdf. Acesso em: 12 ago. 2023.

PARÁ (Estado). **Lei 9.139, de 29 de outubro de 2020**. Institui, no âmbito do Estado do Pará, o Programa Estadual Extraordinário de Transferência de Renda – Renda Pará, com o objetivo de transferir renda aos cidadãos atingidos social e economicamente pela pandemia da COVID-19, de modo a mitigar os seus efeitos. Belém: 2020. Disponível em: <https://www.pge.pa.gov.br/sites/default/files/publicacoes/covid-19/legislacao/lo9139.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2023.

PASSOS, Marcus; NEVES, Thaís. Obras da COP 30: moradores celebram novas áreas de lazer, mas enfrentam transtornos e mudanças nos prazos. **G1 Pará**, 5 set. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2025/09/05/obras-da-cop-30-moradores-celebram-novas-areas-de-lazer-mas-enfrentam-transtornos-e-mudancas-nos-prazos.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2025.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém - Estudo de Geografia Urbana**. 1º vol. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968.

PILÃO, Valéria. A transformação urbana por meio de megaeventos e da cultura: quem ganha? **Revista Aurora**, Marília, SP, v. 9, n. 01, p. 128-147, 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/aurora/article/view/6478>. Acesso em: 5 set. 2025.

PIMENTEL, Dilson. Complexo do Ver-o-Peso movimentará R\$ 1 milhão por dia. **O Liberal**, 26 mar. 2019. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/complexo-do-ver-o-peso-movimenta-r-1-milh%C3%A3o-por-dia-1.98984>. Acesso em: 22 ago. 2025.

PIMENTEL, Dilson. Reforma do Ver-o-Peso deve ser concluída no primeiro semestre de 2024, diz prefeito. **O Liberal**, 27 mar. 2023. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/reforma-do-ver-o-peso-deve-ser-concluida-no-primeiro-semester-de-2024-diz-prefeito-1.661950>. Acesso em: 12 jun. 2023.

PINHEIRO, Tainara Lúcia; RODRIGUES, Carmem Izabel. Mediações visíveis na cidade: Olhares sobre o racismo em Belém do Pará. **Nova Revista Amazônica**, Bragança, vol. VIII, n. 02, p. 47-64, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/9372/6474>. Acesso em: 14 dez. 2020.

PINHEIRO, Tainara Lúcia; RODRIGUES, Carmem Izabel. Por acaso sou negra? Na Amazônia, em Belém, no encontro com outrem. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP)**, Belém, v. 08, n. 01, p. 118-136, jan.-jun., 2021. ISSN 2359-0831 – on line.

Disponível em: <https://ihgp.net.br/revistaojs/index.php/revihgp/article/view/31/33>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PIRES, Gabriel. Temperatura máxima em Belém já superou o limite estabelecido pelo Painei das Nações Unidas. **O Liberal**, 15 mar. 2025. Disponível em: <https://www.oliberal.com/belem/temperatura-maxima-em-belem-ja-superou-limite-estabelecido-pelo-painel-das-nacoes-unidas-1.929861>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PIRES, Válber de Almeida. **Nova informalidade entre os vendedores autônomos do centro comercial de Belém do Pará e o caso do Espaço Palmeira**. 2014. 383 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014. p. 44-45.

PONTE, Juliano Pamplona Ximenes. Belém do Pará: cidade e água. Dossiê: água urbanas. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 41-60, maio 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2015-3302>. Acesso em: 17 mar. 2025.

PONTE, Romero Ximenes. **Amazônia – A hipérbole e o pretexto**. 2000. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000. p. 5. Disponível em: https://www.academia.edu/29354300/Amaz%C3%B4nia_a_hip%C3%A9rbole_e_o_pretexto. Acesso em: 5 fev. 2026.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PA). Crédito Solidário. **Prefeitura Municipal de Belém**, 18 out. 2022. Disponível em: <https://prefeitura.belem.pa.gov.br/servicos/credito-solidario/>. Acesso em: 09 set. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PA). Painel Covid-19/Contrato Emergencial. **Prefeitura Municipal de Belém**, 10 jun. 2021. Disponível em: <http://contratoemergencial.belem.pa.gov.br/painel-covid-19/>. Acesso em: 3 jan. 2026.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM (PA). Vendedora de Tacacá. Acervo de Obras. **Belém 360**, 2025. Disponível em: <https://360.belem.pa.gov.br/acervo/vendedora-de-tacaca/>. Acesso em: 31 dez. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL (RN). Prefeitura divulga pesquisa sobre casos de assédio nas feiras livres. **Prefeitura Municipal de Natal**, 06 mar. 2020. Disponível em: <https://natal.rn.gov.br/news/post2/32600>. Acesso em: 25 nov. 2025.

RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco. **Sociologia do Trabalho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

REBELLO, Fabrício Khoury; SANTOS, Paola Côrrea dos; SANTOS, Marcos Antônio Souza dos. Boieiras do Ver-o-Peso: tradição, cultura e valores não econômicos da culinária regional na mais importante feira da Amazônia brasileira. **Confins – Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 50, 2021. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/37200>. Acesso em: 7 abr. 2022.

REIS, Gustavo Cantanhêde dos. Trabalho informal e espaço público: de quem são as ruas? **Laborare**, ano V, n. 8, p. 129-163, Jan-Jun/2022. ISSN 2595-847X. Disponível em: <https://doi.org/10.33637/2595-847x.2022-111>. Acesso em: 8 dez. 2025.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A globalização popular e o sistema mundial não hegemônico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 25, n. 74, p. 21-38, out. 2010.

RODRIGUES, Carmem Izabel; BORGES, Marcos Trindade. Economia informal no bairro do Jurunas, Belém (PA). In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., GT 02, 02 a 05 jul. 2012. São Paulo – SP, Brasil. **Anais [...]**. Brasília: ABA, 2012.

SAHLINS, Marshall. Cap. 4: La Pensée Bourgeoise: a sociedade ocidental enquanto cultura. In: SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Zahar, [1973] 2003. 321 p.

SALES, Josias de Souza. **Feira do Açaí**: Etnografia da cadeia produtiva do açaí *in natura* em Belém/PA. 2014. 201 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará**: sob o regime de escravidão. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Universidade Federal do Pará, 1971. (Coleção Amazônica, Série José Veríssimo).

SANTOS, Joise Maria Rêgo. Fome em famílias chefiadas por mulheres. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO ACADÊMICA – SEMOC, VIII, 17 a 21 de outubro de 2005, Universidade Católica de Salvador. **Anais [...]**. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2360/1/Fome%20em%20fam%C3%ADlias%20chefiadas%20por%20mulheres.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SANTOS, José Erimar dos. Feiras livres: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-internacional. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 17, n. 2, p. 39-56, mai./ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/10771/pdf>. Acesso em: 21 out. 2025.

SANTOS, Márcia Pereira do; NERY, Joilda Silva; GOES, Emanuelle Freitas; SILVA, Alexandre da; SANTOS, Andreia Beatriz Silva dos; BATISTA, Luís Eduardo; ARAÚJO, Edna Maria de. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos Avançados**, São Paulo, 34 (99), p. 225-243, 2020.

SANTOS, Maria Vanda dos; SANTOS, Joelma Cristina dos. Espaço e gênero: um olhar a partir das atividades laborais das mulheres da Feira do Sindicato de Ituiutaba - MG. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium**, Ituiutaba, v. 14, n. 2, p. 24-39, jul./dez., 2023. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=10111907>. Acesso em: 15 nov. 2025.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Edusp (Editora da Universidade de São Paulo), [1979] 2004. 437 p.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, [1978] 2009. 136 p. (Coleção Milton Santos).

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e Justiça**: a política social na ordem brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1979. 138 p.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**, 19, Edição Especial 1, p. 95-102, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: SCOTT, Joan. Gender: a useful category of history analyses. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989. p. 1-35.

SEABRA, Amanda; COSTA, Victória. Dinâmicas de uma paisagem urbana em uma avenida histórica amazônica. **Urbania**: Revista latinoamericana de arqueologia e historia de las ciudades, Buenos Aires, n. 10, p. 93-103, 2021. ISSN 1853-7626/2591-5681. DOI: 10.5281/zenodo.5806724. Disponível em: <https://www.aacademica.org/urbania/93.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SENA, Ana Laura dos Santos. Dimensões da informalidade em Belém. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, vol. 2, n. 2, p. 191-204, dez. 1999. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/3130/1/Artigo_DimensoesInformalidadeBelem.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. 14. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2009.

SETUR – Secretaria de Estado de Turismo. Comemoração ao 392º aniversário da feira do “Ver-o-Peso”. **Governo do Pará**, Belém, 27 mar. 2019. Disponível em: <https://setur.pa.gov.br/eventos/comemoracao-ao-392o-aniversario-da-feira-do-ver-o-peso>. Acesso em: 6 fev. 2026.

SILVA, Gabrielle Tavares da; DANTAS, Luísa Maria Silva. Idas e Vindas e Vidas: cotidiano e trabalho doméstico remunerado durante a pandemia da Covid-19 em Belém/PA. Dossiê. Parte A. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 19, p. 15-28, jan./jul., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13309>. Acesso em: 2 dez. 2025.

SILVA, Leandro Oliveira da. Aspectos da formação espacial da feira e mercado de São Brás - Belém. Usos e Trocas, Relações e Conflitos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, XVIII, 24 a 30 de julho de 2016, São Luís, Maranhão. **Anais [...]**. São Luís: AGB, 2016.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Da informalidade à empregabilidade (reorganizando a dominação no mundo do trabalho). **Caderno CRH**, Salvador, n. 37, p. 81-109, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18603/11977>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SILVA, Luiz de Jesus Dias da; RODRIGUES, Carmem Izabel. Círio de Nazaré: a festa urbana de fé e a homenagem dos trabalhadores do Ver-o-Peso à padroeira dos paraenses. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 30, p. 1-20, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3506/1677>. Acesso em: 18 out. 2025.

SILVA, Luiz de Jesus Dias da; RODRIGUES, Carmem Izabel. Pedra do Peixe: redes sociais na circulação do pescado do Ver-o-Peso para a cidade de Belém do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 11, n. 3, p. 581-599, set.-dez. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222016000300003>. Acesso em: 22 ago. 2025.

SILVA, Marley Antonia Silva da. **Nas correntes do atlântico norte e sul: tráfico de escravizados para Belém do Grão-Pará (1777-1841)**. 2020. 237 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: https://pphist.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/teses/2020/SILVA_Marley_Tese.pdf. Acesso em: 12 out. 2024.

SILVA, Mayara de Oliveira. **Nas veredas da sobrevivência: Mulheres no setor informal na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará**. 2021. 159 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. p. 50-52.

SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. Etnografando mercados: trabalho, sociabilidade e lazer no Ver-o-Peso. **Somanlu**, Manaus, ano 11, n. 1, p. 27-44, jan./jun. 2011.

SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. **Ver-a-cor: um estudo sobre as relações sociais no mercado do Ver-o-Peso em Belém (PA)**. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 74. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89854/246840.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SIMMEL, Georg. O problema da sociologia. In: **Sociologia**. Tradução: Carlos Alberto Pavanelli *et al*; Organização: Evaristo de Moraes Filho; Coordenação: Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Tradução: Carlos Alberto Pavanelli *et al*; Organização: Evaristo de Moraes Filho; Coordenação: Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SNYDER, Michael. The Best Places to Eat in Brazil's Most Dynamic Food Destination. **Travel and Leisure**, 5 nov. 2025. Disponível em: <https://www.travelandleisure.com/belem-brazil-restaurants-chefs-11819558>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SOUSA, Erika de; ALVES, Raynon Joel Monteiro; SILVA, Janaina Martinez da; DIAS, Nayara de Miranda; SILVA, Lauriane Chaves da. Prospecção socioeconômica em feiras livres: o caso do Complexo do Ver-o-Peso, Belém, Pará, Brasil. **Revista Espacios**, Caracas, v. 38, n. 36, ano 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n36/a17v38n36p05.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2020.

SOUZA, Dalyson Henriques Barros de; DANTAS, José Carlos; MATIAS, Thyago Barbosa de Oliveira; MOREIRA, Emilia. Feira livre e cultura popular: espaço de resistência ou subalternidade? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, VII, 10 a 16 de agosto de 2014, Vitória/ES. **Anais [...]**. Vitória: AGB, 2014.

TAKETA, Brenda. Na preparação para a COP 30, Belém sofre com especulação imobiliária, mudanças no plano diretor e condições insalubres de trabalho. **Brasil de Fato**, 24 abr. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/04/24/na-preparacao-para-a-cop-30-belem-sofre-com-especulacao-imobiliaria-mudancas-no-plano-diretor-e-condicoes-insalubres-de-trabalho/>. Acesso em: 19 maio 2025.

TAKETA, Brenda. Vale tudo para maquiar a COP 30? **Sumaúma**, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://sumauma.com/vale-tudo-para-maquiar-belem-para-a-cop-30/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA; Daniel Veloso. Cidades e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 173-191, 2007.

TRICHES, Rozane Marcia; DAL AGNOL, Luana Juçara; ROSSI, Camila Elizandra. Percepções de feirantes e gestores públicos em relação às feiras livres da microrregião Capanema - PR. **DRd – Desenvolvimento Regional em Debate**, Canoinhas, v. 14, p. 477-493, 2024. DOI: 10.24302/drd.v14.3752. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/drd/article/view/3752>. Acesso em: 21 out. 2025.

TSUBAKI, Bianca Mycaella dos Santos. **Organizações e percepções sobre o trabalho na feira de artesanato da praça da República em Belém**. 2024. 116 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024. p. 14-16.

UCHÔA, Fabíola (JUCEPA). Abertura de MEIs cresce no Pará impulsionada pela COP em Belém. **Agência Pará**, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/64450/abertura-de-meis-cresce-no-para-impulsionada-pela-cop-30-em-belem>. Acesso em: 8 dez. 2025.

UEPA. **Evolução da prevalência de infecção pela Covid-19, no Estado do Pará: Relatório Executivo – Julho 2020 1ª etapa**. Pará: UEPA; SESP, 2020. Disponível em: https://paginas.uepa.br/campusxix/wp-content/uploads/2020/08/Relato%CC%81rio-Executivo_Para%CC%81_1%C2%BA-Etapa_REVISADO.pdf. Acesso em: 4 ago. 2021.

UFPA. Relatório Especial Impactos da Crise Pandêmica e Econômica no Mercado de Trabalho Paraense. **Observatório Paraense do Mercado de Trabalho (OPAMET)**, fev. 2021. Disponível em: <https://ascom.ufpa.br/links/outros/Relat%C3%B3rioEspecialOpamet.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

UOL. Belém faz testagem em massa em comércio para medir índice de contaminados. **UOL**, São Paulo, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/07/02/belem-40-de-contaminados-em-testagem-aposta-em-imunizacao.htm>. Acesso em: 4 ago. 2021.

VEDANA, Viviane. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIDIGAL, Enize. Banco do Povo de Belém mudou para imóvel histórico na avenida Nazaré. **Agência Belém**, 17 set. 2021. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/221676/banco-do-povo-de-belem-mudou-para-imovel-historico-na-avenida-nazare>. Acesso em: 12 dez. 2025.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. Tradução: Antônio Carlos Pinto Peixoto. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 68-89.

WERNECK, Jurema. Impactos da covid-19 na comunidade negra, com destaque para a vida das mulheres. **Anistia Internacional**, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cssf/arquivos/23-08-2021-covid19-na-comunidade-negra-jurema-verneck>. Acesso em: 12 out. 2024.